

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

**THAIS GONSALES SOARES**

**NARRATIVAS DE BRASIL SOB O INFLUXO DAS FORMULAÇÕES  
NIETZSCHIANAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX -  
ELYSIO DE CARVALHO E NESTOR VITOR**

**FRANCA**

**2021**

**THAIS GONSALES SOARES**

**NARRATIVAS DE BRASIL SOB O INFLUXO DAS FORMULAÇÕES  
NIETZSCHIANAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX -  
ELYSIO DE CARVALHO E NESTOR VITOR**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Franca, como pré-requisito para a obtenção do título de doutora em História.

Linha de Pesquisa: História e Cultura Social.

Orientadora: Profa. Dra. Virgínia Célia Camilotti.

**FRANCA**

**2021**

S676n Soares, Thais Gonsales  
Narrativas de Brasil sob o influxo das formulações nietzschianas no início do século XX - Elysio de Carvalho e Nestor Vitor / Thais Gonsales Soares. -- Franca, 2021  
174 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca  
Orientadora: Virgínia Célia Camilotti

1. Narrativas de Brasil. 2. Elysio de Carvalho. 3. Nestor Vitor. 4. Friedrich Nietzsche. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

THAIS GONSALES SOARES

**NARRATIVAS DE BRASIL SOB O INFLUXO DAS FORMULAÇÕES  
NIETZSCHIANAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX -  
ELYSIO DE CARVALHO E NESTOR VITOR**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para a obtenção de título de Doutora em História.

**BANCA EXAMINADORA**

Presidente:

\_\_\_\_\_  
**Profa. Dra. Virginia Célia Camilotti**  
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

1º Examinadora:

\_\_\_\_\_  
**Profa. Dra. Márcia Regina Capelari Naxara**  
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

2º Examinadora:

\_\_\_\_\_  
**Profa. Dra. Karina Anhezini de Araujo**  
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

3º Examinador:

\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Antonio Edmilson Martins Rodrigues**  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

4º Examinador:

\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Marçal de Menezes Paredes**  
Pontifícia Universidade Católica do RS (PUC-RS)

Franca, agosto de 2021

## AGRADECIMENTOS

À professora Virgínia Célia Camilotti, por quem carrego grande admiração desde a graduação, agradeço pelo incentivo constante, pelas orientações atentas e por me instigar à busca de novos horizontes.

Às professoras Márcia Regina Capelari Naxara e Karina Anhezini de Araujo, pela leitura cuidadosa do trabalho e pelas preciosas sugestões dadas no exame de qualificação.

Ao professor José Adriano Fenerick, pelas provocações, incentivo e acolhimento em terras francanas.

À minha família, que soube compreender os muitos momentos que me privei de sua companhia.

Aos meus amigos, Vanessa Pironato, Tailene, Thiago Bonfim, Ednilson e Angelina, com os quais pude contar sempre e que estiveram, cada um a sua maneira, presentes na construção desse trabalho, me incentivando e encorajando.

Ao Allan, por escolher caminhar comigo e ser sempre abrigo.

SOARES, Thais Gonsales. *Narrativas de Brasil sob o influxo das formulações nietzschianas no início do século XX – Elysio de Carvalho e Nestor Vitor*. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- UNESP, Franca SP, 2021.

## RESUMO

A imprensa brasileira passou a publicar, a partir do final do século XIX, textos sobre a filosofia nietzschiana em diversos formatos, como artigos, ensaios, poesias, entre outros. Desde então, a repercussão das produções do e sobre o filósofo alemão tornou-se expressiva no Brasil e suas formulações foram apropriadas por diferentes grupos. Contudo, apesar do crescimento dessa repercussão, há poucos estudos relacionados à recepção e a apropriação de suas ideias no cenário nacional. Nesse sentido, esta tese buscou investigar a recepção das formulações nietzschianas e como tais formulações foram apropriadas por dois intelectuais brasileiros comprometidos com o pensar sobre o Brasil e sua produção cultural na modernidade: Elysio de Carvalho (1880-1925) e Nestor Vitor (1868-1932). Quanto à produção de Elysio de Carvalho, a análise ocupou-se das obras de história do Brasil, com destaque para *Esplendor e decadência da sociedade brasileira* (1911), *Brava gente* (1921) e *Os bastiões da nacionalidade* (1922). Nestor Vitor teve uma considerável produção de cartas e artigos em jornais e revistas, poemas, ensaios, romances e novelas, mas foi principalmente devido a suas obras de crítica literária que sua produção se tornou notória. Foi também em seus textos como crítico que se identificou indícios da apropriação das formulações nietzschianas, de modo que essa produção foi o objeto privilegiado nesta tese. Assim, priorizou-se a escrita da história e a crítica literária como gêneros para análise da recepção das formulações nietzschianas no cenário nacional e na produção de ambos, identificou-se a construção de distintas narrativas de Brasil. Nas obras de Carvalho, evidenciou-se a elaboração de tramas que articularam passado-presente-futuro enunciando um Brasil constituído pelos elementos da latinidade e com a valorização da concepção dionisíaca da vida – identificados como apropriações de formulações elaboradas por Nietzsche. Ainda em sua obra, um passado como utopia foi apresentado a partir da construção de uma narrativa histórica que, na perspectiva nietzschiana, se evidenciaria como uma história monumental. Sob outra perspectiva se apresentou Vitor, que, como um psicólogo da sociedade – tal como Nietzsche o propôs –, dedicou-se à caracterização da *psique* do brasileiro. Para o crítico literário, a constituição de um projeto de futuro para a nação seria possível apenas a partir da inscrição dos “decaídos, humilhados e refugados” à história do Brasil, propondo assim, na perspectiva nietzschiana, uma história crítica.

**Palavras-chave:** Narrativas de Brasil. Elysio de Carvalho. Nestor Vitor. Friedrich Nietzsche.

## ABSTRACT

The Brazilian press began to publish, from the end of the 19th century, texts on Nietzsche's philosophy in various formats, such as articles, essays, poetry, among others. Since then, the repercussion of the productions of and on the German philosopher has become significant in Brazil and his formulations have been appropriated by different groups. Nevertheless, in spite of the growth of this repercussion, there are few studies related to the reception and appropriation of their ideas on the national scene. In that regard, this thesis sought to investigate the reception of Nietzsche's formulations and how such formulations were appropriated by two Brazilian intellectuals committed to thinking about Brazil and its cultural production in modernity: Elysio de Carvalho (1880-1925) and Nestor Vitor (1868- 1932). Regarding to the production of Elysio de Carvalho, the analysis focused on works on the history of Brazil, with emphasis on the *Esplendor e decadência da sociedade brasileira* (1911), *Brava gente* (1921) e *Os bastiões da nacionalidade* (1922). Nestor Vitor had a considerable production of letters and articles in newspapers and magazines, poems, essays, novels and short novels, but it was mainly due to his works of literary criticism that his production became notorious. It was also in his texts as a critic that evidence of the appropriation of Nietzsche's formulations was identified, so as to this production was the privileged object in this thesis. Therefore, the writing of history and the literary criticism were prioritized as genres for the analysis of the reception of Nietzsche's formulations on the national scene and in the production of both, the construction of different narratives in Brazil was identified. In Carvalho's works, the construction of plots that articulated past-present-future was evidenced, enunciating a Brazil constituted by the elements of Latinity and with the valorization of the Dionysian conception of life – identified as appropriations of formulations elaborated by Nietzsche. Also in his work, a past as utopia was presented based on the construction of a historical narrative that, from the Nietzschean perspective, would be evidenced as an monumental history. From another perspective, Vitor was introduced, that, as a psychologist of society – as Nietzsche proposed him – dedicated himself to the characterization of the Brazilian psyche. For the literary critic, the constitution of a project for the future for the nation would only be possible after the enrollment of the “fallen, humiliated and refugees” in the history of Brazil, proposing, from the Nietzschean perspective, a critical history.

**Keywords:** Narratives of Brazil. Elysio de Carvalho. Nestor Victor. Friedrich Nietzsche.

## RÉSUMÉ

La presse brésilienne a commencé à publier, à partir de la fin du XIXe siècle, des textes sur la philosophie de Nietzsche en divers formats, tels que des articles, des essais, de la poésie, entre autres. Depuis lors, la répercussion des productions du et sur le philosophe allemand est devenue répercussion au Brésil et ses formulations ont été appropriées par différents groupes. Cependant, malgré la croissance de cette répercussion, il existe peu d'études sur la réception et l'appropriation de leurs idées dans la scène nationale. En ce sens, cette thèse a étudié la réception des formulations de Nietzsche et comment ces formulations ont été appropriées par deux intellectuels brésiliens engagés à penser le Brésil et sa production culturelle dans la modernité: Elysio de Carvalho (1880-1925) et Nestor Vitor (1868- 1932). Quant à la production d'Elysio de Carvalho, l'analyse s'est concentrée sur des travaux sur l'histoire du Brésil, en mettant l'accent sur l'œuvres *Esplendor e decadência da sociedade brasileira* (1911), *Brava gente* (1921) et *Os bastiões da nacionalidade* (1922). Nestor Vitor a eu une production considérable de lettres et d'articles dans les journaux et magazines, de poèmes, d'essais, de romans, mais c'est principalement pour ses œuvres de critique littéraire que sa production est devenue notoire. C'est aussi dans ses textes de critique qu'ont été identifiés l'appropriation des formulations de Nietzsche, si bien que cette production a été l'objet privilégié de cette thèse. Ainsi, nous avons priorisé l'écriture de l'histoire et la critique littéraire en tant que genres pour analyser la réception des formulations de Nietzsche sur la scène nationale et dans la production des deux, en identifiant la construction de différents récits au Brésil. Dans les œuvres de Carvalho, l'élaboration d'intrigues qui articulaient passé-présent-futur était évidente, énonçant un Brésil constitué par les éléments de latinité, avec la valorisation de la conception dionysiaque de la vie – identifiée comme des appropriations de formulations de Nietzsche. Dans son travail, un passé comme utopie a été présenté sur la base de la construction d'un récit historique qui, du point de vue nietzschéen, serait comme une histoire antiquaire. Vitor a été présenté différemment, en tant que psychologue de la société – comme l'a proposé Nietzsche – et s'est consacré à la caractérisation de la psyché brésilienne. Pour le critique littéraire, la constitution d'un projet d'avenir pour la nation ne serait possible qu'après l'inscription des « déçus, humiliés et réfugiés » dans l'histoire du Brésil, proposant ainsi, dans la perspective nietzschéenne, une histoire critique.

**Mots-clés :** Récits du Brésil. Elysio de Carvalho. Nestor Victor. Friedrich Nietzsche.

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>9</b>
1 - Os muitos lugares de Nietzsche: recepções e apropriações.....	16
2 - Entre o esplendor e a decadência da sociedade brasileira: Elysio de Carvalho .....	34
2.1 Elysio de Carvalho: suas leituras e seus leitores .....	34
2.2 Esplendor e decadência: uma história do Brasil a partir das formulações nietzschianas.....	52
2.3 Em destaque, a latinidade.....	65
2.4 <i>Brava gente</i> : Uma narrativa de herói .....	76
2.5. Da origem épica ao presente em construção: <i>Os bastiões da nacionalidade</i> .....	85
2.6. O destino brasileiro: a redenção do sertão pela cultura moral .....	97
3 - Reflexões sobre o Brasil na crítica literária de Nestor Vitor.....	101
3.1 Modernidade, individualismo, latinidade e América Latina .....	114
3.2 Nestor Vitor e a construção do brasileiro.....	133
3.3 Um filósofo brasileiro: Farias Brito .....	157
<b>Contrastes (ou considerações finais) .....</b>	<b>161</b>
<b>Referências .....</b>	<b>168</b>

## Introdução

Nessas circunstâncias existe um dever, contra o qual no fundo rebelam-se os meus hábitos, e mais ainda o orgulho de meus instintos, que é dizer: Ouçam-me! Pois eu sou tal e tal. Sobretudo não me confundam!<sup>1</sup>

Em 1888, Friedrich Nietzsche iniciava sua autobiografia intitulada *Ecce homo: como alguém se torna o que é*, afirmando que era seu dever dizer à humanidade quem ele era e solicitando, como se pode notar na epígrafe, que não fosse confundido. Desde a primeira publicação de *Ecce Homo* em 1908, momento em que sua solicitação se tornou manifesta, diversas foram as interpretações sobre a filosofia proposta por Nietzsche e várias foram as áreas de conhecimento que se ocuparam de suas obras. Houve momentos em que sua solicitação não obteve êxito e algumas deturpações fizeram de seus escritos algo condenável, vindo neles antecipações do nazismo, por exemplo<sup>2</sup>.

Como veremos brevemente a seguir, as pesquisas referentes à recepção das formulações do filósofo foram muitas desde sua morte. Para Scarlett Marton, referência nos estudos sobre Nietzsche no cenário nacional, é possível distinguir três momentos significativos dessa recepção na Europa: o primeiro, no início do século, por meio do movimento anarquista europeu; algumas décadas depois o segundo momento de recepção foi marcado pela presença de ensaios interpretativos que realizaram associações das ideias nietzschianas com o fascismo, no cenário da Segunda Guerra Mundial; por fim, o terceiro momento teria se estabelecido a partir das leituras da extrema-esquerda francesa, no contexto de maio de 1968<sup>3</sup>.

No Brasil, os escritos do alemão que filosofava a “golpes de martelo” foram lidos por representantes de diversas áreas além da filosofia, como a literatura, a música, a psicanálise, as artes plásticas, entre outras nas ciências humanas. Entretanto, apesar de identificarmos nos últimos anos um crescimento nas pesquisas sobre essa recepção<sup>4</sup>, ainda há um longo caminho

---

<sup>1</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: Como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. §1

<sup>2</sup> MARTON, Scarlett. *Extravagâncias. Ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*. 2a ed. Discurso Editorial/Editora UNIJUÍ: 2001. (Coleção Sendas & Veredas).

<sup>3</sup> *Ibidem*, p.254.

<sup>4</sup> Entre as pesquisas sobre a recepção de Nietzsche no Brasil, destacamos: PANTUZZI, Tiago Lemes. *A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: a Escola de Recife*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. BARROSO, Antonio Vinícius L. T. *Um Nietzsche à brasileira: uma leitura do pensamento nietzschiano no modernismo (1890-1940)*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. SILVEIRA, Allan V. da. *Estética simbolista e a filosofia de Nietzsche presentes no romance No hospício, de Rocha Pombo*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2005. CASEMIRO, Fábio Martinelli. *Augusto dos*

a ser trilhado para a compreensão dos modos como suas formulações chegaram até nós e como foram apropriadas<sup>5</sup>.

Parte significativa dos estudos sobre Nietzsche no Brasil tem sido reunidos nos *Cadernos Nietzsche*<sup>6</sup>, periódico semestral, fundado em 1996 por Scarlett Marton e que tem como objetivo difundir trabalhos de especialistas estrangeiros e brasileiros sobre o filósofo alemão. Com o propósito de aprofundar análises sobre as diversas recepções ao pensamento nietzschiano por intelectuais brasileiros, o periódico apresentou entre os anos de 2014 e 2015, a publicação em três partes do dossiê *Recepção: Nietzsche no Brasil - núcleo histórico*<sup>7</sup>, organizado por Geraldo Pereira Dias. A primeira parte do dossiê é composta por quinze textos que estão entre os primeiros publicados sobre Nietzsche na imprensa carioca e paulistana entre o final do século XIX e início do XX<sup>8</sup>. Como destaca Dias, apesar de afirmar que o dossiê apresenta “alguns dos primeiros textos publicados sobre a filosofia de Nietzsche na imprensa”, nem todos se atêm à suas proposições filosóficas. O próprio organizador do dossiê identifica uma variedade de temáticas e de enfoques no material apresentado, ao afirmar: “alguns deles tematizam o contexto brasileiro, outros procuram entender a construção do pensamento do filósofo, outros ainda tratam de suas inclinações culturais pela França ou de suas desconfiças ideológicas pela Alemanha”<sup>9</sup>.

Ao final da apresentação do dossiê, Dias identifica como característica principal entre quase todos os quinze textos reunidos na publicação o que classifica como “modismo” da utilização do “horizonte filosófico nietzschiano” para a reflexão do “contexto cultural brasileiro”. Em suas palavras:

---

*Anjos ou incipit tragoedia*: as máscaras de Dioniso na poesia de *Eu*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Teoria e Crítica Literária. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2015. DIAS, Geraldo Pereira. *A recepção de Nietzsche no Brasil: renovação e conservadorismo*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Guarulhos, São Paulo, 2019. 472 f.

<sup>5</sup> Referindo-se à recepção de Nietzsche no Brasil, Oswaldo Giacoia Júnior afirmou no ano 2000 que “permanece um capítulo não escrito de nossa história das ideias filosóficas”, mas que “o estudo aprofundado do pensamento de Nietzsche tem se desenvolvido consideravelmente nas últimas décadas, assim como tem se difundido o gosto pela leitura de seus textos” in: GIACOA JUNIOR, Oswaldo. *Nietzsche*. São Paulo: Publifolha, 2000. p.78. Na mesma perspectiva, Scarlett Marton destacou a raridade dos trabalhos sobre a recepção das ideias filosóficas nietzschianas no Brasil. In: MARTON, Scarlett. *Extravagâncias*. Ensaios sobre a filosofia de Nietzsche. 2a Edição. Discurso Editorial/Editora UNIJUÍ: 2001. (Coleção Sendas & Veredas). p. 253.

<sup>6</sup> As edições do *Cadernos Nietzsche* publicadas até 2012 podem ser consultadas em [https://periodicos.unifesp.br/index.php/cniet]. As edições posteriores estão disponibilizadas em [https://www.scielo.br/j/cniet/grid]

<sup>7</sup> *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v.35, n.1, 2014 (parte 1); v.36, n.1, 2015 (parte 2); v.36, n.2, 2015 (parte 3).

<sup>8</sup> Dos textos publicados, seis são de autoria anônima e os demais foram escritos por Leopoldo de Freitas, Nestor Vitor, Miguel Mello, José Veríssimo, Tristão de Alencar Araripe Júnior, João Ribeiro, Manoel de Sousa Pinto, A.B. e Mário Lima.

<sup>9</sup> *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v.35, n.1, p.89, 2014.

Não obstante, salvo a especificidade de cada texto, ainda que de maneira difusa, a principal característica de quase todos é esse movimento de voltar-se para o contexto cultural brasileiro a partir do horizonte filosófico nietzschiano. Um modismo bastante impactante em alguns círculos de intelectuais da época, tanto que as ideias da filosofia de Nietzsche serviam, por exemplo, aos chamados intérpretes do Brasil, por eles utilizadas para pensar, entre outras coisas, uma eugenia racial [...].<sup>10</sup>

Como demonstraremos ao longo dessa tese, Dias não foi o único a caracterizar a produção nacional com base na recepção das formulações de Nietzsche durante o final do século XIX e início do século XX como “modismo”.

A segunda parte do dossiê dedica-se a apresentar dezoito textos sobre Nietzsche publicados na imprensa nacional no período de 1893 a 1945. De acordo com o organizador da publicação, os textos reunidos foram classificados em dois grupos que teriam como motivação “dois fatores da cultura brasileira desse período [que] orientam a leitura da obra do filósofo: a renovação estético-cultural e a reação político-religiosa”<sup>11</sup>.

Segundo Dias, os textos caracterizados pela “renovação estético-cultural”<sup>12</sup> foram elaborados inicialmente por autores germanistas<sup>13</sup>, depois por pré-modernistas e posteriormente pelos autores do movimento modernista, intelectuais que estariam engajados num projeto de renovação da linguagem, das artes e da “cultura brasileira em geral”. Os textos contrários a tais propostas de renovação, classificados por Dias como textos de “reação político-religiosa”<sup>14</sup>, estabeleceriam relações entre as guerras em curso na Europa desde o final do século XIX e as formulações nietzschianas, associando-as ao nazifascismo. Dias defende que, para os autores identificados nesse segundo grupo, as leituras de Nietzsche seriam fontes inspiradoras para a defesa da conservação dos “valores da tradição espiritualista, a moral cristã, o nacionalismo ufanista, a honra à pátria e à família”<sup>15</sup>.

<sup>10</sup> *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v.35, n.1, p.103-104, 2014.

<sup>11</sup> *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v.36, n.1, p.85, 2015.

<sup>12</sup> De acordo com a classificação de Dias, os autores dos textos que pertenceriam a essa perspectiva são: Amadeu Amaral, Araripe Júnior, Augusto dos Anjos, Elycio de Carvalho, Albertina Bertha, João Ribeiro, A. Corrêa Velho, Evaristo de Moraes Filho e Cleto Seabra Veloso. In: *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v.36, n.1, p.85-102, 2015.

<sup>13</sup> Classificados como germanistas estão os intelectuais que se dedicaram à análise da produção intelectual alemã no Brasil e que fizeram parte do movimento intelectual conhecido como “Escola de Recife”, originário na Faculdade de Direito de Pernambuco, durante a década de 1870. Entre os autores germanistas que tiveram textos reunidos nas partes 1 e 2 do dossiê estão, como destaca Dias, Silvio Romero, Farias Brito, João Ribeiro e Mário Lima. Conferir: *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v.36, n.1, p.90, 2015.

<sup>14</sup> Os autores apresentados por Dias como parte dessa perspectiva são: Julio Erasmo, Fábio Luz, Leonardo Mascello, Lima Barreto, Ernani Reis, Hamilton Barata, Carlos Borromeu, Renato Almeida e João Scapino. In: *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v.36, n.1, p.85-102, 2015.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p.87.

A partir da classificação estabelecida no dossiê, notamos, portanto, uma divisão em dois grupos sobre o modo de recepção de Nietzsche: os que utilizariam a produção do filósofo como fonte inspiradora para um projeto de renovação da “cultura brasileira” e o grupo daqueles que Dias classifica como partidários de uma “chave político-reacionária, que se colocava contra as mudanças em curso”<sup>16</sup>. De acordo com o autor, como fatores marcantes para tal classificação estão a preferência por parte dos receptores de alguns livros de Nietzsche, em detrimento de outros, ou ainda, de algumas ideias em detrimento a outras e a preferência a uma escrita no estilo aforismático, em detrimento de outros estilos.

A última parte do dossiê expõe cinco textos da primeira metade do século XX, que abordam especificamente o tema do *Übermensch*, conceito nietzschiano traduzido como *além do homem*, que exprime a ideia de que o homem é algo que deve ser superado<sup>17</sup>.

O organizador do dossiê *Recepção: Nietzsche no Brasil* - núcleo histórico, Geraldo Pereira Dias, defendeu em 2019 a tese intitulada *A recepção de Nietzsche no Brasil: renovação e conservadorismo*<sup>18</sup>, na qual mantêm a divisão dos modos de recepção das formulações nietzschianas em dois grupos (aqueles da “ala estético-renovadora” e os da “ala político-ideológica”) e amplia as análises apresentadas no dossiê, dedicando-se a explorar a produção de Paulo Prado, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, pois considera que a recepção da filosofia de Nietzsche no país é mais claramente identificada no modernismo literário, privilegiando como recorte temporal para sua pesquisa os anos entre 1922 e 1945<sup>19</sup>.

Apesar do pesquisador identificar a existência de referências a Nietzsche e a suas formulações em produções anteriores ao movimento Modernista de 1922, tais referências são consideradas como parte da “moda Nietzsche”, associando o uso da terminologia conceitual nietzschiana a uma dependência a empréstimos estrangeiros.

De modo diverso, buscarei demonstrar nessa tese que é possível identificarmos apropriações das formulações nietzschianas no Brasil anteriores ao movimento Modernista, não apenas por meio da adoção de terminologias da moda, mas a partir de operações com conceitos, categorias e expressões nietzschianas, resultantes em desdobramentos sobre a forma de pensar

<sup>16</sup> *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v.36, n.1, p.85-102, 2015. p.87.

<sup>17</sup> Como destaca Rubira, “o além do homem, assim, pelo caráter intrínseco de autossuperação da vontade de potência, é aquele que pode ir além do niilismo e de sua possibilidade de repetição eterna”. RUBIRA, Luís. Além-do-homem. In: MARTON, Scarlett (ed.) *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Edições Loyola, 2016 (Coleção Sendas & Veredas). p.106.

<sup>18</sup> DIAS, Geraldo Pereira. *A recepção de Nietzsche no Brasil: renovação e conservadorismo*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Guarulhos, São Paulo, 2019. 472 f.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p.20.

o país, a elaboração de um perfil do brasileiro e, sobretudo, a composição de narrativas de Brasil.

Assim, o propósito primeiro deste trabalho concentra-se na identificação de como a recepção das formulações nietzschianas foram apropriadas por dois intelectuais brasileiros comprometidos com o pensar sobre o Brasil e sua produção cultural na modernidade: Elysio de Carvalho (1880-1925) e Nestor Vitor (1868-1932). A escolha desses autores se justifica pelo fato de identificarmos em seus escritos sobre o Brasil não apenas a presença de formulações nietzschianas, mas a apropriação dessas formulações para a realização de análises sobre o país e composição de sua história.

Nascido em Alagoas, Elysio de Carvalho teve uma vasta produção entre os anos de 1900 e 1925, publicando obras de poesia, contos, crônicas, traduções, crítica literária, produções relacionadas à polícia científica, além de análises da sociedade brasileira. Aproximou-se da obra de Nietzsche a partir da leitura de Max Stirner e do anarquismo, cumprindo uma trajetória literária agitada por sua circulação entre as ideias anarquistas, decadentistas e nacionalistas. Apesar de, em sua contemporaneidade, Carvalho ter figurado destacadamente no cenário das letras, escassos foram os estudos realizados posteriormente sobre sua produção. Nessa tese, dedicar-nos-emos à análise de suas obras de história do Brasil, com destaque para *Esplendor e decadência da sociedade brasileira* (1911)<sup>20</sup>, *Brava gente* (1921)<sup>21</sup> e *Os bastiões da nacionalidade* (1922)<sup>22</sup>.

Nestor Vitor, nascido no ano de 1868 em Paranaguá (Paraná), tornou-se reconhecido por ter dado visibilidade à obra do Poeta Negro, seu amigo Cruz e Sousa, além de ser considerado um dos principais críticos do simbolismo no Brasil. Teve uma considerável produção de cartas e artigos em jornais e revistas, poemas, ensaios, romances e novelas, mas foi principalmente devido a suas obras de crítica literária que sua produção se tornou conhecida no cenário nacional. É também em seus textos como crítico de literatura que encontramos indícios da apropriação das formulações nietzschianas, de modo que será esta produção o objeto privilegiado à análise da recepção e apropriação por Vitor das formulações do autor que filosofava a “golpes de martelo”. Assim, iniciamos a análise das críticas literárias em 1896, ano em que Nestor Vitor escreveu *Cruz e Sousa*<sup>23</sup>, publicado em 1899. A escrita da história e a crítica literária foram, portanto, os gêneros selecionados para análise da recepção das

<sup>20</sup> CARVALHO, Elysio de. *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911.

<sup>21</sup> Idem. *Brava gente*. Rio de Janeiro: S. A. Monitor mercantil, 1921.

<sup>22</sup> Idem. *Os Bastiões da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922.

<sup>23</sup> VITOR, Nestor. *Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1899.

formulações nietzschianas no cenário nacional, na virada do século XIX e primeiras décadas do século XX.

\* \* \*

O primeiro capítulo, intitulado **Os muitos lugares de Nietzsche: recepções e apropriações**, apresenta um levantamento sobre as diferentes formas de recepção das formulações nietzschianas entre o final do século XIX e início do século XX, considerando as reações desde as primeiras publicações de Nietzsche e, principalmente, a partir de sua morte, momento em que se ampliaram os comentários sobre o filósofo e seus conceitos.

Fora da Alemanha, parte considerável da recepção ao pensamento nietzschiano tem como característica marcante o contato com as traduções e produções sobre as obras do filósofo realizadas na França. Assim, a fim de analisarmos a recepção das formulações nietzschianas no Brasil, fez-se necessário o exame da recepção francesa de sua produção. Verificaremos como, a partir da década de 1890, a circulação das obras do filósofo se ampliou pelo mundo literário parisiense, tendo também repercussão em outros países e perdurando até o início da Grande Guerra, quando as análises e considerações sobre sua produção passaram a ser associadas à debilidade física e mental do filósofo, erroneamente atrelando seus conceitos ao fascismo.

Partindo do cenário francês, analisaremos ainda as recepções em Portugal (também uma porta de entrada para as leituras de Nietzsche no Brasil) e na América Latina, com destaque para Uruguai, Argentina e, finalmente, Brasil.

O segundo capítulo, intitulado **Entre o esplendor e a decadência da sociedade brasileira: Elysio de Carvalho**, apresenta as considerações do próprio Carvalho sobre a importância da filosofia nietzschiana em sua formação. Na sequência, destaca as observações de contemporâneos de Carvalho sobre sua relação com as formulações de Nietzsche e um levantamento dos estudos que já foram realizados sobre a produção do autor no cenário nacional.

Efetua-se ainda a análise da obra *Esplendor e decadência da sociedade brasileira*, escrita em 1911, a fim de demonstrar como a obra foi estruturada por seu autor que, para refletir sobre o que considerou como decadência da sociabilidade nacional, se propôs a apresentar também o período de esplendor da sociedade brasileira. Entre os elementos possíveis de serem identificados como característicos da recepção e posterior apropriação das ideias da filosofia nietzschiana por Elysio de Carvalho, nota-se a valorização da arte e da cultura como elementos

fundamentais da sociedade, a crítica à democracia com a defesa do aristocratismo e a perspectiva de decadência da sociedade moderna.

O segundo capítulo dedica-se ainda à análise da obra *Brava Gente*, publicada em 1921, na qual o autor ocupa-se com o “caráter” do brasileiro, buscando demonstrar como os heróis de origem latina teriam deixado como herança à nação seus atos de nobreza, sua língua, tradições e religião, de modo que, a partir do reconhecimento de tal herança, o brasileiro pudesse efetivamente assumir seu papel de continuador do gênio latino em terras americanas. Além do destaque ao espírito latino, a valorização da concepção dionisíaca da vida, outra formulação característica da filosofia nietzschiana apropriada por Elysio de Carvalho, também se torna uma chave interpretativa para sua proposta de Brasil.

Por meio da análise da sequência de ensaios que compõem a obra *Os bastiões da nacionalidade*, pode-se observar as considerações de Carvalho sobre sua contemporaneidade, além de sua proposta para o futuro, sintetizada na noção de redenção do sertão pela cultura moral.

**Reflexões sobre o Brasil na crítica literária de Nestor Vitor**, terceiro capítulo, dedica-se às análises sobre a crítica literária efetuada por Nestor Vitor. Apresenta-se inicialmente um levantamento sobre os estudos que já foram realizados sobre o crítico e, na sequência, dedica-se à análise sobre como a recepção e a apropriação das formulações nietzschianas impactaram a produção de Vitor, não apenas quanto às artes e artistas brasileiros, mas também quanto ao Brasil e seu povo.

Na produção de Nestor Vitor, nota-se nas primeiras duas décadas do século XXI um esforço cada vez mais intenso para o estabelecimento de uma caracterização do brasileiro. Para tal, o crítico se debruçou sobre a tarefa de pensar o elemento português e o processo de colonização do Brasil, sempre a partir da crítica literária. Nesse esforço para a “construção do brasileiro”, Cruz e Sousa, Machado de Assis, José de Alencar, Farias Brito, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato e Lima Barreto foram alguns dos intelectuais que tiveram suas obras analisadas e serviram ao crítico como fonte para a identificação dos elementos constituintes do perfil do homem nacional.

A última parte dessa tese, intitulada **Contrastes (ou considerações finais)**, dedica-se à realização de uma comparação entre as narrativas de Brasil elaboradas por Vitor e Carvalho, com destaque para a apropriação das formulações nietzschianas por ambos.

## 1 - Os muitos lugares de Nietzsche: recepções e apropriações

Parte considerável da recepção ao pensamento nietzschiano fora da Alemanha tem como característica marcante o contato com as traduções e produções realizadas na França sobre as obras do filósofo. Como abordaremos a seguir, Uruguai, Argentina, Brasil, Portugal são exemplos dessa recepção de um Nietzsche “francês”, de modo que se faz necessária a compreensão desse percurso pela França para a análise das recepções e apropriações das formulações nietzschianas no Brasil.

O próprio filósofo reivindicava sua proximidade com os franceses e destacava sua predileção à França. Em *Além do bem e do mal*, Nietzsche afirmava que “ainda hoje é a França o campo cultural mais intelectual e mais refinado da Europa, bem como a alta escola do gosto [...]”<sup>24</sup>. Ou ainda em fragmento de 1887, publicado postumamente, o filósofo anunciava “Que seja escrito em alemão é pelo menos extemporâneo: gostaria de tê-lo escrito em francês, para que não parecesse apoiar quaisquer aspirações do Reich alemão”<sup>25</sup>. Suas críticas à cultura filisteia que julgava encontrar na Alemanha, além da recusa a qualquer vínculo com o país foram constantes em suas obras<sup>26</sup>.

Em *Nietzsche, um “francês” entre franceses*, Scarlett Marton destaca dois fatores que foram fundamentais para a recepção do pensamento nietzschiano na França: o primeiro deles relaciona-se à tradição intelectual francesa<sup>27</sup>, que teria indiretamente preparado a recepção dos textos do filósofo; o segundo fator associa-se à própria produção nietzschiana que, por conter concepções elaboradas em contato com as ideias de autores franceses contemporâneos a Nietzsche (dentre os quais Baudelaire, Bourget, Renan e Taine), tornaram as produções do filósofo ao mesmo tempo que estrangeiras, familiares à intelectualidade francesa<sup>28</sup>.

Com o objetivo de analisar a recepção das ideias nietzschianas na França, Wilson Frezzatti Júnior<sup>29</sup> dedicou-se ao estudo das publicações da *Revue philosophique de la France et de l'Étranger*<sup>30</sup>, editada na segunda metade do século XIX pelo filósofo e psicólogo francês

<sup>24</sup> NIETZSCHE, Friedrich. [1886] *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. §254.

<sup>25</sup> Fragmento póstumo 9 (188) do outono de 1887, disponível em: MARTON, Scarlett (Org.). *Nietzsche, um “francês” entre franceses*. São Paulo: Barcarolla; Discurso Editorial, 2009. (Coleção Sendas & veredas. Série recepção). p.20.

<sup>26</sup> MARTON, op. cit., p.18

<sup>27</sup> Marton destaca o início dessa tradição com Montaigne, passando por Pascal, La Rochefoucauld, Voltaire e Stendhal. In: MARTON, op. cit., p.20

<sup>28</sup> MARTON, op. cit., p.20

<sup>29</sup> FREZZATTI JÚNIOR, Wilson Antonio. A recepção de Nietzsche na França: da *Revue philosophique de la France et de l'Étranger* ao período entreguerras. *Cadernos Nietzsche*, v. 30, p.59-99, 2012.

<sup>30</sup> A abreviação *Revue philosophique...* será utilizada nas próximas referências à *Revue philosophique de la France et de l'Étrange*.

Théodule Ribot. Com periodicidade semestral e fundada em 1876, a revista, que também foi lida pelo próprio Nietzsche<sup>31</sup>, reunia discussões acerca da relação entre as ciências naturais e a filosofia, tendo grande relevância nas discussões sobre o status desta. Dos textos que tratam diretamente sobre Nietzsche na *Revue philosophique...*, Frezzatti Júnior identificou a soma de cinquenta e um entre os anos de 1892 a 1937, publicações dentre as quais destacam-se as resenhas ou notas bibliográficas elaboradas por resenhistas.

Entre os anos de 1890 e 1937, a *Revue philosophique...* apresentou uma multiplicidade de perspectivas na leitura das obras de Nietzsche, perspectivas essas que, por diversas vezes, se confrontaram. A partir do recorte estabelecido para a análise da revista, Frezzatti Júnior identificou em diferentes momentos, distintas imagens de Nietzsche veiculadas pelo periódico, e classificou essas “imagens” em dois grupos, marcando dois tipos de recepção: ora apresentavam “o poeta louco, o propagador do espírito bélico, o imoral, o individualista ególatra, o destruidor da harmonia social”, ora exibiam outras perspectivas, como “o filósofo original, o criador de teorias científicas, o inimigo da velha ordem, etc.”<sup>32</sup>.

Tais perspectivas basearam-se principalmente nas leituras das traduções das obras nietzschianas para o francês realizadas pelo germanista Henri Albert, um dos primeiros tradutores da produção de Nietzsche na França. Iniciando a publicação de suas traduções com *Ainsi parlait Zarathoustra*, em 1898, Henri Albert foi responsável ainda pelas traduções que compuseram as *Œuvres Complètes de Frédéric Nietzsche*<sup>33</sup>, publicadas em Paris pela *Mercure de France*<sup>34</sup>. Antes das traduções de Henri Albert, apenas duas obras de Nietzsche foram traduzidas para o francês: *À travers l'œuvre de Frédéric Nietzsche. Extraits de tous ses ouvrages* (1893), traduzido por P. Lauterbach e Adrien Wagnon, e *Le Cas Wagner: un problème musical* (1893), traduzido por Daniel Halévy e Robert Dreyfus.

<sup>31</sup> FREZZATTI JÚNIOR, Wilson Antonio. A recepção de Nietzsche na França: da *Revue philosophique de la France et de l'Étranger* ao período entreguerras. *Cadernos Nietzsche*, v. 30, p.59-99, 2012. p.61.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p.60.

<sup>33</sup> Como elenca Wilson Frezzatti Júnior, fazem parte da coleção *Œuvres complètes de Frédéric Nietzsche* as seguintes traduções de Henri Albert: "*Ainsi parlait Zarathoustra* (1898); *Le Crépuscule des idoles: Le Cas Wagner: Nietzsche contra Wagner: L'Antéchrist* (1899); *La Généalogie de la morale* (1900); *Aurore* (1901); *Le Gai Savoir* (1901); *Le voyageur et son ombre: Opinions et sentences mêlées* (1902); *La volonté de puissance* (1903); *Considérations inactuelles* (1907-1922); *Ecce homo* (1909)." Além dessas traduções, Henri Albert foi ainda o responsável por *Pages choisies* (1899). FREZZATTI JÚNIOR, op. cit., p.78.

<sup>34</sup> A *Mercure de France* foi uma revista literária fundada por Jean Donneau de Visé, fundada 1672 com o nome *Le Mercure Galant* e que, após períodos de interrupção em suas publicações, teve suas atividades retomadas por Alfred Vallete em 1890. Ligada ao movimento simbolista, a *Mercure...* passou a publicar livros a partir de 1894. Além das traduções das obras de Nietzsche acima citadas, foram publicadas do mesmo autor também pela editora *Mercure de France*: "*Par delà le bien et le mal* (1898), traduzida por L. Weisopf e Georges Art, e editada por Henri Albert; *Humain, trop humain I* (1899), traduzida por Alexandre-Marie Desrousseaux; e *L'Origine de la tragédie* (1901), traduzida por Jean Marnold e Jacques Morland". FREZZATTI JÚNIOR, op. cit., p.78.

Wilson Frezzatti Júnior identificou nas primeiras resenhas sobre obras de Nietzsche publicadas na *Revue philosophique...* as tentativas do resenhista Lucien Arréat de demonstrar os traços de desequilíbrio mental nos últimos escritos do filósofo<sup>35</sup>. Do mesmo modo, Scarlett Marton destaca, em seus estudos sobre a recepção francesa do pensamento nietzschiano, que as primeiras críticas a Nietzsche nesse cenário apareceram entre as décadas de 1880 e 1890, após a ruptura do filósofo alemão com Wagner. Distante do mundo literário parisiense, Nietzsche passou a ser alvo de admiradores wagnerianos que se reuniam a fim de ressaltar a loucura que teria tomado posse do filósofo alemão<sup>36</sup>.

Foi a partir da década de 1890 que a valorização do filósofo como um literato tornou-se frequente. Para Marton, “tanto a importância atribuída ao estilo quanto a ênfase na relação entre vida e obra desempenharam papel relevante na recepção francesa desse período”, de modo que tal recepção teria um “caráter jornalístico e literário bem mais do que filosófico e acadêmico”, sem o aprofundamento nas ideias do filósofo<sup>37</sup>.

Wilson Frezzatti Júnior constatou no período entre 1890 e o início da Grande Guerra, em 1914, publicações com distintas perspectivas sobre o filósofo, as que distorciam ou simplificavam suas ideias, ou ainda iniciativas buscando demonstrar as inadequações dessas distorções. Esse contexto ficou conhecido como o momento da “moda Nietzsche” dos salões parisienses<sup>38</sup>.

A “moda Nietzsche” não significou, entretanto, uma intensa análise de suas ideias. Ressaltando essa crítica, Wilson Frezzatti Júnior destaca que, em 1903, Théodule Ribot afirmava que, apesar de muito falado, Nietzsche tinha suas ideias pouco conhecidas de fato. Tal desaprovção foi apresentada na publicação da resenha do livro *Le idee fondamentali di F. Nietzsche nel loro progressivo svolgimento: esposizione e critica (A idéia fundamental de F. Nietzsche em seu desenvolvimento progressivo: exposição e crítica)*, do italiano Francesco Orestano, na *Revue philosophique...*<sup>39</sup>. Nesse contexto, o suposto individualismo da filosofia nietzschiana seria um dos elementos de atração de muitos que se baseavam em uma leitura superficial da obra do filósofo de *Zaratustra*:

<sup>35</sup> FREZZATTI JÚNIOR, Wilson Antonio. A recepção de Nietzsche na França: da *Revue philosophique de la France et de l'Étranger* ao período entreguerras. *Cadernos Nietzsche*, v. 30, p.59-99, 2012. p.64-66.

<sup>36</sup> MARTON, Scarlett (Org.). *Nietzsche, um “francês” entre franceses*. São Paulo: Barcarolla; Discurso Editorial, 2009. (Coleção Sendas & veredas. Série recepção). p.21.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p.23.

<sup>38</sup> FREZZATTI JÚNIOR, op. cit., p.74.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p.71.

Nietzsche atraía os esnobes também por um pretensão individualismo de sua filosofia. Muitos queriam se transformar em nietzschianos e há uma proliferação de além-do-homem: no início do século XX, o esnobismo nietzchiano [sic] está no auge. O conhecimento sobre Nietzsche era superficial e seu nome estava ligado a grosserias. O nietzschianismo simplificado e deturpado, segundo Carassus, assumiu diversas formas nos salões franceses: o imoralismo grosseiro que pregava a licença de tudo fazer para os além-dohomens [sic]; o esteticismo que glorifica as sensações multiplicadas por meio do apelo a todas as formas de arte e beleza; o individualismo que valoriza a originalidade e a independência; ataques contra a democracia [...].<sup>40</sup>

Associado ao imoralismo grosseiro, ao individualismo ou ainda aos ataques à democracia, as análises e explicações sobre a obra de Nietzsche foram frequentemente associadas à sua vida, com ênfase na debilidade física e mental do filósofo. A estudiosa da produção nietzschiana Scarlett Marton também destaca a popularidade do filósofo, popularidade essa que não implicava na necessidade de conhecimento de seu pensamento: “objeto de aversão ou fascínio, ódio ou idolatria, Nietzsche se converte em lenda antes mesmo de ser conhecido”<sup>41</sup>. Nessa perspectiva, as décadas de 1890 e 1900 teriam sido marcadas por estudos que associavam a produção nietzschiana à sua biografia, vinculando suas ideias (como a filosofia niilista, por exemplo) a um caso patológico. São desse período também os destaques atribuídos à originalidade das obras do filósofo, considerando sua forma estilística - e não seu conteúdo filosófico<sup>42</sup>.

Wilson Frezzatti Júnior identifica que as publicações de trabalhos como *La morale de Nietzsche* de Pierre Lasserre, em 1902, e *La vie de Nietzsche* de Daniel Halévy, em 1909, permitiram uma visão menos simplista das obras do autor alemão. Em contrapartida, a fundação, em 1905, do *Institut de l'Action Française* por Henri Vaugois e Charles Maurras fomentou a crítica às ideias nietzschianas. Como destaca Wolf Lepenies em *As três culturas*, um dos objetivos do Instituto era o de propagar “o catolicismo, a política positivista de Auguste Comte e as doutrinas de um Fustel de Coulanges”<sup>43</sup>. As últimas produções de Comte, caracterizadas por uma escrita com traço fortemente católico e literário, teriam se tornado uma diretriz da direita francesa. Assim, pouco antes do início da Primeira Guerra, as máximas estéticas estabelecidas pelo positivismo “deveriam servir de guia aos artistas e escritores

<sup>40</sup> FREZZATTI JÚNIOR, Wilson Antonio. A recepção de Nietzsche na França: da *Revue philosophique de la France et de l'Étranger* ao período entreguerras. *Cadernos Nietzsche*, v. 30, p.59-99, 2012. p.76.

<sup>41</sup> MARTON, Scarlett (Org.). *Nietzsche, um “francês” entre franceses*. São Paulo: Barcarolla; Discurso Editorial, 2009. (Coleção Sendas & veredas. Série recepção). p.22.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p.23.

<sup>43</sup> LEPENIES, Wolf. *As três culturas*. São Paulo: Edusp, 1996. p.47.

franceses, numa época de anarquia intelectual”<sup>44</sup> e de intenso nacionalismo. Como demonstra Lepenies, o próprio Nietzsche posicionou-se sobre a produção comtiana, destacando a defesa de sua primeira fase, como cientista, em detrimento do segundo momento, como religioso literário<sup>45</sup>.

Maurice Barrès foi um entre os intelectuais críticos de Nietzsche e adepto da perspectiva difundida pelo *Institut de l'Action Française*, considerando que “o nacionalismo francês só poderia ser fortalecido e mantido vivo por uma aliança entre os católicos e os positivistas”<sup>46</sup>. Se, como destaca Frezzatti Júnior, é possível identificar em seus textos iniciais significativas “influências de *Assim falava Zaratustra*”, após a declaração da guerra, Barrès passou a dirigir uma campanha “pela recuperação da elite nacional e pela restituição de uma *intelligence* francesa isenta da influência alemã”<sup>47</sup>, resultando na crítica às formulações vindas da pensadores alemães.

Nessa perspectiva, o início da Grande Guerra teria colaborado para a diminuição do interesse pela filosofia nietzschiana e pelo crescimento de opiniões negativas sobre seu pensamento, atrelando seus conceitos ao fascismo e acusando-o inclusive de incentivar a investida alemã sobre a França: “ao filósofo alemão, eram atribuídos o individualismo, a imoralidade e a falta de compaixão em um tal grau que apenas a loucura podia suportá-los”<sup>48</sup>. Ao tratar desse contexto, Scarlett Marton afirma que “depois de naturalizar-se como pensador francês honorário, Nietzsche é ameaçado de extradição à sua cultura de origem”<sup>49</sup>. Ora, com o aumento das tensões na cena internacional, o filósofo passou a ser amplamente criticado e associado ao militarismo prussiano.

A resistência ao pensamento nietzschiano colaborou também para o adiamento em seis anos da publicação da obra *Nietzsche: sa vie et sa pensée* de Charles Andler, lançada somente entre 1920 e 1931, em três volumes, na qual o autor, ciente das impropriedades cometidas contra o filósofo, isentava Nietzsche de ter incentivado os ataques alemães. Apesar de tal publicação,

<sup>44</sup> LEPENIES, Wolf. *As três culturas*. São Paulo: Edusp, 1996. p.49.

<sup>45</sup> *Ibidem*, p.49.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p.49.

<sup>47</sup> FREZZATTI JÚNIOR, Wilson Antonio. A recepção de Nietzsche na França: da *Revue philosophique de la France et de l'Étranger* ao período entreguerras. *Cadernos Nietzsche*, v. 30, p.59-99, 2012. p.92.

Maurice Barrès foi também um dos líderes do movimento antidreyfusards, durante o “Caso Dreyfus”. O caso teve grande repercussão após a publicação no jornal *L'Aurore*, em 13 de janeiro de 1898, da carta *J'accuse* (Eu acuso), de Emile Zola, na qual o escritor denunciava o complô do qual Dreyfus havia sido vítima. Em resposta à carta de Zola, Barrès publicou em fevereiro de 1898, em *Le Journal*, a crônica “La Protestation des intellectuels”, em defesa das instituições da conservação e tradição. Para mais detalhes, conferir PASSIANI, Enio. Figuras do intelectual: gênese e devir. *Sociologias* [online]. 2018, v.20, n.47, p.16-47.

<sup>48</sup> FREZZATTI JÚNIOR, op. cit., p.80.

<sup>49</sup> MARTON, Scarlett (Org.). *Nietzsche, um “francês” entre franceses*. São Paulo: Barcarolla; Discurso Editorial, 2009. (Coleção Sendas & veredas. Série recepção). p.25.

o cenário de recepção da obra nietzschiana na França ainda não havia se tornado favorável às formulações do filósofo. Wilson Frezzatti Júnior destaca ainda que houve uma grande rejeição da esquerda à publicação de uma antologia nietzschiana elaborada por Heinrich Mann às vésperas da Segunda Guerra, uma vez que “especialmente fomentada por Lukács, nessa época, a esquerda francesa tinha uma impressão demoníaca de Nietzsche”<sup>50</sup>. Vale destacar, entretanto, que tais impressões sobre a filosofia nietzschiana desconsideravam o que estava escrito em suas próprias obras.

Para Scarlett Marton foram, além dos círculos literários, os jovens intelectuais frustrados com as correntes kantiana e bergsoniana, dominantes na filosofia francesa, que, a partir dos anos 1920, colaboraram para o ressurgimento do interesse pela obra nietzschiana. Entre esses jovens intelectuais, a autora destaca Jean-Paul Sartre, Georges Bataille, Simone de Beauvoir e Henri Lefebvre. Mas foi, entretanto, a vanguarda cultural e literária que entre as décadas de 1930 e 1940 dedicou-se às leituras do filósofo, principalmente com Camus, Bataille, Klossowski, Malraux e Blanchot, de modo que, apenas a partir da década de 1950 as reflexões nietzschianas passaram a ser, aos poucos, tema de estudos no cenário acadêmico<sup>51</sup>.

\* \* \*

Em *A recepção da obra de Nietzsche na vida intelectual portuguesa*<sup>52</sup>, Américo Enes Monteiro apresenta as principais características da recepção do pensamento nietzschiano em Portugal, no período entre 1892 e 1939. De acordo com o pesquisador, o contexto de saturação do positivismo e do pessimismo foram significativos para que intelectuais se aproximassem da novidade que a obra de Nietzsche apresentava. Nessa perspectiva, a recepção da obra nietzschiana se iniciou a partir da década de 1890 e os difusores iniciais foram ensaios publicados nas revistas francesas *Revue Bleue*, *Revue Blanche* e *Revue des Deux Mondes* a partir de 1891. A morte do filósofo em 1900 e os comentários à sua obra veiculados em periódicos teriam incentivado a ampliação do interesse sobre as formulações nietzschianas<sup>53</sup>.

<sup>50</sup> FREZZATTI JÚNIOR, Wilson Antonio. A recepção de Nietzsche na França: da *Revue philosophique de la France et de l'Étranger* ao período entreguerras. *Cadernos Nietzsche*, v. 30, p.59-99, 2012. p.95-96.

<sup>51</sup> MARTON, Scarlett (Org.). *Nietzsche, um “francês” entre franceses*. São Paulo: Barcarolla; Discurso Editorial, 2009. (Coleção Sendas & veredas. Série recepção). p.26-30.

<sup>52</sup> MONTEIRO, Américo Enes. *A recepção da obra de Friedrich Nietzsche na vida intelectual portuguesa* (1892-1939). Dissertação de doutoramento em cultura alemã, apresentada à faculdade de letras da Universidade do Porto. Porto: 1997.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p.12,36.

Américo Monteiro identificou três maneiras fundamentais de recepção do pensamento de Nietzsche entre os intelectuais portugueses que primeiro se dedicaram à leitura de suas obras: a primeira delas, de rejeição ao filósofo, era percebida nos que consideravam Nietzsche o “profeta do pessimismo”, juntamente com Schopenhauer e Hartmann; a segunda forma de recepção de Nietzsche considerou-o como o “filósofo da anarquia”; e, por fim, como “médico duma cultura enferma”, que seria capaz de orientar a saída do homem do labirinto do pessimismo vigente<sup>54</sup>.

Em Portugal, a “moda Nietzsche” que fazia parte do cenário francês também fora identificada. Em outubro de 1893, o jornal *Novidades*<sup>55</sup> publicou o artigo “A nova moda filosófica, o Neo-aristocracismo – Frederico Nietzsche”, escrito pelo então ministro de Portugal em Paris, Emídio Navarro, que apontava o filósofo como “estranho, germânico, pessimista, anarquista e cínico” e condensava a doutrina de Nietzsche em dois aforismos: “1. Nada é verdadeiro e tudo é permitido; 2. verdade, bem, mal, Deus, são palavras que já deixaram de ter significação”<sup>56</sup>. Américo Monteiro observa, entretanto, que, apesar das considerações negativas com relação à produção nietzschiana, a originalidade e arrojo do pensamento do filósofo são destacados por Navarro, que, sem realizar a leitura de nenhuma obra de Nietzsche, teceu tais considerações a partir da análise de artigos presentes nos periódicos *Revue Bleue*, *Jornal des Débats* e *Revue des Deux Mondes*<sup>57</sup>.

Entre os demais textos sobre Nietzsche publicados até cerca de 1900, ano da morte do filósofo, Américo Monteiro identificou uma “recepção secundária” de seu pensamento, marcada não pela leitura de suas obras, mas pelo contato indireto com o filósofo e suas ideias por meio de comentários ou notícias de publicações estrangeiras.

Após 1900, as publicações sobre a morte de Nietzsche revelam ainda o que Monteiro considera como “ecos dispersos da recepção de sua obra”<sup>58</sup>. Entretanto, apesar de dispersos, vale destacar que duas características sobressaem como relevantes entre os “ecos” dessa recepção: a primeira delas é o que Monteiro classifica como uma atitude positiva com relação ao filósofo e sua obra, “por vezes um verdadeiro fascínio até [...]. Ele é o extraordinário pensador, ilustre e genial espírito e famoso escritor. E as suas obras são duma valia inconfundível”. A segunda característica de grande relevância com relação às publicações nesse

---

<sup>54</sup> MONTEIRO, Américo Enes. *A recepção da obra de Friedrich Nietzsche na vida intelectual portuguesa* (1892-1939). Dissertação de doutoramento em cultura alemã, apresentada à faculdade de letras da Universidade do Porto. Porto: 1997. p.35-36.

<sup>55</sup> Fundado em 1885, era um diário de ideias e notícias, de larga expansão. MONTEIRO, op. cit., p.40.

<sup>56</sup> Ibidem, p.41.

<sup>57</sup> Ibidem, p.40-42.

<sup>58</sup> Ibidem, p.67.

período é a identificação da obra mais conhecida de Nietzsche entre os portugueses, *Assim falou Zaratustra*. Juntamente com *Zaratustra*, dois elementos da filosofia nietzschiana tiveram maior destaque entre os leitores do filósofo: a “doutrina do Homem Superior e da Moral dos Senhores”<sup>59</sup>.

Foram os anos entre 1904 e 1910 que se destacaram como aqueles nos quais é possível encontrarmos os primeiros ensaios sobre a filosofia de Nietzsche. Monteiro afirma que apesar dos diferentes modos de interpretação e abordagem da obra nietzschiana, duas maneiras antagônicas de refletir sobre seu conteúdo tinham destaque: a primeira delas, marcada por leituras negativas e desfocadas, com interpretações pouco adequadas tendo a doutrina do “homem superior” ainda como eixo principal; a segunda, caracterizada por leituras positivas e eufóricas<sup>60</sup>.

Entre os escritores que fizeram parte do primeiro grupo, com leituras negativas e desfocadas da obra de Nietzsche, Monteiro destaca Sampaio Bruno, que viveu em Paris entre os anos de 1891 e 1893, período de início da recepção da obra nietzschiana na França, a partir da publicação de ensaios nas revistas francesas. Sampaio Bruno publicou “O supra-Homem” no periódico português *A voz pública*, em novembro de 1904, texto no qual procura identificar “o problema das afinidades entre Max Stirner e Frederico Nietzsche”<sup>61</sup>.

Bruno não foi o pioneiro na tentativa de associação entre o pensamento nietzschiano e o de Stirner. Em 1893, a francesa *Revue Bleue*, lida por alguns dos intelectuais portugueses, publicava o ensaio de Jean Thorel intitulado “Les pères de l’anarchisme: Bakounine, Stirner, Nietzsche”, apontando Stirner como o precursor do Homem Superior nietzschiano<sup>62</sup>. Ainda no ano anterior, 1892, Frezzatti Júnior identificou a primeira resenha crítica que se referia a Nietzsche na *Revue philosophique...*, produzida por Lucien Arréat do livro de Robert Schellwien, *Max Stirner und Friedrich Nietzsche, Erscheinungen des modernen Geistes, und das Wesen des Menschen* (Max Stirner e Friedrich Nietzsche, aparecimento do espírito moderno e da essência do homem), publicado na Alemanha. Na resenha, Arréat classifica Nietzsche e Stirner como “profetas audaciosos e construtores de uma filosofia individualista: [...] ao negar-

---

<sup>59</sup> MONTEIRO, Américo Enes. *A recepção da obra de Friedrich Nietzsche na vida intelectual portuguesa* (1892-1939). Dissertação de doutoramento em cultura alemã, apresentada à faculdade de letras da Universidade do Porto. Porto: 1997. p.66.

<sup>60</sup> *Ibidem*, p.73,90.

<sup>61</sup> *Ibidem*, p.74-75.

<sup>62</sup> *Ibidem*, p.75.

se o absoluto, afirma-se o individual, e os dois filósofos pretendem libertar o pensamento e o indivíduo de tudo o que lhe aprisiona”<sup>63</sup>.

Entre aqueles que, de acordo com Monteiro, produziram leituras negativas e desfocadas da obra de Nietzsche em Portugal entre os anos de 1904 e 1910, além de Sampaio Bruno, encontra-se ainda Ângelo Jorge, que, com a publicação de ensaios entre os anos de 1905 e 1909, abordou a concepção de Super-Homem, considerando que tal conceito seria errôneo por se basear no falso pressuposto de que os grandes homens estariam acima das sociedades<sup>64</sup>; na mesma perspectiva, Maria Amália Vaz de Carmargo com publicações entre aos anos de 1902 e 1906, nas quais considerava o ideal do Super-Homem como “medonho”, caracterizado como um inimigo da humildade e da piedade, em busca da suprema heroicidade<sup>65</sup>; e, por fim, Alfredo Pimenta, com aproximações entre Stirner e Nietzsche, em 1908<sup>66</sup>.

Em perspectiva diversa a das que considerou como leituras negativas e desfocadas, Américo Monteiro identificou leituras que classificou como “positivas e eufóricas” nas produções presentes em periódicos e alguns livros portugueses no período entre 1904 e 1910. Entre os escritores de destaque, figuram: Augusto de Castro, diretor do periódico *Folha da Noite*; Maximiliano Lemos, diretor da *Enciclopédia Portuguesa Ilustrada*, a primeira portuguesa a incluir o nome de Nietzsche, apresentando um artigo biobibliográfico; e Leonardo Coimbra, que apresenta Nietzsche como o “libertador do indivíduo”, além de traçar considerações sobre a “transmutação de todos os valores”<sup>67</sup>.

Ainda entre as leituras “positivas e eufóricas” da obra de Nietzsche, Monteiro aponta também João de Barros, João Grave e António Patrício, autores que se destacaram não apenas como receptores, mas também como aqueles que efetuaram as primeiras apropriações da filosofia nietzschiana em Portugal, que são classificadas por Monteiro como “assimilação produtiva”.

---

<sup>63</sup> FREZZATTI JÚNIOR Wilson Antonio. A recepção de Nietzsche na França: da *Revue philosophique de la France et de l'Étranger* ao período entreguerras. *Cadernos Nietzsche*, v. 30, p.59-99, 2012. p.64-65.

<sup>64</sup> Na perspectiva de Jorge, os “grandes homens” estariam inseridos numa ligação íntima com a sociedade, e não acima ou ao lado delas. Monteiro se refere a três ensaios de Ângelo Jorge: o primeiro, intitulado “Os grandes homens” foi publicado na revista *Nova Aurora* em 1905; o segundo, com o título de “O Super-Homem”, publicado na revista *A semana Azul*, em 1906, no qual Jorge afirmava: “O Super-Homem não existe. É uma bizzarria, uma extravagancia teórica, não corporizada jamais nos factos sociais. Melhor: o Super-Homem existe: - É a humanidade”; o terceiro ensaio, veiculado pelo jornal *Ilustração Popular*, em 1909, sob o título de “Os inferiores”, no qual há a tentativa de aproximação entre Nietzsche e Stirner. MONTEIRO, op. cit., p.80-82.

<sup>65</sup> Monteiro ressalta a publicação de “Gabriel D’Annunzio – Il fuoco e sua tradução brasileira”, de 1902, onde a autora afirma que D’Annunzio pretenderia “encarnar o ideal do homem superior” nietzschiano. MONTEIRO, op. cit., p.82-83.

<sup>66</sup> *Ibidem*, p.87-88.

<sup>67</sup> *Ibidem*, p.105-106.

João de Barros demonstra ter lido parte considerável da obra de Nietzsche e, conforme Américo Monteiro, pode ser considerado o primeiro a realizar uma “assimilação produtiva dessa mesma doutrina”, ou o que tratamos aqui por apropriação - que implica na adoção, incorporação ou operação com conceitos, categorias ou formulações nietzschianas por parte dos autores. Em 1904, a publicação de *Palavras Sãs*, “obra poética de instintos doutrinários e pedagógicos”, demonstrava as “ressonâncias zaratútricas” nos poemas de Barros<sup>68</sup>. A aplicação da doutrina do Super-Homem no campo da educação também foi proposta por Barros em seu livro *A escola do futuro*, publicado em 1908<sup>69</sup>.

João Grave, relator e colaborador do *Diário da Tarde*, noticiou a morte de Nietzsche no periódico e teve como fonte inicial de seus estudos sobre o filósofo a obra *La philosophie de Nietzsche*, publicada em 1898 pelo professor de literatura estrangeira na Universidade de Nancy, Henri Lichtenberger. Para Grave, Nietzsche seria um dos pensadores modernos que “possuiu mais nítidas faculdades críticas e mais largo poder de análise”<sup>70</sup>. Grave é considerado por Monteiro também um dos primeiros intelectuais a se apropriarem dos conceitos nietzscheanos, fazendo-o na obra *O último Fauno*, publicada em 1906, obra que acusaria a leitura de Nietzsche tanto pela adoção de um “estilo de cariz aforismático” como pela temática abordada ao estabelecer uma apologia da cultura grega, que teria sido “destronada” pela difusão do Cristianismo<sup>71</sup>.

Por fim, o terceiro autor destacado por Monteiro como um dos que primeiro se dedicou à recepção e à apropriação da filosofia nietzschiana foi António Patrício, que produziu poesia, conto e drama, além de contribuições em periódicos. Monteiro identificou em algumas de suas obras a ideia do Eterno Retorno, assim como elementos de *Assim falou Zaratustra* e de *Crepúsculo dos ídolos*<sup>72</sup>, a partir de uma leitura das traduções francesas de tais obras nietzschianas<sup>73</sup>.

Assim, entre as linhas de força características da recepção portuguesa da obra de Nietzsche entre 1890 e 1910, Monteiro destaca: 1. uma recepção menos intensa e menos extensa do que na França e na Espanha; 2. as primeiras referências ao filósofo como meras alusões

---

<sup>68</sup> MONTEIRO, Américo Enes. *A recepção da obra de Friedrich Nietzsche na vida intelectual portuguesa* (1892-1939). Dissertação de doutoramento em cultura alemã, apresentada à faculdade de letras da Universidade do Porto. Porto: 1997. p.107.

<sup>69</sup> *Ibidem*, p.97-98.

<sup>70</sup> *Ibidem*, p.103.

<sup>71</sup> *Ibidem*, p.108.

<sup>72</sup> NIETZSCHE, Friedrich. [1888] *O crepúsculo dos ídolos* ou como filosofar com o martelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

<sup>73</sup> MONTEIRO, op. cit., p.110-116.

superficiais, “por vezes para se lamentar ele ser ainda um ilustre desconhecido entre nós”<sup>74</sup>; 3. quase não haver ensaios de fundo sobre pensamento e a obra (com exceção de João de Barros); 4. a realização da leitura de Nietzsche a partir das traduções francesas; 5. *Assim falou Zaratustra*, na sua tradução francesa, era a obra mais conhecida, mais lida e mais citada; 6. uma tendência a relacionar a obra de Nietzsche com a de Max Stirner – assim como aconteceu em outros países; 7. uma curiosidade despertada pela notícia de sua morte<sup>75</sup>.

\* \* \*

Para além do cenário europeu, as recepções do pensamento nietzschiano na América Latina também têm sido objeto de análise. O pesquisador argentino e professor na Universidade de Córdoba Sergio Sánchez dedicou-se ao estudo da recepção de Nietzsche na região do Rio da Prata entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, com destaque para seus primeiros leitores no Uruguai - o romancista Carlos Reyles e o ensaísta José Enrique Rodó - e na Argentina, com especial atenção a Jorge Luis Borges, além de Leopoldo Lugones, Mariano Barrenechea, Ezequiel Martínez Estrada<sup>76</sup>.

Se, como destaca Wilson Frezzatti Júnior, há uma valorização de um Nietzsche literato nas publicações referentes à obra do filósofo na França a partir da década de 1890, Sánchez ressalta que é também no campo da literatura que a inflexão de Nietzsche no mundo latino-americano tem sido mais notada, sendo uma marca da cultura latina-americana a inflexão de ideias filosóficas sobre a produção literária<sup>77</sup>.

A forte marca da cultura francesa nas leituras de e sobre Nietzsche na região do Rio da Prata também são observadas por Sergio Sanchez. Inicialmente, tais leituras realizavam-se a partir das já citadas traduções francesas de Henri Albert, editadas pela Mercure de France e para além dessas traduções, também pela leitura de intérpretes franceses.

Nesse cenário, além da recepção das ideias nietzschianas na região ser marcada pela cultura francesa e estar relacionada à literatura, Sanchez evidencia que um terceiro aspecto característico dessa recepção estaria nas “leituras e/ou utilizações políticas” dos conceitos do filósofo, de modo que Nietzsche passou a ser lido como um transformador da vida (tanto para

<sup>74</sup> MONTEIRO, Américo Enes. *A recepção da obra de Friedrich Nietzsche na vida intelectual portuguesa* (1892-1939). Dissertação de doutoramento em cultura alemã, apresentada à faculdade de letras da Universidade do Porto. Porto: 1997. p.118.

<sup>75</sup> Ibidem, p.118-119.

<sup>76</sup> SÁNCHEZ, Sergio. Nietzsche no Rio da Prata (1900-1950). *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v. 33, p. 61-88, 2013.

<sup>77</sup> Ibidem, p.62-63.

os que assimilaram quanto para os que rejeitaram suas ideias), num contexto de reflexão sobre o alcance da democracia nos regimes latino americanos<sup>78</sup>.

No Uruguai, tais leituras foram realizadas principalmente pelos membros da chamada “geração dos 900” - movimento de modernização nas artes, na literatura, na educação - que se dedicou à reflexão sobre a “crise geral do fim do século”, marcada pelo processo de modernização democrática, atrelado ao grande fluxo de imigrantes em busca de trabalho e progresso material. Nas palavras de Sanchez:

Assim, a geração de 900 incorpora de forma diversificada, a tensão entre o apego à tradição latino-americano [sic] e a novidade da modernidade e do progresso. Trata-se, portanto, de uma geração heterogênea e diversa, caracterizada pelo signo do controverso e do caótico, dada a coexistência nela de tais orientações antagônicas, todas voltadas em buscar uma solução para a crise do fim do século. Esta é a geração que encontramos o ensaísta José Enrique Rodó e [o] romancista Carlos Reyles.

Em ambos os casos, é gritante a presença das características mencionadas acima: o peso da formação francesa e o fato deles serem autores autodidatas, cuja produção não os apresenta como filósofos, mas como escritores<sup>79</sup>.

Em seus estudos sobre Carlos Reyles, Sanchez identificou que apesar de aspectos gerais da filosofia nietzschiana estarem presentes nos textos do romancista, o filósofo não é citado em momento algum. Embora as referências diretas à Nietzsche sejam ausentes, Sanchez identificou uma apropriação dos conceitos nietzschianos de modo “pragmático-utilitarista”, ao reconhecer na proposta de Reyles uma tentativa de atualização da ideia de *transvaloração dos valores* – na perspectiva do uruguaio, o dinheiro no mundo contemporâneo seria apresentado como uma nova deidade.

Na Argentina, Sanchez analisou a recepção das ideias de Nietzsche pelo escritor Jorge Luís Borges entre os anos de 1936 a 1946. Diferentemente da maior parte dos leitores de Nietzsche da região do Rio da Prata, Jorge Luís Borges, declaradamente contrário ao nazifascismo, leu a obra do filósofo alemão nas fontes originais (e não em francês), além de fontes inglesas<sup>80</sup>.

Na perspectiva de identificar a imagem que Borges construiu do filósofo alemão, Sanchez dedicou-se à análise de um conjunto de textos escritos entre 1936 e 1946 e distinguiu

<sup>78</sup> SÁNCHEZ, Sergio. Nietzsche no Rio da Prata (1900-1950). *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v. 33, p. 61-88, 2013. p.62-63.

<sup>79</sup> Ibidem, p.64-65.

<sup>80</sup> Ibidem, p.74.

dois elementos marcantes na atitude do escritor frente ao filósofo: o primeiro seria um caráter de admiração em decorrência da complexa riqueza mental e lucidez apresentadas por Nietzsche; o segundo elemento identificado como marcante nas obras de Borges seria a rejeição aos que leram Nietzsche de forma simplificadora evitando os rigores da crítica<sup>81</sup>, de modo que Sanchez teria se dedicado a demonstrar como a partir de simplificações, omissões e ocultações a associação do nome do filósofo ao nacional-socialismo fora intencionalmente forjada<sup>82</sup>.

Os textos analisados por Sanchez foram: “La doctrina de los ciclos”<sup>83</sup>, de 1936, “Algunos pareceres de Nietzsche”<sup>84</sup>, de 1940, “El propósito de ‘Zarathustra’”<sup>85</sup>, de 1944, e a história “Deutsches Requiem”, de 1946<sup>86</sup>.

\* \* \*

No Brasil, diferentemente do ocorrido no Uruguai, Argentina ou mesmo Portugal, a recepção inicial às formulações de Nietzsche estabeleceu-se a partir do acesso a trechos de obras na língua original do filósofo. Foi o movimento intelectual denominado Escola de Recife, desenvolvido na Faculdade de Direito do Recife, durante a década de 1870, o propulsor dos estudos à produção intelectual alemã.

A fim de atender à necessidade de formação de uma elite independente e apta a enfrentar os problemas específicos da nação após a independência política brasileira em 1822, fora aprovado, em 1826, o projeto para a construção de duas Faculdades de Direito no país. Para sediar os estudos jurídicos no norte, a província de Pernambuco foi escolhida, sendo inaugurada no ano de 1828 a Faculdade de Direito no Mosteiro de São Bento, em Olinda. A região Sul recebera a Escola de Direito do Largo de São Francisco, na cidade de São Paulo.

Como aponta Lilia Schwarcz<sup>87</sup>, o curso instalado em Olinda possuía ainda muitos hábitos vindos de Portugal, já que contava com a mesma estrutura de curso da escola de

---

<sup>81</sup> SÁNCHEZ, Sergio. Nietzsche no Rio da Prata (1900-1950). *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v. 33, p. 61-88, 2013. p.75.

<sup>82</sup> Ibidem, p.75.

<sup>83</sup> Como destaca Sanchez, publicado inicialmente em maio de 1936 na revista *Sur* (v.VI, n.20) e incluído na coletânea de ensaios *Historia de la Eternidad* (1936). Ibidem, p.75.

<sup>84</sup> Publicado inicialmente no jornal *La nación*, em fevereiro de 1940 e incluído na obra *Textos recobrados* (1931-1955), publicada em 2001. Ibidem, p.75.

<sup>85</sup> Publicado inicialmente no jornal *La nación* e incluído também em *Textos recobrados* (1931-1955), publicado em 2001. Ibidem, p.75.

<sup>86</sup> Publicado inicialmente em fevereiro de 1946 na revista *Sur* (v.XV, n.136) e em 1949 como parte dos relatos de *El Aleph*, em suas *Obras Completas*. Ibidem, p.75.

<sup>87</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Coimbra, professores e parte dos alunos vindos da antiga metrópole, além de uma forte influência da Igreja, que ofereceu o mosteiro como sede para a Faculdade. Foi a mudança para Recife em 1854 e a reforma acadêmica<sup>88</sup> ocorrida no mesmo ano, além de sucessivas propostas de alteração de currículo, que propiciaram um aprimoramento na produção intelectual da, a partir de então, Faculdade de Direito do Recife.

Um momento de guinada teórica na Faculdade é identificado por Schwarcz a partir da reforma de 1879, que estabeleceu, entre outras mudanças, a alteração do currículo com a divisão do curso de Direito em duas seções: a de “ciências jurídicas” e seção de “ciências sociais”<sup>89</sup>. Como aponta a autora, a reforma seria resultado do esforço dos próprios intelectuais da Faculdade pelo afastamento das influências religiosas e metafísicas dominantes, em busca de um “estatuto científico” para o direito.

Tobias Barreto<sup>90</sup> e Sílvio Romero<sup>91</sup> estavam entre os principais intelectuais que assumiram a liderança desse movimento de renovação que teria como objetivo “expurgar antigos padrões, sempre em nome da civilização”, aliando o direito à biologia evolutiva, a antropologia determinista e às ciências naturais<sup>92</sup>. Conhecidos como a “geração de 1870”, os intelectuais da Faculdade de Recife foram os responsáveis pela recepção das teorias científicas deterministas no contexto brasileiro a partir da difusão de autores como Herbert Spencer, Charles Darwin, Pierre-Guillaume-Frédéric Le Play, Gustave Le Bon e ainda o Conde de Gobineau. Entre os autores de destaque para o grupo, a leitura de pensadores alemães (como Ernst Haeckel) se evidenciava. Os intelectuais participantes de tal movimento, que incluía além

---

<sup>88</sup> Como demonstra Schwarcz, a fim de solucionar antigas dificuldades existentes na Faculdade de Direito situada em Olinda, a reforma acadêmica estipulou de forma rígida um calendário de aulas, moralizou os exames preparatórios, reduziu o número tolerado de reprovações, delimitou o número máximo de faltas e instalou um rígido sistema de castigos, a fim de controlar a violência das relações entre alunos e professores. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.161.

<sup>89</sup> Ao programa de ciências jurídicas corresponderiam os cursos de “direito natural, romano, constitucional, civil, criminal, comercial, legal, teoria e prática do processo”. Já o curso de ciências sociais era constituído pelos cursos de “direito natural, público, universal, constitucional, eclesiástico, das gentes, administrativo, e diplomacia, história dos tratados, ciência da administração, higiene pública, economia, política”. Ibidem, p.162.

<sup>90</sup> Tobias Barreto (1839-1889) foi estudante da Faculdade de Direito do Recife nos anos de 1864 a 1869. Entre os anos de 1871 e 1882, viveu na cidade de Escada, em Pernambuco, onde dedicou-se ao estudo da língua alemã, além de redigir e publicar em alemão o jornal *Deutscher Kaempfer (Campeão alemão)*. Retornou ao Recife em 1882, quando conseguiu uma cátedra na Faculdade de Direito do Recife. Conferir: PANTUZZI, Tiago Lemes. *A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: a Escola de Recife*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

<sup>91</sup> Natural de Lagarto, em Sergipe, Sílvio Romero (1851-1914) foi estudante da Faculdade de Direito do Recife entre os anos de 1868 e 1873.

<sup>92</sup> SCHWARCZ, op. cit., p.163-164.

de Tobias Barreto e Sívio Romero, outros como Clóvis Bevilacqua, passaram a se autodenominar como “os renovadores da Escola de Recife”<sup>93</sup>.

Como destaca Geraldo Pereira Dias, na tese intitulada *A recepção de Nietzsche no Brasil: renovação e conservadorismo*, os primeiros leitores brasileiros de Nietzsche surgiram nesse contexto de renovação e valorização da cultura alemã propiciado pela Escola de Recife, que teria funcionado como “ponto propulsor do germanismo” no Brasil, expandido posteriormente para o Rio de Janeiro e Bahia<sup>94</sup>.

Ao dedicar-se aos periódicos do final do século XIX até a segunda década do século XX, Geraldo Pereira Dias efetuou um inventário das primeiras publicações de textos sobre Nietzsche na imprensa brasileira, identificando que, apesar de existir uma breve referência a Nietzsche realizada por Tobias Barreto em 1876, foi a partir de 1892 que o filósofo passou a ser citado mais intensamente em diários e revistas do país<sup>95</sup>.

A referência a Nietzsche realizada por Tobias Barreto foi no jornal do Recife *A Província*, em artigo intitulado “Nem filósofo nem crítico”, de 10 de março de 1876, no qual Barreto menciona uma polêmica entre Nietzsche e David Strauss, desenvolvida no ensaio “David Strauss, o devoto e o Escritor”, publicado por Nietzsche em 1873 como a primeira de suas *Considerações extemporâneas*. Na biblioteca particular de Barreto, disponível na Faculdade de Direito do Recife, Dias identificou artigos e resenhas sobre Nietzsche, publicados entre os anos de 1873 e 1874 em alguns exemplares dos seguintes periódicos alemães: *Magazin Für die Literatur des Auslandes*<sup>96</sup>, *Literarisches Centralblatt für Deutschland*<sup>97</sup> e *Musikalisches Wochenblatt: Organ für Musiker und Musikfreunde*<sup>98</sup>. Além dos textos sobre Nietzsche, há na biblioteca de Barreto um breve texto escrito pelo filósofo, em 1873, intitulado “Ein Neujahrswort an den Herausgeber der Wochenschrift ‘Im neuen Reich’” (“Uma palavra de ano novo ao editor do semanário ‘Im neuen Reich’”), no já citado periódico *Musikalisches Wochenblatt...* Considerando tal documentação, Dias classifica Tobias Barreto como o primeiro leitor de Nietzsche no Brasil<sup>99</sup>.

<sup>93</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.163.

<sup>94</sup> DIAS, Geraldo Pereira. *A recepção de Nietzsche no Brasil: renovação e conservadorismo*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Guarulhos, São Paulo, 2019. 472 f. p.30

<sup>95</sup> *Ibidem*, p.32.

<sup>96</sup> A revista traz um artigo assinado por Dr. H. Beta, intitulado *Die Geburt der Tragödie*. In: DIAS, op. cit., p.32

<sup>97</sup> De acordo com Dias, “a edição do mês de maio de 1874, em várias passagens, refere-se ao filósofo por meio da expressão “Herr Nietzsche”. *Ibidem*, p.32.

<sup>98</sup> Afirma Dias: “Os exemplares que adquiriu das edições do ano de 1873 trazem referências ao “Herr Nietzsche” e às suas reflexões sobre música.” *Ibidem*, p.32.

<sup>99</sup> *Ibidem*, p.31-33.

Se Barreto pode ser considerado o primeiro leitor de Nietzsche no Brasil, é ao crítico literário João Ribeiro<sup>100</sup> que se atribui as primeiras tentativas de tradução de conceitos nietzschianos do alemão para o português. Como demonstra Dias, Ribeiro utilizou as expressões “prohomem/pro-homem” e “sobre-homem” para traduzir o termo “*Übermensch*”<sup>101</sup>. Seu primeiro texto sobre Nietzsche foi publicado no *Jornal do Commercio* de 18 de junho de 1897, intitulado *F. Nietzsche*<sup>102</sup> e escrito no período em que Ribeiro vivia na Alemanha.

Para Dias, é possível identificar na produção de João Ribeiro, desde suas obras de crítica literária até em seus estudos historiográficos, aspectos parciais da filosofia nietzschiana, como a incorporação de “ideias” de Nietzsche “para com elas pensar questões estéticas e problemas político-sociais”<sup>103</sup>. Nos textos de Ribeiro, Dias identificou ora uma exaltação do filósofo pelos desdobramentos estéticos e sociais de seus escritos, ora sua condenação “como um pensador arrivista, alinhado com ideologias hostis”<sup>104</sup>.

Se Tobias Barreto e João Ribeiro foram apontados como leitores iniciais de Nietzsche no Brasil, os que seguiram, diferentemente dos dois primeiros, fizeram a leitura do filósofo a partir de textos franceses.

Entre o final do século XIX e início do XX, as traduções das obras de Nietzsche realizadas pela Mercure de France foram as principais fontes das obras de Nietzsche no Brasil<sup>105</sup>. Tais traduções, realizadas fora da ordem cronológica da escrita de Nietzsche colaboraram para o que Dias considera como “a imposição da imagem de um Nietzsche triunfante e profético, poeta, literato e iconoclasta”. A isso o pesquisador atribui o maior número de leituras relacionadas a um Nietzsche literato, com destaque para a “renovação da expressão, do uso novo da linguagem, etc.”<sup>106</sup>.

A primeira edição de uma obra de Nietzsche publicada no Brasil foi de *Assim Falava Zaratustra*, em 1932, versão revisada e atualizada da publicação portuguesa, realizada por Araújo Pereira, veiculada pela Editora Guimarães, em 1913. Em 1936, Lourival de Queiroz

---

<sup>100</sup> Natural de Sergipe, João Ribeiro (1860-1934) mudou-se para o Rio de Janeiro em 1881. Em 1891, assumiu a cadeira de História Universal no Colégio Pedro II e viveu na Alemanha entre 1895 e 1897. Para mais detalhes sobre João Ribeiro, conferir: RODRIGUES, Rogério Rosa. Traços biográficos de João Ribeiro ou as muitas faces de João. *História* (São Paulo) v.32, n.1, p. 377-400, jan/jun 2013.

<sup>101</sup> DIAS, Geraldo Pereira. *A recepção de Nietzsche no Brasil: renovação e conservadorismo*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Guarulhos, São Paulo, 2019. 472 f. p.35.

<sup>102</sup> A mesma versão do texto foi publicada com o título *Frederico Nietzsche*, no anuário Almanaque Garnier, em 1904. In: *Ibidem*, p.34. Como destaca Dias, não era incomum, nesse período, o emprego do nome “Nietzche”, sem a letra “s”. In: DIAS, op. cit., p.66-67.

<sup>103</sup> *Ibidem*, p.37.

<sup>104</sup> *Ibidem*, p.36.

<sup>105</sup> *Ibidem*, p.38.

<sup>106</sup> *Ibidem*, p.40-41.

Henkel realizou a primeira tradução de uma obra de Nietzsche no Brasil, tratava-se de *Ecce Homo*: como cheguei a ser o que sou<sup>107</sup>, que chegou ao público pela edição da Publicações Brasil.

Geraldo Pereira Dias dedica-se em sua tese a analisar a produção crítico-literária e ensaístico-interpretativa de Paulo Prado, de Gilberto Freyre e de Sérgio Buarque de Holanda, pois considera que “é no modernismo literário brasileiro que se identifica mais claramente uma recepção da filosofia de Nietzsche no país”, assim selecionando como recorte temporal privilegiado para sua pesquisa os anos entre 1922 e 1945<sup>108</sup>. Apesar de tal recorte, o pesquisador dedicou-se também a identificar autores pré-modernistas que em alguma medida fizeram em seus textos menção a Nietzsche, seja como referencial norteador ou como objeto central de análise. Entre os autores destacados pelo pesquisador estão José Veríssimo, Gilberto Amado, Oliveira Vianna, Vicente Licínio Cardoso, Jackson de Figueiredo, Alberto Torres, Manoel Bomfim e Elysio de Carvalho<sup>109</sup>.

Dias busca demonstrar em sua tese a contribuição desses autores apresentados como pré-modernistas para a recepção do pensamento de Nietzsche, destacando que é possível identificar em seus textos as “marcas de neologismos” que foram posteriormente aprimorados pelos autores do movimento modernista e que as variações semânticas e ortográficas seriam indicativas da circulação de um vocabulário “adquirido a partir de fontes originais e traduções diversas”. Para o pesquisador, “a terminologia conceitual de Nietzsche era moda, uma espécie de canto das sereias”<sup>110</sup>. Tratando especificamente sobre Elysio de Carvalho, Dias afirma “é um dos primeiros autores brasileiros a tentar uma interpretação dos textos de Nietzsche, para então melhor compreender o filósofo”<sup>111</sup>, entretanto, não considera que houve uma apropriação das formulações.

Além de Dias, demonstraremos no capítulo a seguir que outros autores consideraram a produção de Elysio de Carvalho como parte da “moda Nietzsche”, associando tal moda a uma dependência a empréstimos estrangeiros. Entretanto, por meio da análise da produção de Carvalho, buscaremos demonstrar que, para além de ser seduzido pelo “canto das sereias”, Carvalho não se limitou a fazer uso de neologismo e terminologias da moda, mas apropriou-se

<sup>107</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*: como alguém se torna o que é. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

<sup>108</sup> DIAS, Geraldo Pereira. *A recepção de Nietzsche no Brasil*: renovação e conservadorismo. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Guarulhos, São Paulo, 2019. 472 f. p.20.

<sup>109</sup> Ibidem, p.47-48.

<sup>110</sup> Ibidem, p.48.

<sup>111</sup> *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v.36, n.1, p.94, 2015.

de formulações do filósofo de *Zarathustra* operando com conceitos, categorias e expressões nietzschianas para análises do país, construindo a partir de sua apropriação, uma narrativa da nação.

## 2 - Entre o esplendor e a decadência da sociedade brasileira: Elysio de Carvalho

### 2.1 Elysio de Carvalho: suas leituras e seus leitores

O alagoano Elysio de Carvalho nasceu em 1880 e teve uma trajetória literária agitada por sua circulação entre as ideias anarquistas, decadentistas e nacionalistas. Foi o diretor do periódico anarquista *A Greve* (1903) e da revista *Kultur* (1904) e, em 1904, fundou juntamente com militantes do movimento anarquista e literatos simpatizantes a Universidade Popular de Ensino Livre, com duração de poucos meses. Enquanto anunciava sua aproximação às ideias de Nietzsche e publicava traduções de Oscar Wilde, comunicou, em 1909, por meio da obra *Five O'Clock*<sup>112</sup>, sua renúncia aos ideais anarquistas e assumiu, entre os anos de 1911 a 1915, a diretoria do Gabinete de Identificação e Estatística da Polícia do Rio de Janeiro. Com essa breve apresentação, já é possível identificar o grande movimento de Carvalho entre ideias e perspectivas distintas, característica que, como demonstraremos a seguir, será marcante das análises realizadas sobre a produção do autor.

O próprio Carvalho destacou as contribuições do filósofo Friedrich Nietzsche e outros pensadores alemães em sua trajetória intelectual. Em 1905, João do Rio, um dos redatores da *Gazeta de Notícias*, realizou uma série de entrevistas com literatos de destaque da época, prática que era comum na Europa. Elysio de Carvalho foi um dos intelectuais que fez parte do grupo dos entrevistados, entre os quais figuravam como escritores de destaque nacional também Olavo Bilac, Raymundo Correia, Nestor Vitor, Julia Lopes de Almeida, entre outros. No mesmo ano, Carvalho reorganizou e ampliou suas respostas à entrevista concedida a João do Rio, publicando-as reunidas na obra *História de um cérebro*<sup>113</sup> e republicando-as dois anos depois como um dos capítulos que compuseram *As modernas correntes estéticas da literatura brasileira*<sup>114</sup>. Nessa versão ampliada de suas respostas, Carvalho destacou que além dos referenciais que o tornaram um ateu profundo (D'Holbach, Diderot, Lange, Buchner, Spencer, Hoeckel) e um anarquista convicto (Proudhon, Bakunine, Kropotkine, Mackay, Tucker, Réclus etc.), aponta também Keats, Shelley e Oscar Wilde como seus mestres em poesia, e Thomas Carlyle, Ruskin, Henrique Ibsen, Pompeyo Gener e Emerson como seus educadores de sensibilidade em filosofia.

---

<sup>112</sup> CARVALHO, Elysio de. *Five O'Clock*. Rio de Janeiro: Garnier, 1909.

<sup>113</sup> Idem. *História de um cérebro*. Rio de Janeiro: Tipografia Bornard Frères, 1905.

<sup>114</sup> Idem. *As modernas correntes estéticas da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1907.

Na apresentação que João do Rio fez à entrevista, referindo-se às diversas contribuições que faziam parte do arcabouço de leitura de Carvalho, anunciava: “O Sr. Elysio de Carvalho representa por si só uma porção de pequenos movimentos literários, reflexos de pequenas escolas francezas”<sup>115</sup>. Por sua vez, o próprio Carvalho, após a apresentação do conjunto de pensadores relacionados acima, ressaltou a importância dos autores alemães em sua trajetória, afirmando:

Foi, porém, o intelecto alemão o que influiu mais profundamente na formação da minha mentalidade. O fenomenalismo do *Mundo como vontade e como representação*, retificado pela filozofia nietzscheana, e a serenidade de Goethe tornaram mais luminosa a minha visão estética.<sup>116</sup>

E prossegue enfatizando a relevância de Schopenhauer, Max Stirner e Friedrich Nietzsche<sup>117</sup>, ao declarar que esses autores eram os seus principais educadores. Em suas palavras:

[...] são os meus grandes, os meus maiores, os meus melhores e os meus verdadeiros educadores: porque me ensinaram bastante a pensar, me induziram a procurar e encontrar meu *eu*, me fizeram encontrar o único caminho que condúz a vida: foram os autores da minha emancipação intelectual.<sup>118</sup>

Nessa mesma entrevista republicada por Carvalho, o autor sugere que, “fiel à filosofia nietzschiana”, buscava “pensar por conta própria”, uma vez que o próprio Nietzsche não procuraria prosélitos ou discípulos, pois esses seriam considerados como massa de rebanho. Afirma:

Como um sectário que se deslumbra do novo deus, meu espírito foi para Stirner com a mesma intuição que me guiava para Nietzsche. Stirner e Nietzsche modificaram a orientação da minha vida e transformaram

---

<sup>115</sup> RIO, João do. [1905] *Momento literário*. Rio de Janeiro: Garnier. s/d. p.256 Disponível em: [http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/\_documents/0006-00800.html]. Acesso em: 06/08/2016.

<sup>116</sup> CARVALHO, Elysio de. *História de um cérebro*. Rio de Janeiro: Tipografia Bornard Frères, 1905. p.11.

<sup>117</sup> No conjunto das demais entrevistas realizadas por João do Rio, a referência a Friedrich Nietzsche aparece rapidamente apenas quatro vezes: nas apresentações do próprio João do Rio a João Ribeiro, Marcus Sondhal e Alberto Ramos e na indicação feita pelo escritor e psiquiatra Julio Afranio [Afrânio Peixoto] de que o filósofo alemão era uma de suas preferências literárias para “os dias festivos do espírito”. In: RIO, op. cit., p.13, 245, 311 e 300, respectivamente.

<sup>118</sup> Ibidem, p.11.

completamente a minha intelectualidade, dando-me uma noção mais luminosa de vida e um conceito mais real do universo.<sup>119</sup>

Encontramos também no capítulo intitulado “O problema da cultura”, em *As modernas correntes estéticas da literatura brasileira*, obra publicada em 1907, a base da concepção de cultura que Carvalho irá mobilizar em algumas de suas produções e que, de acordo com o próprio autor, se reporta ao conceito de cultura em Nietzsche. Destacamos um pequeno trecho:

Ha mister explicar o que se entende por *cultura* como problema humano, que, consoante ao pensar commum, não quer dizer *instrução*, mas tão somente revela um sentido profundo da vida e de seus mais secretos poderes, os mais necessários à conservação do individuo e da especie, ao florescimento da civilização. A cultura, ao parecer de Frederico Nietzsche, não se traduz somente pela expansão das letras, engrandecimento das artes e progresso do conhecimento scientifico exprime-se principalmente na polidez dos costumes, no ornamento ordenado da existencia quotidiana, em tudo o que contrasta com a barbaria e o bysantinismo. [...].<sup>120</sup>

Na sequência, Carvalho faz uma citação (sem apresentar a referência) do ensaio intitulado *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*<sup>121</sup>, escrito por Nietzsche em 1874. No trecho citado por Carvalho, Nietzsche trata da importância do esquecimento, considerado necessário para a existência de um indivíduo, povo ou cultura. Carvalho, entretanto, utiliza um recorte desse trecho para continuar sua reflexão sobre a cultura, concluindo que não há outro modo de encará-la se não for entendida como uma unidade de estilo artístico. Abaixo, a reflexão de Nietzsche e em destaque, o trecho utilizado por Carvalho:

É portanto possível viver, e mesmo viver feliz, quase sem qualquer lembrança, como demonstra o animal; mas é absolutamente impossível viver sem esquecimento. Ou melhor, para me explicar ainda mais simplesmente a respeito do meu problema: há um grau de insônia, de ruminação, de sentido histórico, para além do qual os seres vivos se verão abalados e finalmente destruídos, quer se trate de um indivíduo, de um povo ou de uma cultura (*Kultur*). Para determinar este grau e, com base nele, fixar o limite a partir do qual o passado deve ser esquecido, de modo que não se torne o coveiro do presente, **seria necessário saber exatamente qual é a força plástica**

<sup>119</sup> CARVALHO, Elysio de. *História de um cérebro*. Rio de Janeiro: Tipografia Bornard Frères, 1905. p.12.

<sup>120</sup> Idem. *As modernas correntes estéticas da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1907. p.183.

<sup>121</sup> In: NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre a história*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005. p.73.

**(plastische Kraft) do indivíduo, do povo ou da cultura em questão, quer dizer, esta força que permite a alguém desenvolver-se de maneira original e independente, transformar e assimilar as coisas passadas ou estranhas, curar as suas feridas, reparar as suas perdas, reconstituir por si próprio as formas destruídas.** Há pessoas de tal maneira desprovidas desta força, que um único acontecimento, um único sofrimento, frequentemente mesmo uma única leve injustiça é suficiente, tal como uma pequena ferida aberta, para esvaziá-las irremediavelmente de todo o seu sangue [...].<sup>122</sup> (grifos meus)

Ainda em 1907, Carvalho publicava no *Jornal do Commercio* um artigo sobre a “Trágica história de um criador de valores”, texto que seria depois reeditado em *Bárbaros e europeus*<sup>123</sup>, publicado em 1909. No artigo, Carvalho dedica-se a apresentar e refletir sobre a relevância de Nietzsche e afirma que o próprio filósofo, com seus sofrimentos, decepções e alegrias, seria o lado mais atraente do estudo de suas obras. Vale um destaque para o início do artigo:

Os gênios, seres segregados da humanidade, fora do sentir e do pensar comum, produtos de uma ignorada evolução étnica, forças da natureza cujo impulso a sociedade, instintivamente, sempre desejosa da instabilidade, evita a todo transe, gravitam sobre si mesmos e ninguém conhece as leis desses desorbitados planetas que se tornam sóis. Frederico Nietzsche, uma das organizações cerebrais mais poderosas entre todas as que têm edificado o espírito humano, foi um desses desorbitados, e sua vida, nas circunstâncias em que se produziu, reveste-se de um caráter patético e terrível, foi uma beleza tão trágica, melancólica e pungente que dá a sua pessoa o valor de um símbolo. O maior filósofo dos tempos modernos, o homem que teve a mais livre inteligência e mais fina sensibilidade de seu século, morre, mergulhado nas profundas trevas da loucura incurável, absoluta, como um facho luminoso apagado por violenta tempestade.<sup>124</sup>

Com um texto carregado de admiração, adjetivos como “gênio”, “símbolo”, “superior como intelectual” e “herói do pensamento” são utilizados por Carvalho para se referir à Nietzsche, considerado como pertencente à uma “dinastia de pensadores” que incluiria “Kant, Goethe, Hegel, Fichte, Schelling, Schopenhauer, Feuerbach, Strauss, Stiner e Hartmann”,

<sup>122</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre a história*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005. p.7, (grifos meus).

<sup>123</sup> CARVALHO, Elysio de. *Bárbaros e europeus*. Rio de Janeiro: Garnier, 1909.

<sup>124</sup> Idem. *Obras de Elysio de Carvalho: Ensaios*. Brasília: Universa – CBA, 1997. p.119.

pensadores que teriam, segundo Carvalho, dominado “todo o pensamento filosófico do século que findou”<sup>125</sup>.

Ainda em 1907, Carvalho publicou, no *Almanaque Brasileiro Garnier*<sup>126</sup>, “A estética da língua portuguesa”, artigo que compunha a terceira parte do anuário, direcionada à literatura. Em seu texto, Carvalho tece considerações sobre a obra *Páginas de Esthetica*, de João Ribeiro, que, a seu ver, “é um dos melhores e dos mais belos nomes que ahi surgem dos alvoroços e tumultos da nossa actividade litteraria”<sup>127</sup>. Os elogios tecidos à obra de Ribeiro são baseados em referências nietzschianas. Afirma Carvalho:

Os vinte ensaios que João Ribeiro nos offerece á meditação pertencem a esse gênero litterario tao commum entre os allemães, um gênero sempre cheio de seducções e subtilezas, que possui a virtude de seduzir os espíritos, mesmo os mais refractarios, e em que Frederico Nietzsche, o philosopho que deu á Allemanha os livros os mais profundos e os mais artisticamente architectados, se tornou mestre inexcedivel e, ainda mais, o tornou difficil. Esse gênero, que o visionário da *Vontade de Poder* considera como uma "forma da eternidade", requer uma argumentação lógica e profunda, pensamento incisivo, suggestivo, revelador, e estylo vigoroso, conciso, sóbrio, - n'elle devem predominar harmoniosamente o sentimento da forma e a nobreza da expressão.<sup>128</sup>

Além do elogio ao gênero ensaio utilizado por Ribeiro, Carvalho destaca ainda como fator positivo a valorização dos clássicos apresentada em *Páginas de Esthetica*, valorização essa que também seria um importante instrumento de cultura para Nietzsche<sup>129</sup>. Como destaca Rogério Rosa Rodrigues, no artigo “João Ribeiro e o cenário cultural brasileiro na Primeira República”<sup>130</sup>, Ribeiro era um entusiasta da cultura histórica alemã, “sua afinidade com a produção intelectual germânica é consolidada pela estadia que teve no país entre 1895 e 1897 e afirmada e reafirmada em quase todas as suas obras, seja de forma direta, seja de forma velada”<sup>131</sup>. Além de entusiasta da cultura alemã, João Ribeiro se atribui as primeiras tentativas

<sup>125</sup> CARVALHO, Elysis de. *Obras de Elysis de Carvalho: Ensaios*. Brasília: Universa – CBA, 1997. p.120.

<sup>126</sup> Anuário brasileiro criado em 1903 e mantido até 1914.

<sup>127</sup> *ALMANAQUE Brasileiro Garnier*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1907. p.250

<sup>128</sup> *Ibidem*, p.250.

<sup>129</sup> *Ibidem*, p.256.

<sup>130</sup> RODRIGUES, Rogério Rosa. João Ribeiro e o cenário cultural brasileiro na Primeira República. *Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História da Anpuh*, 2015. Disponível em: [http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1438292368\_ARQUIVO\_Rodrigues,RR.JoaoRibeiroANPUH.pdf]. Acesso em: 16/06/2019.

<sup>131</sup> *Ibidem*, p.2.

de tradução de conceitos fundamentais de Nietzsche do alemão para o português<sup>132</sup>. Tais considerações realizadas por Carvalho evidenciam que, nesse momento, as formulações nietzschianas estavam presentes também como critério para a análise que o autor realizava das obras que comentava.

\* \* \*

Por seus contemporâneos, Carvalho foi apresentado como um autor com destacado interesse por novas ideias. Ruben Darío e Fábio Luz foram alguns dos que apresentaram reflexões sobre a produção do autor.

Em 1912, Rubén Darío, escritor e poeta que se notabilizou por encabeçar o movimento modernista na literatura hispano-americana, veio ao Brasil a fim de realizar conferências. De acordo com Broca, a conferência de maior importância era sobre Joaquim Nabuco e seria realizada no Rio de Janeiro. Apesar de Darío não a realizar, o texto de sua conferência foi lido ao público por seu secretário, e posteriormente publicado na íntegra pelo jornal *O Paiz*. Em seu texto, alusões à *Assim falou Zaratustra* são apresentadas. Na perspectiva de Brito Broca, Darío foi um dos escritores que fez parte do grupo dos que aderiram à “moda Nietzsche”<sup>133</sup>, assim como o próprio Carvalho, que teria recebido o escritor em visita anterior ao Brasil, em 1906, ainda como secretário da Delegação da Nicarágua à Conferência Pan-Americana<sup>134</sup>.

Darío teceu seus comentários sobre Carvalho, destacando seu interesse por novas ideias:

Carvalho, disse Rubén Darío - foi o paladino da revolução intelectual na mocidade brasileira. Em contacto com os *leaders* da Europa, levou o seu entusiasmo até se filiar a pequenas agremiações, que em Paris mesmo lograram duração efêmera, tal como o famoso naturismo, que não teve mais razão de ser em plena afirmação simbolista, senão no talento incipiente de uns quantos.<sup>135</sup>

<sup>132</sup> DIAS, Geraldo Pereira. *A recepção de Nietzsche no Brasil: renovação e conservadorismo*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Guarulhos, São Paulo, 2019. 472 f. p.35.

<sup>133</sup> BROCA, Brito. [1956] *A vida literária no Brasil – 1900*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Academia Brasileira de Letras, 2004. p.247-248.

<sup>134</sup> MURICY, Andrade. [1952] *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. v.1, 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987. p.102-103.

<sup>135</sup> apud COMET, Cesar A. A irradiação da obra litteraria de Elysio de Carvalho. *América Brasileira*. Anno II, n.20, agosto de 1923. p. 226.

Na ocasião, Darío se refere à adesão feita por Elysio ao movimento naturista iniciado por Saint Georges de Bouhéliier, na França. O manifesto do movimento francês foi publicado no *Figaro*, em 10 de janeiro de 1897, mas entre os anos de 1900 e 1902, o grupo se dissolveu. De acordo com Marcel Raymond em *De Baudelaire ao Surrealismo*, apesar de efêmero, o naturismo foi um dos principais protestos contra o simbolismo (juntamente com a escola romana<sup>136</sup>, em defesa da perfeição e do dogma clássico)<sup>137</sup>. Raymond recupera trechos significativos do *Essai sur le naturisme*, publicado por Maurice Le Blond, em 1895, que traçam as linhas de força do movimento. Afirmava Le Blond: “Basta, faz demasiado tempo que se admiram Baudelaire e Mallarmé!”, e seguia declarando que aqueles que os precederam, “preconizaram o culto do irreal, a arte do sonho, a procura do frêmito novo [...]. Quanto a nós, o além não nos emociona, cremos num panteísmo gigantesco e radioso. [...] Voltamos para a Natureza. Procuramos a emoção sã e divina. Desprezamos a arte pela arte [...]”. dentro desse contexto de desprezo da arte pela arte, em clara oposição ao movimento simbolista, Raymond destaca ainda que de acordo com Bouhéliier, o naturismo seria mais uma “moral do que uma doutrina artística”<sup>138</sup>.

No Brasil, Elysio de Carvalho dirigiu a *Revista Naturista Franco-Brasileira*, também com curta duração, entre abril e agosto de 1901. Em 1905, o próprio Elysio de Carvalho informava que sua aproximação com o movimento se deu através de suas leituras de Zola: “Foi elle quem despertou em mim o desejo de uma arte mais sã, mais humana, mais conforme a natureza: daí a minha adesão ao movimento naturista que em França iniciára Bouhéliier”.<sup>139</sup>

Como destaca Antonio Arnoni Prado em *1922 – Itinerários de uma falsa vanguarda (os dissidentes, a Semana e o Integralismo)*, o manifesto naturista de Elysio de Carvalho inseria-se num momento de intensa atividade do autor junto ao movimento anarquista. Desse período estaria também a aproximação de Carvalho com Fábio Luz, Rocha Pombo, José Veríssimo e Silva Marques<sup>140</sup>.

Fábio Luz, militante anarquista e um dos fundadores da Universidade Popular em 1904 juntamente com Carvalho, dedicou pouco mais de uma página a tecer considerações sobre

---

<sup>136</sup> Movimento que teve Charles Maurras como crítico e teórico do grupo. Como destaca Raymond, no periódico *Figaro* de 14 de setembro de 1891 foi publicada a “Carta dos poetas romanos”, reivindicando o princípio greco-latino como fonte viva de inspiração, reatando “com a corrente gálica, rompida pelo romantismo e sua descendência parnasiana, naturalista e simbolista”. In: RAYMOND, Marcel. *De Baudelaire ao Surrealismo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997. p.49-50

<sup>137</sup> Ibidem, p.49.

<sup>138</sup> Ibidem, p.56.

<sup>139</sup> RIO, João do. [1905] *Momento literário*. Rio de Janeiro: Garnier. s/d. p.258.

<sup>140</sup> PRADO, Antonio Arnoni. *1922 – Itinerários de uma falsa vanguarda (os dissidentes, a Semana e o Integralismo)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983. p.14-15.

Carvalho no *Almanaque Brasileiro Garnier* de 1907. Luz também ressalta, assim como Darío, o interesse de Carvalho por novas ideias e destaca a importância do escritor como popularizador das ideias nietzschianas. Em suas palavras:

Poucos no Brasil conheciam a autor do *Zarathustra*; ninguém entendia as complicações do *Unico e sua Propriedade* de Stirner. As nebulosidades de Nietzsche [sic], a sua philosophia egoistica e dionysiaca, os sibyllinos e infinitos paragraphos da *Aurora*, a *Origem da Tragédia* e o *Antechristo* precisavam, como livros santos, como alcorões de novos credos, da interpretação dos textos, e Elysio de Carvalho atirou-se a esse trabalho insano de vulgarisar e popularisar as obras dos dous allemães, que a pedanteria nacional dos *novos* agora comprehende e aprecia, deliciando-se com os textos os mais complicados em que as palavras parece terem sido collocadas a esmo.<sup>141</sup>

Luz destacava ainda que Carvalho seria dono de uma “[...] psychologia digna de estudo acurado” e que, como o próprio Elysio de Carvalho afirmava, “não é *um escritor brasileiro* e sim *supernacional*” por pertencer “ao movimento intelectual europeu”<sup>142</sup>.

\* \* \*

Apesar de, em sua contemporaneidade, Carvalho ter figurado em destaque no cenário das letras, escassos são os estudos realizados posteriormente sobre sua produção e, desses estudos, grande parte têm como referencial duas obras: a primeira delas, de 1982, intitula-se *Elysio de Carvalho, um militante do anarquismo*<sup>143</sup>, de autoria de Moacir Medeiros de Sant'Ana, e a segunda, mais citada nos trabalhos dedicados a Carvalho, editada em 1997, é *Obras de Elysio de Carvalho: ensaios*<sup>144</sup>, livro que reúne uma amostragem da produção do autor, com fragmentos de oito de suas obras. De acordo com a apresentação do livro, a proposta (que não se efetivou), era de realização da publicação das obras completas de Elysio – sendo esse o primeiro volume.

Em *Elysio de Carvalho, um militante do anarquismo*, Moacir Medeiros de Sant'Ana pretende apresentar, como afirma logo no início, um trabalho bibliográfico sobre Carvalho.

<sup>141</sup> ALMANAQUE *Brasileiro Garnier*, op. cit., p.296.

<sup>142</sup> Ibidem, p.295.

<sup>143</sup> SANT'ANA, Moacir Medeiros de. *Elysio de Carvalho, um militante do anarquismo*. Maceió: Arquivo público de Alagoas; Rio de Janeiro: Secretaria da cultura, 1982.

<sup>144</sup> CARVALHO, Elysio. *Obras de Elysio de Carvalho: Ensaios*. Brasília: Universa – CBA, 1997.

Sant'Ana discorre sobre seu caminho de pesquisa, elencando os arquivos e bibliotecas pelos quais passou em sua busca por documentos e ressalta as dificuldades com relação à recuperação de fontes para tal levantamento. Dentre as que encontrou maior dificuldade para obter estavam, principalmente, jornais, revistas e periódicos, fontes essas que concentram parte significativa das produções de Carvalho<sup>145</sup>.

Sant'Ana propõe-se ainda a apresentar a relevância de Carvalho no movimento anarquista nacional, já que o considera um autor pouco citado na bibliografia sobre as ideias políticas no Brasil. Nessa perspectiva, o autor destaca a atuação de Carvalho no movimento anarquista nacional como diretor e colaborador de periódicos libertários, as conferências proferidas em centros operários, além de sua participação na fundação da Universidade Popular, para educação de operários.

Moacir Medeiros de Sant'Ana apresenta também algumas informações biográficas sobre Carvalho, como o ano de nascimento (1880) e locais de estudo em Recife, além dos periódicos para os quais o autor teria contribuído: entre jornais e revistas, a soma é de 37 periódicos nacionais, dos quais 8 estiveram sob sua direção, além de ter contribuído com 11 periódicos no exterior<sup>146</sup>.

Em quatro páginas, Sant'Ana apresenta as “influências literárias” de Elysio de Carvalho, tomando como referencial as respostas do escritor ao inquérito intitulado “O momento literário”, organizado em 1905, pela *Gazeta de Notícias*. Nas páginas em que Sant'Ana aborda as referências de Carvalho, a menção a Nietzsche é realizada apenas uma vez, quando destaca a afirmação do próprio Carvalho de que seus verdadeiros educadores teriam sido Max Stirner

<sup>145</sup> SANT'ANA, Moacir Medeiros de. *Elysio de Carvalho, um militante do anarquismo*. Maceió: Arquivo público de Alagoas; Rio de Janeiro: Secretaria da cultura, 1982. p.9.

<sup>146</sup> De acordo com o levantamento apontado por Sant'Ana, Carvalho colaborou com os seguintes periódicos: *Don Juan* (1897); *A Palavra* (1893); *O Trabalho* (1893); *O Sertanejo* (1895); *Quinze de Novembro* e *A Tribuna* (1897); *Genese*, *Semana Illustrada*, *A Ronda* e *Rua do Ouvidor* (1898); *A Tarde* (1899); *Novidades* (1899-1901); *Archivo Illustrado* (1899-1900); *Capital Paulista* (1900); *Revista Acadêmica* e *Cidade do Rio* (1900-1902); *Jornal do Povo* e *Revista Literária* (1901); *Asgarda* (1902); *O Amigo do Povo* (1902-1904); *O trabalhador* (1903); *Renascença* (1904); *Almanaque Brasileiro Garnier* (1905-1906); *A Illustração Brasileira* (1904); *Boletim Policial* (1907-1915); *A Evolução* e *O Imparcial* (1912); *Gazeta de Notícias* (1913); *América Brasileira* (1922-1924); *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano* (1909-1910).

Além dos periódicos nacionais, Carvalho fez colaborações com jornais na Argentina, *Libre Examen* (1904); *Almanaque de la Questión Social* (1904); *La Protesta* (1904-1905). Em La Plata, *El Pueblo* (1905). No Chile, *Revista Nueva* (1901). Na Espanha, *Natura* (1904), *El Rebelde* (1904). *Régénération Humaine* (1904) na França. No Uruguai, contribuiu com *Nuevo Rumo* (1904) e *La Rebellion* (1904); *Futuro* (1905).

Atuou também na direção dos periódicos *A meridional* (1899), *Brasil Moderno* (1899), *Revista Naturista Franco-Brasileira* (1901); *A greve* (1903), *Kultur* (1904), *Revista Nacional* (1919) e *América Brasileira* (1922-1924). In: SANT'ANA, op. cit., p.22-24.

e o próprio Nietzsche<sup>147</sup>, entretanto, em nenhum outro momento da obra o filósofo alemão aparece como destaque relevante para os escritos de Carvalho.

Sant’Ana prossegue sua obra apresentando as trilhas seguidas por Elysio de Carvalho no caminho do anarquismo, com destaque para suas contribuições ao movimento e sua posterior renúncia ideológica, em 1909. Nos capítulos intitulados “O perfil moral de um ser complicado” e “Uma campanha de descrédito”, Sant’Ana evidencia, em uma passagem rápida, a relevância de Carvalho como o popularizador no Brasil de Max Stirner e Friedrich Nietzsche, além de ter introduzido no cenário nacional Oscar Wilde, por meio de suas traduções de obras wildianas<sup>148</sup>. Sant’Ana ainda faz referência às acusações de plágio recebida por Carvalho no capítulo intitulado “Uma campanha de descrédito”, recuperando fontes que falam sobre três poesias publicadas em 1898 com a assinatura de Carvalho e reeditadas em mais de um periódico, que teriam como autor Aristeu de Andrade<sup>149</sup>. Na perspectiva de Sant’Ana, tal ocorrido teria contribuído para que Carvalho fosse combatido no início de sua carreira literária, mas, após tais “obstáculos iniciais”, Sant’Ana busca demonstrar que a ascensão do autor no meio intelectual do Rio de Janeiro se fez de modo rápido, e cita como indicativo dessa ascensão a participação de Carvalho na recepção de Otto Maria Carpeaux oferecida no Rio de Janeiro e a menção feita ao alagoano pelo poeta nicaraguense, considerado o introdutor do modernismo na poesia de língua espanhola, Rubén Darío. Sant’Ana destaca as palavras de Darío, referentes à aproximação de Carvalho com o naturismo francês, ao afirmar que “foi o paladino da revolução intelectual da juventude brasileira”<sup>150</sup>.

Moacir Medeiros de Sant’Ana finaliza sua obra demonstrando a ligação de Carvalho com a polícia carioca a partir de 1907, inicialmente com seu trabalho na Junta Comercial do Rio de Janeiro e a posterior posse como Diretor do Gabinete de Identificação e Estatística (departamento pertence à polícia do estado), até a fundação da Escola de Polícia do Rio de Janeiro, em 1912, da qual foi o primeiro diretor. Nas 93 páginas de sua obra, Sant’Ana reúne ainda uma bibliografia de Elysio de Carvalho, uma lista com as obras publicadas pelo autor, além de fotografias e imagens da primeira página de alguns jornais que estiveram sob sua direção e alguns *ex-libris* de Carvalho.

Na segunda obra de maior consulta sobre Carvalho, *Obras de Elysio de Carvalho: ensaios*, dois textos analíticos precedem à reprodução dos fragmentos das obras do autor: o

---

<sup>147</sup> SANT’ANA, Moacir Medeiros de. *Elysio de Carvalho, um militante do anarquismo*. Maceió: Arquivo público de Alagoas; Rio de Janeiro: Secretaria da cultura, 1982. p.28.

<sup>148</sup> Ibidem, p.46-47.

<sup>149</sup> Ibidem, p.56.

<sup>150</sup> Ibidem, p.65.

primeiro deles, de autoria de Cassiano Nunes, tem como título “Elysio de Carvalho e o espírito de seu tempo”<sup>151</sup> e o segundo, de Vamireh Chacon, “Elysio de Carvalho: do individualismo anárquico ao nacionalismo cultural”<sup>152</sup>. Apresentaremos algumas considerações sobre ambos.

Nunes inicia seu texto elencando duas justificativas para o esquecimento dos escritos de Carvalho no cenário brasileiro. De acordo com o autor, o primeiro motivo seria o contexto de pouca leitura nacional, “na época antiintelectual em que vivemos”, momento em que a moderna tecnologia contribuiria para “não só manter, mas também para ampliar, na nossa sociedade, a alienação e mediocridade”. A segunda causa para o esquecimento de Carvalho seria o fato de o autor não ser um “escritor fácil de ser bem acolhido e apreciado. Sua maturação foi um pouco lenta e ele pecou por suas tendências para o excesso e a contradição”. Para Nunes, Carvalho teria sido “facilmente atraído e até fanatizado por ideias” em virtude de sua “mutabilidade constante”<sup>153</sup>.

Se, para Nunes, Carvalho seria facilmente atraído por ideias e teria uma tendência ao excesso e contradição, Chacon, em “Elysio de Carvalho: do individualismo anárquico ao nacionalismo cultural”, também o classifica, como um “intelectual extraviado entre os partidos”. Em suas palavras:

Elísio está numa faixa muito aquém politicamente, trafegava errático, sem rota fixa, mais um caso, não só brasileiro, de intelectual extraviado entre os partidos, que não o aceitam nem são por eles aceitos. Por isso não o incluí na minha *História das Idéias Socialistas no Brasil: Elysio de Carvalho caiu na armadilha dos extremos*, não era político, muito menos [sic] vocação de ideólogo de qualquer tipo, queria conciliar o inconciliável e decepcionava-se pela sua impossibilidade, bem como pelos ataques dos vários lados por tentá-lo.<sup>154</sup> (grifos meus)

Apesar da dura crítica apresentada a Carvalho, que teria caído na “armadilha dos extremos” e poderia ser considerado como “aquém politicamente”, Chacon identifica como surpreendente o acompanhamento que o autor faz do “itinerário dos críticos da chamada esquerda hegeliana alemã”, ainda que tenha tido uma escassa formação filosófica. Em defesa de Carvalho, ao tratar sobre as confusões “dentro e principalmente fora do mundo de idioma

---

<sup>151</sup> NUNES, Cassiano. “Elysio de Carvalho e o espírito de seu tempo”. In: CARVALHO, Elysio de. *Obras de Elysio de Carvalho: Ensaios*. Brasília: Universa – CBA, 1997. p.13-41.

<sup>152</sup> CHACON, Vamireh. “Elysio de Carvalho: do individualismo anárquico ao nacionalismo cultural”. In: CARVALHO, op. cit., p.43-66.

<sup>153</sup> NUNES. In: CARVALHO, op. cit., p.13, 21.

<sup>154</sup> CHACON. In: CARVALHO, op. cit., p.46-47. (grifos meus).

alemão” com relação às interpretações de diferentes autores, Chacon afirma “Se é demasiado exigir estas complexas distinções de quem veio depois daquelas primeiras gerações periféricas sul-americanas, muito menos se pode acusar a de Elysio de Carvalho pelo mesmo motivo”<sup>155</sup>.

Em contrapartida, classificações como “esquisito moço nordestino”, de personalidade de não fácil compreensão, com uma “alma rebelada de egotista”, perpassam a apresentação que Nunes organiza sobre Elysio de Carvalho, classificações que se entrecruzam com outras características atribuídas ao autor: um “polígrafo fecundo”, com uma “fé inabalável na superioridade da vida intelectual, no triunfo supremo da cultura”, nada ocioso e nem acomodado<sup>156</sup>.

Nunes também identifica a ausência de obras sobre a vida de Carvalho e destaca que é a obra de Moacir Medeiros de Sant'Ana, *Elysio de Carvalho, um militante do anarquismo*, que auxilia os estudiosos sobre o autor, apesar de considerá-la incompleta e desencaminhadora com relação à “concepção integral da personalidade e obra de Elysio”<sup>157</sup>. Sant'Ana é também um dos principais referenciais de Chacon para apresentar informações sobre Carvalho, juntamente com as obras do próprio autor em análise e documentos do período que fizeram referência ao autor.

Se Sant'Ana traz poucas referências à interlocução de Carvalho com as formulações nietzschianas, Nunes, por sua vez, faz menção à presença de formulações de Nietzsche na obra de Carvalho, ao ressaltar que o ideal de cultura de Carvalho é nietzschiano, pois Elysio de Carvalho conceberia a cultura a partir do que classifica como “uma concepção esteticista da existência”. Nunes utiliza uma passagem do capítulo intitulado “O problema da cultura”, de *As modernas correntes estéticas da literatura*, para exemplificar esse ideal esteticista presente em Carvalho:

[...] tal como Goethe a compreendeu tardiamente, tal ainda como os gregos de Tucídides e as melhores inteligências da França praticaram, e na qual é a unidade de estilo que preside a criação artística, é a disciplina dos sentimentos e idéias que constata em Stendhal e Emerson, é a maneira distinta, a elegância dos gestos e das palavras de um Anatole France, o eco de um grande século do gosto europeu, é o espírito da harmonia perfeita e beleza serena que reina

---

<sup>155</sup> CHACON, Vamireh. “Elysio de Carvalho: do individualismo anárquico ao nacionalismo cultural”. In: CARVALHO, Elysio de. *Obras de Elysio de Carvalho: Ensaio*. Brasília: Universa – CBA, 1997. p.51,54.

<sup>156</sup> NUNES, Cassiano. “Elysio de Carvalho e o espírito de seu tempo”. In: CARVALHO, op. cit., p.18, 21, 15, 13.

<sup>157</sup> Ibidem, p.15.

nas criações super-humanas de Beethoven, é, em suma, o sentimento da forma em todas as coisas, o bom gosto em todas as manifestações da vida.<sup>158</sup>

Nunes ainda destaca que os artigos produzidos por Carvalho sobre Nietzsche, Guglielmo Ferrero, Max Stirner e Max Nordau são bons artigos literários e de proveitosa leitura, mas considera que, por não ser um crítico de filosofia, não pode julgar os aspectos filosóficos dos textos<sup>159</sup>. A partir dessa afirmação, nenhuma outra referência ao filósofo alemão é apresentada em seu artigo, mas afirma que as páginas do escritor “revelam as circunstâncias do tempo, o espírito predominante no período, os modismos que se fizeram notar durante a sua existência”<sup>160</sup>, o que nos revela, assim como apontou Brito Broca, que Nunes considera Carvalho como mais um adepto à moda Nietzsche<sup>161</sup>.

Na perspectiva de Chacon, Carvalho participava ou era vítima de uma “insuficiência filosófica e ideológica do debate periférico da época”, o que teria o levado a seguir outro caminho que não o lado “esquerdo, revolucionário, da herança dos jovens hegelianos” e nem o lado “direito, conservador, que prosseguiria nas últimas consequências da exaltação do Estado como a mais alta construção do espírito”. O caminho seguido por Carvalho, de acordo com Chacon, foi o dos estudos literários rumo “aos estudos políticos históricos concretos do Brasil”, o que considera como a virada de Elysio “e de toda uma geração rumo à Semana de Arte Moderna”, que teria como característica principal seu sentido “nacionalista cultural”<sup>162</sup>.

Na sequência, Chacon apresenta um Elysio de Carvalho que indicava novos caminhos na compreensão do Brasil, ao realizar um elogio à miscigenação antes de *Casa-Grande & Senzala* de Gilberto Freire, ou ainda ao elencar suas propostas com relação ao estabelecimento da siderurgia nacional, construção de hidrelétricas, ferrovias, rodovias, reaparelhamento dos portos, reforma de bancos, “tudo isso antes dos programas de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek”<sup>163</sup>.

Chacon demonstra o que seria, em sua perspectiva, um caminho de amadurecimento intelectual, passando pelo anarquismo, marxismo-leninismo até chegar ao nacionalismo cultural. Em suas palavras:

<sup>158</sup> NUNES, Cassiano. “Elysio de Carvalho e o espírito de seu tempo”. In: CARVALHO, Elysio de. *Obras de Elysio de Carvalho: Ensaio*. Brasília: Universa – CBA, 1997. p.24.

<sup>159</sup> Ibidem, p.25.

<sup>160</sup> Ibidem, p.21.

<sup>161</sup> Ibidem, p.21.

<sup>162</sup> CHACON, Vamireh. “Elysio de Carvalho: do individualismo anárquico ao nacionalismo cultural”. In: CARVALHO, op.cit., p.55-57.

<sup>163</sup> Ibidem, p.62.

Repita-se: em 1922 Elysio de Carvalho não era mais um nefelibata, nem enveredara por outro diletantismo, o político, o dos intelectuais anarquistas em seguida sucedidos pelas gerações de marxistas-leninistas de cátedra, profissionais liberais e tecnocratas revolucionários de birô. Na década de 1920, mesmo um pouco antes, ele preferira o caminho apontado mais por Alberto Torres que pelo próprio Euclides da Cunha.

Então se tem de compreender a sua outra face, a do nacionalista cultural melhor situado porque vinha da Literatura, podia completa-la com interpretações históricas do Brasil mais nacionalistas que só patrióticas, nacionalismo no sentido de patriotismo político engajado e militante acima e além dos partidos imediatistas sem ideias e de pouca moral.<sup>164</sup>

Na perspectiva de Chacon, o Brasil teria salvo Elysio: “Enfim e em síntese: o Brasil salvou Elysio de Carvalho, salvou-o do individualismo e do diletantismo, sua vivência prática estava retirando-o do beletrismo [...]”<sup>165</sup> A mesma perspectiva é identificada em Nunes, que faz um elogio à Carvalho, por ter se dedicado a um projeto brasileiro:

Por fim, chega ao ponto terminal de uma evolução que seria desejável para todos os literatos brasileiros, que viviam ou ainda vivem alheados da realidade nacional. Elysio de Carvalho, que se gabava de não ter tido qualquer influência de autor brasileiro, afinal devota-se a um ‘projeto brasileiro’. Como bem mais tarde aconteceu com pensadores brasileiros da qualidade de San Tiago Dantas e Celso Furtado.<sup>166</sup>

Nunes afirma ainda que acompanhar o itinerário existencial e literário de Carvalho “dá-nos a impressão de estarmos lendo um *roman d’apprentissage*, um *Bildungsroman*, daqueles do tempo de Goethe, em que se acompanha a existência de um personagem, de sua juventude ardente e aventureira ao seu amadurecimento”<sup>167</sup>. Desse modo, é possível identificar uma reflexão comum nos artigos de Nunes e Chacon, que foram construídos a fim de demonstrar o desenvolvimento da produção de Elysio de Carvalho.

\* \* \*

---

<sup>164</sup> CHACON, Vamireh. “Elysio de Carvalho: do individualismo anárquico ao nacionalismo cultural”. In: CARVALHO, Elysio de. *Obras de Elysio de Carvalho*: Ensaios. Brasília: Universa – CBA, 1997. p.62-63.

<sup>165</sup> Ibidem, p.65.

<sup>166</sup> NUNES, Cassiano. “Elysio de Carvalho e o espírito de seu tempo”. In: CARVALHO, op. cit., p.14.

<sup>167</sup> Ibidem, p.41.

É possível identificar temporalmente três enfoques nas produções de Carvalho: o primeiro núcleo de produção até o ano de 1912, um segundo entre 1912 e 1917 e suas últimas obras a partir de 1917. Nos anos iniciais de sua produção, encontramos poesia (*Horas de febre*. Primeiros versos: 1895-1898<sup>168</sup>), prosa (*Alma antiga, poemas em prosa e contos*<sup>169</sup>), traduções de Oscar Wilde (*Poemas de Oscar Wilde*<sup>170</sup>), crônicas (*Five o'clock*<sup>171</sup>) e ainda estética e crítica literária (*Delenda Carthago*, manifesto naturista<sup>172</sup>; *Ruben Darío*, ensaio crítico<sup>173</sup>; *As modernas correntes estéticas da literatura brasileira*<sup>174</sup>; *Bárbaros e europeus*, ensaios de filosofia e crítica literária<sup>175</sup>), além de sua análise da sociedade brasileira proposta em *Esplendor e decadência da sociedade brasileira*<sup>176</sup>. Ainda entre os anos de 1903 e 1904 estão as produções em periódicos sobre o anarquismo, em 1904, Carvalho participou da fundação da Universidade Popular, para educação dos operários e, em 1909, anunciou na obra *Five O'Clock* sua renúncia às ideais anarquistas<sup>177</sup>.

Em 1912, Elysio de Carvalho se tornou o primeiro diretor da Escola de Polícia do Rio de Janeiro, fundada no mesmo ano, e é possível identificar um ponto de inflexão nas publicações do autor a partir desse momento, com uma sequência de produções relacionadas à polícia científica: *A função da photographia nos inqueritos judiciários*<sup>178</sup>, *Estatística criminal*<sup>179</sup>, *A identificação como fundamento da vida jurídica*<sup>180</sup>, *A falsificação dos nossos valores circulantes*<sup>181</sup>, *La police scientifique au Brésil*<sup>182</sup>, *Gíria dos gatunos cariocas*<sup>183</sup>, *O*

<sup>168</sup> CARVALHO, Elysio de. *Horas de febre*. Primeiros versos: 1895-1898. Rio de Janeiro: Typ. de Leuzinger, 1900.

<sup>169</sup> Idem. *Alma antiga, poemas em prosa e contos*. Rio de Janeiro: Typ. de Leuzinger, 1900.

<sup>170</sup> Idem. *Poemas de Oscar Wilde* (versão livre em prosa). Rio de Janeiro: Typ. de Leuzinger, 1900.

<sup>171</sup> Idem. *Five O'Clock*. Rio de Janeiro: Garnier, 1909.

<sup>172</sup> Idem. *Delenda Carthago*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901.

<sup>173</sup> Idem. *Rubén Darío*. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1906.

<sup>174</sup> Idem. *As modernas correntes estéticas da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1907.

<sup>175</sup> Idem. *Bárbaros e europeus*. Rio de Janeiro/Paris: H Garnier, Livreiro-editor, 1909.

<sup>176</sup> Idem. *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911.

<sup>177</sup> Afirmava Carvalho: “O anarquismo é uma atitude absurda. Foi o meu profundo sentimento do bello, o meu culto apaixonado pela arte, a minha intransigente admiração por todas as formas da grandeza e o meu conceito individualista da historia, que me levaram a renunciar meu passado politico. O anarchismo, como idéa, é uma expressão philosophica sahida do christianismo - o maior flagello da humanidade - e, como facto, é o maior obstaculo á floração da intellectualidade, da belleza e da arte: é uma doutrina de decadencia. Hoje, não vacillo em afirmar, que o anarchismo é um acervo de falsas ideas philosophicas e moraes, é a negação da realidade tangivel e superior, é a agglomeração de todos os instinctos mórbidos, é um principio de dissolução da personalidade humana”. In: Idem. *Five O'Clock*. Rio de Janeiro: Garnier, 1909. p.113

<sup>178</sup> Idem. *A função da fotografia nos inqueritos judiciários*. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1912.

<sup>179</sup> Idem. *Estatística criminal*. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1912.

<sup>180</sup> Idem. *A identificação como fundamento da vida jurídica*. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1912.

<sup>181</sup> Idem. *A falsificação dos nossos valores circulantes*. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1912.

<sup>182</sup> Idem. *La police scientifique au Brésil*. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1912.

<sup>183</sup> Idem. *Gíria dos gatunos cariocas*. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1912.

professor R. A. Reiss no Brasil<sup>184</sup>, *A reforma dos Institutos de Polícia de Portugal*<sup>185</sup>, Alphonse Bertillon<sup>186</sup>, *L'organisation et le fonctionnement du servisse d'identification de Rio de Janeiro*<sup>187</sup>, *Criminalistique*<sup>188</sup>, *O laudo da pericia gráfica no caso da rua Januzzi n. 13*<sup>189</sup>, *A luta tecnica contra o crime*<sup>190</sup>, ainda em 1914, sob o título de “Como se descobrem os crimes”, o jornal *O Imparcial* iniciou a publicação de uma série de crônicas dedicadas aos avanços da polícia científica, escritas por Carvalho sob o pseudônimo de Dr. Dupont, que foram reunidos posteriormente no livro *Sherlock Holmes no Brasil*<sup>191</sup>. Publicou ainda *Exames periciaes*<sup>192</sup> e *Em caminho da guerra: A cilada argentina contra o Brasil*<sup>193</sup>.

A partir de 1917, Carvalho volta sua produção à análise nacional com seu inquérito sobre a indústria siderúrgica no Brasil proposto em *Brasil, potencia mundial*<sup>194</sup>, apresenta em oito ensaios históricos os episódios da história nacional que melhor expressariam o patriotismo brasileiro em *Brava gente... Episódios nacionais*<sup>195</sup>, propõe ainda um estudo de história e sociologia em *Os bastiões da nacionalidade*<sup>196</sup>, um estudo sobre a potencialidade econômica e a finalidade da política brasileira em *A realidade brasileira*<sup>197</sup>, e novamente um retorno à literatura com *Príncipes del espíritu americano*<sup>198</sup> (composto de três ensaios – o primeiro sobre Rubén Dário, o segundo sobre Graça Aranha e o último sobre o escritor Dom Rufino Blanco-Fombona), *Laureis insignes*<sup>199</sup> (publicação das seguintes palestras proferidas por Carvalho: “Origens da família brasileira”, “Pombal e a Civilização Brasileira” e “Íncrita Trindade”), e sua última publicação, com os ensaios em *Suave austero*<sup>200</sup>.

Nas investigações ou estudos promovidos sobre a produção de Carvalho, é possível identificar três enfoques: o primeiro direcionado à sua participação no movimento anarquista; um segundo, centrado nas obras relacionadas à polícia científica, e, por fim, aquele devotado

<sup>184</sup> CARVALHO, Elysio de. *O professor R. A. Reiss no Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1913.

<sup>185</sup> Idem. *A reforma dos Institutos de Polícia de Portugal*. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1913.

<sup>186</sup> Idem. *Alphonse Bertillon*. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1914.

<sup>187</sup> Idem. *L'organisation et le fonctionnement du servisse d'identification de Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1914.

<sup>188</sup> Idem. *Criminalistique*. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1914.

<sup>189</sup> Idem. *O laudo da pericia gráfica no caso da rua Januzzi n. 13*. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1914.

<sup>190</sup> Idem. *A luta tecnica contra o crime*. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1914.

<sup>191</sup> Idem. *Sherlock Holmes no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa A. Moura, 1921.

<sup>192</sup> Idem. *Exames periciaes*. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1915.

<sup>193</sup> Idem. *Em caminho da guerra: A cilada argentina contra o Brasil*. Rio de Janeiro: Monitor Mercantil, 1917.

<sup>194</sup> Idem. *Brasil, potencia mundial*. Rio de Janeiro: Monitor Mercantil, 1919.

<sup>195</sup> Idem. *Brava gente... Episódios nacionais*. Rio de Janeiro: Monitor Mercantil, 1921.

<sup>196</sup> Idem. *Os bastiões da nacionalidade*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922.

<sup>197</sup> Idem. *A realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Monitor Mercantil, 1919.

<sup>198</sup> Idem. *Príncipes del espíritu americano*. Madrid: Editorial América, 1923.

<sup>199</sup> Idem. *Laureis Insignes*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1924.

<sup>200</sup> Idem. *Suave austero*. Rio de Janeiro: Edição da América Brasileira e Anuario do Brasil, 1925.

à sua produção a partir de 1917, quando Carvalho se dedicou à análise social e econômica nacional.

Como estudo característico do período anarquista de Carvalho, além do já citado *Elysio de Carvalho, um militante do anarquismo*, de autoria de Moacir Medeiros de Sant'Ana, encontramos referências a Carvalho em *O Anarquismo Literário: uma utopia na contramão da modernização do Rio de Janeiro (1900-1920)*, dissertação de mestrado José Adriano Fenerick<sup>201</sup>.

Relacionadas à produção de Carvalho sobre a polícia científica identificamos a tese de doutorado de Ana Gomes Porto (2009), *Novelas sangrentas: literatura de crime no Brasil (1870-1920)*<sup>202</sup>, com referências à obra *Sherlock Holmes no Brasil*, além do artigo, de autoria de Marília Rodrigues de Oliveira, intitulado “Sherlock Holmes no Brasil: Elysio de Carvalho e a construção da polícia científica carioca na Primeira República” (2016).

Com destaque às produções de Carvalho a partir de 1917 estão as publicações de Lená Medeiros de Menezes, “Elysio de Carvalho: um intelectual controverso e controvertido”<sup>203</sup>, o estudo de Maria de Fátima Fontes Piazza<sup>204</sup> sobre o periódico *América Brasileira*, editado por Carvalho entre 1921 e 1924, a dissertação de mestrado de Clarice Caldini Lemos, *Os bastiões da nacionalidade: nação e nacionalismo nas obras de Elysio de Carvalho*<sup>205</sup>, que busca investigar os conceitos de nação e nacionalismo em quatro obras de Carvalho, produzidas entre 1921 e 1925: *Brava Gente*<sup>206</sup>, *Os Bastiões da Nacionalidade*<sup>207</sup>, *Laureis Insignes*<sup>208</sup> e *Suave*

---

<sup>201</sup> FENERICK, José Adriano. *O Anarquismo Literário: uma utopia na contramão da modernização do Rio de Janeiro 1900-1920*. Dissertação (Mestrado). Mestrado em História Econômica. Universidade de São Paulo, USP, Brasil, 1997.

<sup>202</sup> PORTO, Ana Gomes. *Novelas sangrentas: literatura de crime no Brasil (1870-1920)*. Tese (Doutorado). Departamento de História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2009.

<sup>203</sup> MENEZES, Lená Medeiros de. Elysio de Carvalho: Um intelectual controverso e controvertido. *Revista Intellectus*. Ano 03, v.II, 2004. Disponível em: [https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/view/27584]. Acesso em 17/03/2019.

<sup>204</sup> PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. Tal Brasil, qual América? a América Brasileira e a cultura ibero-americana. *Diálogos Latino americanos*, 8 (12), 26. Disponível em: [https://tidsskrift.dk/dialogos/article/view/113614]. Acesso em: 07/03/2020.

<sup>205</sup> LEMOS, Clarice Caldini. *Os bastiões da nacionalidade: nação e nacionalismo nas obras de Elysio de Carvalho*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

<sup>206</sup> CARVALHO, Elysio de. *Brava gente*. Rio de Janeiro: S. A. Monitor mercantil, 1921.

<sup>207</sup> Idem. *Os Bastiões da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922.

<sup>208</sup> Idem. *Laureis Insignes*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1924.

*Austero*<sup>209</sup>, além da tese de Clarice Caldini Lemos, *O intercâmbio cultural luso-brasileiro através das revistas America Brasileira, Lusitania e Nação Portuguesa (1921-1927)*<sup>210</sup>.

Em *Os bastiões da nacionalidade: nação e nacionalismo nas obras de Elysio de Carvalho*, Lemos identifica nas produções de Carvalho o destaque às noções de raça e integração nacional como eixos para a construção de uma ideia de nação. Ressalta ainda a importância da ligação da nação brasileira com o campo cultural ibérico, o que poderia propiciar ao Brasil constituir-se como uma potência ibero-americana. Nessa perspectiva, Lemos identifica nas obras de Carvalho alguns elementos que o autor elenca como medidas que poderiam “resolver os problemas inerentes ao sistema federalista corrupto e desigual enraizado desde o início da república”: Estado centralizado, a unidade nacional, o intervencionismo estatal na economia e mesmo o militarismo em menor escala<sup>211</sup>. Tais propostas são consideradas pela autora como parte do posicionamento que possibilita identificar Carvalho como um homem conservador, tradicionalista e ao mesmo tempo moderno e autoritário, classificações ou adjetivações - sobre as quais refletiremos ao longo desse capítulo - que, de acordo com Lemos, podem parecer contraditórias, mas se justificam ao apresentar uma multiplicidade de ideias, que refletiriam a trajetória literária singular de Carvalho<sup>212</sup>.

Nos trabalhos elencados acima, a apropriação ou mesmo recepção das formulações nietzschianas não aparecem como parte da produção de Elysio de Carvalho. Apenas na recém publicada tese de Geraldo Pereira Dias, *A recepção de Nietzsche no Brasil: renovação e conservadorismo*, Elysio de Carvalho é apontado como um dos autores que realizou uma recepção “ideológico-política” da filosofia nietzschiana. Na perspectiva de Dias, Carvalho emprega o vocabulário nietzschiano em suas obras para legitimar um “projeto de cultura e de nacionalidade perpassado pelo discurso verborrágico, grandiloquente e conservador”<sup>213</sup>. Dias aponta ainda que a recepção da filosofia de Nietzsche pelos autores pré-modernistas, grupo no qual inclui Elysio de Carvalho, teria sido parcial devido à apropriação irrefletida de sua terminologia filosófica. Para Dias, “essa parcialidade se mostrou evidente, entre outras coisas,

---

<sup>209</sup> CARVALHO, Elysio de. *Suave austero*. Rio de Janeiro: Edição da América Brasileira e Anuario do Brasil, 1925.

<sup>210</sup> LEMOS, Clarice Caldini. *O intercâmbio cultural luso-brasileiro através das revistas America Brasileira, Lusitania e Nação Portuguesa (1921-1927)*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2017.

<sup>211</sup> Idem. *Os bastiões da nacionalidade: nação e nacionalismo nas obras de Elysio de Carvalho*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. p.187.

<sup>212</sup> Ibidem, p.188-189, 25.

<sup>213</sup> DIAS, Geraldo Pereira. *A recepção de Nietzsche no Brasil: renovação e conservadorismo*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Guarulhos, São Paulo, 2019. 472 f. p.54.

na sua forte dependência aos empréstimos estrangeiros e na decorrente apropriação irrefletida da sua terminologia filosófica”<sup>214</sup>.

Desse modo, podemos notar a partir das pesquisas citadas que as referências de Carvalho a Nietzsche ou às suas formulações são consideradas ora como modismo, ora como uma “apropriação parcial”. Delinearemos, na sequência, uma análise sobre a interlocução de Carvalho com as formulações do filósofo, como uma proposta de narrativa de Brasil, a partir da obra *Esplendor e decadência da sociedade brasileira*.

## **2.2 Esplendor e decadência: uma história do Brasil a partir das formulações nietzschianas**

É possível identificar na obra *Esplendor e decadência da sociedade brasileira*, escrita em 1911, aspectos das formulações de Nietzsche nas reflexões estabelecidas por Carvalho sobre o Brasil. A fim de explorar esses aspectos, apresentaremos a seguir como a obra foi composta e em quais momentos identificamos não apenas uma possível recepção das ideias do filósofo alemão por Carvalho, mas também a apropriação desse referencial para construção de uma narrativa do Brasil moderno.

O autor iniciou sua obra afirmando que “a história da sociedade brasileira ainda está por escrever”, uma vez que política e economia não seriam aspectos suficientes para descrever com fidelidade, por exemplo, o Brasil de meados do século XVIII, de modo que seria necessário procurar na “história dos costumes, das artes e das letras, as fontes donde derivam as características de um dado momento”<sup>215</sup>. Nessa perspectiva, Carvalho apresentou sua crítica aos historiadores e cronistas, ao afirmar que “quasi completa é a ausência de informações em que nos deixaram historiadores e cronistas, quanto ao que se pode chamar, pela equivalência entre o teatro e a vida, a *mise-en-scène* e o cenário da história”<sup>216</sup>.

Como um lamento em relação ao desconhecimento do passado nacional, Carvalho afirmou ainda nas primeiras páginas de sua obra, “[...] desse passado de esplendor e de fortuna, que anda no nosso peito como uma grande saudade que procuramos dar a vida da história, pouca

---

<sup>214</sup> DIAS, Geraldo Pereira. *A recepção de Nietzsche no Brasil: renovação e conservadorismo*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Guarulhos, São Paulo, 2019. 472 f. p.61.

<sup>215</sup> CARVALHO, Elysio de. *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911. p.2.

<sup>216</sup> *Ibidem*, p.2.

lembrança resta” e é a fim de analisar a decadência da sociabilidade nacional que o autor se propôs a apresentar também o período de esplendor da sociedade brasileira<sup>217</sup>.

Carvalho toma a noção de decadência da sociedade como base para sua análise do Brasil e não deixa de mencionar como um de seus referenciais a obra *O mundo como vontade e como representação*, de Schopenhauer, com quem teria aprendido que “uma existencia feliz é impossível, que o que o homem pode realizar de mais bello é uma *existencia heroica*”<sup>218</sup>. Apesar de sua aproximação com o movimento naturista em 1901, no ano em que escreveu *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira*, 1911, Carvalho torna evidente sua aproximação com os *décadents*, sem citar explicitamente o movimento decadentista.

Na obra *Caminhos do decadentismo francês*, como destaca Moretto, a partir dos anos de 1870, é possível notar na França, em contraposição ao otimismo da *Belle époque*, um “mal-estar”, uma “agitação” contrária à ideologia positivista: “antes da nova arrancada que levará às inovações do século XX, há, entre as elites, um cansaço, uma ideia de algo que morre, de um mundo em decomposição”. A chamada geração de 1880 foi aquela que, ao sentir “um frio vento de morte e de decadência” teve a necessidade da luta por algo diferente, por uma “renovação”<sup>219</sup>, que será expressa na revolta contra as escolas parnasiana e naturalista, além da crítica à presença do cientificismo na literatura narrativa.

De acordo com Moretto, tal movimento, que será denominado de “decadentismo”, revela-se como um camaleão do romantismo, vestindo uma nova roupagem, na qual a liberdade poética seria trazida novamente, juntamente com o Simbolismo, num movimento de libertação da arte da linha racionalista, apresentando a reivindicação de uma nova estética.

Em *Caminhos do decadentismo francês*, Moretto identifica as linhas de força que teriam preparado tal renovação estética, elencando as presenças de Hartmann, Wagner e Schopenhauer. Este último, a partir de *O mundo como vontade e representação* (escrito em 1819, mas traduzido para o francês apenas em 1876), teria considerado a Vontade como realidade suprema e instinto de vida, entretanto, como afirma Moretto, “esta vontade é o mal, é o desejo que nunca será saciado. A única saída será então o não-desejo e sobretudo a libertação através da arte”<sup>220</sup>. Nesse sentido, se a vontade de viver seria o mal, a contemplação estética

<sup>217</sup> CARVALHO, Elysio de. *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911, p.5-6.

<sup>218</sup> RIO, João do. [1905] *Momento literário*. Rio de Janeiro: Garnier. s/d. p.262.

<sup>219</sup> MORETTO, Fúlvia M. L. (org.) *Caminhos do decadentismo francês*. São Paulo: Editora Perspectiva; Editora da Universidade de São Paulo, 1989. p.14-15.

<sup>220</sup> *Ibidem*, p.18.

seria a resolução de tal impasse, de modo que literatura e arte seriam conduzidas para o caminho da intuição e da imaginação a partir do anticientificismo<sup>221</sup>.

Ora, em tal universo decadentista, a literatura, a filosofia, a música e a pintura encontrarão seus representantes, como destaca a *Enciclopédia Italiana Treccani*, não apenas na França, mas também na Inglaterra, tendo em Oscar Wilde seu maior expoente na literatura, na Itália, com D'Annunzio, na Espanha, com Antonio Machado e Juan Ramón Jiménez e com os ibero-americanos Rubén Darío e Amado Nervo, além de Portugal, com Eugénio de Castro<sup>222</sup>.

Durante a década de 1880, surgem como veículos da produção literária do período as revistas decadentes *Le Décadent* (de Anatole Baju) e *La décadence* (de Emile-Georges Raymond), que como destaca Moretto, apresentam em seus textos críticas “a Zola, [a]os naturalistas, Jules Lemaître e à torre Eiffel então em construção”<sup>223</sup>. A autora afirma ainda que “a concepção pessimista da vida”, “o interesse pelo universo interior e secreto” e a busca por sensações refinadas a fim de evitar o tédio foram, nesse sentido, as linhas estéticas de tal movimento, em busca do resgate do eu<sup>224</sup>.

Caracterizado como “um espírito de revolta”, o decadentismo desenvolverá um vocabulário formado por palavras arcaicas ou por neologismo, tendo em cada autor o desenvolvimento de sua própria “língua” ou estilo, em clara oposição ao mundo prometido pela ciência. Como afirma Moretto, tal movimento buscava a valorização da consciência da finitude das coisas, a partir da “evasão histórica para a arte e a literatura da decadência latina em todo o seu esplendor, para a arte da heráldica Bizâncio, que irão alimentar o imaginário decadentista”, na expectativa de que a escrita e a pintura pudessem “salvar um mundo que morre”, num contexto em que a razão não traria mais respostas<sup>225</sup>.

Em 1883, Paul Bourget, publicou seu *Essais de psychologie contemporaine*, reunião dos artigos sobre Baudelaire, Renan, Flaubert, Taine e Stendhal. Bourget pretendia, como destaca Petry, “a partir de uma análise social da literatura de sua época, [...] diagnosticar os males que engendravam mutuamente a alma e a sociedade moderna”<sup>226</sup>. No ensaio de Bourget sobre Baudelaire, escrito em 1881, afirma: “[Baudelaire] Era um homem de decadência, e tornou-se um teórico da decadência”<sup>227</sup>. Na sequência, Bourget apresenta sua “Teoria da decadência”:

<sup>221</sup> MORETTO, Fúlvia M. L. (org.) *Caminhos do decadentismo francês*. São Paulo: Editora Perspectiva; Editora da Universidade de São Paulo, 1989. p.24.

<sup>222</sup> *Ibidem*, p.20-21.

<sup>223</sup> *Ibidem*, p.27.

<sup>224</sup> *Ibidem*, p.30.

<sup>225</sup> *Ibidem*, p.32-33.

<sup>226</sup> PETRY, Isadora. Baudelaire. In: *Estudos Nietzsche*, Espírito Santo, v. 7, n. 1, p.162-180, jan./jun. 2016 p.162

<sup>227</sup> MORETTO, op. cit., p.54.

Pela palavra decadência, designa-se facilmente o estado de uma sociedade que produz um número por demais pequeno de indivíduos próprios para os trabalhos da vida comum. Uma sociedade deve ser assimilada a um organismo. Como um organismo, com efeito, ela se converte numa federação de organismos menores, os quais se convertem também numa federação de células. O indivíduo é a célula social. Para que o organismo total funcione com energia, é necessário que os organismos menores funcionem com energia, mas com uma energia subordinada; e para que esses organismos menores funcionem também com energia, é necessário que as células que os compõem funcionem com energia, mas com energia subordinada. Se a energia das células se torna independente, os organismos que compõem o organismo total cessam da mesma maneira de subordinar sua energia à energia total e a anarquia que se estabelece constitui a decadência do conjunto.<sup>228</sup>

Nota-se que Bourget compara a sociedade a um organismo e utiliza essa comparação para explicar a decadência da sociedade. Como destaca Campioni, para Bourget, ao emancipar a “autonomia da célula da hierarquia e da subordinação ao trabalho coordenado da totalidade”, teria-se como resultado a decomposição do organismo, ou, o fenômeno da decadência<sup>229</sup>. Tal fenômeno, como aponta Fabiano Lemos, em “Nietzsche *belle époque*: decadência e performatividade”, seria caracterizado como doença e se manifestaria como expressão do corpo<sup>230</sup>. Nessa perspectiva, a arte decadente daria visibilidade à doença, agindo como uma “lente de aumento” por meio da qual seria possível enxergar-se por ela<sup>231</sup>.

Referindo-se principalmente aos romances de Paul Bourget e dos irmãos Goncourt, Nietzsche considerará tais produções como um instrumento privilegiado de investigação psicológica e sociológica, funcionando como um “diagnóstico” da sociedade francesa a partir do qual a decadência será considerada como uma forma de expressão da vida.

\* \* \*

Carvalho, em seu *Esplendor e decadência da sociedade brasileira*, irá dedicar diversos momentos à importância da cultura, da tradição e da arte. Destacamos uma de suas passagens:

<sup>228</sup> BOURGET, Paul. *Essais de psychologie contemporaine*. In: MORETTO, op. cit., p.55

<sup>229</sup> CAMPIONI, Giuliano. *Nietzsche e o espírito latino*. São Paulo: Edições Loyola, 2016 (coleção Sendas & Veredas). p.317

<sup>230</sup> LEMOS, Fabiano. Nietzsche *belle époque*: decadência e performatividade. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, n. 33, p. 245-272, 2013. p.258-259.

<sup>231</sup> CAMPIONI, op. cit., p.324-325.

Não pode ser chamado de *grande*, o povo ou o indivíduo que não possua o habito de reduzir tudo na vida á maneiras [sic] de arte. A força material e a riqueza não bastam para estabelecer a superioridade de um paiz, é preciso que se possua esse dom muito caro – o habito da belleza – o que existe de mais transfigurante, refinado e divino na terra.<sup>232</sup>

Suas considerações sobre a importância da cultura têm como base uma formulação de Nietzsche. Carvalho a citou, sem apresentar a referência completa da obra nietzschiana da qual o trecho foi extraído:

Tudo que é bom é herdado, o que não é herdado, é imperfeito, é falso, é deficiente, assevera Nietzsche. “A beleza não é um acidente. A beleza de uma raça, de um povo ou de um indivíduo, sua graça e sua perfeição em todos os gestos e em todos os momentos da vida, é adquirida penosa e lentamente – é o resultado do trabalho de muitos séculos. Há mister ter-se feito grandes sacrifícios ao bom gosto. O décimo oitavo século em França, por exemplo, merece ser admirado neste ponto. Nessa época, tinha-se então um princípio de eleição para as pessoas e para as cousas. Foi preciso, porém, preferir-se à beleza ao utilitarismo.” As belas cousas custam muito caro, é ainda Nietzsche quem falla [...].<sup>233</sup>

Identificamos essa citação no aforismo 47 de *O crepúsculo dos ídolos*<sup>234</sup>, obra elaborada em meados de 1888 e parte dos últimos escritos de Nietzsche. É também na mesma obra que Nietzsche apresentava em “Incursões de um extemporâneo” alguns exemplos da decadência da modernidade incluindo, entre eles, a moral e a arte.

A importância da arte para o filósofo alemão faz com que esse tema esteja presente em grande parte de suas reflexões. Em sua “Tentativa de autocrítica”, posfácio acrescentado em 1886 à obra *O nascimento da tragédia* (publicada originalmente em 1872), Nietzsche afirmou: “Já no prefácio a Richard Wagner é a arte - e não a moral - apresentada como a atividade propriamente *metafísica* do homem; no próprio livro retoma múltiplas vezes a sugestiva proposição de que **a existência do mundo só se justifica como fenômeno estético**”<sup>235</sup>.

Uma perspectiva semelhante à proposta por Nietzsche pode ser encontrada nas páginas iniciais de *Esplendor e decadência da sociedade brasileira*. Foi Carvalho quem afirmou:

<sup>232</sup> CARVALHO, Elysio de. *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911. p.9

<sup>233</sup> Ibidem, p.8-9.

<sup>234</sup> NIETZSCHE, Friedrich. [1888] *O crepúsculo dos ídolos, ou como filosofar com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. §47.

<sup>235</sup> Idem. [1872] *O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. §5. (grifos meus).

“Signo e flôr de toda civilisação, a cultura é a cousa mais importante para a vida, **o mundo só justificando-se como puro phenomeno esthetic**”<sup>236</sup>.

A apropriação de perspectivas Nietzscheanas por Elysio de Carvalho continua. Em *O nascimento da tragédia*, o filósofo considerou a cultura grega clássica como a mais elevada. Em sua “Tentativa de autocrítica” afirma: “A mais bem-sucedida, **a mais bela**, a mais invejada espécie de gente até agora, a que mais seduziu para o viver, **os gregos**”<sup>237</sup>. Por sua vez, afirmava Carvalho: “Porque tiveram esta noção subtil do universo, **os Gregos** foram, por isso mesmo, **a mais bela** civilisação que floresceu sobre a terra”<sup>238</sup>.

Juntamente com as considerações apresentadas acima, Carvalho expôs sua própria definição de cultura, definição essa que permeará toda a análise desenvolvida sobre o Brasil:

Na longa peregrinação da planta humana pela terra, o que é grande e que é bello, é que fica, que se fixa, que não desaparece, que se eterniza, revigorado, transfigurado no conjuncto é certo, mas cada vez mais eterno, porque cada vez é mais intenso e mais augusto, até a definitiva belleza da suprema edificação com que sonhamos e cujo ideal constitue a essencia do grande drama da vida universal.<sup>239</sup>

Após enfatizar a importância da cultura para a vida, Carvalho deu início à sua análise sobre o país, anunciando que “o Brazil, raça idealista por excellencia” possuiria o sentimento da cultura que Nietzsche definiu como sendo “a cousa mais importante para a vida”, considerando como formas superiores de sociabilidade uma tradição familiar de alta intelectualidade, “hábitos de distincção e de conforto, de polidez e de bom gosto”. O autor afirmava ainda:

Somos um povo que amamos a ordem e a clareza, por conseguinte, tudo que é nobre e bello – a nobreza e a belleza nada mais sendo que o esplendor da ordem – adoptamos as leis clássicas da elegancia e do bom gosto europeu, possuímos o sentimento da propriedade e uma noção clara da justa medida, em summa, somos refinados no sentimento e na intelligencia.<sup>240</sup>

<sup>236</sup> CARVALHO, Elysio de. *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911. p.11 (grifos meus).

<sup>237</sup> NIETZSCHE, Friedrich. [1872] *O nascimento da tragédia*, ou Helenismo e pessimismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.14. (grifos meus).

<sup>238</sup> CARVALHO, op. cit., p.11. (grifos meus).

<sup>239</sup> Ibidem, p.11.

<sup>240</sup> Ibidem, p.10.

Notamos com essa e outras passagens da obra que Carvalho busca, ao referir-se à ordem, à clareza e à inteligência, elencar os motivos que seriam dignos de uma sociedade esplendorosa. Ao notar esse exercício realizado por Carvalho, ressaltamos uma concepção fundamental no pensamento nietzschiano sobre cultura, destacado por Frezzatti Júnior: para Nietzsche, “a cultura é uma configuração de impulsos que, se cresce em sua potência e é altamente hierarquizada, é saudável e, se decai e é pouco hierarquizada, é mórbida ou decadente”<sup>241</sup>. Identificamos então, no movimento de construção da análise sobre a sociedade brasileira estabelecida por Carvalho a tentativa de destacar uma nobre origem nacional, como é possível observar no seguinte trecho:

Não é supérfluo lembrar, penso, que é de gente nobre, culta e preclara que descendemos e que, com uma estimável cultura espiritual possuímos hábitos de sociabilidade, elegância, conforto. Os pacientes trabalhos de Victorino Borges da Fonseca, Santa Maria Jaboaão e Pedro de Almeida Taques sobre as nobiliarchias pernambucana, bahiana e paulista, bem como os estudos históricos, as crônicas e as memórias de Gabriel Soares, frei Manoel Calado, frei Raphael de Jesus, Rocha Pitta e Varnhagen se referem à alta estirpe de muitas famílias brasileiras, por onde se vê que o Brasil não foi povoado de degradados, delinquentes e sordidos aventureiros, gentes da ralé e da crapula lusitana. Tem ele raízes nobiliarchicas muito antigas, muitas vezes seculares, com famílias aparentadas com dinastias reais e com príncipes do sacro império.<sup>242</sup>

É a partir dessa perspectiva que o autor se propõe a escrever sobre algumas famílias “cujas estirpes são de grandes varões, romanos na grandeza e no poder”<sup>243</sup>. Pernambuco, Ouro Preto, Bahia e Rio de Janeiro são os locais selecionados por Carvalho para a realização de tal levantamento. Pernambuco, identificado como “núcleo e centro da civilização brasileira”, teria sido povoado pela “melhor gente que veio ao Brasil”<sup>244</sup>. Acrescentava ainda:

Não vacillo em afirmar, que Pernambuco foi a terra da elegância, da cortezia e do luxo, que se impoz á admiração do Brazil pelo seu heroísmo e pelo seu gênio, feito da mais espiritual delicadeza, do mais suave idealismo, e que os Cavalcanti representam, no nosso paiz, uma civilização requintada, homens prodigos e correctos, do mais superior cultivo mental e da mais subtil

---

<sup>241</sup> FREZZATTI JÚNIOR, Wilson. "Cultura" In : MARTON, Scarlett (ed.) *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Edições Loyola, 2016 (Coleção Sendas & Veredas). p.174

<sup>242</sup> CARVALHO, Elysio de. *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911. p.12.

<sup>243</sup> Ibidem, p.13.

<sup>244</sup> Ibidem, p.25.

sensibilidade, verdadeiros Romanos no amor pelo luxo, nas inclinações artísticas e na noção sybaritica da vida. Ninguém, melhor do que o Pernambuco, representa, nos seus typos superiores, a civilização moderna na suprema elegancia de que se revestio a vida do homem contemporaneo.<sup>245</sup>

De acordo com Carvalho, o governo de João Maurício de Nassau teria sido sábio, prudente e nobre, já que Nassau era um “príncipe perfeito, representante de uma civilização superior e dotado de uma cultura refinadíssima, verdadeiro sybarita no amor pelo luxo, nas inclinações estheticas e na concepção epicurista da vida, prodigo e correto”<sup>246</sup>. Carvalho destacou a edificação da cidade de Recife com suas “avenidas immensas e ruas formosas”, a construção do observatório astronômico, além da arquitetura civil holandesa, ressaltando a construção dos palácios a fim de fornecerem residência a Nassau, que serviriam como um “eloquentíssimo documento da vida social pernambucana”<sup>247</sup>.

Diferentemente dos elogios tecidos a Pernambuco, as considerações sobre Minas Gerais foram realizadas a partir da perspectiva de que sua sociedade teria vivido com “luxo desenfreado”, “ostentação delirante”, era “excessivamente perdulária”, contava com o “luxo desbragado de uma corte devassa, dissipadora e cruel”, num contexto no qual o rei teria se entregue à “libidinagem”, à “beatice” e ao “luxo”. Carvalho criticava ainda o uso da riqueza explorada das minas de ouro e diamantes para construções religiosas em Portugal<sup>248</sup>.

Apesar de reconhecer a presença dos “maiores vultos litterarios brasileiros da epoca” em Villa Rica, dos quais destacou Claudio Manuel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga, Ignacio José de Alvarenga, Diogo de Vasconcellos e Silva Alvarenga, Carvalho reforçou que “a prodigalidade corria tão commum quanto o relaxamento dos costumes”, resultando em uma sociedade que “vivia entregue aos prazeres, ás aventuras romanescas, aos amores perigosos”<sup>249</sup>. Em sua perspectiva, a consequência desse modo de vida manifestou-se em menos de um século:

Não durou um seculo a vida faustosa de Villa Rica. O despotismo do Visconde de Barbacena foi como o vento da desgraça. Tudo arrastou ao infortúnio, á desolação, á morte. Muito antes do desgraçado anno de 1785, o anno da execração e a infâmia, Villa Rica havia perdido a sua importancia, seu prestigio, sua pompa, e, com esta, até o próprio nome, com que buscarão ennobrecel-a, para ficar com seu nome primitivo. Todo aquelle fausto, toda

<sup>245</sup> CARVALHO, Elysio de. *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911. p.60.

<sup>246</sup> Ibidem, p.77.

<sup>247</sup> Ibidem, p.86.

<sup>248</sup> Ibidem, p.103-111.

<sup>249</sup> Ibidem, p.132.

aquella riqueza incalculavel, toda aquella pompa se extinguiu para todo o sempre, como desapareceram os reis pastores do Oriente, os lupatridas da Grecia, os doges de Veneza e os marqueses de Versailles – como desaparecem as bellas cousas deante a brutalidade dos despotismos humanos...<sup>250</sup>

À Bahia, Carvalho dedicou apenas duas páginas, nas quais destacava que apesar de até 1762 ter se mantido como a sede da corte no Brasil, faltava à sociedade baiana “esse caracter de aristocracia, de sociabilidade, de polidez e de elegancia” que foram conferidos à Pernambuco<sup>251</sup>.

Em contrapartida à rápida referência à Bahia, um longo discurso de vinte páginas foi dedicado ao pernambucano Maciel Monteiro, a quem Carvalho considerou a biografia como “um dos capítulos mais interessantes da história dos nossos costumes”<sup>252</sup>. Admitido pelo autor um exemplo de galanteador, possivelmente o mais sedutor dos cortesãos e o mais galante dos poetas brasileiros, Maciel Monteiro era “da linhagem magnífica dos Morny e dos Loulé, letrado á maneira antiga e gentilhomem, mundano e sybarita, diplomata arguto, parlamentar emérito e estadista eminente [...]”<sup>253</sup>. Carvalho destinou ainda muitas páginas aos comentários sobre grandes diplomatas, embaixadores, condes e barões que viviam em Petrópolis e se destacariam por sua elegância, requinte e inteligência.

Além dos destaques que confeririam, na perspectiva de Carvalho, uma caracterização de esplendor da sociedade nacional, uma forte crítica foi dirigida aos brasileiros por ignorarem seu passado e sua vida contemporânea. Nas palavras do autor: “quando penso que conhecemos muito mal a nossa vida quotidiana, os acontecimentos que se desenrolam em nosso meio e as figuras que nos cercam, fico estupefacto”<sup>254</sup>. Carvalho fez uma analogia entre o que se conhecia da sociedade e a escolha de um novo papa: ao ver a fumaça saindo do interior da basílica de São Pedro, a multidão já saberia que um novo papa teria sido eleito, entretanto, ignoraria as lutas e episódios que aconteceram no interior da basílica para que a escolha fosse definida. Nas palavras de Carvalho, “somos como essa multidão, pois, conhecemos e nos interessamos pelos acontecimentos da nossa vida social, mas ignoramos quase sempre o segredo da *sfumata*”<sup>255</sup>. Nessa perspectiva, Carvalho estendeu sua crítica à imprensa do período, defendendo que os

<sup>250</sup> CARVALHO, Elysio de. *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911. p.137-138.

<sup>251</sup> Ibidem, p.140.

<sup>252</sup> Ibidem, p.5.

<sup>253</sup> Ibidem, p.142.

<sup>254</sup> Ibidem, p.163.

<sup>255</sup> Ibidem, p.164.

jornais desconheceriam muitos detalhes importantes para o país, detalhes esses que poderiam ser encontrados, por exemplo, em cartas familiares.

Para Carvalho, o segundo reinado teria sido o período da *idade de ouro* da sociedade carioca, momento no qual “o estylo era um titulo de nobreza. Tratava-se o espirito como [sic] o mesmo carinho com que se cuidava da *toilette*”<sup>256</sup>. Dentro dessa “idade de ouro”, o autor teceu também considerações sobre a mulher carioca, destacando sua preparação para as exigências da “vida contemporanea”:

Ninguem melhor do que a carioca, nos seus **typos superiores**, representa a civilização na suprema elegancia de que se revestiu a vida contemporanea. Quer folheie o ultimo livro de **Paul Bourget**<sup>257</sup>, quer escolha chapeos, quer encomende rendas, ella se encontra com os aspectos intellectuaes e com os aspectos decorativos do mundo moderno.<sup>258</sup> (grifos meus)

Fica evidente nesse trecho que Carvalho hierarquizou a sociedade brasileira ao destacar os “typos superiores” cariocas. Além de “typos superiores”, outras expressões podem ser elencadas como exemplares dessa classificação social: “tradição familiar de alta cultura”, “velha aristocracia, um passado de nobreza”, “uma raça de gentis homens [...] que são apanágios das castas superiores”, “raça fina e delicada [...] dotada de uma inteligência lúcida”, entre outras que podem ser identificadas ao longo de sua obra<sup>259</sup>.

Nesse momento, faz-se necessário o destaque para a associação entre a hierarquização social apontada por Carvalho e a concepção de aristocratismo do filósofo alemão. No aforismo 257 de *Além do bem e do mal* (publicação de 1886), Nietzsche discorreu sobre sua concepção de aristocratismo:

Abster-se de ofensa, violência, exploração mútua, equiparar sua vontade à do outro: num certo sentido tosco isso pode tornar-se um bom costume entre indivíduos, quando houver condições para isso (a saber, sua efetiva semelhança em quantidades de força e medidas de valor, e o fato de pertencerem a *um* corpo). Mas tão logo se quisesse levar adiante esse princípio, tomando-o possivelmente como *princípio básico da sociedade*, ele

---

<sup>256</sup> CARVALHO, Elysio de. *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911. p.240.

<sup>257</sup> Destacamos aqui a referência de Carvalho a Paul Bourget, que exploraremos na sequência.

<sup>258</sup> Ibidem, p.228. (grifos meus).

<sup>259</sup> Ibidem, p.7, 13, 30, 35, respectivamente.

prontamente se revelaria como aquilo que é: vontade de *negação* da vida, princípio de dissolução e decadência.<sup>260</sup>

Nietzsche ainda prossegue afirmando que: “A ‘exploração’ não é própria de uma sociedade corrompida, ou imperfeita e primitiva: faz parte da *essência* do que vive, como função orgânica básica, é uma consequência da própria vontade de poder, que é precisamente vontade de vida”<sup>261</sup>. Tratada como “função orgânica básica”, a desigualdade entre os homens e a exploração de um sobre o outro são consideradas como parte da vontade de potência – um dos conceitos essenciais na filosofia nietzschiana. Nessa perspectiva, a tentativa de nivelar os homens, os igualando, seria indício da decadência a partir da negação da vida.

Na análise que Carvalho estabeleceu em *Esplendor e decadência da sociedade brasileira*, o autor apresenta sua crítica incisiva à democracia – ou ao que o autor chamou de “a moral dos somos todos iguais perante a lei” – ao identifica-la como um dos motivos para justificar a decadência da sociabilidade nacional, juntamente com a “inferioridade da cultura e uma grosseira noção de vida”<sup>262</sup>. Os excertos a seguir são significativos desse posicionamento:

Audaciosa e agressiva, brutal e cynica, a democracia é o atropelo das categorias, o desprezo das praxes, o abandono das dignidades, e a ella devemos, principalmente, tudo quanto significa um obstáculo à floração da sociabilidade nos nossos dias.<sup>263</sup>

Sob a enxurrada da lama democratica, que miseravelmente submerge tanta cousa rara e bela, vai desaparecendo tambem, pouco a pouco, essa classe restricta da velha nobreza, em que se guardavam, de paes para filhos, uma formosa tradição familiar de alta cultura e de elegancia.<sup>264</sup>

[...] A moral dos somos todos iguaes perante a lei vae fazendo esquecer a urbanidade, o amor por todas as delicadezas, a polidez das maneiras e a distincção das attitudes, o culto apaixonado da beleza e o appetite dos prazeres nobres.<sup>265</sup>

<sup>260</sup> NIETZSCHE, Friedrich. [1886] *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. §257.

<sup>261</sup> *Ibidem*.

<sup>262</sup> CARVALHO, Elysio de. *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911. p.5-6.

<sup>263</sup> *Ibidem*, p.6.

<sup>264</sup> *Ibidem*, p.6-7.

<sup>265</sup> *Ibidem*, p.8.

Algumas relações com as formulações nietzschianas podem ser estabelecidas a partir dos excertos destacados. Nietzsche foi um dos pensadores que se propôs a refletir sobre a modernidade, à qual elaborou uma crítica manifestada em toda sua obra. Na “Tentativa de autocrítica” presente em *O nascimento da tragédia*, o filósofo questionava:

Poderia porventura, a despeito de todas as "idéias modernas" e preconceitos do gosto democrático, a vitória do otimismo, a racionalidade predominante desde então, o utilitarismo prático e teórico, tal como a própria democracia, de que são contemporâneos - ser um sintoma da força declinante, da velhice abeirante, da fadiga fisiológica?<sup>266</sup>

A expressão “ideias modernas”, corrente na prosa alemã do período, designava para Nietzsche as ideias progressistas relacionadas à justiça, igualdade e liberdade<sup>267</sup>. O filósofo apresentou uma intensa crítica a essas ideias, considerando que encarar a igualdade como sinônimo de nivelamento gregário e uniformização impediria o surgimento de “novos potenciais para a criatividade individual e para uma forma superior de cultura”<sup>268</sup>. É nessa perspectiva que Nietzsche se referia ao homem das ideias modernas como “animal de rebanho”, aquele que, como já apontado anteriormente, se tornaria obediente e laborioso ao seguir a moral universalista, herdeira do cristianismo.

Assim, para Nietzsche, as ilusões modernas atuavam então como negação da vida e um de seus sintomas seria a decadência como escravização do pensamento. Ainda na perspectiva da decadência, o filósofo alemão destacava o esvaziamento das instituições como mais um sintoma do esvaziamento do homem. Em *O crepúsculo dos ídolos*, obra citada por Carvalho em *Esplendor e decadência da sociedade brasileira*, Nietzsche afirmava: “O problema não está ligado a elas [as instituições], mas a nós. Depois que perdemos todos os instintos dos quais nascem as instituições, estamos perdendo as instituições mesmas, porque não mais prestamos para elas”<sup>269</sup>.

Juntamente com a crítica às ideias democráticas, o brasileiro destaca o abandono do idealismo e da tradição tendo em vista o declínio da sociedade:

<sup>266</sup> NIETZSCHE, Friedrich. [1872] *O nascimento da tragédia*, ou Helenismo e pessimismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p.18.

<sup>267</sup> SILVA JÚNIOR, Ivo da. “Modernidade” In: MARTON, Scarlett (ed.) *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Edições Loyola, 2016 (Coleção Sendas & Veredas). p.307.

<sup>268</sup> KELLNER, Douglas. A crítica de Nietzsche à cultura de massa. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre. n.13, p.12-22, dez. 2000. p.13.

<sup>269</sup> NIETZSCHE, Friedrich. [1888] *O crepúsculo dos ídolos, ou como filosofar com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. §39.

Todo idealismo, segundo a moral utilitaria de nossos tempos, é uma loucura, e, neste afan de desesperados, esquece-se que toda cultura nasce da tradição. Legado de séculos de espírito e de bom gosto, ella é o resultado de uma elaboração lenta e difficil, através de gerações e de gerações. A existencia della numa raça, num povo, numa família, pressuppõe antes de tudo a existencia de gentes de qualidade, letrados e artistas. Dest’art, um povo não tem a cultura que quer e não se faz culto quando quer, senão quando, de todas as maneiras, essa cultura foi praticada anteriormente, pelos seus antepassados. A cultura resume, pois, longos hábitos transmittidos hereditariamente, e é sempre producto de uma disciplina demorada, severa, laboriosa e sabia.<sup>270</sup>

Quando apresentou seu diagnóstico da modernidade, em *O caso Wagner, um problema para músicos*, Nietzsche afirmou, já no prólogo, o quanto o problema da decadência o ocupou. Nas palavras do filósofo alemão:

O que me ocupou mais profundamente foi o problema da *décadence* — para isso tive razões. “Bem e Mal” é apenas uma variante desse problema. Tendo uma vista treinada para os sinais de declínio, compreende-se também a moral — compreendemos o que se oculta sob os seus mais sagrados nomes e fórmulas de valor: a vida *empobrecida*, a vontade de fim, o grande cansaço. A moral *nega* a vida... Para uma tarefa assim, era-me necessária uma disciplina própria — tomar partido contra tudo doente em mim, incluindo Wagner, incluindo Schopenhauer, incluindo os modernos sentimentos de “humanidade”.<sup>271</sup>

Como destaca Campioni em *Nietzsche e o espírito latino*, a noção de *décadence* aplicada pelo filósofo alemão à crítica a Wagner teve como referência a leitura de *Essais de psychologie contemporaine* (1883), de Paul Bourget. As análises nietzschianas sobre a complexidade do mundo moderno são anteriores à sua leitura de Bourget, entretanto, “a riqueza e a articulação da análise psicológica e fisiológica de Bourget trazem elementos novos” ao diagnóstico nietzschiano da modernidade<sup>272</sup>.

Em oposição ao cenário brasileiro de decadência, marcado pela “enxurrada da lama democrática”<sup>273</sup> e pela baixa cultura, quando Carvalho referiu-se à mulher carioca do Segundo

<sup>270</sup> CARVALHO, Elysio de. *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911. p.8.

<sup>271</sup> NIETZSCHE, Friedrich. [1888] *O caso Wagner: um problema para músicos; Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016. Prólogo, p.9.

<sup>272</sup> CAMPIONI, Giuliano. *Nietzsche e o espírito latino*. São Paulo: Edições Loyola, 2016 (coleção Sendas & Veredas). p.316.

<sup>273</sup> CARVALHO, op. cit., p.6.

Reinado em seus “typos superiores”, afirmou que “todos apreciam exatamente a carioca como uma mulher dotada de apurado bom gosto e de uma cultura muito delicada, com uma intelligencia scintillante e uma imaginação muito viva”<sup>274</sup> – essa mulher de inteligência cintilante era, na narrativa construída pelo autor, a mesma a ler Paul Bourget (como destacado na nota de rodapé 257, p.61).

Assim, notamos na análise da cultura nacional estabelecida por Carvalho, alguns elementos que podemos caracterizar como apropriações de formulações elaboradas por Nietzsche: marcadamente, ao construir uma narrativa que apresenta uma cultura nacional de origem esplendorosa e aristocrática, mas que padeceria dos mesmos elementos da decadência que a modernidade apresentou ao cenário europeu, como as ideias modernas (associadas por Carvalho à democracia) e o abandono da alta cultura e da elegância da “nobreza”.

### 2.3 Em destaque, a latinidade

Ao longo da produção de Carvalho, é possível identificar em diferentes momentos a valorização da língua portuguesa. Em 1907, Carvalho publicou no *Almanaque Brasileiro Garnier* o artigo “A estética da língua portuguesa”, no qual tece considerações sobre a obra *Páginas de Esthetica*, de João Ribeiro. Em tal publicação, Carvalho destaca em tom elogioso o objetivo da obra, que teria como propósito propagar a cultura e, principalmente, a língua portuguesa, considerada como um símbolo vivo de um povo. Afirma Carvalho:

A lingua é o symbolo vivo da raça que a falla, e, no dizer do poeta, a consciência de um povo projectada no espelho sonoro das palavras. Nenhuma imagem é mais exacta e fiel. A nossa, meiga ou fera, jovial ou triste, incarna as modalidades da alma grandiosa de uma raça vivaz, volúvel e expansiva, cheia de esperanças e illusões, sonhadora e pantheista por excellencia. A idéa mesmo da pátria póde-se lêr, mais ou menos viva e perfeita, na physionomia que a retrata. E que, desde quando lhe infundiram o sopro vital os Camões e os Vieiras, se tornou immortal e perenne.<sup>275</sup>

Assim, na perspectiva sustentada por Elysio de Carvalho, a língua seria a “representação fiel do genio dos povos”, além da “expressão do seu character”<sup>276</sup>. Em 1911, ao apresentar as

<sup>274</sup> CARVALHO, Elysio de. *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911. p.229.

<sup>275</sup> *ALMANAQUE Brasileiro Garnier*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1907. p.252.

<sup>276</sup> *Ibidem*, p.253.

características da decadência da sociedade brasileira, afirmava que “da autoridade dos príncipes da nossa raça, passamos ao domínio dos mercadores de ouro e demagogos”, considerados pelo autor como “creaturas que são de substância diferente da nossa, de uma outra língua e de um outro pensamento”<sup>277</sup>. Novamente, a língua recebia destaque como um dos elementos de caracterização do brasileiro.

Em 1921, com a obra *Brava Gente*, Carvalho dedicou esforços para a construção de uma expressão do que classificou como o “caráter” do brasileiro e, nessa obra, é possível identificar o empenho do autor em fortalecer os vínculos entre a língua portuguesa e a história da nação. Para tal, um dos recursos utilizados foi a apresentação de heróis nacionais a partir dos referenciais camonianos – no início de cada capítulo, o autor utiliza epígrafes retiradas de *Os lusíadas*, de Camões, conduzindo seu leitor a uma associação entre o caráter épico da obra camoniana e as personalidades brasileiras, apresentadas por Carvalho como verdadeiros heróis nacionais. Além do estabelecimento da relação entre *Os lusíadas* e os heróis nacionais, que será explorada mais adiante, outro elemento de relevância identificado em *Brava gente* é a defesa da latinidade.

Em “Variação lexical e performance semântica de um conceito político: latinidade, ideia latina e romanidade”, Virgínia Camilotti explora a significação do conceito *latinidade*, a partir da análise de sua variação lexical, durante os séculos XIX, XX e início do XXI. Com relação a emergência do conceito, a autora destaca que “o cenário relativo à latinidade é o final do século XIX na França, estendendo-se para Portugal, Brasil e Itália nas primeiras décadas do século XX, em especial no decurso da Grande Guerra”, e aponta algumas das revistas que foram veículos da noção de latinidade, com destaque para “*Revue du Monde Latin, Renaissance Latine, Latina, Atlantida e Revue des Nations Latines*.” Camilotti demonstra ainda que, apesar da predominância do vocábulo *latinidade*, também podem ser encontrados os sintagmas “ideal latino”, “ideia latina”, “vontade latina”, “causa latina”, associados ao conceito no final do século XIX<sup>278</sup>.

A autora revela que, apesar do vocábulo *latinidade* já ser utilizado em meados do século XIX, foi somente a partir de 1870 possível identificá-lo como um conceito engajado, como um “vetor de uma ação política que visasse a união dos povos de origem latina ou a constituição de uma fronteira identitária precisa, a justificar ações solidárias para a sua preservação no

---

<sup>277</sup> CARVALHO, Elysio de. *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911. p.7-8.

<sup>278</sup> CAMILOTTI, Virgínia Celia. Variação lexical e performance semântica de um conceito político. In: SEIXAS, Jacy; CESAROLI, Josianne; NAXARA, Márcia (orgs.) *Tramas do político: linguagens, formas, jogos*. Uberlândia: EDUFU, 2012. p.46.

Ocidente”<sup>279</sup>. Camilotti identifica um duplo aspecto como agente para a emergência de tal conceito: inicialmente, a noção de latinidade se apresenta como uma reação ou um contraponto ao pangermanismo<sup>280</sup> e ao pan-eslavismo, do mesmo modo que se evidencia como uma inversão da tese pessimista da decadência dos povos latinos, perspectiva defendida por intelectuais alemães e também latinos (como Gobineau e Gustave Le Bon, por exemplo), que sustentaria a noção de que os povos latinos se encontrariam em processo de declínio. O duplo aspecto se revela então na reação e na inversão.

Em 1883, a *Revue du Monde Latin*<sup>281</sup>, primeira revista a articular tal conceito, evidenciava que a noção de raça não era utilizada como um dos fundamentos da latinidade. Em contraposição à noção de “raça”, estava a concepção de uma latinidade estabelecida a partir da união de povos por suas ideias religiosas, tradições literárias e tendências políticas, como demonstra Camilotti. Uma alteração em tal concepção notou-se na *Revue* a partir de 1885, quando a autora identificou a existência de um substrato católico nas publicações, fator atribuído a presença de um novo diretor do periódico. Apesar da proximidade com o catolicismo, as diversas formas políticas presentes nos países latinos não se tornaram impeditivos para o estímulo da defesa de uma articulação entre eles<sup>282</sup>.

Diferentemente de tal concepção, a ideia de latinidade veiculada posteriormente pela *Revista Atlântida*<sup>283</sup>, se aproximou da linguagem republicana, federalista e anticlerical, afastando-se de qualquer aproximação com o catolicismo ou a monarquia. A defesa da criação de uma confederação Luso-Brasileira tornou-se uma das campanhas da revista, como demonstra Camilotti:

Foi justamente nessa direção que a *Atlântida – mensário artístico, literário e social para Portugal e Brasil* – enfatizou, inicialmente, a associação dos povos latinos – a partir de uma articulação entre Brasil e Portugal -, propondo o português, filho dileto da língua do Lácio, como protagonista. Quando rebatizada em 1919, *Atlântida – Órgão do Pensamento Latino no Brasil e em Portugal* -, incluiu na cartografia da *latinidade* o francês ou a França, sem

<sup>279</sup> CAMILOTTI, Virgínia Celia. Variação lexical e performance semântica de um conceito político. In: SEIXAS, Jacy; CESAROLI, Josianne; NAXARA, Márcia (orgs.) *Tramas do político: linguagens, formas, jogos*. Uberlândia: EDUFU, 2012. p.48.

<sup>280</sup> Como aponta a autora, o trauma da derrota francesa na guerra franco-prussiana (1870-1871) contribuiu para a emergência da noção de latinidade como uma reação. *Ibidem*, p.48.

<sup>281</sup> Publicada entre os anos de 1883 e 1896. Foi dirigida por Charles de Tourtoulon até 1885, e posteriormente por Barral de Montferrat. *Ibidem*, p.46.

<sup>282</sup> *Ibidem*, p.51.

<sup>283</sup> A revista *Atlântida*, lançada sob o patrocínio dos governos de Brasil e Portugal em novembro de 1915, contava com João do Rio como diretor no Rio de Janeiro e João de Barros como diretor em Lisboa. A partir de 1919, passou também a ter Graça Aranha como seu terceiro diretor, na França.

esquecer, todavia, o italiano. Findado o conflito mundial, emprenhar-se-ia na constituição da *latinidade* como um bloco amplo envolvendo os latinos no velho e no novo continente, que, conforme Francesco Bianco, deveria opor-se ao esmagador poder da Inglaterra, aliado à força dos Estados Unidos, ou ao poder anglo-saxão, a qualquer momento unido ao elemento germânico.<sup>284</sup>

Como demonstra Camilotti em “Um nós expandido – Portugal e Brasil ou a noção de latinidade em João do Rio”<sup>285</sup>, a defesa da latinidade como uma inversão da tese pessimista da decadência dos povos latinos foi um recurso presente no horizonte de intelectuais brasileiros e portugueses no início do século XX. É a autora quem identifica a associação da latinidade à figura da decadência, vinculada à “operação com o conceito efetuada por Paul Borget e, em especial por Nietzsche, no que se refere ao processo decadencial experimentado pela civilização ocidental”<sup>286</sup>.

Ora, se na perspectiva nietzschiana, a decadência implicaria na “vida empobrecida, a vontade de fim, o grande cansaço” e mesmo na negação da vida a partir da desagregação dos instintos – encontrada em Wagner ou Schopenhauer, por exemplo<sup>287</sup>, para o filósofo, o Renascimento teria sido a última grande época em que era possível identificar a existência de forças positivas<sup>288</sup>. Ainda em *O Caso Wagner*, o próprio Nietzsche, que reconhecia ser também um decadente<sup>289</sup>, identificava que o retorno ao Mediterrâneo o tornaria melhor. Ao se referir à *Carmen*, de Georges Bizet, afirmava: “Já perceberam como essa música me torna melhor? – //

---

<sup>284</sup> CAMILOTTI, Virgínia Célia. Variação lexical e performance semântica de um conceito político. In: SEIXAS, Jacy; CESAROLI, Josianne; NAXARA, Márcia (orgs.) *Tramas do político: linguagens, formas, jogos*. Uberlândia: EDUFU, 2012. p.52.

<sup>285</sup> CAMILOTTI, Virgínia Célia. Um nós expandido – Portugal e Brasil ou a noção de latinidade em João do Rio. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion (orgs.) *Figurações do outro na história*. Uberlândia: EDUFU, 2009. p.307-329.

<sup>286</sup> *Ibidem*, p.316-317.

<sup>287</sup> Nas obras de Wagner, a decadência seria encontrada pelo filósofo nos problemas históricos, na sensibilidade superexcitada, nos afetos convulsivos ou ainda na decadência estilística identificada no predomínio do teatro sobre a música. Para o filósofo, o fato de Wagner não ter sido percebido como um compositor decadente já era um sinal da própria decadência da Europa. Afirma Nietzsche: “O artista da *décadence*: eis a palavra. E aqui começa a minha seriedade. Estou longe de olhar passivamente, enquanto esse *décadent* nos estraga a saúde – e a música, além disso! Wagner é realmente um ser humano? Não seria antes uma doença? Ele torna doente aquilo em que toca – *ele torna a música doente*”. In: NIETZSCHE, Friedrich. [1888] *O caso Wagner: um problema para músicos; Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016. §5; Cf. CORBANEZI, Eder. “O caso Wagner: um problema para músicos”. In: MARTON, Scarlett (ed.) *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Edições Loyola, 2016 (Coleção Sendas & Veredas). p.79.

<sup>288</sup> NIETZSCHE, Friedrich. [1888] *O crepúsculo dos ídolos, ou como filosofar com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. §37.

<sup>289</sup> “Tanto quanto Wagner, eu sou filho desse tempo; quer dizer, um *décadent*: mas eu compreendi isso, e me defendi. O filósofo em mim se defendeu.” NIETZSCHE, Friedrich. [1888] *O caso Wagner: um problema para músicos; Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016. Prólogo, p.9.

*faut méditerraniser la musique*: tenho razões para esta fórmula. O retorno à natureza, a saúde, a alegria, juventude, virtude!”<sup>290</sup>.

Assim, nesta chave de leitura nietzschiana, a noção de latinidade concebida como um vínculo identitário, supunha não só “uma configuração cultural referida a um tronco linguístico comum, o latim”, como também uma herança da mesma força moral e criativa da civilização romana<sup>291</sup>.

\* \* \*

Foi um dos defensores da criação de uma confederação Luso-Brasileira e também colaborador da revista *Atlantida* quem prefaciou a obra *Brava gente*: Carlos Malheiro Dias. Intelectual de destaque da colônia portuguesa do Rio de Janeiro, o jornalista, historiador e romancista era um dos defensores da aproximação cultural entre Brasil e Portugal. Filho de pai português e mãe brasileira, nasceu no Porto em 1875 e viveu no Rio de Janeiro entre os anos de 1893 e 1897 – quando retornou a Portugal – período no qual estreou na literatura, com a publicação de contos e folhetins em jornais e revistas literárias<sup>292</sup>. Em terras portuguesas, se estabeleceu como sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras em 1907 e foi eleito deputado pelo Partido Regenerador nos anos de 1901, 1902, 1905 e 1910. Após a proclamação da República em Portugal, em 1910, Dias dedicou-se totalmente ao jornalismo, envolvendo-se em debates e polêmicas que culminaram em seu retorno ao Brasil em 1913<sup>293</sup>.

Com o regresso ao Brasil, Malheiro Dias desenvolveu uma intensa atividade cultural e jornalística. Manteve relações com a Beneficência Portuguesa, o Real Gabinete Português de Leitura e o Liceu Literário Português e foi também o responsável pela organização dos três volumes da coleção *História da Colonização Portuguesa do Brasil* (1921, 1923 e 1924), com destaque para a valorização do papel do colonizador português. Pretendia-se que a coleção fosse apresentada ao público no centenário da Independência – objetivo que não se efetivou, pois, a produção foi finalizada apenas em 1924.

---

<sup>290</sup> NIETZSCHE, Friedrich. [1888] *O caso Wagner*: um problema para músicos; Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016. §3.

<sup>291</sup> CAMIOTTI, Virgínia Célia. Um nós expandido – Portugal e Brasil ou a noção de latinidade em João do Rio. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion (orgs.) *Figurações do outro na história*. Uberlândia: EDUFU, 2009. p.318-319.

<sup>292</sup> ALVES, Jorge Luís dos Santos. *Malheiro Dias e o luso-brasileirismo* - um estudo de caso das relações culturais Brasil-Portugal. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em História, 2009. p.187.

<sup>293</sup> *Ibidem*, p.192.

Além da revista *Atlântida*, Malheiro Dias colaborou ainda em diversas outras publicações periódicas, dentre elas, a revista *Lusitânia*<sup>294</sup>, para a qual foi convidado para participar do corpo editorial em 1923. Como aponta o levantamento realizado por Lemos, “a valorização da cultura portuguesa, a reconstrução da pátria através de seu reaportuguesamento e o estabelecimento de laços com o Brasil e Espanha, no afã de uma projeção futura de sucesso, inspirada no passado glorioso da expansão ultramarina portuguesa” eram perspectivas que apareciam frequentemente na revista<sup>295</sup>.

A defesa da aproximação Brasil e Portugal também foi apresentada de modo incisivo por Carlos Malheiro Dias no prefácio de *Brava Gente*, no qual realizou considerações sobre a ideia de “nação”<sup>296</sup>, heroísmo, latinidade e, sobretudo, língua portuguesa. Entretanto, antes de adentrar em tais questões, Malheiro Dias iniciou sua apresentação em tom elogioso ao autor da obra, recuperando e reforçando uma caracterização feita sobre Elysio de Carvalho por Ronald de Carvalho<sup>297</sup> como “interprete clarividente da História, rehabilitador da Tradição e embellezador do Patriotismo”<sup>298</sup>. Após atribuir a Carvalho tais características a fim de legitimar a narrativa histórica apresentada na obra, Malheiro Dias defendeu intensamente em 12 páginas a aproximação Brasil-Portugal.

O primeiro vínculo entre as nações explorado no prefácio é o linguístico. O principal referencial para a abordagem sobre a língua portuguesa utilizado por Malheiro Dias é Camões e é através de *Os Lusíadas* que estabeleceu a relação entre Brasil, o povo português e a latinidade. Sobre Camões, afirma que “era a figura erguida na cuspide aérea de um monumento

---

<sup>294</sup> Dirigida por Afonso Lopes Vieira e Carolina Michaelis de Vasconcellos, entre os anos de 1924 e 1927. Carlos Malheiro Dias aparecia como o responsável pelos estudos luso-brasileiros. Como aponta Lemos, a revista tinha entre seus principais temas história, arte, literatura e a língua portuguesa Cf. LEMOS, Clarice Caldini. *O intercâmbio cultural luso-brasileiro através das revistas America Brasileira, Lusitania e Nação Portuguesa* (1921-1927). Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2017; ALVES, Jorge Luís dos Santos. *Malheiro Dias e o luso-brasileirismo - um estudo de caso das relações culturais Brasil-Portugal*. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em História, 2009.

<sup>295</sup> LEMOS, Clarice Caldini. *O intercâmbio cultural luso-brasileiro através das revistas America Brasileira, Lusitania e Nação Portuguesa* (1921-1927). Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2017. p.77.

<sup>296</sup> Sobre a ideia de nação, vale a leitura do seguinte trecho: “As nações não são apenas a porção de território, maior ou menor, sobre que se projecta a sombra protectora de um lábaro, signo de soberania. São corpos vivos, palpitantes e incorruptíveis; almas que as gerações vão reencarnando e perpetuando; a História em marcha através do espaço e do tempo. “*Le patriotisme exige* – escrevia Fustel de Coulanges para justificar a disposição testamentaria em que reclamava sepultura cristã, - *que si l'on ne pense pas comme les ancêtres, on respecte au moins ce qu'ils ont pensé*” [...] Esse seu belo livro é uma interpretação esthetica do Patriotismo”. DIAS, Carlos Malheiro. Prefácio. In: CARVALHO, Elysio de. *Brava gente*. Rio de Janeiro: S. A. Monitor mercantil, 1921. p. IV-V.

<sup>297</sup> Ronald de Carvalho (1893-1935) também se destacou no campo da aproximação literária entre Portugal e o Brasil. Foi ensaísta, escritor, crítico literário e diplomata brasileiro.

<sup>298</sup> DIAS, Carlos Malheiro. Prefácio. In: CARVALHO, Elysio de. *Brava gente*. Rio de Janeiro: S. A. Monitor mercantil, 1921. p.III.

[...]. *Os Lusíadas* representavam o hymno de um povo creado no regaço de Roma e amamentado pela latinidade”<sup>299</sup>.

Além de reforçar a operação com a noção de latinidade, Malheiro Dias dedicou-se a destacar a conquista europeia da América, justificando-a como uma repetição do que fizera Alexandre na Ásia, os romanos na Hispânia e Gália e Alarico em Roma, com destaque para a supremacia do homem branco, que teria a “missão” da conquista. Afirmo o prefaciador:

Ruem as columnas vetustas [obsoletas] do imperio dos Aztecas. Do alto das muralhas do templo sanguinario rola com Montesuma no pó o império dos Incas. Horror! clamam os herdeiros dos monstros [...]. Culpada é só a natureza, que dotou o homem branco com tamanha supremacia de intelligencia e de força, reservando-lhe no planeta uma missão de conquista, dando-lhe os atributos da hegemonia mental e muscular, com a mesma iniquidade com que dotou o leão de garras e desarmou o antilope.<sup>300</sup>

Ora, se na perspectiva de Malheiro Dias, os herdeiros dos Incas eram considerados “herdeiros de monstros”, o colonizador foi apresentado como o herói que promoveu a implantação e gradual adaptação da civilização europeia no novo mundo. O autor se refere ainda ao que classifica como “inevitável” missão civilizadora portuguesa, afirmando: “Pouco numerosos como era, os imigrados fundaram pátrias immensas. A terra offerecia-se-lhes. Apossaram-se della”<sup>301</sup>, reforçando o heroísmo dos poucos homens que teriam criado pátrias grandiosas.

Assim, Malheiro Dias destacou o culto do passado por meio da reincorporação do heroísmo como uma ação de patriotismo, de modo que ir ao encontro dos ancestrais e repor os heróis em seus pedestais seria, portanto, transportar a pátria da geografia à história<sup>302</sup>. É nessa perspectiva que os monumentos literários teriam como tarefa recolher as cinzas dos mortos, para restituir-lhes o culto, a fim de destacar a glória da pátria.

Ao reiterar que as cinzas a serem recolhidas pela história deveriam ser dos heróis de origem europeia, Malheiro Dias apontava sua oposição ao movimento lusófono seu contemporâneo. Afirmou o historiador luso-brasileiro: “Prefiro esses guerreiros homicidas, protagonistas de batalhas, com as mãos tintas de sangue, aos homunculos das pugnas insidiosas e velhacas da inveja, aos heroes modernos das pelejas ignominiosas dos folicularios cúpidos e

<sup>299</sup> DIAS, Carlos Malheiro. Prefácio. In: CARVALHO, Elysio de. *Brava gente*. Rio de Janeiro: S. A. Monitor mercantil, 1921. p.VI-VII.

<sup>300</sup> Ibidem, p. X.

<sup>301</sup> Ibidem, p. IX.

<sup>302</sup> Ibidem, p. XI.

de maos sujas de tinta”<sup>303</sup>, com “folicularios” referia-se aos escritores de folhetos contrários à aproximação Brasil-Portugal. Inquiria ainda: “O que poderá acrescentar prestigiosamente a esse elogio eloquente a minha voz sem auctoridade, numa hora em que um partido armado de pamphletos aterradores préga, entre vociferações exasperadas, o repudio do passado?”<sup>304</sup>.

Com tais críticas, Malheiro Dias dirigia-se ao movimento nacionalista radical crescente nas duas primeiras décadas do século XX, organizado por intelectuais e políticos de destaque no cenário nacional. Tal movimento possuía associações políticas e periódicos propagadores da perspectiva de que os portugueses seriam os responsáveis pelo “atraso” do país, já que os problemas nacionais tinham as marcas da origem colonial. Além das críticas ao processo de colonização, o movimento desaprovava também a existência de laços culturais entre as duas nações demonstrados em instituições sociais, culturais e esportivas portuguesas, como o Real Gabinete Português de Leitura (de 1837), o Liceu Literário Português (de 1868), clubes e associações. Outra característica criticada pelo movimento lusófono era a grande presença do imigrante português no mercado de trabalho urbano (principalmente no Rio de Janeiro) e na imprensa<sup>305</sup>. Para os adeptos dessa perspectiva, era por meio da negação da herança cultural portuguesa que se estabeleceria a afirmação da identidade da nação.

A eclosão da Primeira Guerra Mundial contribuiu para o desenvolvimento e estruturação de ideias nacionalistas no Brasil. Na obra *Educação e sociedade na Primeira República*, Jorge Nagle destaca a relevância da conferência realizada por Olavo Bilac aos estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo, na qual teriam sido lançadas as sementes da futura organização nacionalista, que culminou na formação da Liga de Defesa Nacional, em 1916, com sede no Rio de Janeiro<sup>306</sup>. A Liga, que tinha como um de seus objetivos “congregar os sentimentos patrióticos dos brasileiros de todas as classes”, propunha ainda a manutenção da ideia de coesão e integridade nacional frente à ameaça da Guerra, que se apresentava como um perigo externo, além dos já existentes perigos internos, associados à possibilidade da quebra de unidade, falta de instrução, erros administrativos, entre outros<sup>307</sup>.

---

<sup>303</sup> DIAS, Carlos Malheiro. Prefácio. In: CARVALHO, Elycio de. *Brava gente*. Rio de Janeiro: S. A. Monitor mercantil, 1921. p. XIII.

<sup>304</sup> *Ibidem*, p. XIV.

<sup>305</sup> D’AVILA, Cristiane (org.). *Cartas de João do Rio a João de Barros e Carlos Malheiro Dias*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2012. p.41.

<sup>306</sup> NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.65.

<sup>307</sup> Como demonstra Nagle, sobre o perigo externo, Bilac e os componentes da Liga acreditavam que “a guerra mostra a força do amor à conquista de terras, e o Brasil pode ser uma das vítimas”. Integravam entre os componentes da Liga nomes de destaque no cenário político e intelectual do período, como Rui Barbosa, Pedro Lessa, Pandiá Calógeras, Miguel Couto, Miguel Calmon, Conde Afonso Celso, Coelho Neto, entre outros. Cf. *Ibidem*, p.66-67.

Como aponta Lúcia Lippi Oliveira, em *A questão nacional na Primeira República*, o ideário da Liga de Defesa Nacional se disseminou, contribuindo para o aparecimento de outros movimentos, como a Liga Nacionalista de São Paulo, em 1917, que teria acrescentado objetivos de ordem política a seu ideário, com destaque para o combate às fraudes eleitorais e à alfabetização<sup>308</sup>. Além das Ligas, a revista *Brazílea*, fundada em 1917<sup>309</sup>, foi outra orientação do movimento nacionalista no Brasil. Como demonstra Nagle, o programa da revista incluía, entre outros aspectos, “manter a religião católica, libertar o meio intelectual de ficção dos valores portugueses, nacionalizar o comércio e a imprensa lusitanos, valorizar o mestiço”. A perspectiva da revista de combate ao português era clara, ao considerar que “o português não só teima em se considerar português, como, também, por hábito que lhe consentimos, ao ponto de continuar o Brasil, sob muitos aspectos, uma espécie de campo de exploração do que há de mais sórdido entre as gentes lusitanas”<sup>310</sup>.

Fundada pelo mesmo grupo da *Brazílea*, a Propaganda Nativista<sup>311</sup>, criada em 1919, constituía-se uma associação de caráter eminentemente político, que objetivava promover, entre outras ações, “a emancipação intelectual, financeira e econômica do Brasil; o desenvolvimento das ideias republicanas e democráticas; os sentimentos de solidariedade entre as nações americanas, desdobrando a Doutrina Monroe [...]”, além do combate à projetada Confederação Luso-brasileira<sup>312</sup>. A partir da perspectiva desenvolvida na revista *Brazílea* e por meio da Propaganda Nativista, Nagle destaca que um novo campo de reflexões no cenário nacional teria emergido alicerçado na defesa de “valores essencialmente brasileiros”, no sentimento antilusitano e na filiação ao catolicismo.<sup>313</sup>

Tal campo propiciou ainda a criação da Ação Social Nacionalista (fundada em 1920), que tinha como panfleto *Gil Blas*, revista que trazia como lema “Pela brasilidade e pelo catolicismo” e que apresentava como um de seus pontos básicos o combate ao estrangeiro, em especial, português. Para a Ação Social Nacionalista, o luso-brasileirismo se tornou a principal temática na área do combate ao estrangeiro, juntamente com a defesa da emancipação da língua e da valorização da mestiçagem<sup>314</sup>. É nesse contexto de combate ao português e defesa de uma

<sup>308</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990. p.147.

<sup>309</sup> A Revista *Brazílea* foi fundada por Álvaro Bomilcar e Arnaldo Damasceno, e contou com a colaboração de Jackson de Figueiredo. Cf. NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.72.

<sup>310</sup> Ibidem, p.72-73.

<sup>311</sup> A ata de instalação da *Propaganda Nativista* foi assinada, entre outros, por Álvaro Bomilcar, Arnaldo Damasceno, Jackson de Figueiredo, José Candido de Andrade Muricy, Camilo Paoliello. In: NAGLE, op. cit., p.74

<sup>312</sup> Ibidem, p.73.

<sup>313</sup> Ibidem, p.74.

<sup>314</sup> Ibidem, p.76-77.

emancipação da língua, que Elysio de Carvalho fundou em 1921 a revista *América Brasileira*, que trazia em suas páginas parte da discussão favorável à aproximação luso-brasileira, inicialmente de forma tímida, mas como um de seus temas principais a partir de 1923.

Com publicações mensais realizadas no Rio de Janeiro entre dezembro de 1921 e dezembro 1924, temos acesso ao editorial<sup>315</sup> da revista a partir da pesquisa de Lemos, *O intercâmbio cultural luso-brasileiro através das revistas America Brasileira, Lusitania e Nação Portuguesa* (1921-1927). Como aponta a pesquisadora, o título da revista tinha como objetivo demarcar a diferenciação entre o Brasil e a América espanhola. Reproduzimos um trecho do editorial relativo a essa diferenciação: “Em face da America Hespanhola está, portanto, a America Brasileira. Cabe-nos fazer das nossas cousas a propaganda intensa, quotidiana, vigilante que as demais Republicas sul-americanas, unidas num só pensamento, realizam no mundo civilizado”<sup>316</sup>. A pesquisadora demonstra que, ao longo do texto de apresentação da revista, é manifesta a ideia de que algumas particularidades do Brasil o teriam deixado “sozinho” na América. Entre tais especificidades, destaca, entre outras, a língua e a manutenção do território pós-independência:

[...] seja pela manutenção de sua unidade, em contraposição à divisão territorial que sofreram as colônias espanholas; seja pela língua, que difere de seus vizinhos; seja pelos tipos de governos estabelecidos após a independência; ou pela "substancia profunda peculiar a todas" as nações vizinhas e que as diferia do Brasil. Todas essas diferenças teriam deixado o Brasil sozinho na América.<sup>317</sup>

Apesar de demarcar as particularidades do país em relação às demais nações da América do Sul, Lemos demonstra que a revista anunciava possuir um desejo de estabelecer um intercâmbio cultural prolífico com os países vizinhos, embora também almejasse o reconhecimento da “supremacia regional brasileira, como líder da América do Sul”<sup>318</sup>.

<sup>315</sup> As edições de número 1, 2 e 3 não foram encontradas para consulta. O acervo da *América Brasileira* está disponível na Biblioteca Nacional Digital (organizada pela Fundação Biblioteca Nacional), entretanto o arquivo é composto das edições a partir do quarto número da revista, de março de 1922.

<sup>316</sup> *America Brasileira*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, n.p., dez. 1921. Apud LEMOS, Clarice Caldini. *O intercâmbio cultural luso-brasileiro através das revistas America Brasileira, Lusitania e Nação Portuguesa* (1921-1927). Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2017. p.41.

<sup>317</sup> LEMOS, op. cit., p.41.

<sup>318</sup> *Ibidem*, p.42.

Nessa perspectiva, a revista se apresentava ao público como um espaço de “resenha da atividade nacional”<sup>319</sup>. Na página de divulgação dos colaboradores da revista e das informações relacionadas à sua assinatura, declara que por ser uma revista que até aquele momento o Brasil “não teve”, estava resolvida “a questão de possuímos uma grande revista de cultura e informação geral ao alcance de toda gente”. Destacando sua particularidade no cenário nacional, a *América Brasileira* apresentava ainda os temas que seriam explorados em suas páginas, como é possível notar em sua quarta edição: “Crítica e estudo dos problemas nacionais; Defesa militar e econômica; Resenha da vida internacional; Synthese das possibilidades e realizações brasileiras; Exponente da cultura nacional em suas varias modalidades”<sup>320</sup>.

Conforme demonstra Lemos, a revista foi composta inicialmente por três partes: a primeira delas apresentando um corpo principal de artigos, na sequência, uma seção de notas e comentários diversos, e, por fim, uma seção de notícias composta por subseções de temáticas variadas como música, boletim militar ou indústria e comércio<sup>321</sup>. No início de 1923, a subseção intitulada *Portugalia* foi criada e alocada dentro da seção de notícias e em junho do mesmo ano já era apresentada aos leitores como uma seção independente, tratando das relações luso-brasileiras<sup>322</sup>.

Entre os colaboradores da revista<sup>323</sup> estavam figuras de destaque no cenário da defesa das relações luso-brasileiras, como o já citado Carlos Malheiro Dias e o diretor da revista

---

<sup>319</sup> Sobre seu formato, a revista *América Brasileira* passou por modificações. Como aponta Lemos, os três primeiros números da revista foram publicados em tamanho grande (31,2 cm de largura por 46,8 cm de altura), sendo o primeiro composto por vinte páginas, enquanto os dois seguintes, dezesseis páginas cada. A partir de março de 1922, o quarto número da revista inaugurou uma nova série, ainda mensal, mas com um tamanho menor (22,2 cm por 31,3 cm), mudança atribuída para torná-la mais elegante e de mais cômoda leitura. Cf. LEMOS, Clarice Caldini. *O intercâmbio cultural luso-brasileiro através das revistas América Brasileira, Lusitania e Nação Portuguesa* (1921-1927). Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2017. p.47-48.

<sup>320</sup> *América Brasileira*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, n.p., mar. 1922.

<sup>321</sup> LEMOS, op. cit., p.48.

<sup>322</sup> *Ibidem*, p.197.

<sup>323</sup> Entre os colaboradores, figuraram, em ordem alfabética: Affonso de E. Taunay, Albertino Moreira, Alberto de Oliveira, Alberto Faria, Alvaro Moreyra, Alves de Souza, Amadeu Amaral, Annibal Fernandes, Austregesilo de Athayde, Bernardino de Souza, Capitão Genserico de Vasconcellos, Carlos D. Fernandes, Carlos de Vasconcellos, Carlos Pontes, Celso Vieira, Cláudio de Souza, Cláudio Ganns, Commandante Tancredo Burlamaqui, D. Julia Lopes de Almeida, Felipe de Oliveira, Graça Aranha, Gustavo Barroso, Hildebrando Accioly, Homéro Prates, João Pinto da Silva, João Ribeiro, Jorge Jobim, Léo Vaz, Lima Barreto, Manoel Bandeira, Mario da Silva, Mario de Alencar, Mario de Vasconcellos, Mario Pinto Serva, Mario Simonsen, Matheus de Albuquerque, Menotti del Picchia, Monteiro Lobato, Mucio Leão, Nuno Pinheiro, Octavio N. de Brito, Oliveira Vianna, Pontes de Miranda, Raul de Leoni, Ribas Carneiro, Rocha Pombo, Rodrigo Mello Franco de Andrade, Rodrigo Octavio, Rodrigo Octavio Filho, Ronald de Carvalho, Rubens Barcellos, S. Galeão Coutinho, Selda Potoca, Sergio Buarque de Hollanda, Severiano de Rezende, Tristão da Cunha, Tristão de Athayde, Victor Vianna, Viriato Correia, entre outros.

*Atlântida* em Lisboa, João de Barros<sup>324</sup>. Como demonstra Camilotti, Barros era também colaborador da *Gazeta de Notícias* desde 1910 e entre os anos de 1912 e 1915 foi o responsável pelas “Notícias de Portugal”, além de crônicas mensais<sup>325</sup>. O corpo editorial da *America Brasileira* sofreu uma série de mudanças ao longo da existência do periódico, embora Elysio de Carvalho tenha permanecido como diretor durante todo o período de sua duração<sup>326</sup>. Fora durante os primeiros anos de vigência da *America Brasileira* (1921-1924) que Carvalho se dedicou também à publicação de *Brava gente* (1921) e *Os bastiões da nacionalidade* (1922).

#### 2.4 *Brava gente*: Uma narrativa de herói

Em *Brava gente*, posicionando-se na mesma perspectiva defendida no prefácio de Carlos Malheiro Dias em defesa da aproximação Brasil-Portugal, Elysio de Carvalho dedicou-se à construção de uma narrativa da história do Brasil a partir de grandes heróis nacionais. A fim de destacar a grandiosidade da história a ser narrada, Carvalho fez uso de epígrafes no início de cada capítulo, um procedimento que, apesar de comum à época, nesse caso merece nossa atenção: as epígrafes escolhidas foram todas retiradas de *Os lusíadas*, de Camões, e, para o leitor, torna-se inevitável a associação entre o trecho escolhido da epopeia camonianiana com a narrativa elaborada por Carvalho sobre a formação do Brasil. Com tal recurso, o autor estabelece um vínculo entre língua e latinidade com a história a ser apresentada - destacando

---

<sup>324</sup> Poeta, pedagogo e publicista, João de Barros (1881-1960) participou da campanha de reforma do ensino em Portugal e exerceu os cargos de secretário-geral do Ministério da Instrução Pública (1914) e de diretor-geral do Ensino Primário (1915-1916). Vale lembrar que, como apontado anteriormente, João de Barros fora leitor da obra de Nietzsche e propusera a aplicação da doutrina do Homem Superior no campo da educação em seu livro *A escola do futuro*, publicado em 1908. Cf. LEMOS, op. cit., p.132; MONTEIRO, Américo Enes. *A recepção da obra de Friedrich Nietzsche na vida intelectual portuguesa* (1892-1939). Dissertação de doutoramento em cultura alemã, apresentada à faculdade de letras da Universidade do Porto. Porto: 1997. p.97-98

<sup>325</sup> CAMILOTTI, Virgínia Célia. (In)diferenças entre Brasil e Portugal: dois tempos de colaboração portuguesa na imprensa brasileira. in: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion (orgs.) *Indiferenças: percepções políticas e recursos de um sentimento*. São Paulo: Intermeios; Brasília: Capes, CNPq; Curitiba: Fundação Araucária; Campinas: Unicamp-PPGH, 2015. p.260

<sup>326</sup> A nota de encerramento da revista afirmava: “Esta revista é hoje publicada com algum atrazo e contendo, numa mesma edição, os numeros reunidos de Novembro e Dezembro, devido ao facto de não ter podido contar, nestes ultimos dois mezes, com a cooperação – que lhe é elemento primordial – do seu director, o Sr. Elysio de Carvalho, que, ha algum tempo já, se encontra enfermo e ausente desta Capital. E ainda por este motivo, temos outra communicação a fazer aos nossos leitores. Sendo esta revista, antes de tudo, obra exclusiva de Elysio de Carvalho, que a tem mantido principalmente como expressão do seu pensamento na vida literaria, politica, social e economica do Brasil, e exigindo o estado de saude do nosso prezado chefe que elle emprehenda uma viagem á Europa, para onde seguirá nos primeiros dias de Fevereiro proximo, *America Brasileira* delibera suspender, desde já, a sua publicação, até que Elysio de Carvalho possa regressar, restabelecido, ao convivio dos seus numerosos amigos e admiradores. Dando conta desta deliberação aos nossos assignantes, com os quaes, aliás, não temos qualquer compromisso a satisfazer visto que as assignaturas de nossa revista terminaram todas em Dezembro de 1924, queremos agradecer-lhes aqui o precioso apoio e estímulo que nos trouxeram”. A viagem de Carvalho à Europa não atingiu seu propósito e o diretor não retornou com vida ao Brasil, morrendo na Suíça em 1925, em decorrência de tuberculose. In: *America Brasileira*. *America Brasileira*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 35-36, p.354, nov./dez. 1924.

que os valores que comportam a tradição estariam presentes na língua -, bem como aproxima o caráter épico da obra camoniana com a epopeia de formação do Brasil desenvolvida em sua narrativa.

Os escritos de Carvalho revelam a operação com a noção de latinidade: a constituição de uma fronteira identitária a partir da França, estendendo-se para Portugal, Brasil e Itália, como herdeiros da antiguidade greco-romana e em oposição ao pangermanismo. Apesar dessa caracterização não ser explícita em *Brava gente*, Carvalho a evidencia em outros textos. O trecho abaixo, presente em *Os bastiões da nacionalidade*, demonstra essa perspectiva:

Naquelle solo abençoado [Pernambuco], donde extraiu o país a sua seiva heroica, vinham filhar as tradições de galanteria, de luxo e de conforto das civilizações antigas, graças ao frequente commercio e á dilatada correspondencia com Lisboa, Ruão [Rouen], Veneza, Florença e outros povos, e para ahi convergiam as idéias, os sentimentos e as aspirações da Europa culta, magnifica e esplendida, afim de que, aquecidos pelo fogo virgem dos tropicos, gerassem uma civilização e uma cultura originaes na variedade, na harmonia e na riqueza de suas formulas. Dahi ter sido aquelle florentissimo território, onde vivia e se formava o espirito nacional ao contacto de elementos ethnicos de primeira ordem, como o berço de quasi todas as ideias avançadas na philosophia, na literatura e principalmente na politica, e que se incorporam mais tarde na civilização brasileira, e talvez possamos affirmar, com segurança, que não ha uma só das nossas grandes conquistas sociaes ou moraes que não tenha suas raizes na historia pernambucana.<sup>327</sup>

Se, para Carvalho, Portugal (Lisboa), França (Rouen) e Itália (Veneza, Florença) seriam o berço de quase todas as ideias avançadas na filosofia, literatura e política, encontramos em outra passagem a crítica direta ao germanismo. Ao tratar sobre *Esthetica da vida*, obra de Graça Aranha, Carvalho destacou a vitória latina frente ao germanismo, afirmando:

Ahi temos, a nascer e vacillante, um novo espirito nacional, fundado na consciência da nossa vida e do nosso papel de continuadores do génio greco-latino em terras americanas, cujas transformações devemos auxiliar, afim de que não se disvirtue a sua essência, e o livro de Graça Aranha é a biblia desse nacionalismo nascente, ao mesmo tempo que é uma vibrante profissão de fé da néo-latinidade, victoriosa da cultura e da civilização germânicas.<sup>328</sup>

<sup>327</sup> CARVALHO, Elysio de. *Os Bastiões da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922. p.226-227.

<sup>328</sup> Ibidem, p.201-202.

Além da utilização do vocábulo “latinidade”, localizamos na produção de Carvalho e em especial, em *Os bastiões da Nacionalidade*, outras expressões que se relacionam com o mesmo conceito, sem que o autor estabeleça uma diferenciação entre elas: “espiritualidade latina”, “alma latina”, “cosmo latino”, “gênio latino”, “raça latina”<sup>329</sup>, “povos latinos”, “gênio greco-latino”, “cultura latina”, “forças latinas”<sup>330</sup>.

Na obra *Brava gente*, apesar de não fazer uso do vocábulo latinidade, a construção narrativa estabelecida pelo autor em torno da constituição da imagem de heróis de origem portuguesa e dignos de serem comparados aos heróis greco-romanos evidencia, como demonstraremos a seguir, tal concepção. Carvalho optou por iniciar sua exposição com o simbólico rei da pólis espartana na antiguidade grega, intitulado o primeiro capítulo de “Ressurreição de Leônidas”. O destaque inicial foi feito a Pernambuco, classificada como a “Sparta Americana”<sup>331</sup>, local no qual teria residido a força moral da América brasileira e a defesa da integridade da pátria contra as invasões holandesas, durante o período de domínio lusitano.

O primeiro herói evidenciado na epopeia da “Sparta Americana” de *Brava gente*, ou, o Leônidas brasileiro, foi Pedro de Albuquerque, responsável pela resistência à invasão holandesa no Forte do Rio Formoso, em 1633. Carvalho narrou a tentativa de invasão dos holandeses ao forte, com seiscentos homens e uma frota de vinte e cinco embarcações, que teriam atacado “um pequeno forte guarnecido de vinte homens”<sup>332</sup>. É a defesa do forte que o autor aproxima da saga espartana: “Envolvidos por adversários trinta vezes superiores em número e com as comunicações cortadas por infernal barragem de chammas, Pedro de Albuquerque e seus commandados tiveram de escolher, num momento supremo de decisão, entre a vergonha da entrega e a gloria de morrer”.<sup>333</sup> De acordo com Carvalho, após a invasão do forte, a cena encontrada pelos holandeses foi a de Pedro de Albuquerque caído gravemente ferido em meio a dezenove cadáveres. Em respeito ao “vulto sobrehumano do insigne capitão”, os próprios soldados holandeses teriam salvado Pedro de Albuquerque, deixando-o generosamente partir à Espanha – desse modo Carvalho finalizou a construção do primeiro grande herói nacional apresentado em sua obra.

---

<sup>329</sup> Nos dedicaremos a uma análise mais detalhada da concepção de raça para Carvalho mais a frente.

<sup>330</sup> CARVALHO, Elysio de. *Os Bastiões da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922. p.28, 29, 40, 68, 80, 196, 201, 208, 214.

<sup>331</sup> Ibidem, p.12.

<sup>332</sup> Ibidem, p.14.

<sup>333</sup> Ibidem, p.15.

As referências à antiguidade grega continuam no segundo capítulo de *Brava gente*, intitulado “O regresso de Ulysses”, no qual os heróis dos conflitos contra os holandeses são comparados aos guerreiros da *Iliada* ou ainda a cavaleiros medievais. Afirma Carvalho:

A guerra contra os holandeses, que devia ser melhor estudada no seu desenvolvimento e no seu epílogo, como phenomeno social importantissimo para a investigação psychologica do caracter brasileiro, tem como effeito, alguma coisa de sobre-humano, e entre os protagonistas daquelle drama destacam-se alguns que são verdadeiras figuras homericas, a encher a época mais luminosa o regime colonial.<sup>334</sup>

Ao tratar dos heróis nacionais, Carvalho dedicou-se a apresentar ao seu leitor as linhagens familiares às quais pertenciam tais personalidades, evidenciando suas origens nobres. Prossegue a narrativa relatando detalhadamente a fracassada tentativa holandesa de conquista da Bahia, na qual, sob as ordens de Nassau, as tropas deveriam violentamente “não poupar vidas e destruir quanto encontrasse”<sup>335</sup>. Para Carvalho, a vitória daqueles que chama de “os nossos”, ou seja, das tropas lideradas pelo Mestre de Campo Luís Barbalho Bezerra, não se constituíram “um dos sucessos mais memoraveis nos annaes do universo”, apenas porque não houve quem “traçasse a historia”<sup>336</sup> – trabalho ao qual ele se dedicava em *Brava gente*.

Prosseguindo sua narrativa a partir da apresentação da heroica resistência aos holandeses, Carvalho destacou a expedição do Porto dos Touros, liderada também por Luís Barbalho Bezerra, em 1640, retratada como um episódio “singularíssimo, e sem igual nos tempos antigos como nos tempos modernos” e que teria revelado “o prestigio sobrehumano na marcha triumphal e as virtudes symbolicas da guerra justa, as qualidades primaciaes da raça”, qualidades essas identificadas, em mais de um momento como: disciplina, resignação no sofrimento, sacrificio, honra, amor à pátria e temeridade<sup>337</sup>.

O autor de *Brava Gente* destacou ainda ao longo de sua narrativa a importância da luta pela manutenção da integridade da “pátria”, heroicizando as ações daqueles que teriam se esforçado nesse sentido. Sobre a expedição do Porto dos Touros, considera que “a marcha do Porto dos Touros é expressão do sentimento de todo o ser e da renuncia de tudo o que se prende á vida humana em favor da patria”<sup>338</sup>, ou ainda, “Não é, pois, no soffrimento, no desespero, no

<sup>334</sup> CARVALHO, Elysio de. *Brava gente*. Rio de Janeiro: S. A. Monitor mercantil, 1921. p.23.

<sup>335</sup> Ibidem, p.68-69.

<sup>336</sup> Ibidem, p.70, 71.

<sup>337</sup> Ibidem, p.74, 80.

<sup>338</sup> Ibidem, p.78.

terror, na morte, no triunfo, que está o trágico, mas na capacidade de vencer a dor ou na faculdade de sobreviver à própria destruição”<sup>339</sup>. Ao tratar de Luís de Barbalho Bezerra, que se destacou nas lutas na Bahia e Pernambuco contra os holandeses, salienta seu brilhantismo, afirmando ser a personificação do heroísmo na história brasileira, além de exercer “influência fecunda na formação da nacionalidade”<sup>340</sup>. Ao longo da narrativa, Carvalho buscou demonstrar que a ideia de defesa da “pátria”, e portanto, a noção de “pátria”, já existiriam desde os tempos da colônia.

Além de Luís de Barbalho Bezerra, outro herói convidado à cena foi Francisco Rebello, também pernambucano, soldado truculento, astucioso, indomável e que inspirava um “terror supersticioso aos hollandêses”, seria o “*Cid brasileiro*”<sup>341</sup>. No caso de Rebello, Carvalho faz questão de destacar o desconhecimento sobre sua origem familiar. Afirma, entretanto, saber que descende “dessa raça pernambucana, idealista e destemerosa, em que era tão profunda a ideia de orgulho ou de pudonor [sic] nacional, exuberante de vitalidade e opulenta de seiva heroica, - gente nascida para a vertigem dos combates e para a **alegria dionysíaca da vida**” (grifos meus)<sup>342</sup>.

O conceito de “dionisíaco” esteve presente nos primeiros escritos de Nietzsche e foi retomado de modo mais intenso nos textos posteriores à obra *Assim falou Zaratustra* (1885). Ao relacionar a tragédia grega ao espírito dionisíaco, o filósofo estabeleceu sua crítica às ideias modernas, já que ao tratar de Dioniso, Nietzsche se refere a uma maneira de pensar, em oposição à moral utilitária e à moral cristã de renúncia, a favor da alegre afirmação da realidade tal como é. É o filósofo quem afirma: “Aqui ponho o *Dionisos* dos gregos: a afirmação religiosa da vida, da vida inteira, não negada ou dividida”<sup>343</sup>.

Como aponta Marton, a filosofia dionisíaca de Nietzsche possui duas vertentes, a primeira, da desconstrução a partir da crítica dos valores e a segunda, da construção a partir do conceito de vontade de potência e da transvaloração dos valores. Ao identificar o mundo como dionisíaco, Nietzsche o apresenta como o pleno vir-a-ser, “ele reivindica a necessidade de destruição, mudança, vir-a-ser; reclama o processo permanente de aniquilamento e criação. Quer afirmar este mundo tal como ele é”<sup>344</sup>.

<sup>339</sup> CARVALHO, Elysio de. *Brava gente*. Rio de Janeiro: S. A. Monitor mercantil, 1921. p.79.

<sup>340</sup> Ibidem, p.83.

<sup>341</sup> Ibidem, p.118.

<sup>342</sup> Outra característica de Rebello que Carvalho faz referência em mais de uma situação é a baixa estatura, “tã pequeno de estatura, mas de animo tão destemido”. Ibidem, p.88. (grifos meus).

<sup>343</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de poder*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008. §1052.

<sup>344</sup> MARTON, Scarlett. *Nietzsche, seus leitores e suas leituras*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2010. p.147.

Ora, ao dizer sim ao mundo tal como é, o homem dionisíaco seria uma promessa para a vida, principalmente por seu modo de encarar o sofrimento. Para Nietzsche, o homem trágico “vale como bem-aventurado o bastante para justificar ainda uma imensidão de sofrimento. - O homem trágico afirma o mais acre sofrimento: é forte, pleno, divinizante o bastante para tanto. [...] o Dionisos posto em pedaços é uma *promessa* para a vida: saindo da destruição, ele voltará sempre ao lar, renascido”. Em oposição ao homem trágico, que encararia o embate com forças saudáveis, estaria o homem crucificado, para o qual o sofrimento seria uma objeção contra a vida, pois seria o caminho para se tornar um ser bem-aventurado<sup>345</sup>.

Logo, se para Carvalho, os heróis de origem portuguesa apresentavam a alegria dionisíaca da vida, tal característica não é identificada pelo autor nos indígenas. Apenas uma rápida passagem foi registrada em *Brava gente* sobre os nativos, quando o autor narrou de modo breve a participação de Clara e Filipe Camarão<sup>346</sup>, índios potiguares, nos conflitos contra os holandeses<sup>347</sup>. Tal postura nos indica que o debate no qual Carvalho se inseria não era sobre os elementos formadores do Brasil (índios, negros e brancos), e sim o embate entre latinos e germânicos.

Em meio a uma narrativa que tem em seu percurso a marca do heroísmo em defesa da pátria com referenciais na antiguidade grega, Carvalho também apresentou em sua história do Brasil um homem que seria “coroadado de santidade”, por conta de seu amor e de seu sofrimento. Nesse caso, o heroísmo não se relacionava à defesa da pátria, mas à religiosidade. Vale conhecer a história apresentada no capítulo “Suave Milagre”, que trata da produção do milagre de uma “beatitude sorridente”. Carvalho narra trechos da vida de Dom Paulo de Moura, jovem fidalgo educado, que se casou com D. Brites de Mello, admirada pela nobreza de Olinda. O autor dedica parte de sua narrativa à descrição do casamento, cercado de riqueza e pompa, no qual compareceram os membros da mais alta fidalguia<sup>348</sup> para prestigiar o casal, parte de uma nobreza que “não havia degenerado nem em sangue nem em fausto”<sup>349</sup>. Devido ao sofrimento causado pela morte precoce da esposa, após dois anos de casamento, D. Paulo de Moura optou por recolher-se do mundo e tornar-se frade, assumindo o nome de Frei Paulo de Santa

<sup>345</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de poder*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008. §1052.

<sup>346</sup> Filipe Camarão foi considerado um dos heróis da Batalha dos Guararapes, recebendo o título de "Capitão-Mor de todos os Índios do Brasil".

<sup>347</sup> CARVALHO, Elysio de. *Brava gente*. Rio de Janeiro: S. A. Monitor mercantil, 1921. p.110.

<sup>348</sup> Carvalho refere-se aos Mouras, Albuquerque, Cavalcantes e Mellos. *Ibidem*, p.126.

<sup>349</sup> *Ibidem*, p.129.

Catharina. Para finalizar o capítulo, o autor utiliza um trecho da Elegia II<sup>350</sup>, de Camões, tratando do sofrimento do frei, que morreu aos cento e dezenove anos, coroado de santidade.

A dedicação de Carvalho em difundir a partir de sua obra atos de heroísmo, sejam eles realizados em um contexto de guerra, seja no âmbito religioso, evidenciam a construção de uma narrativa heroica que tem em sua base a moral. Se em *Esplendor e decadência da sociedade brasileira* o autor identificou um cenário de decadência nacional, marcado pela “enxurrada da lama democrática”<sup>351</sup> e pela baixa cultura, em *Brava gente* Carvalho travou uma luta contra a decadência moral, ao apresentar ao brasileiro uma epopeia histórica que só não estava presente nos “anais do universo”, pois ainda não havia sido escrita.

Nietzsche, em *Para além do Bem e do Mal*, estabeleceu uma crítica à modernidade, propondo o aniquilamento da metafísica e da moral para o alcance de uma transvaloração de todos os valores. Por sua vez, Carvalho, de modo reativo, buscou restituir os valores morais relacionados ao heroísmo, calcados no sofrimento que levaria à “beatitude sorridente” e na “resignação de um destino irreparável”<sup>352</sup>, ou ainda na renúncia de “tudo o que se prende a vida humana em favor da pátria”, exaltando os que lutaram “para o combate e para o sacrifício” em prol da pátria, na crença de que “é certo que não falta Deus com auxílios a quem lhe dedica obséquios”<sup>353</sup>. Ora, nota-se aqui as particularidades na recepção de Carvalho da filosofia nietzschiana. Se em determinados momentos é possível identificar a existência da valorização da concepção dionisíaca da vida, em outros, despontam afirmações que à luz da filosofia nietzschiana se caracterizariam como o oposto ao modo dionisíaco de viver, como por exemplo sua inflexão em defesa da moral.

Se podemos identificar na produção de Carvalho particularidades com relação à recepção e sua apropriação da filosofia nietzschiana para a elaboração de uma ideia de Brasil a partir da construção de uma epopeia, em contrapartida, a utilização da epopeia como recurso para a construção da narrativa da nação não foi um expediente exclusivo ou inédito do autor. Como demonstra Flora Süssekind em “O escritor como genealogista: a função da literatura e a língua literária no romantismo brasileiro”, a busca pelos elementos característicos da nacionalidade no Brasil oitocentista movimentou-se em diversas direções, seja com os esforços para compilação de contos e cantigas do povo, na busca por poemas nacionais, no empenho

---

<sup>350</sup> “Que se amor não se perde em vida ausente, / Menos se perderá por morte escura: / Porque, enfim, a alma vive eternamente, / E amor é efeito d'alma, e sempre dura.” In: CARVALHO, Elysio de. *Brava gente*. Rio de Janeiro: S. A. Monitor mercantil, 1921. p.133.

<sup>351</sup> Idem. *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911. p.6.

<sup>352</sup> Idem. *Brava gente*. Rio de Janeiro: S. A. Monitor mercantil, 1921. p.134.

<sup>353</sup> Ibidem, p.57.

para encontrar um texto fundador da nacionalidade, ou ainda na busca por heróis ancestrais<sup>354</sup>. Em 1845, Francisco Adolfo de Varnhagen publicava o seu *Épicos brasileiros*, reeditando *O Uruguai*, escrito por José Basílio da Gama em 1769 e *O Caramuru*, de José de Santa Rita Durão, do ano de 1781. Sobre as obras, Varnhagen afirmava ser as “duas primeiras epopeias de assuntos brasileiros e autores filhos do Brasil”<sup>355</sup>.

Süssekind aponta que apesar da percepção de que o gênero épico tornara-se inviável para o período, a necessidade de textos de fundação da nacionalidade contribuiu para que outras obras fossem elaboradas como tentativas de produção de um “épico da nacionalidade brasileira”: Gonçalves de Magalhães e sua obra *A Confederação de Tamoios* (1856); *Os timbiras* (1857), de Gonçalves Dias; *Colombo* (1866) de Manuel de Araújo Porto-Alegre, *Anchieta, ou O Evangelho nas selvas* (1875) de Fagundes Varela, entre outros<sup>356</sup>.

Diversas são as interpretações em relação à origem da literatura brasileira. Em *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)* (2000), Antonio Cândido estabelece o decorrer do século XVIII como marco temporal para a origem da literatura nacional como um sistema articulado, composto por temas, problemas e sentimentos da nação. Em contrapartida, Afrânio Coutinho recua tal marco até os primórdios da ocupação do território por Portugal, pois como demonstra Lúcia Lippi Oliveira, na perspectiva de Coutinho, teria se criado aqui “um homem novo desde o instante em que o branco pôs o pé no Novo Mundo. Este homem novo, vivendo em outra área geográfica e em outra situação histórica, tinha necessariamente uma mentalidade, interesses e sentimentos diferentes dos do português da metrópole”<sup>357</sup>. Considerando as várias reflexões em torno da construção da literatura nacional, Oliveira destaca que é possível identificar na história literária que o debate sobre a questão da nacionalidade emergiu em diferentes momentos do “processo de autoconsciência dos intelectuais brasileiros”<sup>358</sup> e a partir da leitura de *Brava Gente*, identificamos que Carvalho inscreve-se nesse debate.

De modo excêntrico para o período e com uma narrativa que se aproxima de uma construção mítica, Carvalho destacou a figura do bandeirante como mais um herói a ser inserido na epopeia brasileira. No capítulo intitulado “Um motim entre bandeirantes”, o autor afirma

<sup>354</sup> SÜSSEKIND, Flora. O escritor como genealogista: a função da literatura e a língua literária no romantismo brasileiro. in: PIZARRO, Ana (org.) *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*. Emancipação do discurso. v.2. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994. p.480.

<sup>355</sup> Ibidem, p.481.

<sup>356</sup> Ibidem, p.482.

<sup>357</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990. p.78.

<sup>358</sup> Ibidem, p.79.

que “desde a primeira monção de Francisco Chavez, organizada em 1531”, com “coragem esplendorosa, fecunda e inedita” os bandeirantes teriam não apenas descoberto o ouro, mas criado a possibilidade da realização de uma “literatura propriamente nossa, nacional, com todos os accents e cambiantes, de um verdadeiro romanceiro”<sup>359</sup>.

Se, anteriormente, Carvalho buscou demonstrar que a ideia de defesa da pátria já existiria desde os tempos da colônia, aqui o autor apresenta mais um aspecto de sua tentativa de desenho da nacionalidade brasileira ao identificar na figura do bandeirante a possibilidade de concepção de uma literatura nacional, já que reconhece nesses pioneiros do processo de interiorização figuras fantásticas que desafiarão a arte de Rider Haggard<sup>360</sup> ou de Kipling<sup>361</sup>, pois, suas façanhas se constituiriam em “uma novella sobremaneira sugestiva” e representariam “um poema formidável por escrever”<sup>362</sup>. Tais ações heroicas foram apresentadas em termos como os que seguem:

Nunca a energia, o heroísmo ou o trágico teve expressões mais impressionantes que o contido nas bandas dos “matteiros” e nas expedições dos sertanistas, que, ofuscados pelo fulgor de tanta riqueza perturbadora, se derramaram pelo inferno verde de nossas florestas selvagens, asperas e espessas, batidas furiosamente em todas as direções.<sup>363</sup>

Aqui, identificamos uma aproximação com a caracterização efetuada por Euclides da Cunha sobre os bandeirantes. Como analisou Naxara, Cunha retratou os bandeirantes como verdadeiros “titãs bronzeados”, rijos, que teriam aberto as “picadas atrevidas das bandeiras” de forma heroica – essa seria, para o autor, a origem do caipira decaído. Euclides da Cunha identificou, portanto, uma origem nobre na figura do caipira que teria em sua contemporaneidade a imagem de um “desfibrado, de uma humildade revoltante”<sup>364</sup>. Diferentemente do diagnóstico efetinado por Cunha, que focaliza a figura do caipira em sua contemporaneidade, Carvalho em *Brava gente* se ocupa da recuperação dos heróis, sem estender sua observação para o cenário contemporâneo<sup>365</sup>. Tal qual um profeta do passado,

<sup>359</sup> CARVALHO, Elysio de. *Brava gente*. Rio de Janeiro: S. A. Monitor mercantil, 1921. p.138-140.

<sup>360</sup> Henry Rider Haggard (1856-1925), escritor britânico, autor de *As Minas do Rei Salomão* (publicada em 1885), entre outras obras.

<sup>361</sup> Joseph Rudyard Kipling (1865-1936), poeta e romancista nascido na Índia Britânica, autor de *Livro da Selva* (publicada em 1894), entre outras obras. Recebeu o prêmio Nobel da Literatura em 1907.

<sup>362</sup> *Ibidem*, p.139.

<sup>363</sup> *Ibidem*, p.140.

<sup>364</sup> NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro, 1870/1920*. São Paulo: Annablume, 1998. p.87

<sup>365</sup> A análise de sua contemporaneidade foi realizada na obra *Bastões da Nacionalidade*, como demonstraremos a seguir.

Carvalho formula uma narrativa de Brasil que busca legitimar elementos heroicos, posicionando-se como um arauto de tempos extintos.

Carvalho dedicou-se também à reunião de vários documentos que comprovassem a autenticidade de um projeto envolvendo Pernambuco na defesa pela libertação de Napoleão Bonaparte do exílio em Santa Helena, entre os anos de 1816 e 1817. Engrandecendo o projeto, o autor discorre longamente sobre os aliciados oficiais bonapartistas emigrados da França nos Estados Unidos, que auxiliados pelos revolucionários pernambucanos, partiriam em defesa da restauração do governo de Napoleão, organizando a fuga do Imperador da ilha de Santa Helena<sup>366</sup>. A partir da inserção do Brasil na participação desse projeto, Carvalho aproxima a nação de grandes feitos internacionais, associando-a ainda à Napoleão, que, em outros momentos, será uma figura elogiada por Carvalho como sendo um entre os estadistas que teriam conduzido a França pela rota de um progresso sólido e duradouro<sup>367</sup>.

Em seu último capítulo, “Luta de centauros”, dedicou-se ao duelo entre Bento Gonçalves e Onofre Pires, durante a Revolução Farroupilha. Ambos são classificados como “incarnação perfeita do gaúcho, pelador valente”<sup>368</sup>, capazes de honrar, engrandecer e servir à pátria, e escolhidos pelo autor para encerrar a obra e apresentar ao Brasil sua brava gente. Como é possível notar, a narrativa estabelecida em *Brava gente* por Carvalho evidencia um esforço, como afirmou Malheiro Dias no prefácio da obra, de “repor em pedestais os antigos heróis esquecidos” da epopeia brasileira<sup>369</sup>, tal como um arauto do passado. É na sequência de ensaios que compõem a obra *Os bastiões da nacionalidade* que recuperamos as considerações de Carvalho sobre sua contemporaneidade e podemos analisar de modo mais efetivo os propósitos norteadores da escrita da história elaborada pelo autor e acima explorada.

## **2.5. Da origem épica ao presente em construção: *Os bastiões da nacionalidade***

Em 1922, ano seguinte à publicação de *Brava Gente*, Elysio de Carvalho publicou *Os bastiões da nacionalidade*<sup>370</sup>, obra dividida pelo autor em oito partes e composta por uma reunião de ensaios nos quais discorreu sobre a origem do sentimento nacional e o fator geográfico na política brasileira. Nela, realizou ainda uma análise da concepção estética do universo de Graça Aranha e, novamente, reforçando os heróis nacionais, destacou os Leões do

<sup>366</sup> CARVALHO, Elysio de. *Brava gente*. Rio de Janeiro: S. A. Monitor mercantil, 1921. p.234.

<sup>367</sup> Idem. *Os Bastiões da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922. p.87.

<sup>368</sup> Idem. *Brava gente*. Rio de Janeiro: S. A. Monitor mercantil, 1921. p.293.

<sup>369</sup> Ibidem, p.XI.

<sup>370</sup> Idem. *Os Bastiões da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922.

Norte e a reconquista de Pernambuco frente às invasões holandesas, além dos conflitos durante a Guerra do Paraguai.

A primeira parte de *Os bastiões da nacionalidade* recebeu o mesmo nome da obra e reúne três ensaios. O primeiro, intitulado “Nacionalismo e patriotismo”, produzido para uma conferência realizada por Carvalho em agosto de 1921, no Restaurante Assyrio, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro; o segundo ensaio, também para uma conferência proferida em Santos, em fevereiro de 1922 e intitulada “S. Paulo e o sentimento da unidade nacional”; e “Libello nativista contra os portugueses”, terceiro ensaio que foi publicado na revista *América Brasileira*, dirigida por Carvalho, no mesmo período do lançamento do livro (julho de 1922)<sup>371</sup>.

É no texto de abertura da primeira parte de *Os bastiões da nacionalidade* que Carvalho explana de modo mais detalhado o que considera ser a origem do sentimento nacional brasileiro. O autor afirma que apesar de desde o primeiro século da colonização já existir um sentimento de “um Brasil nosso”, foi a partir do século XVII que o “amor da terra se transforma subitamente num verdadeiro sentimento nacional”, período no qual teria se desenvolvido o “espírito nacional”. Nesse processo, as guerras holandesas – chamadas por Carvalho de epopeia da Reconquista – seriam as causadoras do despertar da “consciência de povo” e o orgulho da vitória possibilitou que o “povo” se tornasse “digno de assumir o seu papel no convívio internacional, porque nos sentiamos capazes de afirmar pelas armas a nossa existencia politica”<sup>372</sup>. Carvalho resume em uma frase o que classifica como “toda a historia da evolução do nosso espirito nacional”:

criada pela natureza exuberante e pelo lídimo céu da America, a nossa alma cresceu de século em século nas próprias vicissitudes, e quasi que se diria que ella — a nossa alma de nação — é filha da dôr, e que, por isso mesmo é intangível como todas as coisas sagradas. Tudo em nós é, antes de tudo, brasileiro.<sup>373</sup>

Inserido nos debates sobre a construção da identidade da nação em um contexto no qual o racismo científico se apresentava como chave interpretativa, em diversos momentos Carvalho utilizou os termos “povo”, “sentimento nacional”, “espírito nacional”, “consciência nacional” sem efetivamente esclarecer o sentido preciso do uso de tais vocábulos.

<sup>371</sup> CARVALHO, Elysio de. O libello nativista contra os portugueses. *América Brasileira*, Rio de Janeiro: Monitor Mercantil, ano I, n. 8, jul. 1922, p. 13-14.

<sup>372</sup> Idem. *Os Bastiões da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922. p.13-15.

<sup>373</sup> Ibidem, p.20.

No ensaio “Nacionalismo e patriotismo”, o autor afirmava ter tido a rara fortuna de adquirir a “consciência do destino inevitável” do país<sup>374</sup> e que, por esse motivo, era capaz de “traduzir os valores históricos, sociais e morais da nossa raça e firmar os bastiões da nacionalidade”<sup>375</sup>. Tomando para si a função de “firmar” tais “bastiões”, o autor discorre então sobre o que considerava como os fundamentos da nacionalidade brasileira: um povo descendente de guerreiros, santos, heróis e poetas (evidenciados por ele em *Brava Gente* e em *Esplendor e decadência da sociedade brasileira*), de ascendência nobre, preclara e ilustre porque procederia diretamente dos lusitanos. Essa “nova nação saída da velha estirpe” teria como características de sua grandeza a unidade da língua, da religião e das tradições que estabeleceriam os “nexos morais” da existência do brasileiro<sup>376</sup>. Ora, o brasileiro é considerado por Carvalho como um novo tipo, resultado da fusão entre “a impulsão do novo *habitat*” e a alma latina, de modo que a originalidade do Brasil seria “ser o continuador de Portugal, o herdeiro da espiritualidade latina no mundo americano”<sup>377</sup>.

O vocabulário utilizado por Carvalho é um elemento que merece uma análise cuidadosa. Como já apontado anteriormente, o autor faz uso de modo recorrente da expressão “raça latina”, entretanto, como destaca Camilotti, a noção de “raça” não era um dos elementos definidores da latinidade, já que o conceito de latinidade era delineado pela concepção da união de povos por suas ideias religiosas, tradições literárias e tendências políticas<sup>378</sup>. Embora a utilização do termo seja presente em seus escritos, é possível notar que Carvalho opera com a concepção de latinidade, considerando as tradições, a língua e as características culturais como os elementos definidores desse conceito – e não propriamente como uma questão racial.

A fim de garantir a sobrevivência do que denomina de “raça” latina no novo meio, Carvalho reforça a necessidade do culto das tradições, pois parte da perspectiva de que uma grande nacionalidade seria produto de “linhagens sucessivas, resultante de esforços continuados e de factores muito complexos, actuando através dos séculos”<sup>379</sup> – nesse contexto, o autor de *Os Bastiões da Nacionalidade* estabelecia uma crítica ao ódio fanático ao português, acusando o movimento lusófono da realização de uma propaganda de “exclusivismo nacional”.

---

<sup>374</sup> Tal destino será revelado de modo mais claro apenas na segunda parte da obra, que apresenta a republicação do ensaio intitulado *O factor geográfico na política brasileira*, preparado para ser apresentado à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, em junho de 1921 e que foi publicado como livro homônimo, no mesmo ano.

<sup>375</sup> CARVALHO, Elysio de. *Os Bastiões da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922. p.24.

<sup>376</sup> *Ibidem*, p.27-28.

<sup>377</sup> *Ibidem*, p.29.

<sup>378</sup> CAMILOTTI, Virgínia Celia. Variação lexical e performance semântica de um conceito político. In: SEIXAS, Jacy; CESAROLI, Josianne; NAXARA, Márcia (orgs.) *Tramas do político: linguagens, formas, jogos*. Uberlândia: EDUFU, 2012. p.51.

<sup>379</sup> CARVALHO, Elysio de. *Os Bastiões da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922. p.30.

Foi no ensaio “Libello nativista contra os portugueses” que Carvalho analisou de modo mais incisivo as acusações realizadas pelos grupos nativistas. O autor identifica que a queixa mais comum contra os portugueses era a de que estariam ocupando os principais postos de trabalho no comércio de varejo, nas pequenas indústrias, nas artes mecânicas, nos serviços domésticos, entre outros. Destaca, entretanto, que tal fenômeno ocorreria apenas no Rio de Janeiro e em algumas outras capitais e que, no restante do país, o português teria as mesmas funções de outros imigrantes (lavrador, artesão, industrial, comerciante, entre outras). Carvalho propõe-se então a analisar por que apenas no Rio de Janeiro a proeminência do elemento português incomodava a tantos – e é ao responder a essa questão que o autor estabelece sua crítica ao que chama de burguesia florescente no país. Vale a leitura:

É porque aqui se encontra a nossa "aristocracia" oficial e ociosa, composta de todos os fructos da burguezia, cheia de orgulho e de todas as superstições da posição, da classe, da familia. Essa burguezia florecente procura os títulos académicos, os empregos públicos, o *dolce far niente* da politica. Ninguém quer saber de trabalho, nem de mister "desnobilitante". E, neste caso, quem é que havia de tomar o encargo das funcções humildes senão os colonos que melhor se adaptam ao nosso meio, porque falam a mesma lingua e pertencem á mesma familia?<sup>380</sup>

Novamente identificamos como chaves interpretativas da reflexão estabelecida por Carvalho a defesa da latinidade associada ao aristocratismo na perspectiva nietzschiana, noções já presentes em *Esplendor e decadência da sociedade brasileira* e que em *Os bastiões da nacionalidade* são não apenas reforçadas, mas defendidas com maior intensidade e argumentação. Na sequência, Carvalho dedicou-se a rebater as principais críticas dirigidas aos portugueses<sup>381</sup>, e segue seu ensaio empenhado em demonstrar o “arcaico absurdo” que eram as considerações relacionadas à inferioridade da raça portuguesa, pois considerava que “para julgar com justiça uma raça é preciso pôr em equação os vários factores que entram na obra de todos os grupos humanos, taes como as circunstancias históricas, o *habitat*, etc”<sup>382</sup>. Entretanto, para responder de modo breve a tal consideração, argumenta que bastaria demonstrar, a partir

<sup>380</sup> CARVALHO, Elysio de. *Os Bastiões da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922. p.72-73.

<sup>381</sup> Carvalho refere-se às seguintes críticas: “Objecta-se-nos que não é contra o trabalho do português que se clama, e sim contra o "vicio luso". O "vicio luso" consiste: 1º, na união em que vivem aqui os colonos portugueses, protegendo-se uns aos outros e continuando a amar a terra de Portugal; 2º, na aversão, que querem a força inculcar como sendo o sentimento dominante entre os portugueses, a tudo que é brasileiro; 3º, no cuidado com que os portugueses canalizam para Portugal as fortunas que arranjam no Brasil; e 4º, nas mazelas que inquinam o elemento português de uma inferioridade clamorosa como raça. Nem seria necessário examinar esses artigos de tão injusto libello: bastaria o seu enunciado para pôr flagrante toda a sua iniquidade.” Ibidem, p.74.

<sup>382</sup> Ibidem, p.73.

do desvendamento dos mares desconhecidos e do processo de colonização e “civilização” do indígena, que o português não foi menos eficiente do que os demais povos. Finaliza seu ensaio elencando que o Brasil devia aos portugueses o legado de um país grande, forte, íntegro e próspero, com destaque para a “grandeza da terra, unida e identificada pelo sangue e pelo espírito da pátria, e a opulência da nacionalidade”<sup>383</sup>.

Ora, vale notar que, se para caracterizar a raça portuguesa e o tipo brasileiro, Carvalho considerou como fatores decisivos as circunstâncias históricas e o *habitat*, os mesmos critérios não foram utilizados para caracterizar índios e africanos. O autor afirma que se já seria um erro negar a origem latina, outro erro estava presente no enaltecimento do índio como o tipo nacional e o legítimo brasileiro. Apropriando-se das teorias raciais e negando o nacionalismo romântico que identificava no indígena idealizado a identidade brasileira, Carvalho afirmava ser o índio e o africano raças subalternas, considerando que a raça branca aumentava progressivamente, enquanto as duas outras (que classifica como amarela e negra) se reduziam. Reforçando a inferioridade dos índios, negou a presença de qualquer característica de origem indígena na cultura brasileira, afirmando que “a vida brasileira nunca foi a existência errante dos nossos indígenas” e que nada teria ficado sobre o solo do país atestando a antiga existência de tais “tribos primitivas”<sup>384</sup>.

Notamos aqui a operação com duas chaves interpretativas divergentes por parte do autor. Ao tratar do português, o conceito de latinidade é apresentado como um dos eixos centrais na formulação de Carvalho, conceito esse que emergiu como uma reação e contraponto ao pangermanismo e ao pan-eslavismo, característicos por estabelecerem a ideia de unidade a partir de conotações raciais<sup>385</sup>. Em contrapartida, para apresentar o índio e o negro, Carvalho opera exclusivamente com conotações raciais, dedicando quase nenhuma tinta para torná-los presentes em sua obra e limitando-se a classificá-los como de raças subalternas.

Se para índios e negros a classificação de “raças subalternas” era coerente e suficiente para Carvalho, os critérios para analisar a formação do “tipo brasileiro” seriam distintos, já que não era o homem físico que deveria ser considerado o brasileiro, mas sim o “indivíduo moral”, que teria se formado na sociedade histórica. Afirma o autor: “Seja como fôr, os typos actuaes são ainda transitórios. Isto quer dizer que *mamelucos, pardos, mulatos e brancos* - que sejam,

<sup>383</sup> CARVALHO, Elysio de. *Os Bastiões da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922. p.79-80.

<sup>384</sup> Ibidem, p.32-33.

<sup>385</sup> Como demonstra Camilotti, a oposição da noção de latinidade ao pangermanismo e pan-eslavismo evidencia-se inclusive na recusa da utilização dos termos “latinismo” ou “panlatinismo”, que poderiam sugerir qualquer tipo de aproximação conceitual. CAMILOTTI, Virgínia Celia. Variação lexical e performance semântica de um conceito político. In: SEIXAS, Jacy; CESAROLI, Josianne; NAXARA, Márcia (orgs.) *Tramas do político: linguagens, formas, jogos*. Uberlândia: EDUFU, 2012. p.50.

o que é preciso é ser *brasileiro*, e brasileiro só se é de espírito, de sentimento, de carácter”<sup>386</sup>. Assim, Carvalho demonstrava uma insistência na defesa de que o patrimônio moral formado pelo direito romano e pela fraternidade cristã não fosse desintegrado, de modo que a nação mantivesse todas as “claridades mentais da latinidade”<sup>387</sup>. Novamente, identificamos a mesma noção de tradição que Carvalho adotou em *Esplendor e decadência da sociedade brasileira*, com clara referência à obra nietzschiana *O crepúsculo dos ídolos*, na qual o filósofo apresenta exemplos da decadência da modernidade, incluindo, entre eles, a arte e indicando a importância do tempo na construção da beleza e perfeição de um povo, ao afirmar que “A beleza de uma raça, de um povo ou de um indivíduo, sua graça e sua perfeição em todos os gestos e em todos os momentos da vida, é adquirida penosa e lentamente – é o resultado do trabalho de muitos séculos”<sup>388</sup>.

No ensaio intitulado “Graça Aranha, mestre da vida”, quarta parte de *Os bastiões da nacionalidade*, Carvalho afirmou que o brasileiro seria uma *síntese étnica* entre o índio, o negro e o português, e não uma mistura das três raças. Nesse sentido, reconhecia que o brasileiro seria “até certo ponto, uma raça mestiça”, mas tal fenômeno biológico (a mestiçagem) não constituiria motivo de vergonha ou inferioridade, pois, com exceção dos semitas, não haveria uma raça completamente pura e as raças que mais teriam contribuído para o esplendor da civilização e cultura ocidentais passaram e ainda passariam por misturas<sup>389</sup>.

Foi durante o desenvolvimento de sua argumentação sobre a síntese étnica que originaria o brasileiro que Carvalho apresentou sua concepção de nação, como sendo o resultado de uma série de realizações históricas. Em suas palavras:

A nação, como o homem, pois, não se improvisa, é o resultado de uma série de realizações históricas gravitando para um mesmo fim, e não formada pela figuração do solo, pelo sentimento religioso ou pela identidade de língua. Assim, o passado é tudo na formação do povo brasileiro, que se tornou logo no começo do século XVII um núcleo nacional resistente e será por muito tempo uma individualidade histórica, graças principalmente ao segredo da unidade da raça, flamma de renovações e de audácias imprevistas. Não será o nosso caso uma exceção à lei geral.

<sup>386</sup> CARVALHO, Elysio de. *Os Bastiões da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922. p.32-33

<sup>387</sup> Ibidem, p.41.

<sup>388</sup> NIETZSCHE, Friedrich. [1888] *O crepúsculo dos ídolos, ou como filosofar com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. §47.

<sup>389</sup> CARVALHO, Elysio de. *Os Bastiões da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922. p.188-190.

Com tal definição, Carvalho evidenciava a importância da narrativa histórica que elaborou em *Brava gente*, obra na qual demonstrou como os heróis de origem latina teriam deixado como herança à nação seus atos de nobreza, sua língua, tradições e religião, de modo que, a partir do reconhecimento de tal herança, o brasileiro pudesse efetivamente assumir seu papel de continuador do gênio greco-latino em terras americanas.

O modo como o autor se dedicou a narrar em suas obras o período da presença holandesa em Pernambuco é representativo de um processo de depuração de suas formulações. Em *Esplendor e decadência da sociedade brasileira*, escrito em 1911, Carvalho buscava as origens nobres da nação e considerou Maurício de Nassau um “príncipe perfeito, representante de uma civilização superior e dotado de uma cultura refinadíssima”<sup>390</sup>. Em contrapartida, nas obras de 1921 e 1922, no contexto de pós Grande Guerra, Carvalho rechaçou a presença holandesa, buscando recuperar o heroísmo latino. Em *Os bastiões da nacionalidade*, afirma:

A historia do Brasil mostra eloquentemente que a alma brasileira, que lutou já no século XVII contra o elemento flamengo, expellindo-o da terra depois de uma peleja heróica, que durou quasi três decennios, saberá impedir o êxito dos germanos que se affirmam entre nós por meio de processos de infiltração lenta e subterrânea. Os pernambucanos foram no começo vencidos pelos poderosos batávios. Olinda e Recife, aquella depois de destruída, são submettidas e se cobrem de monumentos, palácios, jardins e estradas flamengas, e o hollandês estende a outras províncias a sede da sua administração, sem nunca ter logrado medrassem as suas raizes. O gênio da raça, grave, profundo e mystico, resistiu em silencio. Refugiados nas florestas, onde eram protegidos pelas divindades latinas, que com elles povoavam os bosques, os rios e as fontes, os pernambucanos acabaram por triumphar, graças á sua força interior invencível.<sup>391</sup>

Ora, os mesmos palácios, jardins e estradas que foram coroados de elogios e admiração em *Esplendor e decadência da sociedade brasileira*, se tornaram monumentos erigidos sob as cidades destruídas, mas que não tiveram o poder de penetrar às raízes latinas dos pernambucanos. Do mesmo modo se referiu à tradição religiosa, afirmando que “quando o governo batávio espalhou pelo território conquistado templos protestantes e abriu synagogas o nosso protesto se fez clamor contra este attentado aos nossos sentimentos e ás nossas tradições catholicas, salvaguardando-se assim as prerrogativas [sic] da igreja latina”<sup>392</sup>. Ao reconhecer,

<sup>390</sup> CARVALHO, Elysio de. *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911. p.77.

<sup>391</sup> Idem. *Os Bastiões da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Annuario do Brasil, 1922. p.213-214.

<sup>392</sup> Ibidem, p.214.

em sua obra de 1922, que “a guerra despertou em nós a consciencia do espirito nacional”<sup>393</sup>, a “epopeia de Reconquista” será um dos maiores recursos na narrativa histórica de Carvalho a fim de demonstrar o triunfo da latinidade no Brasil.

Ao apresentar o brasileiro, a utilização de um vocábulo sobressai na produção de Carvalho, refiro-me ao uso do termo “typo”, presente em algumas passagens nas quais o autor pretende descrever o “tipo brasileiro”, como é possível notar no excerto:

[...] este é o typo básico da raça brasileira, ao qual a ancestralidade européa transmittio sem duvida a capacidade civilisadora, o ardor patriótico e a altivez da estirpe. O mameluco, resultante do cruzamento do luso com a [sic] aborígene, sentindo-se senhor da terra onde a qualidade de legitimo typo nacional nasceu, creou a pátria. Ao typo ethnico já formado, veio juntar-se o negro, deturpando-lhe bastante as linhas características, mas sem conseguir alterar-lhe a essência, destinada a ser a physionomia fundamental da nacionalidade. Ao mameluco está reservado um lugar distincto em nossa ethnologia, visto ser um typo de fusão, que se tornou preponderante no caldeamento geral. No entanto, a esse mesmo não se poderia emprestar um caracter definitivo, neste momento da nossa evolução biopsychologica, porque é transitório.<sup>394</sup>

O termo “tipo” foi empregado de vários modos ao longo da obra de Nietzsche, inclusive no contexto da discussão com as teorias da evolução do século XIX. Como aponta Frezatti Júnior, “Nietzsche relaciona a noção de espécie com a de tipo” e entra em confronto com o darwinismo e o evolucionismo de Spencer ao propor “o ‘melhoramento do tipo’, não só no plano da biologia, mas sobretudo no plano da psicologia, da cultura e da história”<sup>395</sup>. O tipo superior de homem, por exemplo, considerado por Nietzsche como uma exceção na história, seria aquele dotado de vontade de potência e da afirmação triunfante da vida, o tipo metaforizado como um animal de rapina, que ao mesmo tempo em que teria o vigor de seus instintos, possuiria a aptidão para dominá-los, libertando-se do moralismo<sup>396</sup>. Ao realizar a identificação dos tipos, aspectos da psicologia e da cultura são considerados como essenciais na análise proposta por Nietzsche. Analogamente, Carvalho destaca a relevância de

<sup>393</sup> CARVALHO, Elysio de. *Os Bastiões da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922. p.203.

<sup>394</sup> Ibidem, p.189.

<sup>395</sup> FREZZATTI JÚNIOR, Wilson. "Tipo" In: MARTON, Scarlett (ed.) *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Edições Loyola, 2016 (Coleção Sendas & Veredas). p.394.

<sup>396</sup> “Suma: assenhoração sobre as paixões, não seu enfraquecimento ou extermínio! / quanto maior a força da vontade para se assenhorar, mais liberdade será dada às paixões. / o ‘grande homem’ é grande através da margem de liberdade de seus desejos e através da potência ainda maior que sabe por esses magníficos a seu serviço.” KSA 12.9[139] do outono de 1887. Apud: WOTLING, Patrick. *Nietzsche e o problema da civilização*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2013. p.349.

características psicológicas e culturais para a composição do tipo brasileiro, como é possível notar no excerto a seguir:

No desenvolvimento do ideal brasileiro, o génio latino ou o valor bio-psychologico da elite ethnica representou sempre o papel de um fermento fecundador, de um estimulante de vida melhor, e é elle que explica a nossa evolução sexual e esthetica, e nos levará á unidade phylogenetica da raça. Destarte, esse movimento néo-latino, que se affirma tão luminosamente pela voz de Graça Aranha, não deve ser considerado como simples theoria de historia ou mera fantasia de arte, mas encarado como um principio de renovação psychica e de synthese nacional.<sup>397</sup>

Somado a esses elementos, Carvalho realiza novamente uma operação com a noção nietzschiana de dionisíaco, ao considerar que o “conceito dyonisiano da vida” seria mais um dos elementos da “verdadeira cultura brasileira”:

Nosso dever é conservar essa fonte de belleza, de fé ardente da vida sempre renovada e de vontade heróica, que é a latinidade, e onde sempre saciamos a nossa sede de perfeição. A verdadeira cultura brasileira, não é supérfluo que repitamos, é a regeneração da collectividade pela harmonia philosophica do mundo, pelo conceito dyonisiano da vida, pelo génio da raça latina, pela sabedoria mediterrânea.<sup>398</sup>

Decerto, essa é uma das passagens nas quais Carvalho deixa evidente sua apropriação das formulações nietzschianas. Se em trechos anteriores era possível observar de forma fragmentada a defesa da latinidade e do modo dionisíaco de vida, aqui, tais noções são apresentadas como definidoras da “verdadeira cultura brasileira” e ressaltam que tais formulações estavam sendo operadas por Carvalho em sua narrativa da nação.

\* \* \*

Na segunda parte de *Os bastiões da Nacionalidade*, Carvalho dedicou-se a refletir sobre o fator geográfico na política brasileira. Partindo da defesa dos estudos sobre o homem e a terra, afirmou que os estudos de ciência social ainda se mostravam novos no Brasil, principalmente entre os estadistas e políticos brasileiros, que deveriam ser os mais interessados na temática.

---

<sup>397</sup> CARVALHO, Elysio de. *Os Bastiões da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922. p.216.

<sup>398</sup> Ibidem, p.216.

Em defesa de tais estudos, destaca as relações entre história, geografia e o que classifica como as energias psicológicas da nacionalidade:

A geographia de um povo resume positivamente a sua historia, prefigura e amplia os seus destinos com o rigorismo de uma formula mathematica e é o espelho que reflecte as energias psychologicas da nacionalidade. [...] Na vibração genésica dos rythmos da vida nacional deve haver um accôrdo, poderoso e espontâneo, entre o espirito territorial e a alma da raça, entre a Terra e o Homem.<sup>399</sup>

Carvalho associou o verdadeiro progresso de um Estado à boa utilização de sua estrutura nacional, de modo que a sorte de uma nação estaria inevitavelmente relacionada à sua condição geográfica. Recupera Friedrich Ratzel<sup>400</sup> e o ensaio *O mar como fonte da grandeza dos povos*, publicado em 1900, para afirmar que apesar do grande impacto da obra na opinião pública alemã, “Buckle<sup>401</sup>, ha mais de 60 ou 70 annos, fez muito mais do que Ritter, Ratzel e seus discipulos”<sup>402</sup>. Defendendo que a geografia seria o fundamento da política e a lei do progresso, Carvalho explica os elementos necessários para identificar o fator geográfico de uma nação:

Para encontrar o factor geographico em um dado país, precisamos definir o meio physico particular, que nos apresenta esse país; isto é, teremos de estudar-lhe a constituição geológica, a natureza do solo, a propriedade e a capacidade de producção, o clima, e, em seguida, a flora e a fauna, o aspecto geral com todas as particularidades e características. E depois, se quizermos ascender até as inducções de ordem social e politica - o homem, as suas origens, a sua vida, a sua historia toda, para sabermos o que deu a terra o que elle não tinha sufficientemente, e o que recebeu della o que lhe era escasso. Estamos, portanto, agora, habilitados a entrar no estudo concreto dos accidentes que constituem o nosso factor geographico.<sup>403</sup>

<sup>399</sup> CARVALHO, Elysio de. *Os Bastiões da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922. p.85.

<sup>400</sup> Posteriormente, Friedrich Ratzel (1844-1904) foi considerado o precursor da Geopolítica e do Determinismo Geográfico, apesar de não utilizar tais termos.

<sup>401</sup> Refere-se ao historiador inglês Henry Thomas Buckle (1821-1862) e sua obra *História da civilização na Inglaterra*, que teve o primeiro volume publicado em 1857 e o segundo no ano de 1865. Sobre tal obra, destaca Lemos: “Curiosamente esse livro que é tão elogiado pelo ensaísta alagoano, foi escrito sem o autor nunca ter visitado o Brasil. Em oito páginas, Buckle analisa a precipitação pluviométrica, a topografia, o sistema hidrográfico e o regime dos ventos no Brasil sem nunca ter posto os pés em terras brasileiras.” LEMOS, Clarice Caldini. *Os bastiões da nacionalidade: nação e nacionalismo nas obras de Elysio de Carvalho*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. p.134.

<sup>402</sup> CARVALHO, op. cit., p.90.

<sup>403</sup> Ibidem, p.92-93.

Após apontar tais elementos, com base na obra *História do Brasil I*, de Rocha Pombo, Carvalho iniciou suas considerações sobre os fatores geográficos do país, discorrendo sobre as bacias fluviais do Amazonas e do Prata, as redes hidrográficas do Paraná, Amazonas e Tocantins, os deslocamentos de massas de ar quente e úmido (ventos alísios), o processo de decomposição das rochas, as concentrações de minerais, os chapadões, planaltos e florestas, entre outros elementos. O que nos chama a atenção no decorrer da longa narrativa que Carvalho estabeleceu foi a utilização recorrente das referências à importância da integridade territorial e política do país, que identifica inclusive como sendo a particularidade do Brasil frente à América Latina. Para o autor, tal unidade teria sido mantida por tantos séculos devido à “unidade moral” que serviu de base à integridade política.

No ensaio “S. Paulo e o sentimento da unidade nacional”, Carvalho apontou a vitória da manutenção da unidade da nação frente aos movimentos internos separatistas, como a Aclamação de Amador Bueno (Pernambuco, 1640), a Confederação do Equador (liderada por Pernambuco, em 1824), a Guerra dos Farrapos (no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1835 a 1845), e a própria instituição do regime republicano, que optou pela Federação. Novamente considerou que foram os laços da unidade moral no país que prevaleceram e asseguraram a unidade territorial.

A mesma crítica que estabeleceu à democracia e ao regime republicano em *Esplendor e decadência da sociedade brasileira*, Carvalho reproduziu em *Os Bastiões da nacionalidade*. Para o autor, os danos de tal regime fatalmente cresceriam no país, pois, diferentemente do regime imperial que estabelecia a autoridade do imperador como grande centro de poder político, em uma democracia seria muito mais difícil dar ao poder central tal solidez. Em suas palavras:

Nas democracias, os laços federativos tendem sempre, pela própria natureza dos princípios que regem a união, a afrouxar-se, até desaparecerem; ou então, esses laços, por intervenção de circunstâncias que não raro também podem sobreviver, vão-se apertando até que se extingam as condições federativas. É um erro de origem e de natureza a que se expõem todas as federações: ou caem na dissolução e no desmembramento; ou desandam para a unidade política fundada na astúcia ou na força. A história está cheia de exemplos. A nossa federação, portanto, é um artifício. Todos os males que sentimos no regime disso provêm.<sup>404</sup>

---

<sup>404</sup> CARVALHO, Elysio de. *Os Bastiões da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922. p.127.

Ora, se em *Esplendor e decadência da sociedade brasileira*, Carvalho identificava a democracia como um dos motivos para justificar a decadência da sociabilidade nacional, por fazer desaparecer a velha nobreza, e a formosa tradição familiar de “alta cultura e de elegância”<sup>405</sup>, dez anos depois, em *Os bastiões da nacionalidade*, argumentava que o federalismo não corresponderia aos fatores geográficos do país, sendo uma infração ao *habitat* da nação, já que favoreceria o desenvolvimento do espírito regionalista.

O autor estendeu suas críticas à república brasileira afirmando que ela “tem feito e cultivado uma federação absurda pela desigualdade em que põe de facto as unidades federadas”<sup>406</sup>, referindo-se aos repasses dos impostos federais, direcionados de modo a privilegiar os estados que teriam maior força política<sup>407</sup>. Como resposta à tal política considerada desagregadora, Carvalho identificava, novamente, nos vigorosos “nexos de sangue, da língua, da religião” a manutenção do espírito nacional<sup>408</sup>.

Apesar da existência do regime federativo, criticado por Carvalho, o autor avalia que o desempenho econômico do país estava aquém das expectativas, considerando a existência de um amálgama de características positivas que o Brasil possuía (língua, religião e tradição - elementos da latinidade que garantiram até o momento a unidade da nação). A partir de uma análise dos problemas relacionados à falta de investimento no transporte e na ligação entre litoral e interior do país, Carvalho apresentou sua proposta para o alcance da grandeza econômica da nação: “Tudo, em summa, no nosso *habitat*, nos está indicando que a nossa grandeza económica depende apenas de associarmos, por um systema de viação em que entrem os nossos rios, a navegação costeira e os grandes caminhos para o sertão”<sup>409</sup>. Para o autor, a invasão do interior da nação levaria inevitavelmente a uma modificação na índole do povo - e é nessa modificação que Carvalho identificou o “destino brasileiro”, a ser explorado na sequência.

---

<sup>405</sup> CARVALHO, Elysio de. *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911. p.6-7.

<sup>406</sup> Idem. *Os Bastiões da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922. p.60.

<sup>407</sup> Afirma: “Já não falemos na face politica da questão: o lado económico é muito mais interessante. Ora, o thesouro federal recolhe impostos de todos os Estados, e depois applica como lhe parece o producto desses impostos pelo Estados que teem mais força. Isto de Estados que teem mais força politica é uma anomalia de tal ordem que não se sabe como explicá-la num regime a cuja natureza intrínseca todos estão de accôrdo em attribuir o máximo de equidade e de justiça que é possível na ordem politica”. Ibidem, p.61.

<sup>408</sup> Ibidem, p.62.

<sup>409</sup> Ibidem, p.133.

## 2.6. O destino brasileiro: a redenção do sertão pela cultura moral

Carvalho identificou que sua contemporaneidade seria talvez a fase mais grave “de toda nossa existencia de nação”, uma vez que o princípio de nacionalidade estaria envolvido em “sombras mais densas”, fosse pelo contraste de novos ideais econômicos e libertários “perante a velha ordem das coisas”, fosse pelo conflito de interesses que o direito positivo ainda não teria conseguido harmonizar. Como uma proposta para a manutenção da nacionalidade, Carvalho apresentou o que denomina de “fórmula geral para o destino brasileiro” a partir da integração da “base física” da nação, ou seja, do sertão. Vale a leitura de sua argumentação:

Os sertões são o nosso dever, constituem o objecto do verdadeiro patriotismo, incarnam a razão de ser do Brasil, porque, além de serem os capítulos mais palpitantes da nossa historia e o nosso romance, representam incontestavelmente o fundamento natural da grande pátria. Além, muito longe daquellas alvas praias arenosas, existe um mundo, ignoto mas cheio de excellencias, e uma outra gente, não polida, mas sobremaneira varonil, inculta, mas generosa, necessária esta e imprescindível aquelle á realidade brasileira, máo grado o protesto dessa turba incolor, mofina e inútil de funcionarios, bacharéis e plumitivos que enxameia nas ruas asphaltadas da cidade, e que, afinal, nem ao menos conhece a geographia physica do país, como ignora ainda a própria historia dos seus antepassados.<sup>410</sup>

A utilização de muitos adjetivos se sobressai na argumentação do autor, que apresenta o sertão como um mundo ignorado e cheio de excelências. Já o sertanejo é denominado de “a outra gente” que habitava a região e apesar de não polida e inculta, era varonil e generosa – vale notar que Carvalho não classifica o sertanejo como brasileiro ou povo nacional. Ora, a generosidade e virilidade presentes nessa “outra gente” seriam, portanto, imprescindíveis à realidade citadina brasileira, marcada por pessoas que desconheceriam a história e a geografia do país, o que na perspectiva de Carvalho era uma marca da decadência.

Carvalho afirma que tal como a representação da África nas cartas medievais, o “verdadeiro Brasil” era desconhecido e que Canudos teria dado visibilidade ao Brasil central. Para o autor, a civilização brasileira deveria se inclinar para o centro do território, que conservaria a originalidade do sertão, resguardando-se do litoral caracterizado como “corrompido e ameaçado de desnacionalizar-se”, devido ao contato frequente com “certos”

---

<sup>410</sup> CARVALHO, Elysio de. *Os Bastiões da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922. p.135-136.

países estrangeiros<sup>411</sup>. Em sua crítica ao homem do litoral, Carvalho o apresenta como um europeu desfigurado:

Até agora, o brasileiro, o legítimo representante da raça, é o homem do litoral. Espirito aberto, expansivo, inteligente e operoso, mas inconstante, fácil nas ideias, vario e quasi volúvel; sem sentimentos ponderosos, mas irriquieto e ansioso - o homem da faixa marítima deve tudo isso a um contacto mais intimo com o mundo. É um europeu desfigurado, contrafeito. Precisa muito de um contrapeso moral que lhe traga o equilíbrio de novo typo histórico, pois é isso o que tem de ser na America o aryano retransplantado, a attenuar, pelo menos, em cada secção, as taras da sua psychologia, quer dizer, a força e o peso dos seus factores hereditários. Esse contrapeso é sem duvida o sertão que nos dará.<sup>412</sup>

Na perspectiva de Carvalho, o homem do sertão poderia trazer um contrapeso moral ao homem do litoral, pois os homens do interior seriam “mais affeitos a vencer a natureza, mais prudentes, mais altivos e mais rudes, porém, dessa rudeza que é a única virtude capaz de levar a existência com veneração, com carinho e com valor heróico”<sup>413</sup>. Apesar de atribuir características apresentadas como positivas aos homens do interior, o equilíbrio do novo “tipo histórico” que Carvalho propõe, seria conquistado a partir do domínio da cultura latina. Como ação exemplar nesse sentido, Carvalho abre espaço em seu ensaio para a inserção de mais um herói na história da nação: Cândido Rondon, que, por meio de sua exploração do Mato Grosso, teria realizado um “renovo energico das antigas bandeiras paulistas”<sup>414</sup>. Todo o heroísmo presente em Rondon se traduziu, para o autor, não apenas no processo de exploração das regiões sertanejas, mas, principalmente na possibilidade de crescimento econômico da nação a partir do domínio do território e do sertanejo, caracterizado por Carvalho como gentio. Em suas palavras:

[...] a *Rondonia* dos soberbos planaltos e das altas serras, dos enormes chapadões e dos infindáveis rios, das cachoeiras atordoantes e das florestas paradiziacas, debuxa a vaga, longinqua e fascinante America Brasileira, desfraldando o pendão auriverde sobre o **gentio domado**, engrandecido pela riqueza económica e **redimido pela cultura moral**. Toda ella é um rythmo de alvorada e de redempção, um poema desdobrado pela energia, um canto pacifico de heroísmo, um hymno de fé invicta á terra natal, uma epopéa em

<sup>411</sup> CARVALHO, Elysio de. *Os Bastiões da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922. p.138.

<sup>412</sup> Ibidem, p.134.

<sup>413</sup> Ibidem, p.135.

<sup>414</sup> Ibidem, p.139.

que o eminente patricio conjurou o labor fecundo á defesa das nossas origens e á garantia dos nossos destinos.<sup>415</sup>

Para o gentio, a salvação seria alcançada por meio da cultura moral, da cultura “das nossas origens”, ou seja, da cultura latina. Desse modo, a pátria cresceria mediante o aumento das forças criadoras que deveriam se dirigir em todas as direções da nação e carregar “até os confins do agreste”, “a nossa influência política, a nossa cultura e a nossa espiritualidade, integrando definitivamente a consciencia nacional na grandiosa synthese geographica”. Carvalho finaliza sua conferência conclamando:

Façamos uma Pátria maior dentro da própria casa.  
Defendamos as nossas reservas moraes.  
Firmemos os bastiões da nacionalidade.  
INTERNAR-SE ou DESAPPARECER — tal é o signo fatal da nossa historia.  
Só então seremos na realidade um povo [...].<sup>416</sup>

Nota-se que a integração moral e a integração territorial são chaves interpretativas para a perspectiva de construção de nação defendida por Carvalho, somadas à formação do tipo brasileiro que, apesar de ainda incompleto, seria constituído como uma síntese étnica resultante do predomínio das influências europeias sobre os elementos inferiores das duas “raças subalternas”. Nesse processo de formação do brasileiro, a ausência de conflito entre índios, negros e brancos ou de qualquer tipo de violência no transcurso da colonização é um traço marcante na narrativa de Carvalho, que afirma que a formação dessa síntese teria se iniciado “logo annos depois da conquista, quando os europeus que se encontravam no país se ligaram **amorosamente** com a gente bronzada da terra, gerando uma raça indómita e audaciosa”<sup>417</sup>. Na narrativa construída por Carvalho, índios e portugueses teriam se ligado amorosamente e a escravidão não é mencionada, de modo que aos negros e índios caberia apenas uma atuação na “superfície” da formação da “psyché” do brasileiro<sup>418</sup>.

A fórmula para o sucesso do Brasil que vinha se constituindo estaria no predomínio de alguns elementos: a noção territorial de império, a latinidade e o aristocratismo. Na “receita” apresentada por Carvalho, é possível identificar tal “fórmula”:

<sup>415</sup> CARVALHO, Elysio de. *Os Bastiões da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922. p.139. (grifos meus).

<sup>416</sup> Ibidem, p.140.

<sup>417</sup> Ibidem, p.188. (grifos meus).

<sup>418</sup> Ibidem, p.212-213.

Ao cosmopolitismo dissolvente, que este é o maior perigo, devemos oppor o culto inflexível do patriotismo brasileiro, como núcleo radiante da visão generosa de um vasto império; ao sentimentalismo mórbido e indefinido, producto da mestiçagem, resistiremos com uma radiosa concepção do universo, inspiradora de uma ardente actividade; contra os excessos e ás indecisões vagas do realismo brutal e grosseiro da democracia, que creou o homem medíocre, desnaturou os valores nobres e clássicos que se encontravam no começo e no meio da nossa historia, offereceremos a noção forte da individualidade, tal qual a formou a civilização mediterrânea e se perpetuou no mundo através de tantas vicissitudes; e ao pensamento e â emotividade romântica, destruidores da vontade e da intelligencia, opporemos a disciplina de uma esthetica da vida espiritual.<sup>419</sup>

Vale notar que apesar da fórmula “prescrita” para a construção da nacionalidade, Carvalho evidenciou ao longo de sua obra o predomínio de um elemento sobre os demais: a civilização mediterrânea ou o “espírito latino”, chave de leitura nietzschiana apropriada por Carvalho para traçar as características da nacionalidade e apresenta-la de modo grandioso.

---

<sup>419</sup> CARVALHO, Elysio de. *Os Bastiões da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922. p.217.

### 3 - Reflexões sobre o Brasil na crítica literária de Nestor Vitor

O título de crítico do simbolismo e o fato de ter dado visibilidade à obra de seu amigo Cruz e Sousa, o Poeta Negro, são as duas principais características associadas à imagem de Nestor Vitor na contemporaneidade<sup>420</sup>. Vitor, entretanto, teve uma considerável produção de cartas e artigos em jornais e revistas, poemas, ensaios, romances e novelas. Para o crítico literário Andrade Muricy, considerado herdeiro intelectual de Nestor Vitor, a produção de Vitor se destaca principalmente pela divulgação de autores de grande contribuição para a formação da cultura literária dos simbolistas, dos quais cita “[Thomas] Carlyle, [Henrik] Ibsen, [Maurice] Maeterlinck, Novalis, [Ernest] Hello, Emerson, Nietzsche, Emily Brontë, [Oswald] Spengler, [Hermann] Keyserling e muitos outros”<sup>421</sup>. Já o também crítico literário Brito Broca, em sua obra *A vida literária no Brasil – 1900*, incluiu Vitor entre os principais críticos dos séculos XIX e início do XX, ao nível de José Veríssimo, Sílvio Romero, Araripe Júnior e João Ribeiro<sup>422</sup>.

Considerando as diferentes perspectivas sobre a obra de Vitor, faz-se necessário discorrermos de modo breve sobre sua produção. Nos debruçaremos mais detalhadamente sobre as obras de crítica literária, nas quais consideramos existir uma forma específica de apropriação das formulações nietzschianas.

Nestor Vitor nasceu em 1868, em Paranaguá (Paraná), cidade na qual permaneceu até 1888 e contribuiu para a fundação do Clube Republicano, além de ser membro da Confederação Abolicionista. Em 1889, mesmo ano em que conheceu Cruz e Sousa, de passagem pelo Rio de Janeiro, tornou-se diretor do *Diário do Paraná*, em Curitiba. Em 1891, Vitor mudou-se para o Rio de Janeiro, onde, entre os anos de 1894 e 1901, colaborou com o jornal *O Paiz* e exerceu a função de vice-diretor do Internato do Ginásio Nacional<sup>423</sup>. Nesse período foi publicado seu

<sup>420</sup> Como destaca César Braga-Pinto, que se dedica às reflexões sobre a produção de Nestor Vitor. In: *A violência das letras: amizades e inimizades na literatura brasileira*. Rio de Janeiro (1888-1940). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018. p.224.

<sup>421</sup> MURICY, Andrade. [1952] *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. v.1. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987. p.340.

<sup>422</sup> BROCA, Brito. [1956] *A vida literária no Brasil – 1900*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Academia Brasileira de Letras, 2004. p.315.

<sup>423</sup> No Internato do Ginásio Nacional, Vitor pode relacionar-se com, entre outros intelectuais, dois de destaque ligados aos estudos germanistas no Brasil: João Ribeiro e Sílvio Romero. João Ribeiro, como já destacado, viveu na Alemanha entre os anos de 1895 e 1897 e a ele se atribui as primeiras tentativas de tradução de conceitos fundamentais de Nietzsche do alemão para o português, como demonstra Geraldo Pereira Dias, na pesquisa intitulada *A recepção de Nietzsche no Brasil: renovação e conservadorismo*. DIAS, Geraldo Pereira. *A recepção de Nietzsche no Brasil: renovação e conservadorismo*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Guarulhos, São Paulo, 2019. 472 f. p.30. Além de João Ribeiro, Nestor Vitor conviveu também com o crítico literário Sílvio Romero, um dos colaboradores para que os estudos germanistas se tornassem conhecidos no cenário

primeiro livro intitulado *Signos*<sup>424</sup>, uma reunião de contos que veio a público em 1897 e teria recebido, como destaca Andrade Muricy, a aprovação de Cruz e Sousa e do escritor Rocha Pombo<sup>425</sup>.

Em 1898, motivado pela morte de Cruz e Sousa, Vitor publicou o poema *A Cruz e Sousa*, veiculado pelo periódico *A cidade do Rio*<sup>426</sup> e um ano após a morte do Poeta Negro, a monografia *Cruz e Sousa*<sup>427</sup> veio a público.

Vivendo no Rio de Janeiro, Nestor Vitor era um dos frequentadores da Livraria Garnier que, como informa Brito Broca, era um dos locais de reuniões dos escritores na cidade durante o início do século XX, além dos cafés. Vitor pertencia ao grupo intitulado por Broca de “a roda dos simbolistas”, que se uniam aos anarquistas e socialistas como “Gustavo Santiago, Rocha Pombo, Múcio Teixeira, Pedro Couto, Fábio Luz, Curvelo de Mendonça” e, ainda, João Ribeiro<sup>428</sup>.

Em 1900, Nestor Vitor publicou seu primeiro romance, intitulado *Amigos*. No ano seguinte, apresentava em *A Hora*<sup>429</sup> sua crítica literária às obras *Os desplantados*, de Maurice Barrès, *O cyrano de Bergerac*, de Edmond Rostand e considerações sobre as obras de Henrik Ibsen, classificada por Andrade Muricy como “obra com que se iniciou, no Brasil, fecundo esforço pela renovação da alta cultura literária, e que, revelando Ibsen e Barrès, teve larga e duradoura repercussão nacional”<sup>430</sup>. A crítica efetuada para *Os desplantados* será um dos nossos objetos de análise na sequência.

Ainda em 1901, ano em que se mudou para Paris, Vitor publicou a tradução da obra *A sabedoria e o Destino*<sup>431</sup>, de Maurice Maeterlinck, para a qual elaborou também a introdução. Sua estadia em terras francesas manteve-se até 1905, período no qual foi correspondente dos jornais *O Paiz* e *Correio Paulistano* e realizou traduções e revisões para a Livraria Garnier<sup>432</sup>.

---

nacional. Em 1900, Sílvio Romero destacava a importância da Escola de Recife no prefácio à obra *Vários escritos*, livro póstumo de Tobias Barreto. No mesmo texto, ressaltava sua contribuição ao público fluminense ao apresentar-lhes o talentoso João Ribeiro. In: ROMERO, Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos; MENESES, Tobias Barreto de. *Vários escritos*: Publicação póstuma dirigida por Sílvio Romero. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900. p.XVIII.

<sup>424</sup> VITOR, Nestor. *Signos*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1897.

<sup>425</sup> MURICY, Andrade. [1952] *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. v.1. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987. p.337.

<sup>426</sup> *A cidade do Rio*, Rio de Janeiro: 20 de abril de 1898.

<sup>427</sup> VITOR, Nestor. *Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1899.

<sup>428</sup> BROCA, Brito. [1956] *A vida literária no Brasil – 1900*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Academia Brasileira de Letras, 2004. p.82-83.

<sup>429</sup> VITOR, Nestor. *A hora*. Rio de Janeiro/Paris: H. Garnier, 1901.

<sup>430</sup> MURICY, op. cit., p.337.

<sup>431</sup> MAETERLINCK, Maurice. *A sabedoria e o destino*. Introdução e tradução de Nestor Vitor. Rio de Janeiro/Paris: Garnier, 1902.

<sup>432</sup> MURICY, op. cit., p.337.

De Paris, Vitor publicou pela Garnier em 1902 um conjunto de poesias, intitulado *Transfigurações* (1888-1889)<sup>433</sup>, seu único livro no gênero. Em 1906, de volta ao Brasil, assumiu sob o pseudônimo Nunes Vidal a seção de crítica literária da revista *Os annaes*, de Domingos Vidal<sup>434</sup>.

Em decorrência de sua estadia na capital francesa, Vitor publicou em 1913 seu primeiro volume de viagem, intitulado *Paris: impressões de um brasileiro*<sup>435</sup>, obra que valeu ao crítico a condecoração honorífica francesa Legião de Honra e que Broca classificou como “livro único em nossas letras, constituindo verdadeira exegese de uma cidade e de um povo”<sup>436</sup>. Além de *Paris*, Vitor lançou também outra obra de viagem em 1913, *A terra do futuro: impressões do Paraná*<sup>437</sup>, escrita em 1912 e publicada inicialmente em artigos no *Jornal do Commercio*. Em *A terra do futuro...*, Vitor apresentava uma caracterização geral do Paraná expondo aspectos territoriais, econômicos e sociais.

Em 1915, a tipografia do *Jornal do Commercio* publicou o livro *Três romancistas do norte*<sup>438</sup>, contendo a conferência realizada por Vitor em 30 de outubro do mesmo ano, sob o título “Perfis de escritores nacionais”, na qual tratava de Rodolfo Teófilo, Xavier Marques e Pápi Junior. Também como resultado de conferência publicou *O elogio da criança*<sup>439</sup>, no mesmo ano, com uma reedição em 1922 e a terceira em 1925.

A crítica a *Farias Brito*<sup>440</sup> foi publicada em 1917, ano em que Vitor foi eleito deputado estadual no Paraná<sup>441</sup>. Em 1918, Vitor assumiu uma cadeira na Escola Superior do Comércio e, em 1919, *A crítica de ontem*<sup>442</sup> foi apresentada ao público. *Folhas que ficam*<sup>443</sup>, obra que reúne aforismos e esquematizações de suas ideias entre os anos de 1900 e 1914, foi publicada

<sup>433</sup> VITOR, Nestor. *Transfigurações: 1888-1898*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1902.

<sup>434</sup> A partir de agora, as referências à coleção *Obra crítica de Nestor Vitor* serão feitas com a abreviação do título (OCNV) e a indicação do volume. Nesse caso: MURICY, Andrade. Prefácio. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.XIV.

<sup>435</sup> Sobre *Paris*, afirmava João Ribeiro: “O seu livro de viagem – *Paris* – é um modelo na espécie e não conheço na literatura contemporânea da nossa língua obra que o iguale e muito menos que se lhe avantage...”. *O imparcial*, 14 abr 1919. In: MURICY, op. cit., p.XIV.

<sup>436</sup> BROCA, Brito. [1956] *A vida literária no Brasil – 1900*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Academia Brasileira de Letras, 2004. p.150.

<sup>437</sup> VITOR, Nestor. *A terra do futuro* (impressões do Paraná). Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1913.

<sup>438</sup> Idem. *Três romancistas do norte*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1915.

<sup>439</sup> Idem. *O elogio da criança*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1915. A conferência foi realizada em 22 de maio de 1915, no evento “Pelos órfãos de Contestado”, no salão nobre do *Jornal do Commercio*. Três dias após a conferência, uma nota no jornal *Imparcial* informava que a conferência estava à venda na forma de folheto, também com o objetivo de reunir fundos para as vítimas do Contestado. (*O imparcial*, 25 mai. 1915, p.4).

<sup>440</sup> Idem. *Farias Brito*. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunaes, 1917.

<sup>441</sup> MURICY, Andrade. [1952] *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. v.1. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987. p.338.

<sup>442</sup> VITOR, Nestor. *A crítica de ontem*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, Maurillo, 1919.

<sup>443</sup> Idem. *Folhas que ficam: emoções e pensamentos, 1900-1914*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, Maurillo, 1920.

em 1920. No ano seguinte, Vitor publicaria ainda *O elogio do amigo*<sup>444</sup>, outra obra dedicada à Cruz e Sousa, que trata da importância da amizade. É de 1924 a publicação de *Cartas à gente nova*<sup>445</sup>, conjunto de cartas de Nestor Vitor a homens de letras, que, nas palavras do autor, teriam sucedido sua geração<sup>446</sup>.

No ano seguinte, 1925, Vitor assumiu a função de crítico literário no jornal *O Globo*. Parte dos folhetins de crítica publicados por Vitor nesse periódico foram reunidos em 1938 por Andrade Muricy e lançados como volume póstumo sob o título de *Os de Hoje: Figuras do Movimento Modernista Brasileiro*<sup>447</sup>. A última publicação de Vitor foi lançada em 1928, com a novela *Parasita*, sua única obra no gênero<sup>448</sup>. Nestor Vitor morreu em 1932.

\* \* \*

Após a morte de Nestor Vitor, foi Andrade Muricy quem teve posse da maior parte de seu acervo<sup>449</sup>. Tal acervo foi doado em 1977 por Andrade Muricy à Fundação Casa de Rui Barbosa, que organizou uma parcela da produção de Vitor e publicou os três volumes da *Obra Crítica de Nestor Vitor*<sup>450</sup>, integrante da Coleção de Textos da Língua Portuguesa Moderna.

---

<sup>444</sup> VITOR, Nestor. *O elogio do amigo*. São Paulo: Revista do Brasil, 1921.

<sup>445</sup> Idem. *Cartas à gente nova*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1924.

<sup>446</sup> Ibidem, p.3. Na apresentação à obra, Vitor lamenta a ausência de alguns “recém-chegados que merecem relevo” ou outros que, apesar de não serem recém-chegados, passavam a ter maior destaque no momento em que a publicação chegava ao público. In: Ibidem, p.4. As cartas reunidas na publicação foram para: Da Costa e Silva, Goulart de Andrade, Gilca Machado, Andrade Muricy, Laura da Fonseca e Silva, Manuel Bandeira, Adelino Magalhães, Murilo Araújo, Menotti del Picchia, Abadie Rosa, H. Carvalho Ramos, Pereira da Silva, Jackson de Figueiredo, Gomes-Leite, Tasso da Silveira, Heitor Beltrão, João Pinto da Silva, Antonio Torres, Almeida Magalhães, José Vieira, Ranulfo Prata, Veiga Miranda, Alberto Deodato, Amadeu Amaral, Monteiro Lobato, Guilherme de Almeida, Arnaldo Damasceno Vieira, Lima Barreto, Ronald de Carvalho, Leônidas Loiola, Afonso Schmidt, Breno Arruda, F. J. Oliveira Viana.

<sup>447</sup> Idem. *Os de hoje: figuras do movimento modernista brasileiro*. São Paulo: Cultura Moderna, 1938.

<sup>448</sup> Idem. *Parasita: novella*. São Paulo: EDL, 1928.

<sup>449</sup> O acervo encontra-se organizado e digitalizado nas seguintes séries: Correspondência pessoal, Produção intelectual, Produção intelectual não identificada, Documentos diversos, Produção na imprensa. Pode ser consultado no link: [<http://www.docvirt.com/DocReader.net/DocReader.aspx?bib=NestorVitor>] Acesso em: 07/10/2019.

<sup>450</sup> O primeiro volume apresenta a reprodução dos seguintes livros: *Cruz e Sousa* [1899], *A Hora* [1901], *Três Romancistas do Norte* [1915], *Farias Brito* [1917] e *A Crítica de Ontem* [1919]. In: VITOR, Nestor. *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969; o segundo volume reúne: a introdução realizada à tradução da obra *A sabedoria e o Destino*, de Maurice Maeterlinck [1901], a crítica “Matias Aires”, publicada originalmente na *Revista Americana* [1915], e os livros *Cartas à Gente Nova* [1924] e *Os de Hoje: Figuras do Movimento Modernista Brasileiro* (1938, volume póstumo que reúne folhetins de crítica publicados no periódico *O Globo*). In: VITOR, Nestor. *OCNV*. v.2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. No último volume, encontram-se artigos e ensaios dispersos, impressos entre 1906 e 1930, além de alguns inéditos. In: VITOR, Nestor. *OCNV*. v.3. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979.

Andrade Muricy é também o responsável pelo principal estudo que apresenta informações sobre a carreira de Nestor Vitor, reunido na obra *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*<sup>451</sup>.

É possível notar pela pena de Muricy diversas características atribuídas a Vitor e sua produção: “iniciador da crítica estética no Brasil”, “pensador moralista e penetrante e delicado novelista”, além de “simbolista claro, discreto e sem os habituais abusos do vocabulário típico e da temática normal da tendência”<sup>452</sup>. Em 1969, Muricy indicava em *A literatura no Brasil* que Nestor Vitor deveria ser encarado como um “desbravador”, sob pena de continuar incompreendido. Em suas palavras: “Se assim não for encarado, continuará incompreendido, apesar de francas reivindicações em seu favor por parte de Silvio Romero, Ronald de Carvalho, Alceu Amoroso Lima, e Afrânio Coutinho”<sup>453</sup>.

Diferentemente do grande destaque atribuído a Vitor por Muricy, encontramos entre as pesquisas recentes sobre o crítico literário, diferentes classificações e considerações sobre a produção e a repercussão de suas obras. Na área das letras, duas teses foram desenvolvidas com base em pesquisas sobre a produção de Vitor: a tese *A crítica de Nestor Vitor na República Velha*<sup>454</sup> defendida por Douglas Ferreira de Paula e a tese de Allan Valenza da Silveira, intitulada *Diálogos críticos de Nestor Vitor*<sup>455</sup>, concentrada na área de Estudos Literários. Além das produções concentradas na área das Letras, há ainda duas dissertações e uma tese produzidas em departamentos de História. As dissertações são: *Nestor Vitor: um intelectual e as ideias do seu tempo (1890-1930)*<sup>456</sup>, de Alessandra Izabel de Carvalho e *A evolução do pensamento crítico de Nestor Victor n’A crítica de ontem*<sup>457</sup>, de Rosana Gonçalves. Rosana Gonçalves foi também a autora da tese *Nestor Vitor: contribuições teóricas, críticas e históricas*<sup>458</sup>, centrando-se nas críticas coletadas na obra *A crítica de ontem*, publicada em 1919

<sup>451</sup> MURICY, Andrade. [1952] *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. v.1. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

<sup>452</sup> Ibidem, p.342.

<sup>453</sup> COUTINHO, Afrânio (dir.). *A literatura no Brasil: Simbolismo, impressionismo, transição*. v.4. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana S.A., 1969. p.196.

<sup>454</sup> PAULA, Douglas Ferreira de. *A crítica de Nestor Vitor na República Velha*. Tese (Doutorado) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2019. 244f.

<sup>455</sup> SILVEIRA, Allan Valenza da. *Diálogos críticos de Nestor Vitor*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. 339 f.

<sup>456</sup> CARVALHO, Alessandra Izabel de. *Nestor Vitor: um intelectual e as ideias do seu tempo (1890-1930)*. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997. 156f.

<sup>457</sup> GONÇALVES, Rosana. *A evolução do pensamento crítico de Nestor Victor n’A crítica de ontem*. Dissertação de mestrado. Assis (SP): UNESP, 1996.

<sup>458</sup> Idem. *Nestor Vitor: contribuições teóricas, críticas e históricas*. Tese de doutorado. Assis (SP): UNESP, 2004. Texto não publicado.

e na qual Vitor reuniu vários textos de crítica que já haviam sido publicados em jornais e revistas no período entre 1898 e 1914.

A despeito do destaque atribuído a Vitor por Broca, que o considerou como um dos principais críticos dos séculos XIX e início do XX<sup>459</sup>, na tese *A crítica de Nestor Vitor na República Velha*, Douglas Ferreira de Paula considera Nestor Vitor como um crítico secundário, “menor”. Apesar dessa consideração, Ferreira de Paula destaca a importância da pesquisa sobre as obras de Vitor, uma vez que considera o lugar do “crítico menor” como “relevante justamente por permitir um olhar sobre o fazer literário, sobre o campo cultural, diferente do que já se revelara nos estudos sobre os críticos consagrados da geração de 1870”<sup>460</sup>. Na perspectiva de Ferreira de Paula, os estudos sobre Nestor Vitor e sua produção contribuem para as análises sobre as polêmicas relacionadas à vida dos homens de letras no contexto de transição entre os séculos XIX e XX.

O autor destaca que a partir de sua pesquisa foi possível identificar traços do modelo naturalista de crítica na obra de Vitor, além de considerá-lo, assim como os demais críticos do período, como imbuído de cientificismo. Afirma:

Ler esse “crítico menor, “secundário” em confronto com a obra e a leitura que se fez dos “maiores” e “principais” parece ser algo de interessante que consegui esboçar [...]. Isso me permitiu também revelar algo que não aparece na historiografia em torno de Vitor: a ideia de que ele também carregou traços do modelo naturalista de crítica, que ele também esteve imbuído de cientificismo, o que me permite criar uma intersecção com todos os críticos daquele período, possibilitando uma leitura mais compreensiva das transformações que a crítica literária sofre no período da República Velha.<sup>461</sup>

A fim de demonstrar os traços do cientificismo na obra de Vitor, um dos textos utilizados por Ferreira de Paula é “O poeta negro”, publicado em *A crítica de ontem*<sup>462</sup>, obra na qual Vitor

<sup>459</sup> BROCA, Brito. [1956] *A vida literária no Brasil – 1900*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Academia Brasileira de Letras, 2004. p.315.

<sup>460</sup> PAULA, Douglas Ferreira de. *A crítica de Nestor Vitor na República Velha*. Tese (Doutorado) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2019. 244f. p.229.

<sup>461</sup> *Ibidem*, p.231.

<sup>462</sup> De acordo com o que afirma Vitor no prefácio da obra, a organização dos textos estaria pronta para publicação na Europa em 1914, mas não o foi, devido ao início da Grande Guerra. *A crítica de ontem* chegou ao público brasileiro em 1919. Afirmava Vitor no mesmo prefácio: “Porque eu vejo que de facto já estou bem outro, de há quatro anos para cá. A guerra matou e continua a matar uns, e transfigurou como continua a transfigurar outros [...]. Quem não renasce, quem não ganha pelle nova é porque se estratificou, siderisou-se assustadora e deploravelmente, pior do que si já tivesse desaparecido dentre os vivos.” In: VITOR, Nestor. *A crítica de ontem*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, Maurillo, 1919. p.1-3.

reuniu vários textos de crítica que já haviam sido publicados em jornais, revistas ou opúsculos. Ferreira de Paula demonstra que se nas publicações anteriores de Vitor sobre Cruz e Sousa a defesa das singularidades do poeta seria marcante, em “O poeta negro”, Vitor se aproximaria “da crítica negativa ao seu estilo poético, feita também anteriormente tanto por Araripe quanto por Veríssimo”, de modo que “a adesão tardia ao modelo naturalista neste artigo revela, na verdade, o deslocamento de forma mais profunda com a crença do futuro glorioso para a corrente ‘místico-simbolista’ que ele apostara”.<sup>463</sup> Na perspectiva de Ferreira de Paula, a Grande Guerra aparece como marco divisor na produção de Vitor:

A noção de “gênio” isolado para quem a “pátria” é ainda um espaço reduzido desmorona junto à civilização europeia que se convulsiona com a Guerra e a Revolução Russa. Assim também a defesa da “arte pura” e dos imperativos de uma ética profissional que se identifica com a defesa do estético perdem força diante do compromisso do intelectual diante da imagem do Brasil que deveria emergir após os conflitos mundiais.<sup>464</sup>

Para Ferreira de Paula, a crítica estabelecida por Vitor foi de caráter combativo, mas, para além dessa característica, sua produção também estava vinculada às “modas e valores dominantes que marcavam esse período”. Afirma o autor: “tanto no período da *belle époque* quanto na época da Grande Guerra, ele acabou por participar, com seus escritos, das diretrizes do pensamento que atuava nos diferentes campos da vida social”.<sup>465</sup> Ao tratar das “diretrizes do pensamento”, Ferreira de Paula destaca o simbolismo e o parnasianismo como dois referenciais. A partir da pesquisa, podemos notar a caracterização de Nestor Vitor como adepto aos modismos da época. Ferreira de Paula afirma ainda que a obra de Salete de Almeida Cara, intitulada *A recepção crítica: o momento parnasiano-simbolista no Brasil*<sup>466</sup>, foi um dos parâmetros utilizados em sua investigação para analisar o que considera como “a inadequação

---

<sup>463</sup> PAULA, Douglas Ferreira de. *A crítica de Nestor Vitor na República Velha*. Tese (Doutorado) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2019. 244f. p.164-165.

<sup>464</sup> SILVEIRA, Allan Valenza da. *Diálogos críticos de Nestor Vitor*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. 339f. p.234.

<sup>465</sup> PAULA, op. cit., p.232. Como características da moda, Ferreira de Paula elenca a moda das conferências, que serviriam para a propaganda dos literatos, ou ainda a sedução por viver em Paris (como aponta também Brito Broca, 2004). Paula elenca ainda as posteriores críticas que Vitor realizou aos futuristas de São Paulo, que teriam aderido à “moda europeia”. *Ibidem*, p.213.

<sup>466</sup> CARA, Salete de Almeida. *A recepção crítica: o momento parnasiano-simbolista no Brasil*. Editora Ática, 1983.

do modelo simbolista de literatura em relação ao modelo ideal de representação da realidade nacional defendida pela crítica do período”<sup>467</sup>.

Em *A recepção crítica*, pesquisa de doutorado publicada em 1983, Salete de Almeida Cara considera que é possível identificar na crítica literária nacional realizada no final do século XIX “o país economicamente periférico importando *modelos de linguagem crítica* e, ao mesmo tempo, querendo usar esses modelos importados como meio para um pretense asseguramento de valores ‘nacionais’”.<sup>468</sup> Sobre a dependência dos modelos estrangeiros, afirma Cara:

A concepção crítica da literatura e a própria produção literária devem ser entendidas num contexto mais amplo de país dependente, onde a importação de sistemas simbólicos (filosóficos, literários) possuía funções específicas, já que os críticos precisam ser examinados de modo especial nas suas relações com a realidade nacional, e eventualmente com o poder oligárquico, o que confere a esses sistemas a responsabilidade pela construção de uma *visão* de nossa nacionalidade.

Essa *visão* tem, como toda construção ideológica, a função de legitimar uma sociedade homogênea, harmoniosa e una, que como tal, não tem existência real.<sup>469</sup>

Nesse sentido, na perspectiva de Cara, os modelos literários importados seriam lidos no Brasil como “signos esvaziados de sua condição histórica e como tópicos congelados em significados estereotipados”<sup>470</sup>. A partir dessas características, a autora se propõe então a distinguir os “modos de leitura dos críticos do final do século XIX em relação a textos literários seus contemporâneos”<sup>471</sup>. Em sua análise, Cara identifica três tendências: a primeira delas é classificada como “linhagem criativa”, caracterizada por momentos críticos, onde o autor seria capaz de “se libertar de clichês e fórmulas apriorísticas, consagradas no seu tempo, [e] consegue apreender o processo de linguagem do texto de produção”<sup>472</sup>. Para Cara, essa seria uma característica presente apenas em alguns textos de Nestor Vitor e de Araripe Júnior.

A segunda tendência identificada por Cara é classificada como uma linhagem que evidencia um impasse entre a percepção do texto como linguagem de criação (sendo o texto

<sup>467</sup> PAULA, Douglas Ferreira de. *A crítica de Nestor Vitor na República Velha*. Tese (Doutorado) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2019. 244f. p.65, nota de rodapé 17.

<sup>468</sup> CARA, Salete de Almeida. *A recepção crítica: o momento parnasiano-simbolista no Brasil*. Editora Ática, 1983. p.2

<sup>469</sup> Ibidem, p.6.

<sup>470</sup> Ibidem, p.15.

<sup>471</sup> Ibidem, p.3.

<sup>472</sup> Ibidem, p.3-4.

como produção criativa de signos) e de representação (considerando como “significativa a literatura que correspondia a determinados modelos de construção da nacionalidade”, ou os modelos que obedeceriam à “moda literária europeia”)<sup>473</sup>. Entre os autores destacados nessa perspectiva estão José Veríssimo, Adolfo Caminha e João Ribeiro.

A terceira linhagem de destaque para Cara teria a “predominância ou exclusividade da adoção de esquemas apriorísticos em relação à leitura do texto”, ou seja, as críticas seriam constituídas a partir de “receitas” ou regras de construção do texto. Sílvio Romero, Elísio de Carvalho, Pedro do Couto, Medeiros e Albuquerque, Osório Duque Estrada e Almqüio Diniz foram os autores elencados pela pesquisadora como representativos dessa “linhagem”.

Para Cara, o processo de criação de uma “realidade nacional” teria na literatura um campo privilegiado devido à possibilidade de produção de bens simbólicos.<sup>474</sup> Entretanto, a importação das ideias no cenário brasileiro teve como resultado a criação de uma “identidade de aparência”, pois tais ideias teriam sido “petrificadas e enrijecidas num espaço cultural que tem poucas condições de introjeta-las, filtrá-las e expeli-las já transformadas, de modo inventivo”.<sup>475</sup> O simbolismo importado teria contribuído para tal identidade de aparência, já que teria como aspecto fundamental a imitação de regras, “consistindo numa forma postiça de assumir a crítica de linguagem proposta pelo Simbolismo europeu”<sup>476</sup>.

Nestor Vitor se destacou nesse processo por possuir, de acordo com Cara, momentos críticos. Na crítica realizada por Vitor sobre Olavo Bilac em 1902, Cara considera que o crítico teria realizado “verdadeira análise sociológica e ideológica da grande penetração do poeta”, ao identificar que a produção de Bilac se tornou legítima no cenário nacional por representar a “capacidade de nosso povo”<sup>477</sup>. Afirmava Nestor Vitor em sua crítica: “Não é à toa que uma sociedade, que um povo, que uma raça qualquer cria fé num tipo seu, apaixona-se por ele, e levanta-o. [...] Bilac não tem vãos geniais [...]. Representa no verso o termo médio de nossa capacidade estética”<sup>478</sup>.

Por outro lado, Cara prossegue sua análise identificando que, na perspectiva de Nestor Vitor, Cruz e Sousa não havia tido a mesma recepção de Bilac por ser um poeta que “só poderia florescer em toda a extensão de suas possibilidades em tempo e lugar onde já se houvesse

<sup>473</sup> CARA, Salete de Almeida. *A recepção crítica: o momento parnasiano-simbolista no Brasil*. Editora Ática, 1983. p.4.

<sup>474</sup> *Ibidem*, p.20.

<sup>475</sup> *Ibidem*, p.15.

<sup>476</sup> *Ibidem*, p.11.

<sup>477</sup> *Ibidem*, p.16-17.

<sup>478</sup> VITOR, Nestor. *A crítica de ontem*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, Maurillo, 1919. p.83-85. In: CARA, op. cit., p.16.

elaborado toda uma síntese a que, ainda mais, sua índole de primitivo, seu gênio apocalíptico a se pudesse adaptar”<sup>479</sup>. Tal incompatibilidade entre as possibilidades de Cruz e Sousa e o cenário ao qual pertencia seria, portanto, o motivo para a baixa recepção de sua obra. Cara identifica em tais análises que Vitor “não se caracteriza por um modismo afetado de linguagem crítica”, e destaca que o crítico não poupou de seus ataques o leitor “diluidor”, “fechado ao novo”<sup>480</sup>, características que a permitiram incluí-lo entre aqueles que classificou como críticos de linhagem criativa.

Se, para Cara, é possível identificar particularidades nas análises de Vitor que o caracterizariam como um crítico de “linhagem criativa”, Ferreira de Paula evidenciou elementos a fim de demonstrar a relação de Vitor com as “modas e valores dominantes” que marcavam o período, sem destaques a outras singularidades, como apresentamos brevemente acima. Nenhuma das pesquisas considera, entretanto, as possíveis recepções e apropriações por Vitor de formulações nietzschianas.

Outras reflexões sobre a produção de crítica literária elaboradas por Vitor foram realizadas na tese intitulada *Diálogos críticos de Nestor Vitor*, na qual Allan Valenza da Silveira propõe problematizar a obra de crítica literária produzida por Vitor entre os anos de 1896 e 1930<sup>481</sup>. Na perspectiva de Silveira, a produção do crítico literário pode ser dividida em cinco fases: a primeira, iniciada a partir da obra *Cruz e Sousa* (escrita em 1896, mas publicada apenas em 1899) e finalizada em 1902, com a partida de Vitor à Europa, fase essa que se caracterizaria pela defesa dos princípios estéticos originários do movimento simbolista europeu, incluindo nesse momento referências à filosofia nietzschiana; a segunda fase, que preencheria o período em que Vitor viveu na França, entre os anos de 1902 e 1905, marcada pela proximidade com os autores simbolistas e decadentes, formalizando sua aproximação com a vanguarda simbolista; o período entre o retorno de Vitor da França até o início da Primeira Guerra Mundial, apresentado como a terceira fase, seria o momento em que o crítico se dedicou à análise da literatura brasileira e à reflexão sobre as tradições literárias nacionais, estabelecendo sua crítica ainda a partir de pressupostos simbolistas que seriam, de acordo com Silveira, reformulados constantemente. Nesse período se concentraria o maior esforço de Vitor para definir o movimento simbolista brasileiro e “torná-lo, efetivamente, uma referência tradicional”<sup>482</sup>.

<sup>479</sup> VITOR, Nestor. *A crítica de ontem*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, Maurillo, 1919. p.83-85. In: CARA, op. cit. p.17.

<sup>480</sup> Ibidem, p.52,54.

<sup>481</sup> SILVEIRA, Allan Valenza da. *Diálogos críticos de Nestor Vitor*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. 339 f.

<sup>482</sup> Ibidem, p.322.

Os anos da Primeira Guerra Mundial marcariam a quarta fase, na qual Vitor dedicaria-se à identificação do romantismo como suporte principal da tradição literária brasileira, considerado como a fonte para todas as correntes produzidas no Brasil. Para Silveira,

a busca do romantismo como o principal suporte da tradição literária brasileira traz consigo um quase que completo abandono das referências europeias por parte de Nestor Vitor, apresentando no crítico um crescente nacionalismo. As obras europeias são citadas apenas de passagem e não mais usadas para fundamentar qualquer posicionamento, ao menos explicitamente.<sup>483</sup>

Nessa perspectiva, Silveira defende que para Vitor, ao relacionar-se com o passado nacional, as novas obras brasileiras poderiam “reafirmar valores tradicionais de uma espécie de brasilianismo que haveria existido em forma mais pura no passado e que permeava ainda o pensamento literário brasileiro”, de modo que se formaria uma literatura “genuinamente” nacional<sup>484</sup>.

Por fim, a quinta fase iniciada no pós-guerra, teria como características essenciais a defesa de Vitor dos escritores propagadores dos valores tradicionais da literatura brasileira, como Jackson de Figueiredo, Tasso da Silveira, Andrade Muricy, Gilka Machado e Afonso Schmidt, em oposição principalmente aos autores relacionados às novidades europeias, dentre as quais os do movimento futurista. Afirmar Silveira:

Para Nestor Vitor, o processo de internacionalização que estava ocorrendo no Brasil, não mais encabeçado pelo Rio de Janeiro, mas por São Paulo, fez com que o círculo literário paulista se apropriasse das novidades estéticas provenientes da Europa, gerando uma nova literatura através de experimentos de linguagem e, com isso, negando aquilo que na crítica nestoriana era fundamental: o que ele definiu como tradição de brasilidade.<sup>485</sup>

---

<sup>483</sup> SILVEIRA, Allan Valenza da. *Diálogos críticos de Nestor Vitor*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. 339 f. p.323-324.

<sup>484</sup> *Ibidem*, p.324.

<sup>485</sup> *Ibidem*, p.326.

A formalização da língua seria uma das características da tradição de brasilidade<sup>486</sup>, brasilidade essa que estaria relacionada, para Vitor, nas palavras de Silveira, à “busca de uma valorização na cultura dos aspectos relacionados com a tradição brasileira”<sup>487</sup>.

Alessandra Izabel de Carvalho em *Nestor Vitor: um intelectual e as ideias do seu tempo (1890-1930)*, também se dedica a identificar a participação de Nestor Vitor no processo de construção de uma ideia de Brasil. Carvalho organiza sua investigação a partir do estudo sobre como algumas temáticas perpassaram as obras de Vitor: modernidade, metrópole, progresso, raça e atraso intelectual. Ao longo de seu trabalho, a autora ocupa-se em demonstrar como a defasagem socioeconômica, política e cultural do Brasil em relação à Europa foram temáticas que envolveram a intelectualidade do período<sup>488</sup>. Diferentemente de Silveira, Carvalho não estabelece uma divisão em períodos para a produção de Vitor e não realiza sua análise a partir dessa perspectiva, dedica-se a recolher ao longo da produção de Vitor diferentes caracterizações sobre as temáticas. Neste sentido, Carvalho identifica no artigo “História e Folclore”, publicado inicialmente por Vitor no jornal *O Globo* em junho de 1930, que a própria “ideia de história” operada por Vitor tinha base nietzscheana. O trecho em que o crítico a expressa é: “a história é um tribunal, não há dúvida, mas um tribunal como podemos, nós outros, pobres homens, criar. É um instrumento de organização ou de combate, que cada cultura utiliza como convém melhor aos seus instintivos intuitos. *Volonté de Puissance*”<sup>489</sup>. Apesar de não se alongar nas implicações que tal concepção de história poderia ter implicado na obra de Vitor, a pesquisadora foi a primeira, dentre aqueles que se dedicaram ao estudo de Nestor Vitor, a indicar tal recepção.

César Braga-Pinto dedica-se também à produção de Nestor Vitor em *A violência das letras, amizades e inimizades na literatura brasileira (1888-1940)*<sup>490</sup>. Como destaca na introdução de sua obra, três objetivos motivaram a sua análise: inicialmente, “identificar a dinâmica das amizades e rivalidades, mas sobretudo rastrear a maneira pela qual foram

<sup>486</sup> Na crítica feita à *Macunaíma* para *O Globo* em 1928, Vitor afirmava: “Não se vê que o indianismo foi o principal propulsor da nossa brasilidade, sob o ponto de vista do idioma. Se Alencar não tivesse de escrever *Iracema*, não se sentiria impelido a exprimir-se naquela linguagem de sabor frutal, que usou para fazer o ambiente desse delicioso poema em prosa. E é de Alencar por diante que o Brasil começou na verdade a exprimir-se na escrita com modalidade sua.” In: VITOR, Nestor. *Macunaíma*. *O Globo*, Rio de Janeiro, 08 out. 1928. In: OCNV. v.3. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979. p.363.

<sup>487</sup> SILVEIRA, Allan Valenza da. *Diálogos críticos de Nestor Vitor*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. 339 f. p.179.

<sup>488</sup> CARVALHO, Alessandra Izabel de. *Nestor Vitor: um intelectual e as ideias do seu tempo (1890-1930)*. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997. p.148.

<sup>489</sup> VITOR, Nestor. História e folclore. *O Globo*, Rio de Janeiro, 02 jun. 1930. In: OCNV. v.3. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979. p.266.

<sup>490</sup> BRAGA-PINTO, César. *A violência das letras: amizades e inimizades na literatura brasileira*. Rio de Janeiro (1888-1940). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.

tematizadas, estudadas, contestadas, debatidas ou ficcionalizadas pelos próprios homens de letras do período”; ainda, “tentar compreender a relação entre a representação dos afetos interpessoais e as tentativas de consolidação da nacionalidade na condição de manifestação de fraternidade”, e, por fim, analisar como o desejo de “resolver o antagonismo social que divide a nação” pode estar relacionado com o abrandamento das rivalidades e disputas pessoais entre literatos, nas primeiras décadas do século XX<sup>491</sup>. Partindo então da análise de como a temática da amizade ocupou uma posição privilegiada entre um grande número de romances nacionais na transição entre os séculos XIX e XX, Braga-Pinto propõe-se a investigar também como as amizades tornaram-se uma preocupação fundamental na vida literária do período, considerando a necessidade do estabelecimento de espaços de prestígio e influência entre a classe letrada.

É nesse contexto que o autor verte seus estudos sobre os escritos relacionados ao tema da amizade realizados por Nestor Vitor e dedicados a Cruz e Sousa, além dos textos de Raul Pompeia dedicados a Luís Gama, e a produção de Gilberto Freire a José Lins do Rego. Na perspectiva de Braga-Pinto, apesar de Nestor Vitor ter sido menos reconhecido do que a tríade de críticos contemporâneos Araripe Júnior (1848-1911), José Veríssimo (1857-1916) e Sílvio Romero (1851-1914) e ainda ter sido esquecido como poeta e narrador de ficção, importantes aspectos do ambiente decadentista e do fim de século podem ser revelados por suas produções na poesia e na prosa de ficção<sup>492</sup>.

Ao analisar a crítica estabelecida por Vitor da obra *Os desplantados*, de Maurice-Barrès, Braga-Pinto destaca a tensão presente no crítico entre o cosmopolitismo e a defesa das nações:

Se, por um lado, Nestor Vitor vê o cosmopolitismo como uma força civilizatória e modernizadora, ao mesmo tempo entende ser necessária alguma resistência à tendência cosmopolita homogeneizante, em favor da diversidade das nações e mesmo das raças propriamente ditas. Por outro lado, ele argumenta que toda e qualquer manifestação de xenofobia e racismo é um indício da fraqueza e decadência de uma civilização.<sup>493</sup>

Ao considerar que Vitor prezaria pelo intercâmbio, “desde que cada uma das partes não perca sua singularidade e sua perspectiva individual em relação ao que ele [Vitor] entende como a verdade universal do ser humano”, Braga-Pinto refere-se a uma afirmação de Vitor sobre a defesa das “influências intelectuais” considerando a referida defesa ter um “tom marcadamente

---

<sup>491</sup> BRAGA -PINTO, César. *A violência das letras: amizades e inimizades na literatura brasileira*. Rio de Janeiro (1888-1940). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018. p.12.

<sup>492</sup> Ibidem, p.224.

<sup>493</sup> Ibidem, p.284.

nietzschiano”<sup>494</sup>. É nessa breve análise de Braga-Pinto e na menção efetuada por Alessandra Izabel Carvalho que encontramos as principais aproximações entre os estudos e investigações elencados das reflexões desenvolvidas por Nestor Vitor e as formulações nietzschianas.

Desse modo, na recepção crítica à produção de Nestor Vitor identificamos um grande destaque a dois elementos: a caracterização de Vitor como representante do simbolismo num primeiro momento de produção de sua obra e, posteriormente, como um crítico interessado nos aspectos da construção da nacionalidade. Nietzsche é citado na maior parte desses estudos apenas como um dos autores aos quais Vitor se refere no início de sua produção, entretanto, não encontramos nos estudos analisados a identificação da recepção e de apropriações realizadas pelo crítico literário das formulações nietzschianas, com exceção das rápidas passagens de Braga-Pinto e de Alessandra Izabel Carvalho referidas acima. De modo geral, a referência a conceitos de Nietzsche por Vitor é considerada como parte do momento da “moda Nietzsche”, como citado anteriormente, de forma que não há nenhuma exploração de como a recepção e apropriação das formulações nietzschianas impactaram a produção de Vitor sobre as artes e artistas brasileiros e mesmo sobre o Brasil e seu povo.

### 3.1 Modernidade, individualismo, latinidade e América Latina

Em 1899, Nestor Vitor publicava seu primeiro livro de ensaios intitulado *Cruz e Sousa*, monografia que considerou como um esboço sobre a obra e vida do poeta<sup>495</sup>. De acordo com o crítico, a obra foi escrita em 1896 e *Cruz e Sousa* foi um dos primeiros a conhecê-la, entretanto, veio a público apenas em 1899, pois Vitor aguardou a publicação de *Evocações* (1898), obra de Cruz e Sousa que inspirou parte das considerações presentes em sua análise<sup>496</sup>.

Em *Cruz e Sousa*, é possível identificarmos algumas características relevantes da crítica efetuada por Vitor, que nos permitem reconhecer elementos da reflexão estabelecida pelo autor sobre sua contemporaneidade. Entre tais elementos, as considerações sobre progresso e

---

<sup>494</sup> A afirmação de Vitor a que Braga-Pinto se refere é: “Mostrarmo-nos receosos de **influências intelectuais** estranhas é já de qualquer modo nos revelarmos influenciados, pior do que isso, vencidos, porque o superior não é aquele que evita assimilar o que não tem; é justamente quem o assimila sem perder o seu cunho individual”. In: VITOR, Nestor. *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.64. (grifos meus).

<sup>495</sup> VITOR, Nestor. *Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1899. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.3.

<sup>496</sup> Anterior à publicação de *Cruz e Sousa*, Nestor Vitor havia lançado seu livro de contos intitulado *Signos*, em 1897.

modernidade são eixos centrais de suas análises, com destaque para o papel da arte nesse cenário. Para Vitor, o progresso enquanto “búfalo de aço”, ou ainda, como instrumento das intrigas internacionais, se caracterizaria como incompleto e degenerador:

O mundo se acha no momento que atravessamos em tal crise que os mais extraordinários fenômenos artísticos que ora se tenham de produzir hão de ser por força a fórmula de um épico protesto.

Seria frívolo contestar: esse búfalo de aço que aí anda roncando, a assustar as florestas, abalando-as, produzindo-lhes traumatismo que degeneram em esgotamentos e as destroem [...]; esse esguio, mas interminável instrumento das intrigas internacionais, que nas redes que forma reflete a imagem dos complicados enredos que produz; [...] tudo isso, tem o seu lado admirável, prodigioso, épico, mas apenas é um assunto incompleto.

Todo esse progresso, que é assim que tais coisas se chamam, é apenas a metade de uma civilização.<sup>497</sup>

Se para Vitor o progresso deveria ser considerado apenas a “metade de uma civilização”, a outra metade estava guardada ao sonho. Afirma: “Temos braços, e é para o Trabalho, mas também temos cérebro, e esse é especialmente para o Sonho”<sup>498</sup>. Reforçando sua crítica à ideia de progresso, Vitor considera ainda que a “excessiva preocupação materialista com o Eu” nunca merecerá a “completa consagração do Gênio”, pois “este lê no Futuro, e já ao longe divisa que toda essa trágica ânsia, se não fosse sustada, iria degenerar em delírio, e que o Homem, neste caso, acabaria por crismar-se o Idiota”<sup>499</sup>. Se o gênio teria então a capacidade de ler o futuro e prever que a ânsia pelo progresso levaria ao delírio confirmando o homem como um idiota, restaria, para Nestor Vitor, conclamar o despertar por meio da arte:

Acordemos a Terra, e, pelo menos enquanto durar-lhe o sobressalto, ela fará de desperta [sic] ambulante.

Para isso a Arte, como sempre, terá a força de uma sugestão. Mas é o que basta. E os artistas da têmpera delicada e superior de Cruz e Sousa atuarão apenas nas camadas que estejam mais na periferia, desde que a esta demos uma acepção nobilitante.<sup>500</sup>

<sup>497</sup> VITOR, Nestor. *Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1899. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.13.

<sup>498</sup> *Ibidem*, p.14.

<sup>499</sup> *Ibidem*, p.14.

<sup>500</sup> *Ibidem*, p.14.

Partindo da perspectiva que a arte poderia trazer o despertar, Cruz e Sousa é considerado por Vitor como um dos artistas capazes de provocar tal ação. Para o crítico, o poeta teria a capacidade de se alimentar, em sua contingência, da própria dor de viver, o que o caracterizaria como genial e demonstraria a grandeza de sua alma. Apesar de não encontrarmos referências diretas ao conceito nietzschiano de **gênio**, é possível identificarmos a relação entre as formulações do filósofo alemão e caracterização proposta por Vitor de Cruz e Sousa. Em *Humano, demasiado Humano*, obra publicada pelo filósofo em 1878, Nietzsche destaca a relação entre o sofrimento e o gênio:

Os sofrimentos do gênio e seu valor — O gênio artístico quer proporcionar alegria, mas, se estiver num nível muito alto, provavelmente lhe faltarão os que a desfrutem; ele oferece manjares, mas não há quem os queira. Isso lhe dá um *pathos* que às vezes é ridículo e tocante; pois no fundo ele não tem o direito de obrigar os homens ao prazer. Seu píforo soa, mas ninguém quer dançar: pode isto ser trágico? — Talvez. Enfim, para compensar essa privação ele tem mais prazer em criar do que o restante dos homens em todas as outras espécies de atividade. Seu sofrimento é sentido como exagerado, porque o tom de seu lamento é mais forte, e sua boca, mais eloquente; em algumas ocasiões o seu sofrimento é de fato muito grande, mas apenas porque é grande sua ambição, sua inveja.<sup>501</sup>

Ao caracterizar Cruz e Sousa, Vitor faz com frequência referências a seu sofrimento, ao alto nível de sua produção artística e a incompreensão de sua obra, declarando-o como gênio em diversos momentos. Entretanto, a referência ao gênio não é a única associação com os conceitos nietzschianos realizada pelo crítico, o **niilismo**, como veremos na sequência, também foi destacado.

Apesar da genialidade e grandeza de Cruz e Sousa salientadas por Vitor, o crítico adverte seu leitor sobre as condições de vida do poeta enquanto negro, afirmando que o homem preto que pretendesse um lugar na sociedade ficaria à porta da civilização:

O meio comum de que dispõe o homem preto para assimilar-se às sociedades civilizadas é a subordinação passiva do hilota, é fazer-se quase que apenas um ser intermediário entre o irracional e o super-orgânico. Aceitam-no quando ele se inferioriza para salientar supremacias alheias. Desde que, porém, com simplicidade e nobreza [...] ele pretenda na sociedade um lugar a que tem direito mesmo qualquer homem comum, causa

---

<sup>501</sup> NIETZSCHE, Friedrich. [1878] *Humano, Demasiado Humano*: Um livro para espíritos livres. São Paulo: Cia. das Letras, 2000. §157.

gargalhadas e pasmos a um tempo [...] e ele é repellido pior do que se repele um leproso, ficando à porta da Civilização, numa trágica mendicidade de convivência e de afeto.<sup>502</sup>

Na perspectiva de Vitor, Cruz e Sousa tinha um trabalho principal, que classifica como “talvez aquele em que atinge a mais alta esfera emocional a que até hoje tem subido, que é o mais trágico de todos os gritos”<sup>503</sup>, desenvolvido em seu poema “Emparedado”, composição que encerra o livro *Evocações*<sup>504</sup>, no qual Cruz e Sousa reflete sobre as “ciências de hipótese” e as teorias de hierarquização das raças em voga no final do século XIX. No mesmo poema, o autor explora ainda sua condição de artista de origem africana, com as seguintes palavras:

Artista?! Loucura! Loucura! Pode lá isso ser se tu vens dessa longínqua região desolada, lá do fundo exótico dessa África sugestiva, gemente, Criação dolorosa e sanguinolenta de Satãs rebelados, dessa flagelada África, grotesca e triste, melancólica, gênese assombrosa de gemidos, tetricamente fulminada pelo banzo mortal; dessa África dos Suplícios, sobre cuja cabeça nirvanizada pelo desprezo do mundo Deus arrojou toda a peste letal e tenebrosa das maldições eternas!<sup>505</sup>

Sobre tal poema, Vitor destaca que não é apenas um soluço pessoal, mas uma “interpretação visionária de toda a dor, todo o tresvairamento, toda a loucura que ainda pode ser ouvida um dia desse sombrio e assombroso continente da Treva [...]”. Na perspectiva do crítico, é nesse poema que Cruz e Sousa se revela como um “**nilista**”<sup>506</sup> de todas as Civilizações”, e afirma: “Não tem havido, talvez, até hoje um homem culto de um *parti pris* tão acentuado contra a cultura humana, tão exclusivamente confiante na Natureza virgem e sã, tão sequioso de comunhões diretas, íntimas e esquisitas com ela [...]”. Caracterizando o pessimismo de Cruz e Sousa, afirma que “tudo o que lhe sai da pena é mais ou menos uma transfiguração”<sup>507</sup>.

<sup>502</sup> VITOR, Nestor. *Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1899. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.26.

<sup>503</sup> *Ibidem*, p.22.

<sup>504</sup> CRUZ E SOUZA, João da. [1898] *Evocações*. Fundação Catarinense de Cultura (FCC), 1986.

<sup>505</sup> *Ibidem*, p.389.

<sup>506</sup> Como destaca Geraldo Pereira Dias em *A recepção de Nietzsche no Brasil: renovação e conservadorismo*, desde 1896 publicações no periódico *Revista Brasileira* apresentavam os neologismos nietzschianos como “promomens”, referindo-se à tradução do termo *übermensch* e “nihilismo”. In: DIAS, Geraldo Pereira. *A recepção de Nietzsche no Brasil: renovação e conservadorismo*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Guarulhos, São Paulo, 2019. 472 f. p.35.

<sup>507</sup> VITOR, Nestor. *Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1899. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.22-24.

Vitor ressalta ainda como elemento significativo da produção de Cruz e Sousa a originalidade na forma e no conteúdo. De *Missal* (1893), obra que reúne poemas em prosa, destaca o poema *Sob as naves*, que apresenta uma profana Nossa Senhora, com a construção de uma imagem contrária a todas as convenções estabelecidas<sup>508</sup>. Sobre tal poema, Nestor Vitor destaca a originalidade e genialidade de Cruz e Sousa, afirmando:

Nenhum de nós se lembraria mesmo de conceber como possível de atacar-nos o cérebro uma emoção sensual despertada por Nossa Senhora, que ele *Sob as Naves*, numa lubricidade profana de arrepiar cabelos, vê descer aos poucos do altar, branca e muda, arrastando um manto estrelado, anelante para ele, “de braços abertos”, dando-lhe “com os olhos claros de azul, profundos e celtas, infinitas, inefáveis promessas...”.

Na forma, a construção, por exemplo, da frase e a criação de certos neologismos são muitas vezes contra todas as convenções estabelecidas, a adjetivação ora tautológica, ora de acepções inteiramente novas e talvez não raro diametralmente avessas à índole léxica da palavra.<sup>509</sup>

Nota-se que são características marcantes em *Cruz e Sousa* (1899) a operação, por Vitor, de algumas chaves de leitura nietzschianas: o destaque à importância da arte como mecanismo para despertar o homem com relação ao progresso e à modernidade, o niilismo, a figura do gênio e a crítica ao cientificismo do final do século XIX.

---

<sup>508</sup> Vale a leitura do poema:

Sob as naves

Aquela hora, meio tarde no dia, não sei que compunção evangélica me assaltou, me invadiu a alma, que eu penetrei no templo iluminado.

Altas naves sombrias pela névoa crepuscular da tarde, já em tons violáceos, abriram-se aos meus olhos, numa solene paz mística.

No alto do altar-mor vinha uma austera eloquência da Religião, da Fé Católica, de Rito Romano.

Velas amareladas e frias, de chama nobre e ardente, elevavam-se em tucheiros cinzelados, numa luz oscilante, trêmula às vezes por alguma momentânea aragem, com almas na indecisão de viver.

Na capela do Santíssimo, rutilante de caros brocados e doiraduras custosas, de fulgentes pratarias, de tons azulados e brancos de jarras esbeltas, uma lâmpada fulgurava, toda em esmalte de prata, por entre meia-tinta aveludada da hora, através do silêncio eucarístico, monástico da capela.

Uma serenidade de força divinal, de majestade tranquila, enchia o templo de um grande ar panteísta.

Nos altares laterais, os santos, histerismos mumificados, no imortal resplendor das coisas abstratas, dos impulsos misteriosos que alucinam e por vezes fazem vacilar a matéria, tinham dolorosas e fortes expressões de luxúria.

Eu sentia, sob aquelas rígidas carnes mortificadas, frêmito vivo do sangue envenenado e demoníaco do pecado.

E, de repente, não sei por que profana, tentadora sugestão, vi nitidamente Nossa Senhora descer aos poucos do altar, branca e muda, arrastando um manto estrelado, e, vindo anelante para mim, de braços abertos, dar-me, com os olhos claros de azul, profundos e celtas, infinitas, inefáveis promessas...

Ah! naturalmente eu sonhara acordado, porque Tu, durante este meu sonambulismo de sátiro lascivo, subitamente entraste, trêfega, com vivacidade de pássaro, no templo iluminado; e eu então logo senti que os lindos olhos claros de azul que virginalmente se encaminharam para os meus, na ardência de um desejo, eram, por certo, os teus olhos, sempre meigos, sempre amorosos, ó luz, ó sol, ó esplendor dos meus olhos! In: CRUZ E SOUZA, João da. *Missal*. Rio de Janeiro: Magalhães Editores; Typ. G. Leuzinger e Filhos, 1893. p.17-19.

<sup>509</sup> VITOR, Nestor. *Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1899. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.20-21.

Em 1898, ano anterior à publicação *Cruz e Sousa*, Nestor Vitor tecia suas considerações sobre o patriotismo exacerbado presente na obra *Les Déracinés (Os desplantados, 1897)* de Maurice Barrès. A crítica tecida por Vitor foi publicada em 1901, na obra *A hora*<sup>510</sup>, que reuniu também suas críticas à peça de teatro *O Cyrano de Bergerac*, de Edmund Rostand, além de considerações sobre algumas obras de H. Ibsen.

Ao tratar de Barrès e de seu patriotismo antigermânico, Vitor realiza uma crítica incisiva, considerando sua obra e a defesa exagerada ao patriotismo como um sintoma da decadência intelectual francesa: “Deste livro por diante tem-se receios de abrir uma obra dos contemporâneos franceses”<sup>511</sup>.

Após a derrota francesa na guerra franco-prussiana de 1870, Maurice Barrès (1862-1923) teria sido um dos pensadores impulsionados para um nacionalismo revanchista. Foi um dos responsáveis por difundir a ideia de que a educação da escola moderna teria provocado a destruição das raízes ligadas ao solo natal, ou ainda, um “desenraizamento” dos franceses. Como destaca Lúcia Lippi Oliveira em *A questão nacional na Primeira República*, Barrès fez parte do grupo classificado como a geração de 1890, que incluía entre os franceses Gustave Le Bon, Édouard Drumont, Georg Sorel e Vacher de Lapouge. Para esse grupo, “o indivíduo não tinha valor próprio e a coletividade não era concebida como a soma de indivíduos. Ao rejeitar a sociedade como agregação de indivíduos, consagravam uma nova forma, orgânica, de unidade social, baseada na nação”<sup>512</sup> e é à desvalorização do indivíduo e à defesa do patriotismo que Vitor tece suas principais críticas.

*Os desplantados*, de Barrès, foi a primeira obra da trilogia intitulada “O Romance de Energia Nacional”, que traria ainda as sequências *O apelo ao Soldado* (lançada para o público em 1900) e *O Apelo ao Juiz* (publicado em 1902, com o título *Leurs figures*). Em *Os desplantados*, obra analisada por Vitor, Barrès apresenta a história de provincianos franceses que passaram a viver em Paris e foram privados, na perspectiva do autor, das condições em que poderiam se desenvolver como cidadãos em suas províncias, por frequentarem a universidade e terem se tornado parte do que Barrès chama de “uma classe particular: um proletariado de bacharéis”. De acordo com Vitor, para Barrès, os jovens franceses “perde[m] a noção de outras responsabilidades a não serem [sic] as do indivíduo para consigo mesmo, onde eles não sabem

---

<sup>510</sup> VITOR, Nestor. *A hora*. Rio de Janeiro/Paris: H. Garnier, 1901. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.31-164.

<sup>511</sup> *Ibidem*, p.72.

<sup>512</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990. p.66.

o que seja trabalhar pela sociedade do seu país, porque a ignoram”<sup>513</sup>, ou seja, os jovens teriam perdido, portanto, a noção de unidade social, base da nação. Ora, Vitor dedica toda sua crítica a negar tal perspectiva e ressalta a inferioridade da obra de Barrès, ao adjetiva-la como fútil:

É fútil, afinal, escrever-se um livro em Paris com o fim de dizer aos provincianos de França que é um grande perigo para eles pessoalmente, mas principalmente para a individualidade coletiva da Pátria, não já que eles emigrem do país, mas que se desarraiguem do solo literal em que estava assentado o berço onde eles primeiro vagiram [choraram]. Nenhuma das grandes vozes que se fizeram ouvir em França e que a constituíram gloriosa como ela é, lhes falou d'esse perigo jamais.<sup>514</sup>

O crítico propõe-se então a demonstrar que a grandeza de um país não estaria em evitar assimilar outras “influências intelectuais”, mas sim em assimilá-las sem perder o seu cunho individual, em suas palavras:

Mostrar-nos receosos de influências intelectuais estranhas é já de qualquer modo nos revelarmos influenciados, pior do que isso, vencidos, porque o superior não é aquele que evita assimilar o que não tem; é justamente quem o assimila sem perder o seu cunho individual.<sup>515</sup>

Para Vitor, apenas aqueles com muita “profundidade de alma” seriam capazes de deixar o patriotismo a fim de amar todos os homens,

Um francês aborrecerá a França tendo passado a amar a Alemanha; mas o que lhe seria impossível, sem que lhe abalasse profundamente o moral, é que ele deixasse de ser francês e alemão para melhor amar todos os homens. Isso pede um coração muito vasto, pede muita profundidade de alma.<sup>516</sup>

Vitor fortalece ainda sua desaprovação ao escritor francês referindo-se ao posicionamento de Barrès sobre o caso Dreyfus: “Maurice Barrès é um patriota: *Os desplantados* o demonstram. Não procuremos outros argumentos. É desnecessário ver, por exemplo, qual tem sido sua atitude na questão Dreyfus”<sup>517</sup>. O caso chamado de “Caso Dreyfus”

---

<sup>513</sup> VITOR, Nestor. *A hora*. Rio de Janeiro/Paris: H. Garnier, 1901. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.62.

<sup>514</sup> *Ibidem*, p.63.

<sup>515</sup> *Ibidem*, p.64.

<sup>516</sup> *Ibidem*, p.68.

<sup>517</sup> *Ibidem*, p.68.

tornou-se historicamente conhecido como uma das manifestações antissemitas na Europa e teve início a partir da acusação de espionagem e condenação à prisão perpétua do capitão do exército francês de ascendência judaica, Alfred Dreyfus, em 1894.

Após a condenação de Dreyfus em um processo considerado fraudulento, o caso retornou à imprensa dois anos depois, com a publicação de uma prova que o inocentaria e em janeiro de 1898, mesmo ano em que Vitor escreveu sua crítica à Barrès, o jornal *L'Aurore* publicava *J'accuse*, carta aberta na qual Émile Zola tecia críticas à imprensa francesa, ao governo, aos militares e aos juízes. Se a crítica estabelecida por Vitor a Barrès foi incisiva, os elogios ao posicionamento de Zola não tardaram a aparecer. Em *A crítica de ontem*, publicada em 1899, Vitor considera o posicionamento de Zola como “a mais bela das atitudes que ele durante a sua vida assumiu, a única que o faz verdadeiramente grande e completamente admirável em seu tempo”<sup>518</sup>.

Como destaca Lúcia Lippi Oliveira, ainda em 1898, foi Barrès quem teria cunhado durante sua campanha para deputado por Nancy a expressão “socialismo nacionalista”, que reuniria suas ideias a respeito da coesão nacional<sup>519</sup>. Posicionando-se contrário a essa perspectiva nacionalista, Vitor ressalta a **valorização do indivíduo** acima também do próprio cosmopolitismo. Afirma:

Pensa quem escreve estas linhas que o cosmopolitismo é uma vitória sobre a barbaria, mas que, por outro lado, combater-se radicalmente o espírito nacionalista seria deficiência lastimável de capacidade intelectual. A civilização tenderá de cada vez mais a unir a Humanidade, mas sempre de acordo com o progresso da afirmação, do advento do Indivíduo.<sup>520</sup>

À defesa da valorização do indivíduo, Vitor adiciona, assim como fez em *Cruz e Sousa*, a sua crítica ao cientificismo do século XIX, que trazia como uma de suas características principais a defesa do mundo a partir de uma evolução regida por leis naturais:

Maurice Barrès não vê na Vida a estranha Vida propriamente, subordinada a grandes leis incognoscíveis, que em vão quereríamos abranger n'uma fórmula; vê n'ela o reflexo de mesquinhas subjetivações humanas. Para ele, parece, as

<sup>518</sup> VITOR, Nestor. *A crítica de ontem*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, Maurillo, 1919. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.287.

<sup>519</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990. p.53.

<sup>520</sup> VITOR, Nestor. *A hora*. Rio de Janeiro/Paris: H. Garnier, 1901. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.69.

teorias são mais exatas do que a Natureza é real. De modo que os seus homens não procedem d'esta, são homúnculos nascidos d'aquelas e por elas dirigidos automaticamente. Não há ar nos horizontes que ele abre, não há vida propriamente, porque não há indefinido, nos movimentos dos seus personagens, não há destino, fatalidade natural, não há verdade, portanto, nos deslocamentos de massas que ele provoca e nos desfechos de sua fabulação.<sup>521</sup>

Com relação à hereditariedade, Vitor defende ainda que Barrès possuía os mais estreitos preconceitos da época, já que utilizava para a análise dos fenômenos sociais o mesmo método utilizado para o estudo dos fenômenos “orgânicos”, o que inferiorizava sua análise do homem, já que partia de um ponto de vista “zoológico”<sup>522</sup>.

Se, como demonstra Lúcia Lippi Oliveira, a crença científicista do período partia do princípio de que o indivíduo seria um produto da civilização, que, por sua vez, era o resultado de três grandes forças - a raça, o meio e o momento<sup>523</sup>, Vitor demonstra ao longo de sua crítica a Barrès uma reflexão em perspectiva distinta.

A peculiaridade da crítica nestoriana aparece na valorização que o autor propõe da especificidade de cada indivíduo e de cada povo:

De homem para homem não há verdade relativa, mas cada um de nós deve ter o seu modo [de] vê-la. É apenas uma questão de temperamento, de cor peculiar à visualidade de cada um, isto com os indivíduos, como com os povos e com as raças entre si. Mas sonhar com a unificação da Humanidade pela anulação dos temperamentos é não compreender a necessidade do matiz para a harmonia das cores e a multiplicidade d'estas para a estética da Natureza. Um dia virá em que todos os homens prosternar-se-ão no altar de uma só crença, cada um d'eles, no entanto, genuflexando a seu modo.<sup>524</sup>

Notamos então que Vitor não apresenta a valorização do cosmopolitismo como a melhor alternativa ao patriotismo exacerbado, mas sim a valorização das peculiaridades individuais, do mesmo modo que identifica na defesa da **Super-Humanidade** formada pelo povo ariano moderno um “canto fúnebre” para os outros povos:

---

<sup>521</sup> VITOR, Nestor. *A hora*. Rio de Janeiro/Paris: H. Garnier, 1901. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.66.

<sup>522</sup> *Ibidem*, p.65.

<sup>523</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990. p.55.

<sup>524</sup> VITOR, op. cit., p.69.

O sistema de ideias germânico que provem d'aquela concepção filosófica inicial é perfeitamente lógico, porque está de acordo com a necessidade vital da raça, sendo todo ele, desde as hipóteses da antropologia até o romance do Futuro, a maravilhosa glorificação d'esta e o seu hino triunfal de esperanças. Mas, por isso mesmo, ele é para os outros povos um verdadeiro canto funerário, tão sedutor, aliás, que os peregrinos, detendo-se por muito tempo a ouvi-lo, caem n'uma doce hipnose, convencidos de que o aniquilamento d'eles é inevitável, mas abençoando-o ao mesmo tempo, porque é preciso que o Grande Povo, o Arya [povo ariano] moderno, se aproprie de todo o Planeta, e o povoe inteiro, eliminando quaisquer outros elementos, para a dignificação do Homem, que constituirá a Super-humanidade então.<sup>525</sup>

Vitor se permite ainda rir de duas teorias que considera como teorias-espantalhos (possíveis de serem pensadas por uns e odiadas por outros): a primeira, de que a civilização germânica dominasse a terra e a segunda, que a humanidade pudesse desaparecer do mundo. A ironia do autor aparece ao considerar que uma alma verdadeiramente grande se tranquilizaria ao saber que a natureza não pereceria com a não conservação do homem – nem mesmo o planeta ou o Universo. Já com relação a primeira teoria, alerta Vitor: “não há propriamente motivo para graves apreensões agora, porque elas devem caber a esses tempos que estão por vir. Cada dia com o seu cuidado”<sup>526</sup>. Apresentava Vitor um prognóstico?

O prognóstico pessimista de Vitor prossegue não apenas com relação ao cenário internacional, mas também quanto às produções literárias no Brasil. Em “Os novos”, crítica de 1899 reunida na publicação *A crítica de ontem*, o crítico se propõe a apresentar suas considerações sobre os novos livros publicados no país, os quais caracteriza, em sua maior parte, como “uma desgraça”, pois considera que “em vez de produzir elementos lisonjeiros ao futuro de uma civilização, essa fertilidade, sendo assim mórbida e languê, parece servir apenas para impor-nos diagnósticos desesperadores”<sup>527</sup>. Vitor destaca então que não há a partir da perspectiva da Arte, em sua contemporaneidade, um indivíduo que possa ser considerado como o chefe do pensamento geral. Entre seus coetâneos teriam destaque os “grandes isolados do fim do século”, tidos como singulares, extravagantes e degenerescentes, condenados pelas academias e concílios: Zola, Tolstoi, Ibsen e Bjoernson. Mesmo salientando que todos divergiam entre si com relação às ideias, Vitor defende que há entre eles uma identificação com

---

<sup>525</sup> VITOR, Nestor. *A hora*. Rio de Janeiro/Paris: H. Garnier, 1901. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.70-71.

<sup>526</sup> *Ibidem*, p.73.

<sup>527</sup> *Idem*. *A crítica de ontem*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, Maurillo, 1919. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.286.

relação a um sentimento geral, que considera como um sentimento de uma “tempestade interior”<sup>528</sup>. Destaca Vitor:

Os de hoje sentem as arcadas do peito partirem-se, como as de um Atlas, sufocados sob o peso de um novo mundo. Por isso a sua despreocupação com fúteis pormenores exteriores, mas a ansiedade que todos eles manifestam, os modos taciturnos que desta resultam, a singularidade na vida íntima. E, por outro lado, a divergência nas ideias, não propriamente no ideal.<sup>529</sup>

\* \* \*

Se em *Cruz e Sousa* (escrito em 1896 e publicado em 1899) e em *Os desplantados* (escrito em 1898 e publicado em 1901 no livro *A hora*) é possível identificarmos apropriações das formulações nietzschianas nas considerações realizadas por Vitor, sem, no entanto, o estabelecimento de referências diretas ao filósofo alemão, nas publicações a partir de 1900 o nome de Nietzsche figura entre seus textos com destaque.

Na análise nestoriana sobre *O Cyrano de Bergerac*, de Edmund Rostand, também presente na publicação *A hora*, o nome de Friedrich Nietzsche aparece em dois momentos. Inicialmente, Vitor faz referência a uma passagem de Nietzsche presente em *Humano, demasiado humano*<sup>530</sup>, obra publicada no ano do centenário da morte de Voltaire, a quem foi dedicada. No trecho que foi destacado por Vitor, Nietzsche se referia à obra voltairiana *Maomé ou o Fanatismo*, que teve grande influência sobre o filósofo alemão: “Voltaire, diz F. Nietzsche, foi um dos últimos homens que souberam reunir em si a mais alta liberdade de espírito a uma disposição espiritual absolutamente<sup>531</sup>[sic] não revolucionária”<sup>532</sup>. Na segunda referência direta ao filósofo alemão, Vitor menciona o personagem Zaratustra, da obra *Assim falou Zaratustra*:

Mas, quer fosse por instinto, quer por meditação, acurada e consciente, após a produção da trilogia chamada filosófica, Ibsen modificou os seus processos. O poeta quiz voltar de novo ao tablado, vir falar mais de perto aos homens, e em claro, expressivo vulgar. Faz lembrar o Zaratustra de Nietzsche, cansado

<sup>528</sup> VITOR, Nestor. *A crítica de ontem*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, Maurillo, 1919. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.286, 288.

<sup>529</sup> *Ibidem*, p.288-289.

<sup>530</sup> NIETZSCHE, Friedrich. [1878] *Humano, Demasiado Humano*: Um livro para espíritos livres. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

<sup>531</sup> Acreditamos haver aqui um erro de digitação: no lugar de absolutamente, leia-se “absolutamente”.

<sup>532</sup> VITOR, Nestor. *A hora*. Rio de Janeiro/Paris: H. Garnier, 1901. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.83.

de gozar de seu espírito, e de sua solidão, que desce das montanhas para se encontrar com os homens e ser homem ainda uma vez.<sup>533</sup>

Vitor não apresenta, portanto, considerações sobre a obra e as formulações desenvolvidas por Nietzsche em *Assim falou Zaratustra*, ora, limita-se a uma rápida referência ao profeta que, farto de sua sabedoria, deixa seu esconderijo nas montanhas a fim de compartilhar o saber com os homens.

Vitor foi um dos pioneiros a publicar textos sobre Nietzsche no Brasil. Seu primeiro ensaio sobre o filósofo alemão foi veiculado pelo *O Paiz* em 1900, com o título *F. Nietzsche*<sup>534</sup>. Como destaca Dias, as primeiras traduções de textos de Nietzsche divulgadas no Brasil foram publicadas no *Jornal do Comércio*, em 1892 e referiam-se a traduções anônimas de aforismos do livro *Aurora*, obra publicada pelo filósofo alemão em 1881, com uma segunda edição acrescida do prefácio em 1886<sup>535</sup>.

Antes do ensaio de Vitor de 1900, apenas quatro textos são encontrados na imprensa nacional sobre o pensador alemão. O primeiro, de 1893 e escrito por Julio Erasmo (jornalista/escritor), intitulado de “O neo-cinismo” encontra-se na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro; o segundo texto, um texto de 1896 intitulado “A Filosofia na moda: Frederic Nietzsche”, compôs a sessão “Carta da Alemanha”, publicado pelo também carioca *Jornal do Commercio* e escrito por Dr. Ernst, possivelmente um correspondente estrangeiro; Leopoldo de Freitas foi o autor da terceira publicação, veiculada no jornal *O Paiz* em 1899 e dedicada ao “Dr. Silvio Romero” com o título de “Um filósofo”; José Veríssimo é o autor de “A filosofia de um poeta”, veiculado também pelo *Jornal do Commercio* em 1899<sup>536</sup>.

Em 26 de dezembro de 1900, Vitor aponta suas impressões sobre *Pages Choisies*, edição do *Mercure de France*, publicada em 1899. O crítico inicia seu texto refletindo sobre a cabotinagem como sentimentalismo verbal característico do século, destacando que desde a Renascença a civilização cristã entrou em crise e a história ocidental resumiria-se a um caminhar lento e positivo ao niilismo, a partir de um “irreligionismo” que teme reconhecer-se como tal, partindo da mesma perspectiva da decadência da modernidade defendida por

<sup>533</sup> VITOR, Nestor. *A hora*. Rio de Janeiro/Paris: H. Garnier, 1901. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.151.

<sup>534</sup> VITOR, Nestor. *F. Nietzsche (Impressões das Pages Choisies)*. *O Paiz*, Rio de Janeiro, ano XVII, n.5924, 26 dez. 1900, p.2. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.340-341.

<sup>535</sup> DIAS, Geraldo Pereira. *A recepção de Nietzsche no Brasil: renovação e conservadorismo*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Guarulhos, São Paulo, 2019. 472 f. p.226.

<sup>536</sup> Tal levantamento, assim como a reprodução dos textos podem ser conferidos na tese de Geraldo Pereira Dias, op. cit.

Nietzsche. Destaca ainda que assim como Nietzsche, os homens como Goethe, Wagner, Carlyle ou Hugo vão rindo de si próprios, como cabotinos, a ponto de inconscientemente desenvolver-se um processo de radical renovação – o que caracterizaria a grandeza do homem.

O crítico ressalta que a despeito da proibição nietzschiana ao rir de si próprio, seu riso seria convulsivo, “louco” e que apesar de ter consciência da grandeza humana, “nenhuma vez se lembra da relatividade dessa grandeza, do nada que ela representa em face do Universo”. Em suas considerações, enaltece as altas qualidades intelectuais do filósofo e aponta a catástrofe que “obumbrou” (escureceu) seu espírito, referindo-se à sua loucura considerada pelo crítico como venerável, com as seguintes palavras:

Louco embora, sua loucura, entretanto, é venerável: Nietzsche agora ficará no mundo como um olho rubro, sem pálpebras, a perseguir todos os comediantes com pretensões a serem tomados a sério, todas as fofidades, todas as falsas quantidades pretendentes a uma cotação.<sup>537</sup>

\* \* \*

Em 1901, Vitor partiu para a Europa, onde permaneceu vivendo em Paris até 1905, período em que foi correspondente dos periódicos *O Paiz* e *Correio Paulistano* e realizou traduções e revisões para a Livraria Garnier. De Paris, em 1904, Vitor traçava novas críticas ao cientificismo ao escrever sobre o livro *Anticipations*, de H. G. Wells<sup>538</sup>, em sua contemporaneidade um dos mais procurados autores ingleses e considerado pelo crítico como “o profeta moderno como a Inglaterra atual podia produzir”<sup>539</sup>. Em sua análise, Vitor caracterizou Wells como detentor de grande cultura científica, comentando em tom de crítica que, para o escritor inglês, a evolução da humanidade dependeria das revoluções da ciência (física, química, eletricidade, mecânica e economia política).

Vitor enfatizou sua forte crítica à superioridade da ciência sobre todas as demais formas de compreensão da realidade ao afirmar que Wells confundiria a felicidade humana com a comodidade material e identifica tal perspectiva com a moral imperialista dos anglo-germanos,

<sup>537</sup> VITOR, Nestor. F. Nietzsche (Impressões das *Pages Choiesies*). *O Paiz*, Rio de Janeiro, ano XVII, n.5924, 26 dez. 1900, p.2. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.340-341.

<sup>538</sup> O inglês Herbert George Wells (1866-1946) escreveu obras que se tornariam pioneiras da ficção científica, como *A Máquina do Tempo* (1895), *A Ilha do Doutor Moureau* (1896), *O Homem Invisível* (1897) e *A Guerra dos Mundos* (1898).

<sup>539</sup> Idem. 2 de julho de 1904. *Correio paulistano*, São Paulo, 20 jul. 1904. In: *OCNV*. v.3. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979. p.131.

pela qual o autor inglês, como tipo representativo de sua época e de sua “raça”, teria se deixado influenciar. Para Vitor, a moral imperialista não se limitaria àqueles que desejariam a conquista de outros povos a partir da guerra armada, mas também aos que, como Wells escrevia, desejariam a paz universal a partir de uma “República Nova”, organizada por uma classe educada, composta por homens inteligentes e, em certos casos, ricos. Vitor destaca essa “espécie de sociedade secreta”, que teria como base a procriação apenas do que fosse “capaz e belo na humanidade”, a fim de gerar corpos fortes e espíritos claros e poderosos<sup>540</sup>. Claramente, o debate que Vitor estabelece é com a eugenia, perspectiva que buscava provar que a capacidade humana era função da hereditariedade, com o termo criado em 1883 pelo britânico Francis Galton.

Vitor ainda destacou em sua crítica trechos da obra de Wells nos quais o autor inglês afirmava que a procriação de filhos física ou mentalmente doentes seria o mais odioso de todos os crimes concebíveis e haveria pouca piedade a uma multidão de criaturas desprezíveis e nulas. Wells por fim declarava: “não vejo razão para supor que eles hesitarão em matar [sic], quando essa tolerância for ultrapassada”<sup>541</sup>. O termo *eugenia* não é utilizado na crítica nestoriana, entretanto uma associação entre tal conceito e os ideais nietzschianos será realizada por Vitor:

Estas ideias nas suas linhas gerais não são de Wells, são de Nietzsche, o sonhador do Super-Homem, e para chegar-se a este fim é adepto da formação de uma classe aristocrática intrépida, viril, superior e inexorável que domine do alto os ‘animais de rebanho’, como ele classifica a mediocridade humana. Demais, dir-se-á de Wells ou de Nietzsche, estas ideias não passam de absurdas ideologias que o senso comum repele hoje, como repelirá em todos os tempos.<sup>542</sup>

Vitor segue sua crítica demonstrando que o desenvolvimento de tais ideias só foi possível a partir da permissão do contexto contemporâneo - que chama de “atmosfera” - e cita, como exemplo de tal atmosfera, a discussão estabelecida naquele momento pela Associação Médica de Nova York sobre qual seria o dever do médico diante da presença de um doente julgado incurável. É o próprio Vitor quem traz a resposta ao questionamento: “Depois de muito discutir-se, debaixo de toda a gravidade, estabeleceu-se que o dever do médico era libertar o

---

<sup>540</sup> VITOR, Nestor. 2 de julho de 1904. *Correio paulistano*, São Paulo, 20 jul. 1904. In: *OCNV*. v.3. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979. p.133.

<sup>541</sup> *Ibidem*, p.133.

<sup>542</sup> *Ibidem*, p.133.

doente de uma existência que se tornou inútil e intolerável [...]. É o que se chama ‘a eutanásia’.”<sup>543</sup>

A relação estabelecida por Vitor entre a proposta de Wells (que podemos associar à eugenia) e o super-homem nietzscheano era inovadora na cena brasileira, principalmente por apresentar outro conceito do filósofo alemão, a concepção de ‘**animal de rebanho**’<sup>544</sup>, caracterizado por Nietzsche como aquele que ao seguir a moral universalista, herdeira do cristianismo, se tornaria obediente e laborioso. Nos dizeres de Nietzsche:

O europeu se disfarça *na moral*, porque se tornou num animal doente, doentio, estropiado, que tem boas razões para ser “domesticado”, porque é quase um aborto, algo incompleto, fraco, desajeitado... Não é a ferocidade do animal de rapina que precisa de um disfarce moral, mas o animal de rebanho, com sua profunda mediania, temor e tédio consigo mesmo.<sup>545</sup>

Escrevendo de Paris, Vitor inseria-se em um contexto no qual as leituras das obras nietzschianas aumentavam, já que a partir da década de 1890 a valorização do filósofo como um literato tornou-se frequente na França, gerando, como já indicamos, o que Frezzatti Júnior considera como a “moda Nietzsche” dos salões parisienses<sup>546</sup>.

Se até sua mudança para Paris, identificamos nas produções de Vitor uma aproximação com o suposto **individualismo** proposto na obra nietzschiana, a partir das leituras realizadas na França, a defesa da **latinidade** ganha destaque, apesar da não utilização de tal termo por Vitor. Ao final da crítica a H. B. Wells, publicada em 1904, Vitor afirmava:

É diante de tais aberrações, produtos do orgulho e do fundo ainda selvagem das duas raças atualmente predominantes no mundo, o anglo-saxão e o germano, que se compreende a necessidade que ainda há para a civilização de que a raça latina se não aniquile, ela que até aqui se tem mostrado a única capaz de integrar o pensamento defectivo desses outros dois povos, pela bondade, pela generosidade, pela abnegação de que na história moderna mostrou-se capaz.<sup>547</sup>

<sup>543</sup> VITOR, Nestor. 2 de julho de 1904. *Correio paulistano*, São Paulo, 20 jul. 1904. In: *OCNV*. v.3. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979. p.134.

<sup>544</sup> Até o momento de finalização da escrita dessa tese, não encontramos referência anterior a tal concepção nietzschiana em nenhuma pesquisa sobre a recepção da filosofia de Nietzsche no Brasil.

<sup>545</sup> NIETZSCHE, Friedrich. [1882] *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. §235.

<sup>546</sup> FREZZATTI JÚNIOR Wilson Antonio. A recepção de Nietzsche na França: da *Revue philosophique de la France et de l'Étranger* ao período entreguerras. *Cadernos Nietzsche*, v. 30, p.59-99, 2012. p.74, 96.

<sup>547</sup> VITOR, Nestor. 2 de julho de 1904. *Correio paulistano*, São Paulo, 20 jul. 1904. In: *OCNV*. v.3. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979. p.134.

A crítica à cultura germânica foi um dos elementos que compôs as reflexões nietzschianas. Se, em suas produções iniciais, é possível identificarmos a defesa da arte wagneriana, ao longo de sua obra, Nietzsche demonstra um afastamento de Wagner e do germanismo. Como demonstra Giuliano Campioni em *Nietzsche e o espírito latino*, a partir das leituras de Jacob Burckhardt, “Nietzsche traceja o retrato da individualidade livre, que se afirma sobretudo contra o peso do nacionalismo germânico, triunfante depois da vitória prussiana. O modelo assume, progressivamente, os traços do homem do Renascimento”<sup>548</sup>. Como destaca Bruno Pucci, o cenário cultural alemão era alvo das reflexões nietzschianas:

Para Nietzsche, na Alemanha da segunda metade do século XIX tinham desaparecido as inquietações com o cultivo do espírito humano e o desenvolvimento autônomo do indivíduo. A cultura deixa de ser cosmopolita, desinteressada e se transforma em um bem venal, submetida às leis de compra e venda. Os organizadores das instituições artísticas e dos estabelecimentos de ensino, chamados por Nietzsche “filisteus da cultura”, são incapazes de criar, limitam-se à imitação, ao comércio e consumo da cultura.<sup>549</sup>

Na perspectiva do filósofo alemão, tais “filisteus” consideravam-se valorosos representantes da cultura, entretanto sem a busca corajosa e insaciável pela experimentação e o trágico (características dos verdadeiros artistas), limitavam-se à arte produtora de tranquilidade, conforto e do lugar comum. Em contraposição a essa arte produzida na modernidade estaria a tragédia grega, que, na perspectiva do jovem Nietzsche, se constituiria a partir da tensão entre dois espíritos: Apolo e Dioniso. Apolo, o deus da expressão, capaz de criar formas, daria forma às imagens da vida de modo ponderado, com equilíbrio sereno. Por sua vez, Dioniso, o representante dos desejos e do excesso de vitalidade, levaria o homem à participar integralmente do sofrimento do mundo, da existência e da sabedoria. Nessa perspectiva, a tragédia grega seria o resultado dessa tensão. Afirma Pucci:

[...] mesmo a manifestação artística assumindo uma configuração apolínea específica, ela continuava sempre enxertada e fertilizada pelo húmus da exuberância da vida. É essa interdependência que dava ritmo, melodia e capacidade de arrebatamento à tragédia grega. E nesse campo intenso de forças, nem o indivíduo era simplesmente tragado pelo todo, da espécie ou da

<sup>548</sup> CAMPIONI, Giuliano. *Nietzsche e o espírito latino*. São Paulo: Edições Loyola, 2016 (coleção Sendas & Veredas). p.181.

<sup>549</sup> PUCCI, Bruno. Um encontro de Adorno e Nietzsche nas *Minima Moralia*. *Impulso*. Piracicaba, v.12, n.28, p.111-121, 2001. p.113.

natureza, desintegrando-se, e nem o todo perdia sua força poderosa sobre o indivíduo, chamando-o sempre para a espécie, para a natureza.<sup>550</sup>

Nesse sentido, a crítica nietzschiana à modernidade se estabelecerá a partir da noção de ausência da plenitude e das forças vitais que poderiam ser encontradas não apenas na antiguidade, mas também nos homens do Renascimento. Em *O crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche apresenta suas críticas à modernidade afirmando que aos homens do Renascimento, os modernos seriam uma “comédia de morrer de rir”. Em suas palavras:

Nós, homens modernos, muito delicados, muito suscetíveis, mostrando e recebendo mil considerações, imaginamos realmente que essa branda humanidade que representamos, essa conquistada unanimidade na indulgência, na solicitude, na mútua confiança, seja um positivo progresso, que com isso deixamos muito para trás os homens do Renascimento. Mas assim pensa toda época, assim tem de pensar. O certo é que não podemos nos colocar, ou sequer nos pensar, nas condições do Renascimento: nossos nervos não aguentariam aquela realidade, muito menos nossos músculos. [...] não há dúvida de que nós, modernos, com nossa humanidade espessamente acolchoada, que de modo nenhum quer bater em alguma pedra, ofereceríamos aos contemporâneos de César Bórgia uma comédia de morrer de rir. De fato, somos involuntariamente cômicos além de qualquer medida, com nossas “virtudes” modernas...<sup>551</sup>

Nietzsche prossegue sua comparação entre o homem do Renascimento e da modernidade destacando, entre outros elementos, a crítica à cientificidade cultuada pelo homem moderno:

A época do Renascimento, tão pródiga e tão rica em fatalidade, surge como a última grande época, e nós, modernos, com nosso angustiado cuidado-próprio e amor ao próximo, com nossas virtudes de trabalho, despreensão, legalidade, cientificidade — acumuladores, econômicos, maquinais —, como uma época fraca...<sup>552</sup>

\* \* \*

<sup>550</sup> PUCCI, Bruno. Um encontro de Adorno e Nietzsche nas *Minima Moralia*. *Impulso*. Piracicaba, v.12, n.28, p.111-121, 2001. p.116.

<sup>551</sup> NIETZSCHE, Friedrich. [1888] *O crepúsculo dos ídolos*, ou como filosofar com o martelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. §37.

<sup>552</sup> *Ibidem*, §37.

Paralelamente ao discurso em defesa da civilização latina, as críticas nestorianas começam a apresentar como característica a defesa da autonomia da América Latina. Em 1905, o médico sergipano Manoel Bomfim publicou o livro *A América Latina: males de origem*, no qual classificou a eugenia como “falsa ciência”. No mesmo ano que retornou ao Brasil, tratando sobre tal obra, Nestor Vitor afirmava que o livro de Manoel Bomfim seria antes de tudo uma resposta ao conceito do estrangeiro sobre o país<sup>553</sup>.

O crítico inicia suas considerações sobre a obra de Bomfim confidenciando que antes de estar na Europa não poderia calcular o que pensavam os europeus sobre o Brasil, nem mesmo qual a impressão que teriam sobre o país. Afirma que a ignorância do estrangeiro com relação ao Brasil causou-lhe até “pasma”, seguido por maior ou menor “depressão moral” ao que se refere ao homem americano – daí a relevância da obra de Bomfim. Comentando sobre sua própria experiência na França, Vitor relatou que não raras foram as oportunidades de assistir “a expansão dos sentimentos daqueles povos em relação a nós” por considerarem o brasileiro como incapaz de chegar a um estado de organização<sup>554</sup>. Afirmava ainda:

O livro do Dr. Manuel Bonfim [sic] não é, decerto, uma apologia sistemática do sul-americano e da sua obra, muito pelo contrário; rebatendo o que há de ridiculamente falso no que pensa o estrangeiro sobre nós, ele reconhece, mesmo com severidade algo demasiada, a parte de verdade que existe nesse conceito.<sup>555</sup>

Vitor também destacou em suas considerações duas teses defendidas por Bomfim, a primeira delas, de que a causa dos males que afetariam a América do Sul<sup>556</sup> era sua condição de vítima do “parasitismo” das nações ibéricas. A segunda tese defendida por Bomfim era que o parasitismo europeu seria a “causa orgânica” da decadência dos povos europeus que deixam a função de produtores para se tornarem parasitas.

Para Vitor, o livro teria como objetivo final demonstrar aos povos civilizados que era seu dever “desarmarem-se de toda a malevolência que nutrem a nosso respeito e confiarem na nossa capacidade para evoluir, que cedo ou tarde ficará demonstrada” e, mais que isso, a obra ainda demonstraria a capacidade de defesa da América do Sul que teria além dos soldados, a natureza como aliada contra invasores. Destaca Vitor: “[...] mesmo que as raças conquistadoras

---

<sup>553</sup> VITOR, Nestor. *A América latina. Os annaes*. Rio de Janeiro, 05 out. 1905. In: *OCNV*. v.3. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979. p.283-287.

<sup>554</sup> *Ibidem*. p.284.

<sup>555</sup> *Ibidem*. p.284.

<sup>556</sup> Diferentemente de Bomfim que utiliza o termo “América Latina”, Vitor faz uso nessa crítica do termo “América do Sul”.

de hoje tentassem seriamente um assalto militar à América do Sul para varrer-nos daqui como poeiras maléficas, arriscavam-se no fim das contas, a uma amarga decepção”<sup>557</sup>.

O crítico afirma ainda que em sua perspectiva, o Brasil teria um caminhar demorado em comparação às nações “de primeira plana” devido à lentidão na evolução das raças do africano e do aborígene, mas que, a partir dos estudos de Bomfim, poderia-se considerar a instrução popular como o primeiro passo para o preparo das populações. Vitor complementa a prescrição, afirmando:

É claro, penso eu, que é preciso valorizar as nossas forças tornando-as forças vivas, inteligentes, pela cultura, mas ao mesmo tempo voltar-nos para todos os lados, na proporção dos nossos recursos e da nossa energia: povoar, plantar, abrir caminhos, fomentar indústrias, construir cidades decentes e sãs, instruir, armar, proteger nossas costas, disciplinar-nos, estabelecer entre nós a justiça, tornar um fato a liberdade como deve ser entendida, produzir, estimular-nos entre nós, mostrar, numa palavra, que somos povos que merecem viver e que estão aptos a defender-se, mesmo, se tanto for necessário, a agredir.<sup>558</sup>

Notamos então, nos escritos de Vitor, um destaque em seus textos iniciais para as críticas à modernidade e à noção de progresso, associadas à valorização do indivíduo em detrimento do cientificismo e das teorias raciais (como é possível identificamos nos textos críticos sobre Barrès e Cruz e Sousa). Nesse primeiro momento, as noções de gênio e niilismo são formulações nietzschianas que também figuram entre seus textos de modo explícito.

A partir de sua estadia na França, identificamos na produção do crítico a valorização da latinidade em contraposição ao avanço do germanismo e a tentativa de fortalecimento da América Latina e do próprio Brasil enquanto territórios soberanos. O conceito nietzschiano de super-homem também aparecerá, mas, dessa vez, Vitor estabeleceu a crítica à ideia de super-humanidade, associando o conceito ao ideal germânico de expansão.

---

<sup>557</sup> VITOR, Nestor. A América latina. Os annaes. Rio de Janeiro, 05 out. 1905. In: OCNV. v.3. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979. p.286.

<sup>558</sup> Ibidem, p.287.

### 3.2 Nestor Vitor e a construção do brasileiro

A guerra – quem é que já não o entreve? — vai continuar principalmente depois que se calarem os canhões.<sup>559</sup>

Em 1919 vinha a público a obra *A crítica de ontem*, uma reunião de textos de crítica publicados por Vitor em jornais entre os anos de 1898 e 1916. Na introdução escrita em janeiro de 1918, o autor explica que a edição do livro já estava pronta desde 1914 e que seu lançamento tinha previsão de acontecer na Europa, quando teve início a Grande Guerra. Em 1918, Vitor reconhecia que o confronto teria inaugurado uma nova era e fazia destaque aos impactos do conflito para além dos campos de batalha:

Naquela hora não combatiam apenas os que estavam na frente de armas em punho empenhados nas primeiras batalhas, que todos sentíamos decisivas dos destinos da civilização. Insones e ardentes, sem pensar na vida, sem pensar na morte [...] todos, em tôda parte do mundo, de lado a lado, os que eram pela *Entente*, como os que eram pelos alemães, entraram na guerra, [...] com a fôrça material e psíquica, ou apenas com esta última, [...] se não estavam visíveis [...] nos sangrentos campos da luta.<sup>560</sup>

Vitor revelou que desde o primeiro estrondo de canhão, uma ataraxia intelectual teria tomado conta do mundo. Assim, o melhor do que poderia ser produzido pelos intelectuais cederia espaço para diferentes reações, como o entusiasmo e a obstinação bélica, ou uma paciência muda, ou ainda, a cólera, a ânsia, a compaixão, a lágrima corrosiva, de modo que longe dos campos de batalha, apenas se aparentava uma vida quotidiana dos tempos normais<sup>561</sup>.

Ao fim do conflito, Vitor retomou o livro já organizado e reconheceu que não se identificava mais com tal produção. O nome da obra, inicialmente proposto para *O que fui, o que sou*, foi alterado para *A crítica de ontem*, pois de acordo com o autor, diante da guerra, “quem não renasce, quem não ganha pele nova é porque se estratificou, siderizou-se assustadora

---

<sup>559</sup> VITOR, Nestor. Introdução. *A crítica de ontem*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, Maurillo, 1919. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.256.

<sup>560</sup> Ibidem, p.253.

<sup>561</sup> Ibidem, p.254.

e deploravelmente, pior do que se já tivesse desaparecido dentre os vivos”<sup>562</sup>. Sendo assim, o crítico escolhia publicar a obra como um registro de suas críticas anteriores ao conflito.

O livro foi dividido em duas partes, na primeira, Vitor informou que tratava da reunião de críticas literárias realizadas sobre a produção daqueles “que se podem incluir nesse rol dos que já se foram, ou dos que já cansaram a [sic] meio, ou finalmente dos que encontram os leitores mais ou menos cansados deles”<sup>563</sup> e reconheceu que no momento em que publicava a obra não adotaria muitas das expressões que utilizou em tais críticas – apesar de não especificar a seu leitor a que expressões se referia. Essas críticas produzidas por Vitor entre os anos de 1898 e 1902 e reunidas na primeira parte de *A crítica de Ontem* foram dirigidas a Silveira Neto, Raul Pompéia, Magalhães Azeredo, Graça Aranha, Olavo Bilac, José de Alencar, Machado de Assis, Correia Garção, Novalis, Ernest Hello, Emerson, Nietzsche e Balzac.

Na segunda parte do livro, Vitor reuniu as críticas que considerava corresponderem em maior medida ao seu “estado de espírito” no momento que teria organizado a obra, ou seja 1914. Foram críticas produzidas entre os anos de 1906 e 1914, sobre Eugene Carrière, Rubén Dario<sup>564</sup>, Alberto de Oliveira, Coelho Neto, João do Rio, Júlia Lopes de Almeida, Sílvio Romero, Mário Pederneiras, Fábio Luz, Correia de Araújo, Rocha Pombo, Auta de Sousa, Emiliano Pernetá, Hermes Fontes, Cruz e Sousa e novamente Machado de Assis e Raul Pompéia.

Como primeiro texto para compor *A crítica de ontem*, Vitor selecionou a introdução escrita por ele no ano de 1900 para a obra *Luar de Hivero*<sup>565</sup>, de Silveira Neto, considerada posteriormente como uma das mais importantes do movimento simbolista<sup>566</sup>. Para o crítico, o poeta oferecia a seu leitor “amargor e arrebatamento, descrença e candura, *spleen* e meiguice”<sup>567</sup> e considerava que não faltaria quem julgasse estranho ter-se a coragem para publicar livros como *Luar de Hivero* numa época “vertiginosa” como a que viviam. Para além de vertiginoso, Vitor classificou também o final do século como uma época “prática”, ou seja, “em que se quer cada coisa simplificada, clarificada, de modo que se a empolgue numa

---

<sup>562</sup> VITOR, Nestor. Introdução. *A crítica de ontem*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, Maurillo, 1919. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.255.

<sup>563</sup> *Ibidem*, p.255.

<sup>564</sup> A crítica sobre Rubén Dario foi a única elaborada no ano de 1916 escolhida por Vitor para integrar a segunda parte da obra, todas as demais foram escritas até o ano de 1914.

<sup>565</sup> *Ibidem*, p.268.

<sup>566</sup> No Paraná, Silveira Neto fez parte do grupo literário da revista *O Cenáculo*, com duração de três anos e reuniu escritores de referência do movimento simbolista no Estado, como Jean Itibiré, Alberto Rangel, Pereira da Silva, Rocha Pombo, Domingos do Nascimento, Eusébio Mota. Silveira Neto conheceu Nestor Vitor em 1896, quando partiu para o Rio de Janeiro. In: MURICY, Andrade. [1952] *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. v.1. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987. p.523-524.

<sup>567</sup> VITOR, Nestor. Introdução. In: NETO, Silveira. *Luar de inverno*. Rio de Janeiro: Typ. do Instituto Profissional, 1900. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.268.

fácil e rápida apreensão, pois que não há tempo para demorar-se o espírito muito seriamente sobre um dado objeto, qualquer que ele seja”<sup>568</sup>. À vertigem, associada à velocidade, Vitor relacionou também a noção de decadência, que seria caracterizada em suas palavras pela “caducidade em que antigos ideais caíram e pela inconsistência que oferecem novos ideais muitas vezes ainda em inicial formação”<sup>569</sup>. Ainda em meio a seu diagnóstico do tempo, afirmava:

Depois: a Humanidade é uma só. No fundo êsse modo de ser frívolo por que tais épocas se revelam não é senão aparente, é uma forma grosseira de indicar a preocupação latente que as domina, mas que ainda não pode achar seu surto numa simbolização concreta, sempre de formação muito lenta na história das grandes coletividades.<sup>570</sup>

Se ainda não havia uma simbolização concreta para a época em que se vivia, para Vitor a obra de Silveira Neto estava em perfeita harmonia com seu presente. Repleta de atitudes trágicas e sem o “estardalhante de alegrias francas”, *Luar de Hivero* seria representativa do “momento com que a Poesia fecha o século no mundo ocidental”<sup>571</sup>.

Silveira Neto fizera parte do grupo literário simbolista que elaborou em Curitiba, entre os anos de 1895 a 1898, a revista *O Cenáculo*, juntamente com Emiliano Pernetta e Dario Veloso. Assim, para além da defesa do movimento simbolista, Vitor utilizou a introdução produzida para *Luar de Hivero* também para destacar a importância de Curitiba como centro literário notável no Brasil, atrás apenas do Rio de Janeiro.

Machado de Assis foi outro autor que se destacou nos textos elaborados por Vitor e duas críticas sobre suas obras também foram selecionadas para compor *A crítica de ontem*. A primeira delas, de 1902<sup>572</sup>, comparava Machado de Assis e José de Alencar. A segunda crítica, datada de 1906<sup>573</sup>, foi dedicada especificamente ao livro de contos e peças teatrais *Relíquias da Casa Velha*, publicado naquele mesmo ano.

No artigo de 1902, Nestor Vitor reconhecia José de Alencar e Machado de Assis como os dois romancistas mais notáveis até aquele momento no Brasil. Estabeleceu ainda uma comparação entre ambos, identificando que Alencar seria um romancista de costumes, mais

<sup>568</sup> VITOR, Nestor. Introdução. In: NETO, Silveira. *Luar de inverno*. Rio de Janeiro: Typ. do Instituto Profissional, 1900. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.271.

<sup>569</sup> *Ibidem*, p.271.

<sup>570</sup> *Ibidem*, p.272.

<sup>571</sup> *Ibidem*, p.268; 273.

<sup>572</sup> VITOR, Nestor. José de Alencar e Machado de Assis. [s.n.], 1902. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.307-308.

<sup>573</sup> Idem. *Relíquias da Casa Velha*. [s.n.], 1906. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.378-382.

fértil “e mais cheio de poesia, com mais graça, meigo, mimoso e colorido, variado, tudo com brandura [...]” e que teria olhos mais “benevolentes” a todos, principalmente ao elemento feminino<sup>574</sup>. Já a obra de Machado de Assis seria, para Vitor, como notas à margem da obra de Alencar, por serem o reverso da medalha ou ainda às avessas do mundo carioca visto por Alencar. Para Vitor, “Alencar imagina, Machado de Assis observa” e concluiu considerando que ambos se completavam para uma melhor compreensão do que seria o brasileiro:

O brasileiro idealizado, eis o que viu Alencar: o que Machado de Assis viu foi o carioca ao pé da letra, senão ainda pior do que é. Mas conhecer o carioca é conhecer o brasileiro reduzido ao tipo de civilizado, como o seu fundo étnico e o meio permitem. De modo que os dois autores se completam. Se tivéssemos que desaparecer amanhã num cataclismo, salvando-se as obras destes dois homens, poder-se-ia reconstruir por elas, até certo ponto, a variedade humana que até agora, dentro da raça latina, conseguimos representar nesta metade da América do Sul.<sup>575</sup>

Ora, se em 1902 já é possível perceber na produção crítica de Vitor uma tentativa de identificação dos elementos característicos do brasileiro associando-a à latinidade, notamos em seus textos produzidos durante as primeiras duas décadas do século XXI um esforço cada vez mais intenso para o estabelecimento dessa caracterização. Para tal, o crítico se debruçou sobre a tarefa de pensar o elemento português e o processo de colonização do Brasil, sempre a partir da crítica literária.

No mesmo ano da crítica à Machado e Alencar, 1902, enquanto vivia na França, Vitor escreveu uma crítica sobre Correia Garção<sup>576</sup>, poeta português do século XVIII. O crítico dedicou-se à análise do poema *A cantata de Dido*, que considerava como uma tentativa de traçar as “feições de uma época e as da sociedade que a produziu”<sup>577</sup>. A recuperação da obra de Garção servia a Vitor como um expediente para estabelecer uma reflexão sobre o período pombalino e as realizações do estadista português, com destaque para a relação de Pombal com os Jesuítas e com os “homens de espírito” portugueses.

Vitor se propôs discutir o catolicismo tido como “fanatizado”, o qual assim adjetivava a fim de acusar e maldizer sistematicamente, já que a seus olhos e sob o seu juízo o catolicismo

<sup>574</sup> Em 1920, Alencar é citado rapidamente em outra crítica de Vitor, que o identifica como um autor de “genuíno brasileiro, na [sua] extraordinária simpatia, no carinho que nossa terra e a nossa gente lhe inspiram, mormente tratando-se da mulher”. Idem. Flor de Manacá. Carta a Breno Arruda. Rio de Janeiro, 22 dez. 1921. In: *OCNV*. v.2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p.193.

<sup>575</sup> Idem. José de Alencar e Machado de Assis. [s.n.], 1902. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.308.

<sup>576</sup> VITOR, Nestor. Correia Garção. [s.n.], 1902. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.308-330.

<sup>577</sup> Ibidem, p.309.

teria sido um mal necessário e, portanto, “um bem relativamente”, já que sua função foi a de agir como reação contra a “avalanche do espírito protestante dos teuto-germânicos, que pretendiam avassalar o mundo”, firmando, portanto, como resultado a salvação da Europa de um retrocesso grosseiro. Aliás, para Vitor, o catolicismo da “raça latina” já teria salvado a Europa anteriormente, contra o islamismo<sup>578</sup>.

Ao longo de três páginas, o crítico discorreu sobre os defeitos do absolutismo, que traria a Portugal um cenário “deprimente” e despótico, com fidalgos em decomposição e jesuítas “endoidecidos pela ambição”, que estariam reduzindo o país a uma “exótica satrapia no Ocidente”. Vitor recuperou ainda o cenário de destruição provocado pelo terremoto em Lisboa no ano de 1755, que permitiu a ascensão de Pombal e destacou que, apesar das qualidades do estadista, seu defeito teria sido agir como um “terremoto político”<sup>579</sup>, recorrendo a tribunais despóticos, confiscos, esquartejamentos e intrigas diplomáticas. O crítico prosseguiu na defesa do catolicismo, considerando que “amaldiçoar o inquisidor e o jesuíta, é não compreender o inevitável de certos destinos”<sup>580</sup> e reiterou que Pombal poderia ter sido um estadista de igual valor sem utilizar processos tão desumanos.

Vitor se valia ainda de seu exercício de crítica à obra de Correia Garção para refletir sobre a situação dos homens de letras em Portugal no período pombalino, afirmando que assim como Napoleão, Pombal “detestava os chamados homens de espírito” e recuperou o evento da morte na prisão de Garção que teria sido aprisionado sem sentença. Sobre os reais motivos de sua prisão, afirmava Vitor: “conta-se que o motivo real veio de fúteis queixas secretas que o Marquês alimentava contra ele”<sup>581</sup>. Considerando que Pombal não se saíra um mecenas, o crítico se propôs então a apresentar um perfil do português:

Exigir no português característicos em tudo verdadeiramente horacianos, - que ele seja um homem probo, mas brando, inteligentíssimo, mas frio, de admirável intuição artística, de raro, acabado bom gosto, mas propenso no mesmo grau aos prazeres da mesa, e a fruir de tôdas as comunidades da vida, em todo caso sem excessos capitais em coisa alguma, o tipo de um áulico independente, de um palaciano legitimamente simpático; isso seria querer simplesmente o impossível.

O português jamais poderá dar um epicurista propriamente dito. Falta-lhe para isso, antes de tudo, o espírito. O espírito não é absolutamente do português. O português o que é, é visceralmente chalaceiro e chasqueador.<sup>582</sup>

<sup>578</sup> VITOR, Nestor. Correia Garção. [s.n.], 1902. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.310.

<sup>579</sup> *Ibidem*, p.312.

<sup>580</sup> *Ibidem*, p.311.

<sup>581</sup> *Ibidem*, p.314.

<sup>582</sup> *Ibidem*, p.325.

Avaliando ser impossível ao português tornar-se um epicurista, referia-se a ele como “chalaceiro” e “chasqueador”, como aquele que zomba, que caçoa. Se o português para Vitor é assim perfilado, o francês, a seus olhos, destoa significativamente disto. *O Paiz*, de 04 de setembro de 1902, trouxe em sua primeira página uma carta de Paris escrita por Nestor Vitor, datada de 14 de agosto do mesmo ano<sup>583</sup>. Na carta, que era uma crítica à obra *Les Embrasés*, de Michel Corday, Vitor dedicou um trecho à cidade enormemente admirada:

É preciso vir a Paris - a obra suprema do gênio francês - para compreender como este é essencialmente claro, simples e humano. A arquitetura da cidade; os grandes museus em que os séculos têm vindo acumular os tesouros de arte de que a raça tem sido capaz; a gente que passa, tanto a que vem de carro, em grande *tenue*, como a outra mais modesta, passageira de *tramway*, ou mesmo simples pedestre; o tom e a maneira por que se fala; os modos de ver; a simplicidade e a franqueza com que se os expressa; tudo converge para nos dar uma impressão harmônica, de comodidade, de naturalidade, quase sempre sob a forma mais bem achada possível.<sup>584</sup>

Para o autor, Paris era “a cidade ideal de cada um de nós”, mas sua admiração não se fixava apenas na cidade. Em 1906, já de volta ao Brasil e sob o pseudônimo de Nunes Vidal, Vitor identificava que “vivemos à brasileira, mas literatamos [sic] à francesa” e para consolo do brasileiro reconhecia que tal prática era realizada por toda “raça” incapaz de ser autônoma em arte, pois “todo povo que precisa artificializar sente-se instintivamente arrastado para imitar o francês”<sup>585</sup>.

Anos depois, em carta<sup>586</sup> à Ronald de Carvalho, em 1919, declarou que imitar os franceses não seria divorciar-se “da alma e das características de nossa raça”, pois esta estaria a se formar “desde quando Portugal ainda era condado da Espanha, abeberando-se naquela

<sup>583</sup> VITOR, Nestor. 14 de agosto de 1902. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 04 set. 1902. In: *OCNV*. v.3. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979. p.87-91.

<sup>584</sup> *Ibidem*, p.87

<sup>585</sup> VIDAL, Nunes. Cantos e contos – por Belmiro Braga. *Os annaes*. Rio de Janeiro, 10 mai. 1906. In: VITOR, Nestor. *OCNV*. v.3. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979. p.290

<sup>586</sup> O segundo volume da coleção *Obra crítica de Nestor Vitor* traz a publicação da obra *Cartas à gente nova* (1924), conjunto de cartas de Nestor Vitor a homens de letras, que, nas palavras do autor, teriam sucedido sua geração. Não encontramos referência à publicações dessas cartas em outro local para além da obra *Cartas à gente nova*. No prefácio, datado de 24 de junho de 1924, Vitor informa que "As cartas que figuram neste volume foram extraídas da correspondência que venho mantendo com os nossos homens de letras, sempre que o tempo me tem permitido interferir ao menos por esse modo em nosso movimento literário". VITOR, Nestor. *Cartas à gente nova*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1924. In: *OCNV*. v.2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p.73.

copiosa fonte”, para considerar, ao final, que “a França é para nós o que para Roma foi a Grécia”<sup>587</sup>. Grécia, Roma e França formam, portanto, os pilares referenciais do universo latino.

Ora, se para Vitor o referencial francês era passível de ser imitado e até desejado no caso de ausência de autonomia na arte, o mesmo não acontecia com os referenciais portugueses. Ao identificar as particularidades que tornariam a obra de Machado de Assis tão estimada entre os homens de letras no Brasil, Vitor apontou três aspectos. O primeiro deles era o fato de Machado apresentar, tal como um psicólogo, o estudo da alma humana, o que demonstraria sua heroicidade intelectual; o outro aspecto era a “aristocracia na forma” de suas obras, aristocracia essa que se desenvolveu inicialmente a partir do *humour* inglês, chegando a uma leve ironia em suas produções a partir de *Esau e Jacó*, de 1904; o terceiro aspecto característico da superioridade da obra machadiana era o bom uso da língua, o que significava para Vitor não seguir o rigor lusitano, mas sim apresentar uma obra cheia de “modismos brasileiros, registrando melindrosamente os nossos quês, refletindo, maleável, a nossa blandícia [ternura] tropical”<sup>588</sup>.

A língua como elemento característico do que seria considerado “brasileiro” perpassa os exercícios de crítica literária de Nestor Vitor desde os primeiros anos do século XX. Ao apresentar suas considerações sobre o *Livro das damas e donzelas*, escrito por D. Julia Lopes de Almeida em 1906, Vitor considerava que a autora não tinha muito “modo brasileiro no escrever” e identificava que “se se afirma qualquer peculiaridade na construção dos seus períodos, essa parece antes mais de feição lusitana”<sup>589</sup>. Mas, há que se indagar: o que Vitor considerava, a esta altura de seu trabalho de crítica literária, um modo brasileiro de escrever?

Era Cruz e Sousa, para Vitor, quem reunia as características de um artista com uma produção efetivamente brasileira, o que tratou de evidenciar em diversos textos. Consideraremos aqui a crítica literária “O Poeta Negro”, de junho de 1914<sup>590</sup>, para sistematizar tais particularidades elencadas pelo crítico. O uso da língua era o primeiro atributo representativo da escrita de Cruz e Sousa, que seria capaz de criar uma língua dúctil e musical dentro do idioma português<sup>591</sup>.

---

<sup>587</sup> VITOR, Nestor. Resposta a Ronald de Carvalho. Carta a Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro, 09 out. 1919. In: *OCNV*. v.3. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979. p.299-303

<sup>588</sup> Idem. Relíquias da Casa Velha. [s.n.], 1906. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.380-381.

<sup>589</sup> Idem. Livro das Damas e Donzelas – por D. Júlia Lopes de Almeida. [s.n.], [s.d.]. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.388.

<sup>590</sup> VITOR, Nestor. O poeta negro. [s.n.], jun. 1914. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.465-469.

<sup>591</sup> Ibidem, p.465.

Vitor destacou ainda a devoção do poeta à arte, pois para este, a arte exigia o “sacerdócio de uma devoção, de uma gravidade, de uma pureza de intenções, mas também de uma inexorabilidade, semelhante às que Javé impunha ao seu povo eleito”<sup>592</sup>. Salientou, o crítico, que o poeta identificava em seus contemporâneos um comportamento de “monstruosos filisteus”, que não estariam intelectual e moralmente a altura desse difícil sacerdócio<sup>593</sup>.

Para Vitor, o poeta “só poderia florescer em toda a extensão das suas possibilidades em tempo e lugar onde já se houvesse elaborado toda uma síntese a que sua índole de primitivo, seu gênio apocalíptico se pudesse adaptar”<sup>594</sup>. Mas, frente às dificuldades de seu tempo e de seu meio, apenas a escola simbolista lhe teria oferecido estímulos intelectuais. Assim, Cruz e Sousa teria sido incompreendido pela atmosfera intelectual “mofina” de seu período, caracterizada por uma civilização ainda incipiente, nada autônoma e de um diletantismo apressado e leve. Teria ainda causado nos demais homens de letras estranheza e despeito, “senão ódios”. Nessa perspectiva, o Poeta Negro teria iniciado uma nova “ética” nas letras, tirando-as do diletantismo colonial que até então se conservaram, e impondo-lhes uma “missão transcendental” de reação contra o que se tinha de inferior, bastardo e ilusório num meio no qual o país se posicionava como um refletor de seus modelos<sup>595</sup>.

Vitor reiterava que algumas crenças se afirmaram intuitivamente com vigor em Cruz e Sousa: a crença renovada na soberania dos instintos, na pura intuição e na ação miraculosa dos heróis e, em decorrência de tais características e de seu exemplo moral, o Poeta Negro foi, para o crítico, um tipo essencial à formação do povo, um representante das “primeiras cristalizações, no sentido moral, do caldeamento que se opera para aquele fim”<sup>596</sup>. Vitor considerava ainda que tipos assim, apesar de perceptíveis a poucos “ficam sendo os pilares e as vigas-mestres do edifício, [...] e não podem passar, - é óbvio, - como passam as naturezas de resistência medíocre, tão abundantes nessas fases ainda de flutuação”<sup>597</sup>. Apesar de tamanha importância para a formação da autonomia na literatura brasileira, Vitor considerava que Cruz e Sousa seria

---

<sup>592</sup> VITOR, Nestor. O poeta negro. [s.n.], jun. 1914. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.465.

<sup>593</sup> Vale lembrar que Nietzsche considera ter sido o responsável pela criação da expressão “filisteus da cultura”, ou, ao menos, o responsável por firmá-la na cultura alemã. Cf. FREZZATTI JÚNIOR, Wilson. "Filisteu da cultura" In: MARTON, Scarlett (ed.) *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Edições Loyola, 2016 (Coleção Sendas & Veredas). p.226.

<sup>594</sup> VITOR, Nestor. O poeta negro. [s.n.], jun. 1914. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.466.

<sup>595</sup> *Ibidem*, p.466-467.

<sup>596</sup> *Ibidem*, p.468.

<sup>597</sup> *Ibidem*, p.468.

reconhecido no Brasil apenas quando houvesse maior complexidade intelectual, caracterizada por um forte “surto literário e artístico, como aqui se conheceu no período romântico”<sup>598</sup>.

Aqui, vale realizarmos um retorno à análise de *Cruz e Sousa*, primeiro livro de ensaios publicado por Vitor em 1899, considerado como um esboço sobre a obra e vida do Poeta Negro. Como explanado anteriormente, notamos a grande operação de formulações nietzschianas por Vitor para caracterizar o poeta, considerado como gênio em diversos momentos e revelado como alguém que por meio do pessimismo seria capaz da realização de transfigurações em sua arte<sup>599</sup>, de modo que essa arte operaria como um mecanismo para despertar o homem da adesão cega ao progresso e à modernidade.

Quinze anos depois, em 1914, as formulações nietzschianas também apresentaram-se como elementos para a análise do gênio apocalíptico que seria Cruz e Sousa na perspectiva de Vitor, contudo, para além de ser um poeta que reunia em si tais elementos, Cruz e Sousa foi apresentado também pelo crítico como um “tipo” considerado como dos “mais essenciais para à formação de um povo”<sup>600</sup>, pois teria um impacto sensível “na nossa estética mais pròpriamente dita e até na história da evolução do vernáculo em nosso país”. Tratando sobre a importância do Poeta Negro na formação de uma literatura nacional, Vitor afirmava ainda:

Quase tôda a literatura que se pode chamar pròpriamente viva, no domínio da poesia, entre nós, vinda depois de Cruz e Sousa e de sua geração, consciente ou inconscientemente ressent-se mais ou menos dos seus processos. Alguns dos que já mereceram destaque na nova geração talvez que nem o tenham lido suficientemente. Mas o seu influxo no que respeita à forma e aos estados d’alma já anda por tal modo na atmosfera de hoje, que será muito difícil a qualquer poeta de sensibilidade mais aristocrática poder de todo evitá-lo entre nós.<sup>601</sup>

Inovações na forma das poesias e no uso da língua portuguesa de modo dúctil e musical como até então não havia se manifestado foram elementos destacados por Vitor como inovadores na obra do Poeta Negro. Anos depois, em carta escrita a Tasso da Silveira em 1922, Vitor retomou sua crítica à obra de Cruz e Sousa, referindo-se a *Últimos Sonetos*, publicado postumamente em 1905. Sobre a obra, o crítico a apresentava como um marco na literatura

<sup>598</sup> VITOR, Nestor. O poeta negro. [s.n.], jun. 1914. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.469.

<sup>599</sup> Idem. *Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1899. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.24.

<sup>600</sup> Idem. O poeta negro. [s.n.], jun. 1914. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.469.

<sup>601</sup> Ibidem, p.468.

nacional, afirmando que os sonetos “marcaram o ponto de partida para a simplificação característica da nossa ‘poesia nova’ [...] resultante de requintes de sentimentos, de uma estesia quintessenciada que a humanidade avoenga não provou”<sup>602</sup>. Ainda na mesma carta dirigida a Tasso da Silveira, encontramos considerações do crítico com relação à literatura realizada pelos autores que sucederiam sua geração. Vitor confienciava de modo esperançoso sua crença em uma literatura nacional original, afirmando: “Creio bem, a feição da literatura dos novos ainda se tornará mais eugênica, senão, como diria Nietzsche, mais dionisíaca”<sup>603</sup>. Tal como fez com a produção de Cruz e Sousa, os referenciais nietzschianos – a partir do conceito de dionisíaco – foram admitidos por Vitor como parâmetro para sua análise da literatura nacional também a partir da década de 1920.

Ainda acompanhando a crítica de Vitor à obra cruzeuseana, encontramos em diversos momentos comentários sobre as dificuldades enfrentadas por Cruz e Sousa por ser negro no Brasil. Para Vitor, o poeta foi “desajudado pela[s] duras condições em que nasceu e viveu, sendo um negro descendente de escravos e um pária social no tocante à sua situação econômica”<sup>604</sup>. Nota-se, entretanto, que a despeito de tais considerações que perpassaram a maior parte de suas críticas sobre a produção de Cruz e Sousa, escrevia Vitor em 1905 não ser daqueles que sistematicamente condenavam os colonizadores portugueses, pois entre seus defeitos e qualidades, estaria a de “se revelarem os mais brandos para com as raças inferiores do índio e do negro, comparados com outros colonizadores”<sup>605</sup>. Para além do trato mais “brando” com o negro e índio, era fundamental o fato de pertencerem à “raça latina”, que teria se mostrado a única capaz de integrar por meio da bondade, da generosidade e da abnegação o pensamento defectivo do anglo saxão e do germânico.

É possível notar que a operação com a noção de latinidade já estava presente na perspectiva de Vitor em 1905 e como veremos nas críticas estabelecidas posteriormente, a busca pela construção não apenas de uma literatura nacional, mas também da nacionalidade do brasileiro, não se estabeleceria separadamente da latinidade.

\* \* \*

<sup>602</sup> VITOR, Nestor. A Igreja silenciosa. Carta a Tasso da Silveira. Rio de Janeiro, 22 nov. 1922. In: *OCNV*. v.2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p.258.

<sup>603</sup> Ibidem, p.260.

<sup>604</sup> Idem. O poeta negro. [s.n.], jun. 1914. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.465.

<sup>605</sup> Idem. A América latina. *Os annaes*. Rio de Janeiro, 05 out. 1905. In: *OCNV*. v.3. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979. p.285.

A falta de obras sobre a história do Brasil foi outro elemento presente nas críticas de Vitor. Em 1906, sob o pseudônimo de Nunes Vidal, Nestor Vitor publicou em *Os annaes*, revista dirigida por Domingos Olímpio, sua crítica ao primeiro volume da obra *História do Brasil*, lançada no mesmo ano por Rocha Pombo<sup>606</sup>. Para Vitor, o livro estaria destinado a ter um lugar obrigatório em todas as bibliotecas do país e atenderia não apenas à necessidade do brasileiro de conhecimento de sua história, mas também serviria como um espelho da civilização brasileira no estrangeiro. A obra contribuiria ainda para que o novo país, ainda em organização, pudesse integrar-se com “os elementos que sobram às raças superiores da Europa”, além de funcionar como um elemento de atração para massas migratórias. Vitor considerava que como os processos migratórios da Europa vinham sendo orientados e dirigidos pelos governos de seus países, era fundamental que o Brasil aperfeiçoasse o seu sistema de propaganda<sup>607</sup>.

A importância da obra de Rocha Pombo se dava também pois, até aquele momento havia apenas duas obras mais consideráveis sobre a história do Brasil, a do inglês Robert Southey, escrita em três volumes entre os anos de 1806 e 1819, e a de Francisco A. Varnhagen, de 1857. Para Vitor, as duas obras citadas não mais representavam a história do Brasil do modo como aquele início do século XX exigia, a partir dos métodos essencialmente racionalistas, com coordenação metodológica dos fatos e sistematização científica<sup>608</sup>. Nesse sentido, a obra de Rocha Pombo serviria como um instrumento de educação nacional:

Atravessamos um período da formação da nossa *psyché*, e a quantos manejamos uma pena cumpre não esquecer que a nossa missão mais alta por enquanto é a de educadores, de pais espirituais da massa que se vai entre nós lentamente organizando.<sup>609</sup>

Anos depois, em 1929, Vitor retomou as reflexões sobre as três versões da história do Brasil, destacando as particularidades delas com relação ao posicionamento referente ao índio<sup>610</sup>. Varnhagen teria condenado e excluído o índio de modo radical como elemento étnico na formação do Brasil; Southey, apesar de não o desvalorizar, teria defendido que fosse dirigido

---

<sup>606</sup> VIDAL, Nunes. Rocha Pombo historiador. *Os annaes*. Rio de Janeiro, ano III, n.97, p.538-540, 06 nov. 1906. In: *OCNV*. v.3. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979. p.3-9.

<sup>607</sup> *Ibidem*, p.3.

<sup>608</sup> *Ibidem*, p.4-5.

<sup>609</sup> *Ibidem*, p.9.

<sup>610</sup> *Idem*. Samuel Coleridge e Robert Southey. *O Globo*, Rio de Janeiro, 03 jun. 1929. In: *OCNV*. v.3. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979. p.226-231.

pelos Jesuítas; Rocha Pombo seguiria um terceiro caminho, propondo uma cooperação entre o jesuíta e o latifundiário, a fim de garantir o encontro entre brancos e índios:

o concurso do Jesuíta e o ‘senhor feudal’ (o fazendeiro de Oliveira Viana), convenientemente compensados, seria o único processo de regular o encontro das duas raças (brancos e índios), sem dificultar a entrada de uma nem sacrificar inteiramente a existência da outra. Foi mais ou menos o que se fez na América do Sul, mormente no Brasil.<sup>611</sup>

O posicionamento de Vitor frente a esse debate é esquivo, pois considerava que seria necessário ainda a decorrência de séculos para que as civilizações nos diferentes países do Novo Mundo pudessem ser caracterizadas<sup>612</sup>. Entretanto, antes ainda da publicação dessa análise (datada de 1929), o crítico destacava a importância dos escritos sobre os costumes nacionais, a fim de estabelecer uma melhor compreensão sobre o brasileiro. Ainda em 1918, na carta escrita à Veiga Miranda em agradecimento pela oferta do romance *Mau-olhado*, Vitor considerava que a obra seria um estudo dos costumes nacionais, representando uma grande contribuição para as letras<sup>613</sup>. Destacava ainda que os escritores do norte do país estariam contribuindo mais com o estudo dos costumes nacionais que os escritores do sul e para responder o porquê dessa disparidade, afirmava “dizem que porque eles são mais vivamente brasileiros do que nós somos. Em certo sentido, acho que sim”<sup>614</sup>. Para o crítico, o isolamento e a segregação seriam os fatores que influíram para que os nortistas se tornassem “mais brasileiros do que os brasileiros de cá”, pois considerava que era raro encontrar no norte pessoas que tinham ido do sul do Brasil, e que os que iriam do norte para o sul, não retornariam, de modo que os nortistas seriam representantes de um Brasil “à moda nortista”. Em suas palavras:

De fato eles o são [mais brasileiros do que os brasileiros de cá], mas conservadores de um Brasil que no Sul já se vai completamente esboroando e que até nunca chegou a constituir-se aqui com aquela feição desassombrada, satisfeita de si, - profundamente ingênua e encantadora nessa ingenuidade -, que lá pode alcançar.<sup>615</sup>

<sup>611</sup> VITOR, Nestor. Samuel Coleridge e Robert Southey. *O Globo*, Rio de Janeiro, 03 jun. 1929. In: *OCNV*. v.3. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979. p.230.

<sup>612</sup> *Ibidem*, p.230.

<sup>613</sup> *Idem*. *Mau-olhado*. Carta a Veiga Miranda. Rio de Janeiro, 09 dez. 1918. In: *OCNV*. v.2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p.133-136.

<sup>614</sup> *Ibidem*, p.133.

<sup>615</sup> *Ibidem*, p.133.

Considerava ainda que o nortista seria um excelente brasileiro, ao modo do norte, “adorando seu povo e o seu habitat acima de todas as gentes e de todas as coisas” e que mesmo que adquirisse outra cultura, nunca perderia completamente os preconceitos que seu meio ganhara ainda quando intacto<sup>616</sup>. Em comparação à literatura do norte, constituída principalmente pelo romantismo ou pela poesia nacionalista, estaria o movimento simbolista, “aristocrático e cósmico”, composto em sua maioria por representantes do sul do país<sup>617</sup>.

Após apresentar essas disparidades, Vitor defendia que a literatura no Brasil necessitava se tornar mais cosmopolita, ou seja, complexa, “mais transcendental” e que se interessasse não só pelas questões nacionais, mas também pela vida do planeta, integrando-se à civilização, de modo que houvesse um equilíbrio entre os interesses regionais e universais. Cita então como exemplo dessa escrita cosmopolita os pensadores do norte que estariam “levantando os olhos mais alto”, como Sílvio Romero, Tobias Barreto, Araripe Júnior, Teixeira Mendes, João Ribeiro, Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Clóvis Beviláqua, Farias Brito ou mesmo Graça Aranha, pensadores, críticos e historiógrafos que ainda que tratassem de questões relativas ao país, não se restringiam a pontos de vista “mesquinamente nacionais”<sup>618</sup>. Aos escritores do sul, já marcados por uma produção mais cosmopolita, Vitor considerava indispensável não desprenderem o pensamento inteiramente do solo pátrio e apontava Euclides da Cunha e Afonso Arinos como a reação que se operava nessa perspectiva no Brasil.

Foi ainda na sequência dessa crítica que Vitor reconhecia que a região sul do país não tinha apenas acertos e se posiciona com relação à *Urupês*, livro de contos recém-lançado por Monteiro Lobato. O crítico destacou seu pesar ao ver que Lobato tinha “por intenção consciente fazer com ele [o livro] guerra ao caboclo, acreditando que este seja uma criatura irremissivelmente inútil, antes apenas prejudicial numa terra progressista”<sup>619</sup>. Vitor ressaltou que aquele caboclo era o mesmo “formidável mameluco bandeirante” responsável por alargar o território brasileiro, conquistador de Minas, Mato Grosso e Goiás, que foi ao extremo sul e chegou até o Maranhão. Vale acompanhar a argumentação do crítico em defesa do caboclo:

É ele próprio, apenas personificado agora naqueles dos seus espécimens retardatários, os que hoje não são donos políticos do Estado nem senhores de cafezais imensos, mas uns pobres parias, corridos por estes e pelo imigrante estrangeiro. É preciso reconhecer-se: mais do que essa triste gente, da sua

---

<sup>616</sup> VITOR, Nestor. Mau-olhado. Carta a Veiga Miranda. Rio de Janeiro, 09 dez. 1918. In: *OCNV*. v.2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p.133.

<sup>617</sup> Ibidem, p.134.

<sup>618</sup> Ibidem, p.134.

<sup>619</sup> Ibidem, p.135.

miséria é culpado o seu próprio irmão triunfante, que não lhe ministra instrução nem lhe proporciona higiene em grau bastante extensivo para assimilá-la de modo conveniente ao fim ambicioso que tem em vista.<sup>620</sup>

Na obra *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro, 1870/1920*, Márcia Naxara destaca que até o momento da apresentação ao público do Jeca Tatu por Monteiro Lobato, em 1914, no jornal *O Estado de S. Paulo*, havia demasiada oscilação com relação à imagem do brasileiro, alternando entre a total desqualificação e uma idealização romântica. A primeira descrição do Jeca Tatu teria vindo ao encontro de um conjunto de representações que faziam parte de um imaginário “que vinha sendo formulado desde épocas anteriores sobre o brasileiro, juntando e materializando ideias que antes se encontravam dispersas e permitindo a elaboração e visualização de uma imagem estereotipada”<sup>621</sup>.

Devido à capacidade de Lobato em reunir e materializar ideias em torno da figura do Jeca Tatu, a personagem alcançou grande divulgação desde sua primeira publicação, projetando ao caipira brasileiro a marca de opilado, impenetrável ao progresso, caracterizado pela pobreza, preguiça e alcoolismo. Como demonstra Naxara, frente às críticas recebidas, a figura do Jeca foi reformulada por Lobato na publicação de uma série de artigos no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1918, nos quais as causas dos males do caipira seriam uma questão de saúde, a ser resolvida com o saneamento: “o Jeca não é assim; está assim”<sup>622</sup>. Atento a essa mudança de perspectiva proposta por Lobato, Vitor destacou como um aspecto positivo o arrependimento do autor por meio da tentativa de redenção da personagem Jeca Tatu que estaria doente.

Em abril de 1919, Nestor Vitor escreveu uma carta a Lobato, expressando seu juízo sobre *Problema Vital*, obra que reunia os artigos publicados em 1918 no jornal *O Estado de S. Paulo*, nos quais Lobato reformulou a imagem do caipira e estabeleceu elogios à política sanitária de Osvaldo Cruz<sup>623</sup>. Apesar de afirmar que ficara contente em ver a correção da imagem do caipira, Vitor classificou Lobato como um autor unilateral, primeiro por transformar o caboclo em uma criatura condenada para a civilização por orgânica incapacidade, e, em *Problema Vital*, por considerar que tudo teria remédio no Brasil a partir da profilaxia. O crítico discordava de Lobato, pois este considerava que o único programa patriótico ao Brasil seria o

<sup>620</sup> VITOR, Nestor. Mau-olhado. Carta a Veiga Miranda. Rio de Janeiro, 09 dez. 1918. In: *OCNV*. v.2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p.135.

<sup>621</sup> NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro, 1870/1920*. São Paulo: Annablume, 1998. p.24-25.

<sup>622</sup> Ibidem, p.28-30.

<sup>623</sup> VITOR, Nestor. Problema vital. Carta a Monteiro Lobato. Rio de Janeiro, 19 abr. 1919. In: *OCNV*. v.2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p.139-141.

saneamento. Para Vitor, a cura do corpo deveria ser acompanhada da cura “do espírito e do coração” e afirma: “Nisto eu estou com os positivistas: julgo que as epidemias e endemias, se não provêm das crises morais, pelo menos com elas se agravam”<sup>624</sup>. Mas, a polêmica com Lobato ainda não havia terminado.

Em setembro de 1919, Vitor escrevia à Leônidas Loiola<sup>625</sup> em agradecimento pelo recebimento do opúsculo *Urupês e o Sertanejo Brasileiro*, no qual Loiola questionava a abordagem feita sobre o caipira por Lobato. Para Vitor, a crítica de Loiola – que havia sido anteriormente publicada em jornal – possuía um sentimento patriótico sã e seria mais um esforço no sentido de impedir que o sucesso de livreria obtido por *Urupês*<sup>626</sup> perturbasse o modo como o caboclo deveria ser encarado. Para Vitor, o caboclo seria “o músculo de resistência verdadeiramente brasileiro com que podemos contar. Se o desmoralizássemos [...] proclamáramos [sic] de modo antecipado e estúpido a dissolução do Brasil”<sup>627</sup>. Vitor lamentava ainda que o opúsculo *Problema Vital*, com a reformulação da imagem do caipira, não tivesse tido o mesmo sucesso do Jeca Tatu e identificava que o sucesso de *Urupês* se devia à uma sensibilidade nova, a neo-romântica<sup>628</sup>, “em que o misticismo atua poderosamente, correspondendo à solicitação, embora talvez ainda inconsciente, do momento em que estamos”<sup>629</sup>, de modo que Lobato teria se equiparado à repercussão de *Os sertões* de Euclides da Cunha e *Canaã* de Graça Aranha e estaria acima de outros modernos livros de literatura regional.

<sup>624</sup> VITOR, Nestor. Problema vital. Carta a Monteiro Lobato. Rio de Janeiro, 19 abr. 1919. In: *OCNV*. v.2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p.140.

<sup>625</sup> Idem. Urupês e o sertanejo brasileiro. Carta a Leônidas Loiola. Rio de Janeiro, 17 set. 1919. In: *OCNV*. v.2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p.158-159.

<sup>626</sup> Obra de 1918 que reúne 14 contos de Monteiro Lobato publicados em periódicos entre os anos de 1914 e 1917. O último conto apresentado na obra é "Urupês", de 1914, publicado n' *O Estado de S. Paulo* e que apresentava o personagem Jeca Tatu e as críticas de Lobato ao caipira.

<sup>627</sup> Ibidem, p.158.

<sup>628</sup> Como “neo-romântica”, Vitor se refere aqui à escola simbolista. O termo “neo-romântico” será utilizado também para classificar Euclides da Cunha e Graça Aranha. Com relação a Euclides, a passagem é rápida: “Alphonsus Guimarães e Graça Aranha – dois simbolistas – e Euclides da Cunha – inconsciente **neo-romântico** (...)”. Idem. Poemas e Sonetos. Carta a Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro, 31 ago. 1919. In: *OCNV*. v.3. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979. p.151. (grifos meus); com relação a Graça Aranha, afirmava Vitor: “*Canaã*, de Graça Aranha, ficará na literatura destes nossos últimos vinte anos como uma página de alto lirismo em prosa que por si só poderia salvar entre nós da taxa de mediocridade o que a tendência simbolista nos inspirou em tal gênero, ao mesmo tempo que inicia como obra de ficção o nosso **neo-romantismo**, seja ou não seja o seu autor favorável por teoria a essa nova corrente literária”. Idem. Flor de Manacá. Carta a Breno Arruda. Rio de Janeiro, 22 dez. 1921. In: *OCNV*. v.2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p.194. (grifos meus).

<sup>629</sup> Idem. Urupês e o sertanejo brasileiro. Carta a Leônidas Loiola. Rio de Janeiro, 17 set. 1919. In: *OCNV*. v.2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p.159.

Em outra carta do mesmo ano<sup>630</sup>, Vitor afirmava que esperava que a literatura de costumes regionais não se limitasse a expor costumes, mas reconhecesse os libertos e os caboclos, populações que vinham sendo “apertadas” entre a civilização e a rotina imóvel e passiva, populações essas que vinham de duas escravidões, “a senzala e a selva”. Para o crítico, a falta de atenção a essa parcela da população poderia resultar em uma sublevação, pois “no dia em que o homem da floresta se revoltasse contra o parasita da cidade, aqui, poderíamos ter cenas análogas àquele tremendo espetáculo que hoje a Rússia oferece”. Caberia também “até nos nossos trabalhos de arte” alarmar a situação e sugerir uma orientação organizando uma “cruzada” para que todos os governos do país se reunissem para a obra da integração nacional<sup>631</sup>.

O receio de Vitor com relação ao avanço do bolchevismo aparece também em carta de fevereiro de 1920, na qual o crítico escrevia a Tasso da Silveira<sup>632</sup> reconhecendo que a guerra teria evidenciado a ingenuidade dos pacifistas e que a ameaça do bolchevismo, criada pelo “gênio russo, semi-oriental” tinha uma barreira apenas na Alemanha, o que demonstrava a necessidade de a Europa confederar-se<sup>633</sup>. É nesse cenário que o crítico considerou que o mundo europeu e a América do Sul deveriam passar por uma “transformação compatível com a sua cultura, as suas possibilidades, em tudo quanto os europeus consideram mais instante de renovação. O reflexo dos acontecimentos que lá se derem há de ser aqui inevitável”<sup>634</sup>. Vitor reconhecia então que o pensamento europeu se tornava deficiente para a solução do problema universal.

Identificamos após a Grande Guerra um esforço de Nestor Vitor em caracterizar o brasileiro, e, especialmente em textos a partir de 1919, notamos de modo mais frequente a discussão sobre a constituição de uma literatura propriamente nacional em busca da representação da “psique” do brasileiro. Em carta a Ronald de Carvalho<sup>635</sup>, datada de 10 de dezembro de 1919, na qual analisa a recém publicada *Pequena História da Literatura Brasileira*, o crítico literário considera a obra como o manual da poesia brasileira, marcada por um estilo cosmopolita, com tendência ao universal por apresentar no início de cada capítulo “o

<sup>630</sup> VITOR, Nestor. Senzalas. Carta a Alberto Deodato. Rio de Janeiro, 19 fev. 1919. In: *OCNV*. v.2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p.136-137.

<sup>631</sup> *Ibidem*, p.137.

<sup>632</sup> *Idem*. Romain Rolland. Carta a Tasso da Silveira. São Paulo, 18 fev. 1920. In: *OCNV*. v.2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p.172-178.

<sup>633</sup> Sobre a Alemanha, afirmava “O mundo não deve nem pode perdoar à Alemanha os seus crimes. Mas o mundo deve concorrer para evitar que os aliados se equiparem aos criminosos de ontem, violentando-os na sua honra, nos seus bríos mais elementarmente humanos”. *Ibidem*, p.176.

<sup>634</sup> *Ibidem*, p.177-178.

<sup>635</sup> *Idem*. *Pequena História da Literatura Brasileira*. Carta a Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro, 10 dez. 1919. In: *OCNV*. v.2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p.163-172.

fenômeno mundial a que se liga o da época no Brasil”<sup>636</sup>. Embora trace elogios ao cosmopolitismo da obra, as principais considerações do crítico são dedicadas à análise feita por Ronald de Carvalho das produções de caráter nacional. Vitor reporta-se às reflexões propostas por Carvalho sobre, entre outros, Machado de Assis, Cruz e Sousa, Tobias Barreto, Sílvio Romero e Gonçalves Dias e considera que, após este, “têm-se dado notas líricas mais altas, em certo sentido mais geniais, mas talvez, umas, menos verdadeiramente brasileiras, quero dizer, menos em correspondência com a nossa psique até aqui”<sup>637</sup>. Nas críticas e cartas elaboradas nos anos posteriores, encontraremos de modo mais frequente e insistente a busca pela definição da psique do brasileiro pelo crítico.

Em carta a Breno Arruda, datada de 22 de dezembro de 1921<sup>638</sup>, Vitor considerava que por meio de um processo de “desestrangeirar-nos o quanto pudermos, aproximar-nos da nossa gente como os românticos se aproximaram”, seria possível integrar a literatura nacional de modo a cristalizar “pouco a pouco, a nossa, por enquanto, tenra e incerta psique”<sup>639</sup>.

Apesar de considerar que mesmo entre os clássicos, os românticos e os naturalistas, sempre existiram escritores interessados nas questões e problemas nacionais, Vitor diagnosticava que o interesse havia se ampliado desde Graça Aranha, Euclides da Cunha, Rocha Pombo, Alberto Torres e Farias Brito, produzindo uma reaproximação com o movimento romântico, movimento este por meio do qual foi possível ser corajosamente “brasileiro”. Em suas palavras:

Esse forte sopro poético e esse misticismo (o último entendido à moderna) é que nos fazem ir entoando instintivamente com os românticos, os quais, aproveitando o grande arranco facultado em todo o ocidente à hora literária e artística em que surgiram, puderam ser corajosamente brasileiros, como ainda não se fora até então.

O que, todavia, distingue qualquer dos nossos últimos escritores eminentes, quer os autores de ficção, quer os sociólogos ou filósofos, o que os distingue mais necessariamente dos nossos românticos, é a preocupação, consciente ou inconsciente de fazer a psicologia rigorosa, embora não pessimista, de nós mesmos, ou pelo menos a de representarem genuinamente o que já possamos

---

<sup>636</sup> VITOR, Nestor. *Pequena História da Literatura Brasileira*. Carta a Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro, 10 dez. 1919. In: *OCNV*. v.2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p.168.

<sup>637</sup> *Ibidem*, p.169.

<sup>638</sup> *Idem*. Flor de Manacá. Carta a Breno Arruda. Rio de Janeiro, 22 dez. 1921. In: *OCNV*. v.2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p.186-195.

<sup>639</sup> *Ibidem*, p.188-189.

reconhecer como nossa psique, e daí também a de nos indicarem uma orientação acorde com o nosso modo de ser.<sup>640</sup>

Nesse sentido, Vitor defendia que “tomar posse de nós mesmos” seria a obra a ser realizada pela geração de sua contemporaneidade. Para tal missão era necessária a consciência dos prejuízos provocados pelos preconceitos da “falsa ciência”, “que pretendia fazer do louro dolococéfalo um tabu sacrossanto”, a fim de que não fossem produzidas obras contraproducentes<sup>641</sup>.

Como exemplo das produções dominadas pelo cientificismo, cita *Canãa*, publicado por Graça Aranha em 1902, que teria, para Vitor, em 1920, o defeito da “falta de uma fé inabalável nos nossos destinos como povo de origem neolatina” e a proclamação da supremacia teuto-germânica<sup>642</sup>. Nota-se que, se a busca pela nacionalidade presente na crítica de Vitor não se estabeleceria separadamente da latinidade, Vitor faz também uso de distintas ferramentas na busca de retratar o Brasil e o brasileiro – e a psicologia se evidencia como um dos recursos para a construção desse retrato.

Seu esforço pela caracterização da psique do brasileiro se aproxima do posicionamento nietzschiano como um médico da cultura, numa busca por alcançar uma compreensão vasta dos fenômenos culturais. Como demonstra Giacoia Junior em *Nietzsche como psicólogo*, em decorrência da busca pela desconstrução das pilastras metafísicas que assentavam a psicologia em sua contemporaneidade, o filósofo de *Zarathustra* pode ser considerado o primeiro psicólogo europeu. Criticando a psicologia atrelada aos preconceitos morais, Nietzsche a vinculou à história e atribuiu à ela uma função primordial no conjunto de seu pensamento:

O psicólogo Nietzsche desenvolve uma noção radicalmente interdisciplinar de sua disciplina, que exige o concurso de elementos provenientes da filosofia, da filologia, da fisiologia, da história, da antropologia cultural, da etnologia, da semiótica, da linguística, da literatura, entre outras, para fazer do pensamento uma escola da suspeita permanente, que parte do sentido manifesto das produções culturais em busca do sentido oculto em suas múltiplas condições de surgimento, desenvolvimento e transformação.<sup>643</sup>

---

<sup>640</sup> VITOR, Nestor. Flor de Manacá. Carta a Breno Arruda. Rio de Janeiro, 22 dez. 1921. In: OCNV. v.2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p.190.

<sup>641</sup> Ibidem, p.191.

<sup>642</sup> Ibidem, p.194.

<sup>643</sup> GIACOAIA JUNIOR, Oswaldo. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001. p.11.

Fazendo uso de uma linguagem metafórica médica, Nietzsche busca informações sobre a cultura a partir de questionamentos sobre a moral, sobre a filosofia, ou mesmo uma tendência da arte na sociedade, de modo que os apreende como sintomas a serem decifrados. A seu modo, Vitor se dedica a uma tarefa semelhante e um exemplo significativo desse processo de análise pode ser identificado na carta escrita pelo crítico a Lima Barreto, em agosto de 1919<sup>644</sup>.

Nestor Vitor escreve a Barreto com considerações sobre sua leitura da recém publicada *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. A obra apresenta o personagem-narrador Augusto Machado, jovem escritor e funcionário público, e o suposto biografado Gonzaga de Sá. Na crítica apresentada por Vitor, além de tecer elogios às descrições sobre as paisagens da cidade do Rio de Janeiro elaboradas por Barreto, o crítico dedica-se também à análise das personagens Gonzaga de Sá e Augusto Machado.

Gonzaga de Sá, com perfil aristocrático, herói da peça, descendente de Mem de Sá é classificado por Vitor como um “vencido superior”, como “o símbolo do Rio”. Augusto Machado, por sua vez, seria a personagem de maior destaque na obra, pois “a história de um outro que ele conta [Gonzaga de Sá] é apenas um pretexto para falar si”. De acordo com o crítico, Machado, “homem de cor”, sofria as consequências da condição transitória em que vivia, não aceita pelo meio – era o equivalente ao “Jeca Tatu das nossas cidades” ou ainda “o tipo de transição evoluindo para aquele capaz de ser o do brasileiro definitivo no futuro”<sup>645</sup>. Ao considerá-lo um Jeca Tatu das cidades, Vitor apresenta como elementos de sua salvação os ensinamentos apreendidos de seus ancestrais portugueses e africanos, o conhecimento da paisagem de seu entorno e das dores daqueles que o antecederam. Nas palavras do crítico:

Seja como for, o que o salva, a este Jeca Tatu carioca, é que ele verifica com orgulho ‘nada ter perdido das aquisições dos seus avós, desde que se desprenderam de Portugal e da África; é que ele já se apóia ‘nas cousas que o cercam, familiarmente’, e que ‘a paisagem que o rodeia não lhe é mais inédita: conta-lhe a história comum da cidade e a longa elegia das dores que ele presenciou nos segmentos de vida que precederam e deram origem à sua’. É por isso que ele diz com razão *in petto*, àqueles ingleses que passavam carregando ramos de arbustos: ‘Vão-se, que isto é meu!’.”<sup>646</sup>

<sup>644</sup> VITOR, Nestor. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Carta a Lima Barreto. Rio de Janeiro, 19 ago. 1919. In: *OCNV*. v.2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p.143-150.

<sup>645</sup> *Ibidem*, p.144-145.

<sup>646</sup> *Ibidem*, p.145.

Em sua leitura de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, Vitor identificou na personagem de Machado o que viria a ser o “brasileiro definitivo no futuro”, apresentando uma caracterização da psique desse brasileiro. Ainda ao tratar sobre Machado, Vitor afirma que a personagem, ao narrar as histórias de Gonzaga de Sá o caracteriza de modo parecido consigo: “além de boêmio, um sujeito de ideias extravagantes, tal qual ainda Machado, mas todas harmônicas num sentido: no da simpatia pelos excluídos, pelos recusados, pelos que nesta terra sofrem injustiça”<sup>647</sup>. Gonzaga dirigiria suas simpatias a “gente de cor”: o mulato Romualdo, seu único verdadeiro amigo na repartição onde trabalhava; Inácio, um preto velho liberto que o servia; e o próprio Augusto Machado.

Nota-se que Vitor considera a obra de Barreto como um “romance dos humilhados”, um desabafo e compara a história contada por Machado com o poema “Emparedado”, de Cruz e Sousa:

Deves a tal criação [...] ser este, no fundo, um romance diferente dos que se fazem por aí [...]. Gonzaga pergunta quando se verá na nossa terra ‘um Dostoiévski, uma George Eliot, um Tolstói, - gigantes destes, em que a força de visão, o ilimitado da criação, não cedem o passo à simpatia dos humildes, pelos humilhados, pela dor daquela gente donde às vezes não vieram’. Pois Machado, que é com quem ele conversava estas cousas, podia responder-lhe que não desesperasse, se já tinha em mente fazer este livro. Porque se ele por um lado é tão profusamente pitoresco, - por outro é de modo bem característico o romance dos humilhados, dos refugados, dos tristes, aqui no Brasil. É menos um livro que uma queixa, um desabafo, um sudário. É o ‘Emparedado’ de Cruz e Sousa desenvolvido, humanado, levificado, cheio de cor local, e apesar de tudo, de uma mansidão, de uma confraternidade que em Cruz e Sousa não se encontra, porque mesmo seria absurdo querer encontrar. Cruz e Sousa é um negro *pur sang*. Augusto Machado, se vem da África, já vem também de Portugal, como ele mesmo nos diz.<sup>648</sup>

O crítico reconhecia que por se tratar de uma queixa, de um romance dos humilhados e refugados no Brasil, o livro de Lima Barreto não seria “sinceramente amado nem sequer bem compreendido por muita gente nesta geração”, pois para compreendê-lo, era necessário não ser ignorante da história do país – e principalmente da história fluminense -, ter vivido no Rio de Janeiro, “nada trazendo n’alma de *almofadinha*, que é como se designam os alfenins da hora”,

---

<sup>647</sup> VITOR, Nestor. Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá. Carta a Lima Barreto. Rio de Janeiro, 19 ago. 1919. In: *OCNV*. v.2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p.146.

<sup>648</sup> *Ibidem*, p.148.

para estar apto à “gozar estas páginas no que elas oferecem de mais nosso, de mais raro e de mais dramático”<sup>649</sup>. Ao final de sua crítica, Vitor manifestou sua admiração a Barreto:

Teu livro faz inveja a um homem, meu Lima Barreto. É dos que os vindouros hão de por força procurar para conhecerem, sorrindo comovidos, o que já se passou. Lembra lagos cândidos, mas profundos, refletindo paisagens e céus. Demorei-me a escrever tudo isto porque ao menos por esse modo, embora enfastiando a mais de um, quis prestar-te uma homenagem, demonstrar-te minha admiração.<sup>650</sup>

Outra carta de Vitor é significativa para aquilatarmos suas reflexões em torno da constituição do brasileiro. Dirigida a Oliveira Viana, trata-se de suas considerações sobre a obra *Populações meridionais do Brasil*<sup>651</sup>. Na carta de 04 janeiro de 1922, Vitor se posicionava contrário à tese do elogio ao fazendeiro latifundiário, defendida no primeiro volume da obra de Viana. Criticava ainda a ideia de que a aristocracia rural constituída pelo tipo ariano quase puro teria uma “impermeabilidade”, dada a repugnância pelos cruzamento com outras raças. Considerando que a obra parecia menos do momento em que viviam do que do período do domínio cientificista na literatura, Vitor afirmava:

Parece-me, de fato, que outro escritor poderia sustentar justamente a tese oposta à sua, meu ilustrado patricio: a de que o clima, o latifúndio, o índio e o negro fizeram do nosso fazendeiro um tipo *sui generis*, criando, de companhia com ele, aqui, uma civilização bem diversa da que teríamos, se esse achamboado capitão-patriarca não fosse mais a resultante que o modelador deste novo mundo.<sup>652</sup>

A fim de demonstrar o quanto era anacrônica a perspectiva defendida por Viana, Vitor destacava que o segredo para o entusiasmo sempre crescente que suscitara *Os sertões* fora justamente a construção da epopeia a partir do mestiço, apesar de todo cientificismo de Euclides da Cunha.<sup>653</sup>

Em cerca de dezessete páginas – que Vitor reconhecia ultrapassar as proporções naturais de uma carta –, o crítico dedicou-se a rebater a perspectiva defendida por Viana de que os mestiços aceitáveis seriam os que se arianizavam. Vianna teria optado por não ultrapassar em

<sup>649</sup> VITOR, Nestor. Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá. Carta a Lima Barreto. Rio de Janeiro, 19 ago. 1919. In: OCNV. v.2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p.148-149.

<sup>650</sup> Ibidem, p.150.

<sup>651</sup> Idem. Populações Meridionais do Brasil. Carta a Oliveira Viana. Rio de Janeiro, 04 jan. 1922. In: OCNV. v.2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p.195-213.

<sup>652</sup> Ibidem, p.197.

<sup>653</sup> Ibidem, p.197.

sua obra o fim do período imperial, já que considerava que depois da abolição o povo teria entrado em uma fase de desorganização profunda, sem paralelo em sua história. Sobre tal consideração, Vitor apresentou de modo enfático sua posição, associando os políticos da república aos fazendeiros defendidos por Viana. Desenvolve sua argumentação da seguinte maneira:

A República no Brasil foi uma consequência do 13 de Maio, que por sua vez representa a vitória do elemento revolucionário em luta com o elemento tradicionalista desde os primórdios da fase histórica da Independência. E o novo régimen, nestes trinta e poucos anos que já está contando é, sob as feições por que se tem caracterizado, uma resultante da revolução profunda que esse mesmo 13 de Maio produziu na vida orgânica do país. Os tipos políticos representativos da República refletem, de maneira geral, acho eu, o espírito dos seus mandatários, que são os sucessores do velho fazendeiro – desordenados, intranquilos, instáveis, mas nem por isso de instinto menos ditatorial que seus antecessores, e mais do que estes despidos de escrúpulo, de sentimento de justiça.<sup>654</sup>

Com pesar, Vitor considerava ainda que os “nossos improvisados estadistas” corriam o risco de entregar o país à devastação e ao predomínio de estrangeiros imigrados, levando o país à ameaça de um duplo perigo: “o da anarquia e o da absorção com desbarato”, ou seja, dos gastos indevidos<sup>655</sup>. Nesse sentido, o país necessitaria de livros sobre “uma história da revolução por que passamos e uma crítica da educação das nossas classes dirigentes, feitas por quem tenha o sentimento das nossas realidades”<sup>656</sup>. Para além dos livros, Vitor apresentava ainda as ações que considerava como necessárias não só para tornar o país mais eficiente na luta contra outras nações, mas também para desenvolver um espírito nacional mais inteligente:

A imigração européia, o aproveitamento das nossas riquezas naturais, a solução do problema de comunicações marítimas e terrestres, mais fáceis e prontas, a instrução pública sob todos os seus aspectos, mas acima de tudo o profissional e técnico, o saneamento urbano e rural, o serviço militar obrigatório; tudo visa a organização do país por modo que a elevação do padrão de vida, o contacto social e mercantil mais intenso, a melhoria do nível intelectual mais a de saúde.<sup>657</sup>

Essas ações foram consideradas necessárias para o crescimento do país em 1922. Mas, quais características definiriam, na perspectiva de Vitor, o brasileiro?

---

<sup>654</sup> VITOR, Nestor. Populações Meridionais do Brasil. Carta a Oliveira Viana. Rio de Janeiro, 04 jan. 1922. In: *OCNV*. v.2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p.211.

<sup>655</sup> *Ibidem*, p.212.

<sup>656</sup> *Ibidem*, p.212-213.

<sup>657</sup> *Ibidem*, p.212.

Encontramos na crítica literária “Euclides da Cunha cientista”, publicada no *Correio da Manhã* em 1927<sup>658</sup>, uma elaboração de Vitor para essa indagação que foi um dos principais temas aos quais se dedicou desde o início do século. Para o crítico, Euclides da Cunha teria criado a etnografia do brasileiro e a ciência lhe teria sido um instrumento de “maravilhoso estímulo”<sup>659</sup>. O índio, símbolo criado pelos românticos por justaposição, representaria apenas uma das “matérias-primas” de que o brasileiro resultou. O sertanejo e o gaúcho, tipos diferenciados do próprio índio, seriam efetivamente os elementos de identidade do país e depois, quando fundidos “todos num tipo definitivo”, ao gaúcho e ao sertanejo caberia a potencialidade pela “célula-máter” do brasileiro.

De acordo com Vitor, Euclides teria sido levado à “amargas convicções” pelo neodarwinismo, ou seja, à crença do desaparecimento dos tipos a partir dos quais fez sua epopeia. Ainda na mesma crítica literária, Vitor apresentou comentários sobre a obra *Seixos Rolados*, de Roquette Pinto, seguidor de tendências opostas à perspectiva neodarwinista utilizada por Euclides. Na perspectiva defendida por Roquette Pinto a mestiçagem não seria negativa pois, se fosse, os próprios europeus sofreriam com ela, considerando que “todos [os europeus] nasceram do cruzamento de uma raça de crânio curto (raça alpina), com tipos negróides, de crânio longo”<sup>660</sup>.

Partilhando dessa perspectiva, Nestor Vitor encerrou sua crítica - lamentando que precisasse encerrá-la – com os seguintes dizeres:

O mais curioso ainda, porém, é que, demonstra o autor de *Seixos Rolados*, sem saber Euclides na sua subconsciência foi um “ecólogo” nascido, e salvou-se nas páginas opostas implicitamente por ele próprio aos princípios que alimentaram o seu pessimismo. O que ele disse daquela “Troia Sertaneja” que foi Canudos e o hino que levantou aos seus heróis, como quanto escreveu sobre o gaúcho dos pampas, é um vitorioso desmentido a si mesmo. Quem vê esses homens como ele os pinta fica para sempre com a imagem aos olhos de tipos diametralmente opostos ao que seja o do decaído.<sup>661</sup>

Por meio da análise das críticas literárias apresentadas, é possível identificarmos que, na tentativa de definição do brasileiro, Vitor, tal como um psicólogo da sociedade, dedicou-se à caracterização de sua *psique*. Para o crítico literário, a constituição de um projeto de futuro para a nação seria possível apenas a partir da inscrição à história do Brasil dos “decaídos,

<sup>658</sup> VITOR, Nestor. Euclides da Cunha cientista. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 jun. 1927. In: *OCNV*. v.3. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979. p.150-152.

<sup>659</sup> Ibidem, p.150.

<sup>660</sup> Ibidem, p.152.

<sup>661</sup> Ibidem, p.152.

humilhados e refugados”, como o sertanejo, o gaúcho, ou ainda com o Jeca Tatu da cidade (associado a Augusto Machado, personagem de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, romance de Lima Barreto).

### 3.3 Um filósofo brasileiro: Farias Brito

Em seu esforço de caracterização do brasileiro, ainda em 1917, Nestor Vitor publicou a obra *Farias Brito*<sup>662</sup>, com o objetivo de divulgar a obra filosófica daquele que considerava como o primeiro filósofo nacional.

Vitor analisou a construção da obra de Brito, que teria se iniciado no naturalismo e seguido em direção ao espiritualismo, sendo, portanto, contrária às tendências positivista e evolucionista. Para o crítico, “sua obra filosófica, em linha geral, é a expressão das nossas mais profundas tendencias intelectuais, morais e éticas”<sup>663</sup>. A fim de transformar o pensamento de Brito em uma “linguagem inteligível por todos”, Vitor explicava:

Farias Brito entende que o fato de se acreditar na evolução da natureza, sem, entretanto, indagar-se para onde essa evolução nos leva, provém da crescente falta de fé na nossa capacidade para alcançar outro conhecimento que não seja aquele relativo aos fenômenos, isto é, ao que se pode apreender por meio do nosso aparelho sensível. Mas não se vê, - acha ele, - que assim, por força, tem-se de caminhar para um materialismo de cada vez mais grosseiro.<sup>664</sup>

Na perspectiva de Brito, a filosofia teria como função o desenvolvimento da moral, pois na medida em que oferecia uma interpretação da existência, daria também aos homens a “compreensão do nosso destino”<sup>665</sup>. Era de tal modo necessária, pois ao homem, a vida consistiria basicamente em ser escravo das necessidades e do desejo e, portanto, do sofrimento. Assim, Farias Brito partia da percepção de que tudo o que concorre para a felicidade seria ilusório e que o homem viveria permanentemente na dor e nela morreria. Nessa perspectiva, a vida seria ao mesmo tempo uma decepção, já que levaria à morte, e um mal irreparável, pois teria a dor por essência<sup>666</sup>.

---

<sup>662</sup> VITOR, Nestor. *Farias Brito*. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunaes, 1917. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.189-250.

Vitor escreverá sobre Farias Brito também em outros momentos. Em 1918, Vitor escreveu uma carta à Almeida Magalhães em agradecimento pelo livro *Farias Brito e a reação espiritualista*, obra que possuía até aquele momento a apreciação sobre a produção de Brito que mais o agradou. Em 1927, Vitor escreveu para *O Globo* uma homenagem em decorrência dos dez anos da morte de Farias Brito. Cf.: VITOR, Nestor. *Farias Brito e a reação espiritualista*. Carta a Almeida Magalhães. Rio de Janeiro, 03 jun. 1918. In: *OCNV*. v.2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p.113-116; VITOR, Nestor. “Farias Brito”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 jan. 1927. In: *OCNV*. v.3. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979. p.187-189.

<sup>663</sup> Idem. *Farias Brito*. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunaes, 1917. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.193.

<sup>664</sup> Ibidem, p.194.

<sup>665</sup> Ibidem, p.197.

<sup>666</sup> Ibidem, p.198.

Ora, para Brito, a inteligência do homem deveria ser entre suas energias aquela que preponderaria, já que seria uma manifestação positiva. Em oposição à inteligência estaria a vontade, um conceito negativo. Afirmava o filósofo: “Querer é sentir, e sentir uma falha, uma privação, a ausência de um determinado objeto. A vontade, pois, é a consciência de uma necessidade... Vontade é privação e desejo, logo, esforço; logo, sofrimento”<sup>667</sup>. Nessa perspectiva, para o filósofo, a inteligência seria uma livre energia criadora, e por ser o princípio da criação, constituiria o que se chama de Deus. Em suas palavras:

Nós somos fulgurações da Inteligência suprema. Eis, pois, o que somos, e isto nos basta; somos raios que emana da suprema luz, reverberações do fogo divino, pensamento de Deus! E é por isto que arde também, em nós, sempre acesa, a chama sagrada da idéia.<sup>668</sup>

Farias Brito afirmava que Schopenhauer teria sido o primeiro a estabelecer o primado da vontade, e que a aceitação desse primado pelos seguidores do filósofo alemão seria uma “monstruosa aberração do pensamento contemporâneo”<sup>669</sup>. É, na sequência dessa argumentação, que Brito apresenta uma crítica a Nietzsche:

Fazer da vontade o mais alto princípio era colocá-lo acima de todos e de tudo, na mais alta esfera, portanto, concebível, não somente na natureza, mas também na humanidade. Era fazer do homem de vontade o super-homem. E foi o que fez Nietzsche. Daí a dedução do princípio – *vontade de poder* – como fonte única de inspiração, a que se devem ligar os homens superiores, ou homens de vontade. É a proclamação da soberania e da onipotência do eu. E numa época de egoísmo e corrupção, em que não se obedece a outra regra, a não ser esta: vencer, vencer sempre: dominar, dominar sempre — não se poderia imaginar soberania mais alta. Esse culto e esse fanatismo da vontade são, pois, um fruto legítimo da época<sup>670</sup>.

Ainda para Farias Brito, a aspiração humana ao gozo seria uma consequência extrema do materialismo. Nesse sentido, filosofar era aprender a morrer e a filosofia, como ciência do espírito, corresponderia, na prática, à religião.<sup>671</sup>

Notamos aqui que Brito traça uma relação de continuidade entre o pensamento nietzschiano e de Schopenhauer. Tal recepção da filosofia nietzschiana estabelecida por Brito desconsidera o afastamento de Schopenhauer por parte do filósofo de *Zarathustra*, que, apesar

<sup>667</sup> Apud: VITOR, Nestor. *Farias Brito*. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunaes, 1917. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.206.

<sup>668</sup> Apud: *Ibidem*, p.207.

<sup>669</sup> Apud: *Ibidem*, p.211.

<sup>670</sup> Apud: *Ibidem*, p.211.

<sup>671</sup> VITOR, Nestor. *Farias Brito*. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunaes, 1917. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.216-217.

de considerar que o sofrimento seria algo essencial de toda existência, não o identifica como essência última da vida, tal como o fizera Schopenhauer. Para Nietzsche, as filosofias que consideram o prazer ou a dor como critérios últimos de valor seriam filosofias superficiais<sup>672</sup>, pois, para o filósofo era considerada a existência de duas espécies de sofredores, os que sofrem de *abundância da vida*, a compreendendo de modo dionisíaco, trágico, e aqueles que sofreriam de *empobrecimento da vida*, buscando pela “calma, o silêncio, o mar tranquilo, ou ainda a embriaguez, as convulsões, o abalo, a loucura”. A esta última categoria, afirma Nietzsche, responderiam Schopenhauer e Wagner<sup>673</sup>.

Nestor Vitor discorda da recepção da filosofia nietzschiana realizada por Brito e posiciona-se contrário a ela, trazendo, como foi possível notar em suas críticas literárias, a interpretação dionisíaca da vida como elementos adotado enquanto critério de análise das obras<sup>674</sup>.

Apesar de tal oposição entre Brito e Vitor com relação à recepção das formulações nietzschianas, o crítico pontuava que a Brito caberia o atrevimento inicial na esfera das altas ideias abstratas no Brasil:

Era ainda natural que um filho do Norte, que é o Brasil histórico, tradicionalista, fosse o órgão destinado a tal função, fundando assim a filosofia brasileira propriamente dita.

Até aqui os nossos pensadores, respeitáveis e considerados como sejam, no que respeita a este domínio transcendente não tinham feito mais do que refletir a ideia alienígena, quando muito com ligeiras alterações. Tinham sido mais doutos que criadores. [...] Farias Brito é que teve a audácia de falar por conta própria vindo por último. De onde, com toda a sua despreensão, com toda a sua aparente insignificância, é ele que personifica o nosso atrevimento inicial na esfera das altas ideias abstratas.<sup>675</sup>

Farias Brito era do Ceará, fator que não deixa de ser considerado por Vitor. O crítico destacou que, durante a Confederação do Equador, a região foi a única a se constituir como

<sup>672</sup> Afirma Nietzsche: “Seja hedonismo, seja pessimismo, utilitarismo ou eudemonismo: todas esses modos de pensar, que medem o valor das coisas conforme o prazer e a dor, isto é, em estados concomitantes e dados secundários, são ingenuidades e filosofias de fachada, que todo aquele que for cômico de suas energias criadoras e de uma consciência de artista não deixará de olhar com derrisão, e também compaixão. Compaixão por vocês!” NIETZSCHE, Friedrich. [1886] *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. §225.

<sup>673</sup> NIETZSCHE, Friedrich. [1882] *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. §370.

<sup>674</sup> “Na obra de Farias Brito, por exemplo, eu acho bem interessante o modo por que ele defende o primado da inteligência, mas, apesar de ser bastante inativista por índole, na acepção da palavra antagônica ao ianquismo, vou além de Jackson de Figueiredo, que acha “difícil separar a inteligência da vontade.” Afigura-se-me, na minha ignorância, que inteligência e vontade se completam e são qualidades inseparáveis no espírito. Representando esta, no entanto, a questão-eixo do sistema filosófico que o nosso autor conseguiu esboçar, basta que com ele não se esteja neste ponto para já se não ser de fato seu assecla.” VITOR, Nestor. *Farias Brito*. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunaes, 1917. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.244.

<sup>675</sup> *Ibidem*, p.218-219.

Estado federado, tendo sido também a primeira província brasileira a abolir a escravidão, além de conviver com a seca, que produziria nos filhos dessa região uma grandeza moral. Ademais, o esforço, a coragem e o espírito de sacrifício dos que habitam a região teria posto ordem na natureza caótica e a explorado. Considerando tais motivos, seria de se achar “natural que do Norte tenha sido um cearense o eleito para o ato de fé e de audácia desconforme que a obra de Farias representa”.<sup>676</sup> Brito, pobre e órfão, seria, para Nestor Vitor, o equivalente do retirante e, portanto, um símbolo de sofrimento e heroísmo<sup>677</sup> e tal qual o sertanejo, o gaúcho, ou ainda o Jeca Tatu da cidade, seria representativo do brasileiro.

---

<sup>676</sup> VITOR, Nestor. *Farias Brito*. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunaes, 1917. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.219.

<sup>677</sup> *Ibidem*, p.220.

## Contrastes (ou considerações finais)

Buscou-se demonstrar que tanto Carvalho quanto Vitor apropriaram-se de formulações nietzschianas para elaboração de suas narrativas de Brasil - cada um a seu modo, com olhares e enfoques distintos. Frente a narrativas tão destoantes, uma reflexão vale ser realizada: a partir da perspectiva nietzscheana, seria possível a concepção de narrativas históricas tão distintas?

Entre os anos de 1873 e 1876, Nietzsche publicou suas quatro *Considerações Extemporâneas* – ensaios críticos sobre a cultura europeia no século XIX<sup>678</sup>. Na segunda *Extemporânea*, intitulada *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*<sup>679</sup>, o filósofo dedicou-se a estabelecer sua crítica à produção da história como uma ciência positiva, tendência dominante na segunda metade do século XIX. Como aponta André Luís Mota Itaparica, apesar do grande reconhecimento por parte dos críticos da importância da obra em decorrência da discussão efetuada por Nietzsche sobre a filosofia da história, a segunda *Extemporânea* foi a que teve menor repercussão quando lançada<sup>680</sup>.

Em seu ensaio, Nietzsche estabeleceu uma crítica à tendência historicista dominante no período, demonstrando que a história como ciência positiva teria como função apenas o acúmulo de dados, sem o estabelecimento de uma relação com a vida. Foi também na segunda *Extemporânea* que o filósofo estabeleceu críticas à noção de homem como ser eterno, com instintos inalteráveis, estendendo suas considerações ainda às noções de valores eternos, a moral, a noção de verdade e condenando a teleologia.

Ainda em suas considerações sobre a história, Nietzsche a considerou como passível de ser expressa de três diferentes formas: como uma história monumental, tradicionalista ou crítica, e dedicou-se a enunciar as vantagens e desvantagens de cada uma delas, considerando que cada modo de fazer história corresponderia a uma necessidade distinta.

A história monumental seria produzida por aquele para quem a história deveria apresentar os grandes homens e os atos heroicos como exemplos a serem seguidos, ou seja, pelo homem de ação. Para Nietzsche, “se um homem quiser criar algo grandioso, e precisar do

---

<sup>678</sup> Em 1873 saiu o primeiro ensaio, intitulado *David Strauss, o devoto e o escrito*; em 1874 chegavam ao público o segundo e o terceiro, intitulados: *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida* e *Schopenhauer como educador*. O último ensaio, de 1876, foi *Richard Wagner em Bayreuth*.

<sup>679</sup> A partir de agora, as referências à segunda Consideração Extemporânea intitulada *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida* serão feitas como “segunda *Extemporânea*”.

<sup>680</sup> ITAPARICA, André Luís Mota. Introdução. In: NIETZSCHE, Friedrich. [1874] *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*. Tradução de André Luís Mota Itaparica. São Paulo: Hedra, 2017. p.2.

passado, então se apoderará do passado por meio da história monumental”<sup>681</sup>. A principal vantagem desse tipo de história seria a de levar o homem à ação, pois a partir de exemplos grandiosos, o incentivo à realização de atos de equivalente grandiosidade aconteceria, tornando, portanto, o próprio historiador como uma figura histórica importante. Ao criar algo grandioso, o historiador monumental se rebelaria contra a mediocridade do presente, já que, como demonstra Itaparica, o historiador “entende a história como uma ‘cordilheira’, formada pelas mais elevadas realizações”<sup>682</sup>.

Nietzsche considerou também as desvantagens de uma história monumental, que ao ser digna de imitação, poderia levar à mitificação do passado, transformando-o numa ficção e provocando o desprezo de partes desse passado. Afirmou o filósofo:

Quando a alma da historiografia repousa no grande estímulo que um indivíduo poderoso dela extrai, quando ela tem de descrever o passado como algo digno de imitação, imitável e possível por uma segunda vez, ela arrisca-se, em todo caso, a contrabandear algo, a edulcorar o passado, aproximando-se assim da livre poetização; aliás, há épocas em [que] não se consegue distinguir o passado monumental da ficção mítica: porque os mesmíssimos estímulos podem ser extraídos de um mundo ou de outro. Portanto, se a consideração monumental do passado reina sobre as outras espécies de consideração, quero dizer, sobre a antiquária e a crítica, então o próprio passado sofre prejuízo: grandes partes são totalmente esquecidas, desprezadas, e escorrem como uma enchente terrível e interminável, da qual emergem, como ilhas, apenas alguns fatos embelezados.<sup>683</sup>

O segundo modo possível de fazer história apontado pelo filósofo seria a história antiquária, feita por aquele que objetivaria preservar os costumes e cultivar o passado. A história antiquária seria produzida pelo historiador que busca fortalecer os laços de união entre o indivíduo e sua nação, valorizando e preservando suas tradições e antepassados. Tal conduta, como aponta Itaparica, seria nobre, “em contraposição a uma época que exalta o novo e despreza o antigo, como é a Modernidade”<sup>684</sup>. Como desvantagem dessa prática, Nietzsche identificava que “Ela só sabe *preservar* a vida, mas não produzi-la; por não possuir nenhum instinto divinatório para o devir – como possui, por exemplo, a história monumental –, ela

---

<sup>681</sup> NIETZSCHE, Friedrich. [1874] *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*. Tradução de André Luís Mota Itaparica. São Paulo: Hedra, 2017. p.35.

<sup>682</sup> ITAPARICA, André Luís Mota. Introdução. In: NIETZSCHE, Friedrich. [1874] *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*. Tradução de André Luís Mota Itaparica. São Paulo: Hedra, 2017. p.7.

<sup>683</sup> NIETZSCHE, op.cit. p.33.

<sup>684</sup> ITAPARICA, op.cit. p.7.

sempre o subestima”<sup>685</sup>. Seria, portanto, uma história que degenera, por desconsiderar o frescor da vida atual e que levaria ao imobilismo e à inação. Ao considerar que todo passado deveria ser digno de reverência, um nivelamento de todas as experiências ocorreria, de modo que ao historiador caberia apenas a função de tudo guardar e colecionar.

O terceiro modo de fazer a história atenderia “apenas aquele em quem a carência do presente aperta o peito, querendo livrar-se a qualquer preço do seu fardo” – a história crítica seria, portanto, a história que julga e que condena o passado<sup>686</sup>. De nenhum modo subserviente a ele, a terceira forma de produzir história se distinguiria da monumental e da antiquária, pois apenas ao condenar e destruir o que passou, o historiador poderia dele se libertar<sup>687</sup>.

Ao identificar esses três tipos de história, Nietzsche não elencou uma como preferível às demais, ao contrário, reconheceu a necessidade de cada uma delas ao afirmar que “todo homem e todo povo precisam, segundo seus objetivos, forças e necessidades, de um certo conhecimento do passado, às vezes monumental, às vezes antiquário, às vezes crítico”<sup>688</sup>. A função do historiador seria, portanto, a de ponderar as características de cada forma de história, a fim de que as vantagens fossem capazes de superar as desvantagens.

No prefácio à sua segunda *Extemporânea*, Nietzsche proclamava que ao historiador esperava-se a capacidade de ação: “Precisamos da história para a vida e para a ação, e não para uma cômoda renúncia da vida e da ação, ou ainda para a edulcoração da vida egoísta ou do ato covarde e vil”<sup>689</sup> e é nessa perspectiva que a história como ciência do vir-a-ser universal serviria à vida.

Sabemos que de alguma maneira o ensaio *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida* chegou ao conhecimento de Elysio de Carvalho, pois como demonstrado no segundo capítulo dessa tese, em *As modernas correntes estéticas da literatura brasileira*, publicada em 1907, Carvalho citou um trecho do ensaio nietzschiano (sem referi-lo explicitamente). Apesar de não se declarar defensor da história monumental, o fez em todas as obras analisadas nesta tese.

A decadência moral identificada por Carvalho em *Esplendor e decadência da sociedade brasileira* fora combatida pelo próprio autor a partir da recuperação da epopeia histórica da construção do Brasil. Para tal, o arauto do passado – Carvalho – reintegrou na história da nação

---

<sup>685</sup> NIETZSCHE, Friedrich. [1874] *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*. Tradução de André Luís Mota Itaparica. São Paulo: Hedra. p.39.

<sup>686</sup> Ibidem, p.35.

<sup>687</sup> ITAPARICA. In: NIETZSCHE, op.cit. p.7.

<sup>688</sup> NIETZSCHE, op.cit. p.43.

<sup>689</sup> Ibidem, p.16.

seus grandes heróis descrevendo-os com grande variedade de adjetivos, entre os quais destacam-se “guerreiros”, “heróis”, homens “com grande coragem”, “valentes”, “destemidos” ou ainda “semideuses”<sup>690</sup>. Em *Brava Gente*, sua escrita da epopeia da nação, os heróis dos conflitos contra os holandeses foram comparados aos guerreiros da *Iliada* ou ainda a cavaleiros medievais, enquanto os bandeirantes que “cortaram e devassaram a propria terra em todos os quadrantes, por perigos inenarráveis e sofrimento inverosímeis, mas com uma coragem esplendorosa, fecunda e inédita”, seriam os responsáveis por uma “epopéa barbara de coragem, de cubiça e de volupia”<sup>691</sup>. Decerto sua narrativa fora de uma história monumental, já que Carvalho registrara o que era digno de imitação, apontando ainda para a existência de outros exemplos que, tal como os que ele narrou, seriam também dignos de registro<sup>692</sup>.

Na busca pela caracterização do brasileiro, Carvalho buscou as origens nobres e indicou que sua originalidade estaria em ser o continuador de Portugal, como um “herdeiro da espiritualidade latina no mundo americano”<sup>693</sup>. Para tal, defendeu a necessidade do culto das tradições a fim de garantir a sobrevivência da latinidade no novo meio e classificou o heroísmo latino como um patrimônio moral formado pelo direito romano e pela fraternidade cristã. Seria, portanto, ao português que o brasileiro deveria o legado de ter formado um país grande, forte, integro e próspero – de modo que a latinidade fora um dos bastiões da nacionalidade.

Se a origem do brasileiro era digna de nobreza, Carvalho dedicou-se também a apontar o caminho para a ação digna de heroísmo em sua contemporaneidade: ao dominar o sertão e promover a integração territorial, o brasileiro seria capaz de manter-se entre os realizadores de grandes feitos – é assim que Carvalho os convoca para a ação em *Os bastiões da nacionalidade*, incentivando-os a partir de modelos heroicos à realização de atos de significativa grandiosidade.

Ora, se é possível identificarmos o esforço de Carvalho para a construção de uma história monumental, notamos também em sua narrativa as desvantagens desse tipo de história. Como apontara Nietzsche, um dos riscos da história monumental é a operação com o apagamento de partes do passado. Neste sentido, podemos ver nas obras de Carvalho o nítido apagamento do índio e do negro. O narrador os torna presentes em suas obras apenas para apresentá-los como “raças subalternas”, que teriam atuado somente na “superfície” da formação

<sup>690</sup> CARVALHO, Elysio de. *Brava gente*. Rio de Janeiro: S. A. Monitor mercantil, 1921. p.57, 73, 79, 50, 94, 29, 293.

<sup>691</sup> *Ibidem*, p.138-139.

<sup>692</sup> Narrando os feitos dos bandeirantes, afirmou Carvalho: “Todos estes episodios do reconhecimento da terra, que enchem os nossos annaes, e outros, muitos outros não menos empolgantes, que jazem inéditos nos archivos, codices, roteiros e relações, crearam-nos a possibilidade de uma literatura propriamente nossa, nacional, com todos os accents e cambiantes de um verdadeiro romanceiro.” *Ibidem*, p.138-139.

<sup>693</sup> *Ibidem*, p.29.

da *psique* do brasileiro<sup>694</sup>. Carvalho nega a presença de qualquer característica de origem indígena na cultura da nação e afirma que seria um erro o enaltecimento do índio como o tipo nacional e o legítimo brasileiro<sup>695</sup>, apontando claramente sua crítica à idealização do indígena proposta pelo movimento indianista na literatura, que buscou na representação do índio um herói da nação.

Se, ao longo da análise das obras de Carvalho foi possível identificar a apropriação de formulações nietzschianas como a defesa da latinidade em oposição ao germanismo ou ainda a concepção dionisíaca de vida, nota-se um acento nietzschiano também na forma de construção da narrativa de Brasil escolhida por Carvalho, claramente uma história monumental a fim de impelir o brasileiro à ação.

Nestor Vitor apresentou sua narrativa da nação sob perspectiva distinta. Diferentemente da narrativa de Brasil tramada em *Esplendor e decadência da sociedade brasileira* e em *Brava gente* ou dos ensaios reunidos em *Os bastiões da nacionalidade* por Carvalho, Vitor em suas críticas literárias desenvolveu, ainda que em fragmentos, também narrativas da nação. Por meio de textos de crítica publicados em jornais ou mesmo de cartas encaminhadas aos homens de letras do período, o crítico posicionava-se não apenas com relação às características estéticas das obras que analisava, mas também ao modo como a nação era projetada em algumas delas e é em decorrência desse posicionamento que é possível afirmar que Nestor Vitor também estabeleceu uma narrativa de Brasil.

Ao buscar a caracterização do brasileiro a partir da contribuição de autores como Machado de Assis, José de Alencar, Cruz e Sousa, Lima Barreto e Monteiro Lobato, o crítico apresentou-se contrário ao excessivo cientificismo e às teorias raciais e buscou reunir os elementos expressivos não apenas da literatura nacional, mas também da nacionalidade, do perfil do brasileiro, que, em sua perspectiva, não se estabelecia separadamente da figura do latino ou da latinidade, tributados aqueles que conheceram Roma direta ou indiretamente pelo idioma.

Nessa busca pelos elementos constituintes da nacionalidade, Vitor defendeu a importância da produção de escritos sobre os costumes nacionais frente a escassez de obras de história do Brasil, consideradas por ele como fundamentais a fim de estabelecer uma melhor compreensão do próprio brasileiro. Entretanto, sua defesa da literatura de costumes regionais foi estabelecida não para que se expusesse costumes de modo a celebrar uma beleza “semi-selvagem” ou, em perspectiva oposta, aniquilar a imagem do mestiço como fizera Monteiro

---

<sup>694</sup> CARVALHO, Elysio de. *Os Bastiões da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922. p.213.

<sup>695</sup> *Ibidem*, p.32-33.

Lobato em *Urupês*. Para o crítico, a literatura de costumes regionais deveria ser produzida e divulgada para que fossem reconhecidos os libertos e os caboclos como vindos de duas escravidões, a da senzala e a da selva. Na perspectiva de Vitor, o Brasil vivia em uma “quase completa desídia atual relativamente ao que devemos a esses nossos irmãos”<sup>696</sup>, ou seja, a falta de atenção, de zelo, a negligência quanto aos negros e mestiços era um dos elementos formadoras dessa nação.

Logo, nota-se que Nestor Vitor reivindicava um tribunal para o passado e foi o próprio crítico quem reconheceu tal necessidade ao afirmar que desde Nietzsche ficou evidenciado que “a história é um tribunal, não há dúvida, mas um tribunal como podemos, nós outros, pobres homens, criar. É um instrumento de organização ou de combate, que cada cultura utiliza como convém melhor aos seus instintivos intuítos”<sup>697</sup>. Diferentemente da história monumental proposta por Carvalho, em Vitor a forma de produção da história do Brasil é crítica e pressupunha o julgamento e a condenação do passado, para que o presente pudesse ser promovido e assim servir a vida.

Nesse sentido, Carvalho e Vitor apresentam, a partir de suas narrativas de Brasil as suas formas – distintas – de relação com o passado. Para ambos a história se apresentava como um lugar de experiências a serem reconhecidas e exploradas; em Carvalho, os exemplos seriam como modelos superiores, capazes de manter o interesse pela grandeza e incentivar o brasileiro para a ação heroica. Diversamente, para o crítico literário, o passado deveria ser condenado e destruído, a fim de que fosse possível dele se libertar para o engendramento do presente.

Ao proclamar que o caboclo seria “o músculo de resistência verdadeiramente brasileiro com que podemos contar” e que ao desmoralizá-lo, tal como fizera Lobato, se proclamaria a dissolução do Brasil<sup>698</sup>, ou ainda ao valorizar obras como *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, de Lima Barreto, considerada como um romance dos humilhados, Nestor Vitor não só recuperava a memória de seu amigo Cruz e Sousa, o poeta negro, como apresentava os “tipos” considerados como dos “mais essenciais para à formação de um povo”<sup>699</sup>.

Em sentido oposto à negação do indígena traçado por Carvalho, em suas considerações sobre *Macunaíma*, Vitor considerou o movimento do indianismo como o “principal propulsor da nossa brasilidade, sob o ponto de vista do idioma”, e destacou a necessidade de

<sup>696</sup> VITOR, Nestor. Senzalas. Carta a Alberto Deodato. Rio de Janeiro, 19 fev. 1919. In: *OCNV*. v.2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p.136-137.

<sup>697</sup> Idem. História e folclore. O Globo, Rio de Janeiro, 02 jun. 1930. In: *OCNV*. v.3. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979. p.266.

<sup>698</sup> Ibidem, p.158.

<sup>699</sup> Idem. O poeta negro. [s.n.], jun. 1914. In: *OCNV*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. p.469.

reconhecimento da participação do índio como formador da nação, afirmando que “Impõe-se, pois, uma certa solidariedade entre nós e esses primitivos habitantes da terra que lhes tiramos, se não somos estúpidos a ponto de descrer dos nossos próprios destinos remotos”<sup>700</sup>.

Nesse processo, algumas formulações e conceitos nietzschianos compuseram os critérios adotados por Vitor para a análise das obras, como a noção de gênio e a capacidade de transfiguração dos valores por meio arte, identificadas na produção de Cruz e Sousa; a defesa da latinidade em oposição ao germanismo; ou ainda o predomínio da interpretação dionisíaca da vida. Ademais, para além dessas formulações, notamos também nas críticas de Vitor a adoção da psicologia como um dos recursos para a construção desse retrato do brasileiro, já que dedicou-se à leitura da literatura também para o encontro da psiquê do brasileiro em gestação. Com essa operação, aproximou-se do posicionamento nietzschiano como um médico da cultura, recolhendo a partir dos “sintomas” não apenas o retrato do brasileiro, mas também um diagnóstico da nação.

Nota-se como para cada um dos autores analisados a apropriação das formulações nietzschianas conduziu a caminhos distintos – no caso de Carvalho, em defesa da moral e da latinidade na busca pelos grandes feitos, tal como um profeta do passado, e em Vitor, no estabelecimento do tribunal da história, reconhecendo a necessidade do julgamento do passado, para a construção de um futuro possível ao Brasil.

---

<sup>700</sup> VITOR, Nestor. Macunaíma. O Globo, Rio de Janeiro, 08 out. 1928. In: *OCNV*. v.3. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979. p.362.

## Referências

### Obras de Elysio de Carvalho

CARVALHO, Elysio de. *As modernas correntes estéticas da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1907.

\_\_\_\_\_. *Bárbaros e europeus*. Rio de Janeiro/Paris: H Garnier, Livreiro-editor, 1909.

\_\_\_\_\_. *Brava gente*. Rio de Janeiro: S. A. Monitor mercantil, 1921.

\_\_\_\_\_. *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911.

\_\_\_\_\_. *Five O'Clock*. Rio de Janeiro: Garnier, 1909.

\_\_\_\_\_. *História de um cérebro*. Rio de Janeiro: Tipografia Bornard Frères, 1905.

\_\_\_\_\_. *Laureis Insignes*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1924.

\_\_\_\_\_. *Obras de Elysio de Carvalho: Ensaios*. Brasília: Universa – CBA, 1997. p.119

\_\_\_\_\_. *Os Bastiões da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922.

\_\_\_\_\_. *Príncipes del espíritu americano*. Madrid: Editorial América, 1923.

\_\_\_\_\_. *Suave austero*. Rio de Janeiro: Edição da América Brasileira e Anuario do Brasil, 1925.

### Obras de Nestor Vitor

VITOR, Nestor. *A crítica de ontem*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, Maurillo, 1919.

\_\_\_\_\_. *A hora*. Rio de Janeiro/Paris: H. Garnier, 1901

\_\_\_\_\_. *A terra do futuro (impressões do Paraná)*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1913.

\_\_\_\_\_. *Cartas à gente nova*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1924.

\_\_\_\_\_. *Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1899.

\_\_\_\_\_. *Farias Brito*. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunaes, 1917.

\_\_\_\_\_. *Folhas que ficam: emoções e pensamentos, 1900-1914*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, Maurillo, 1920.

\_\_\_\_\_. *O elogio da criança*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1915.

\_\_\_\_\_. *O elogio do amigo*. São Paulo: Revista do Brasil, 1921.

VITOR, Nestor. *Obra crítica de Nestor Vitor*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969.

\_\_\_\_\_. *Obra crítica de Nestor Vitor*. v.2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973.

\_\_\_\_\_. *Obra crítica de Nestor Vitor*. v.3. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979.

\_\_\_\_\_. *Os de hoje: figuras do movimento modernista brasileiro*. São Paulo: Cultura Moderna, 1938.

\_\_\_\_\_. *Parasita: novella*. São Paulo: EDL, 1928.

\_\_\_\_\_. *Signos*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1897.

\_\_\_\_\_. *Transfigurações: 1888-1898*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1902.

\_\_\_\_\_. *Três romancistas do norte*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1915.

## Referências

ALMANAQUE BRASILEIRO GARNIER. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1907.

ALVES, Jorge Luís dos Santos. *Malheiro Dias e o luso-brasileirismo - um estudo de caso das relações culturais Brasil-Portugal*. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em História, 2009.

ALVES FILHO, Aluizio. Nietzsche e Lobato. In: *As metamorfoses do Jeca Tatu: a questão da identidade do brasileiro em Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: Ed. Inverta, 2003.

ANSELL-PEARSON, Keith. *Nietzsche como pensador político: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BARRETO, Lima. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. São Paulo: Editora Revista do Brasil, 1919.

BARROS, Fernando Ribeiro de Moraes. *A maldição transvalorada: o problema da civilização em O anticristo de Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ: 2002. (Coleção Sendas & Veredas).

BARROSO, Antonio Vinicius L. T. *Um Nietzsche à brasileira: uma leitura do pensamento nietzschiano no modernismo (1890-1940)*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ, 2015.

BARROSO, Antonio Vinicius L. T. Vamos comer Nietzsche: a recepção do pensamento nietzschiano na literatura brasileira até 1940. *Escritas*. v.6, n.1, p.240-252, 2014.

BENCHIMOL, Marcio. *Apolo e Dionísio: arte, filosofia e crítica da cultura no primeiro Nietzsche*. São Paulo: Annablume, 2003.

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 43ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRAGA-PINTO, César. *A violência das letras: amizades e inimizades na literatura brasileira*. Rio de Janeiro (1888 - 1940). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.

BROCA, Brito. [1956] *A vida literária no Brasil – 1900*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Academia Brasileira de Letras, 2004.

BURNETT, Henry. Notas sobre a recepção de Nietzsche em Sérgio Buarque de Holanda: o caso Elisabeth Foerster. *Revista TB*, Rio de Janeiro, 196: 79/87, jan.-mar., 2014

CAMILOTTI, Virgínia Célia. (In)diferenças entre Brasil e Portugal: dois tempos de colaboração portuguesa na imprensa brasileira. in: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion (orgs.) *Indiferenças: percepções políticas e recursos de um sentimento*. São Paulo: Intermeios; Brasília: Capes, CNPq; Curitiba: Fundação Araucária; Campinas: Unicamp-PPGH, 2015.

\_\_\_\_\_. *João do Rio: ideias sem lugar*. Uberlândia: EDUFU, 2008.

CAMILOTTI, Virgínia Celia. Variação lexical e performance semântica de um conceito político. In: SEIXAS, Jacy; CESAROLI, Josianne; NAXARA, Márcia (orgs.) *Tramas do político: linguagens, formas, jogos*. Uberlândia: EDUFU, 2012.

CAMPIONI, Giuliano. *Nietzsche e o espírito latino*. São Paulo: Edições Loyola, 2016 (coleção Sendas & Veredas).

CÂNDIDO, Antonio. [1957] *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*. v.2. 6ª ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

CARA, Salete de Almeida. *A recepção crítica: o momento parnasiano-simbolista no Brasil*. Editora Ática, 1983.

CAROLLO, Cassiana Lacerda. *Decadismo e simbolismo no Brasil: crítica e poética*. v.1. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1980.

CARVALHO, Alessandra Izabel de. *Nestor Vitor: um intelectual e as ideias do seu tempo (1890-1930)*. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997. 156f.

CASEMIRO, Fábio Martinelli. *Augusto dos Anjos ou incipit tragoedia: as máscaras de Dioniso na poesia de Eu*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Teoria e Crítica Literária. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2015.

CHIAMPI, Irleamar. (Org.) *Fundadores da modernidade*. São Paulo: Ática, 1991.

COMET, Cesar A. A irradiação da obra litteraria de Elysiso de Carvalho. *América Brasileira*. Anno II, n.20, agosto de 1923.

CONSENTINO, André Tezza. Malazarte e a estética irracionalista. *Revista Letras*, Curitiba, n. 60, p. 247-258, jul./dez. 2003. Ed. UFPR.

COUTINHO, Afrânio (dir.). *A literatura no Brasil: Simbolismo, impressionismo, transição*. v.4. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana S.A., 1969.

CRUZ E SOUZA, João da. [1898] *Evocações*. Fundação Catarinense de Cultura (FCC), 1986.

\_\_\_\_\_. *Missal*. Rio de Janeiro: Magalhães Editores; Typ. G. Leuzinger e Filhos, 1893.

D'AVILA, Cristiane (org.). *Cartas de João do Rio a João de Barros e Carlos Malheiro Dias*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2012.

DIAS, Geraldo Pereira. *A recepção de Nietzsche no Brasil: renovação e conservadorismo*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Guarulhos, São Paulo, 2019.

\_\_\_\_\_. (org.) Dossiê: Recepção Nietzsche no Brasil: núcleo histórico. Parte 1. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v.35, n.1, p. 89-179, 2014.

\_\_\_\_\_. (org.) Dossiê: Recepção Nietzsche no Brasil: núcleo histórico. Parte 2. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v.36, n.1, p. 85-224, 2015.

\_\_\_\_\_. (org.) Dossiê: Recepção Nietzsche no Brasil: núcleo histórico. Parte 3. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v.36, n.2, p.118-163, 2015.

DIMAS, Antonio. A encruzilhada do fim do século. In: PIZARRO, Ana (org.) *América Latina - Palavra, literatura e cultura - Emancipação e discurso*. v.2. Campinas: UNICAMP, 1994, p.537-574

FENERICK, José Adriano. *O Anarquismo Literário: uma utopia na contramão da modernização do Rio de Janeiro 1900-1920*. Dissertação (Mestrado). Mestrado em História Econômica. Universidade de São Paulo, USP, Brasil, 1997.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. Uma corda sobre o abismo: diálogo entre Lima Barreto e Nietzsche. *Alea Estudos Neolatinos*. v.6 n.1, p.159-173, Jan./Jun. 2004.

FREZZATTI JÚNIOR, Wilson Antonio. A recepção de Nietzsche na França: da *Revue philosophique de la France et de l'Étranger* ao período entreguerras. *Cadernos Nietzsche*, v. 30, p.59-99, 2012.

GIACOIA JÚNIOR, Oswaldo. *Nietzsche*. São Paulo: Publifolha, 2000.

\_\_\_\_\_. Nietzsche como psicólogo. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

GOMES, Angela de Castro. Os intelectuais cariocas, o modernismo e o nacionalismo: o caso de Festa. *Luso-Brazilian Review*, University of Wisconsin, v.41, n.1, p.80-106, 2004.

GONÇALVES, Rosana. *A evolução do pensamento crítico de Nestor Victor n'A crítica de ontem*. Dissertação de mestrado. Assis (SP): UNESP, 1996.

GONÇALVES, Rosana. *Nestor Vitor: contribuições teóricas, críticas e históricas*. Tese de doutorado. Assis (SP): UNESP, 2004. Texto não publicado.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

KELLNER, Douglas. A crítica de Nietzsche à cultura de massa. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre. n.13, p.12-22, dez. 2000.

LEMOS, Clarice Caldini. *O intercâmbio cultural luso-brasileiro através das revistas America Brasileira, Lusitania e Nação Portuguesa (1921-1927)*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2017.

\_\_\_\_\_. *Os bastiões da nacionalidade: nação e nacionalismo nas obras de Elysio de Carvalho*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

LEMOS, Fabiano. Nietzsche *belle époque*: decadência e performatividade. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, n. 33, p. 245-272, 2013.

LEPENIES, Wolf. *As três culturas*. São Paulo: Edusp, 1996.

MAETERLINK, Maurice. *A sabedoria e o destino*. Introdução e tradução de Nestor Vitor. Rio de Janeiro/Paris: Garnier, 1902.

MAIA de MELLO, Ivan. Antropofagia Oswaldiana como Filosofia Trágica In: *Cadernos Nietzsche*. São Paulo, n.23, p.59-74, 2007.

MARTON, Scarlett (ed.) *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Edições Loyola, 2016 (Sendas e Veredas).

\_\_\_\_\_. *Extravagâncias*. Ensaios sobre a filosofia de Nietzsche. 2a Edição. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ: 2006. (Coleção Sendas & Veredas).

\_\_\_\_\_. (org.) *Nietzsche abaixo do Equador: a recepção na América do Sul*. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ: 2006. (Sendas & Veredas: série recepção).

\_\_\_\_\_. *Nietzsche - Das forças cósmicas aos valores humanos*. 2a Edição. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche, seus leitores e suas leituras*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2010.

\_\_\_\_\_. (org.) *Nietzsche, um francês entre franceses*. Paulo: Editora Barcarolla / Discurso Editorial, 2009 (Coleção Sendas & Veredas).

MENEZES, Lená Medeiros de. Elysio de Carvalho: Um intelectual controverso e controvertido. *Revista Intellectus*. Ano 03, v.II, 2004. Disponível em: [<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/view/27584>]. Acesso em 17/03/2019.

MIRANDA, Luciana Lilian de. Nacionalismos e nativismos nos anos de 1920: João de Barros e a aproximação lusobrasileira. *Patrimônio e Memória*. São Paulo, Unesp, v. 11, n. 2, p. 21-51, julho-dezembro, 2015.

MONTEIRO, Américo Enes. *A recepção da obra de Friedrich Nietzsche na vida intelectual portuguesa* (1892-1939). Dissertação de doutoramento em cultura alemã, apresentada à faculdade de letras da Universidade do Porto. Porto: 1997.

MORETTO, Fúlvia M. L. (org.) *Caminhos do decadentismo francês*. São Paulo: Editora Perspectiva; Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

MOSÉ, Viviane. *Nietzsche e a grande política da linguagem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MURICY, Andrade. [1952] *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. v.1, 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro, 1870/1920*. São Paulo: Annablume, 1998.

\_\_\_\_\_; MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion (orgs.) *Figurações do outro na história*. Uberlândia: EDUFU, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. [1882] *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. *A vontade de poder*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

\_\_\_\_\_. [1886] *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. [1885] *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

\_\_\_\_\_. [1888] *Ecce Homo: Como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *Escritos sobre a história*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. [1887] *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

\_\_\_\_\_. [1878] *Humano, Demasiado Humano: Um livro para espíritos livres*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. [1888] *O caso Wagner: um problema para músicos; Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

\_\_\_\_\_. [1888] *O crepúsculo dos ídolos, ou como filosofar com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. [1872] *O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NUNES, Bendito. *Oswald Canibal*. São Paulo: Editora perspectiva, 1979;

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990.

PANTUZZI, Tiago Lemes. *A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: a Escola de Recife*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

PASSIANI, Enio. Figuras do intelectual: gênese e devir. *Sociologias* [online]. 2018, v.20, n.47, p.16-47.

PAULA, Douglas Ferreira de. *A crítica de Nestor Vitor na República Velha*. Tese (Doutorado) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2019. 244 f.

PETRY, Isadora. Baudelaire. In: *Estudos Nietzsche*, Espírito Santo, v. 7, n. 1, p.162-180, jan./jun. 2016

PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. Tal Brasil, qual América? a América Brasileira e a cultura ibero-americana. *Diálogos Latino americanos*, 8 (12), 26. Disponível em: [https://tidsskrift.dk/dialogos/article/view/113614]. Acesso em: 07/03/2020

PORTO, Ana Gomes. *Novelas sangrentas: literatura de crime no Brasil (1870-1920)*. Tese (Doutorado). Departamento de História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2009.

PRADO, Antonio Arnoni. *1922 – Itinerários de uma falsa vanguarda (os dissidentes, a Semana e o Integralismo)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. Nacionalismo literário e cosmopolitismo. In: PIZARRO, Ana (org.) *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura. Emancipação do discurso*. v.2. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994. p.597-613.

PUCCI, Bruno. Um encontro de Adorno e Nietzsche nas *Minima Moralia*. *Impulso*. Piracicaba, v.12, n.28, p.111-121, 2001.

RAYMOND, Marcel. *De Baudelaire ao Surrealismo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

RIO, João do. [1905] *Momento literário*. Rio de Janeiro: Garnier. s/d. p.256 Disponível em: [http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/\_documents/0006-00800.html]. Acesso em: 06/08/2016.

RODRIGUES, Rogério Rosa. João Ribeiro e o cenário cultural brasileiro na Primeira República. *Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História da Anpuh*, 2015. Disponível em: [http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1438292368\_ARQUIVO\_Rodrigues,RR.JoaoRibeiroANPUH.pdf]. Acesso em: 16/06/2019

RODRIGUES, Rogério Rosa. Traços biográficos de João Ribeiro ou as muitas faces de João. *História* (São Paulo) v.32, n.1, p. 377-400, jan/jun 2013.

ROMERO, Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos; MENESES, Tobias Barreto de. *Vários escritos*: Publicação póstuma dirigida por Sílvio Romero. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900.

ROQUE, José de Britto. *Imaginação vencida: um estudo sobre as fontes do pensamento político de Plínio Salgado (1926-1937)*. Rio de Janeiro: UFRJ/ IFCS, 2003.

SÁNCHEZ, Sergio. Nietzsche no Rio da Prata (1900-1950). *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v. 33, p. 61-88, 2013.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. *Elysio de Carvalho, um militante do anarquismo*. Maceió: Arquivo público de Alagoas; Rio de Janeiro: Secretaria da cultura, 1982.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA JÚNIOR, Ivo da. Notas sobre a recepção de Nietzsche no Brasil - Lebrun e os operadores teóricos. *Cadernos Nietzsche*, n.30, p.121-134, 2012.

SILVEIRA, Allan V. da. *Estética simbolista e a filosofia de Nietzsche presentes no romance No hospício, de Rocha Pombo*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2005.

SILVEIRA, Allan Valenza da. *Diálogos críticos de Nestor Vitor*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. 339 f.

SOUZA, Márcio Ferreira de. Gilberto Amado: a obra memorialística como instrumento de análise metateórica. In: *Sociedade e Estado*. v.26 n.2 Brasília May/Aug, 2011

SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche, biografia de uma tragédia*. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

SÜSSEKIND, Flora. O escritor como genealogista: a função da literatura e a língua literária no romantismo brasileiro. In: PIZARRO, Ana (org.) *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura. Emancipação do discurso*. v.2. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994.

WOTLING, Patrick. *Nietzsche e o problema da civilização*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2013.